

Psiquê

e as

cartas mágicas

Paulo Wenderson Teixeira Moraes

DaIN
2019

Copyright © 2019 by Paulo Wenderson Teixeira Moraes

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e da editora, conforme a Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998.

Revisão ortográfica: Karol Fontes

Ficha catalográfica: Biblioteca Central Julieta Carteadó

M823p Moraes, Paulo Wenderson Teixeira

Psiquê e as cartas mágicas / Paulo Wenderson Teixeira
Moraes. Salvador: DaIN, 2019.

163 p.

ISBN: 9786590104106

1. Literatura brasileira - Contos. 2. Psicologia - Ficção.

CDU: 869.0(81) – 34

Tatiane Souza Santos – Bibliotecária CRB5/1634

Sumário

I. Preliminares.....	9
II. Escola, Adolescência e Defloração	18
III. O Casamento de Eros e Psiquê	44
IV. A Orgia e o Ostracismo.....	90
V. A Universidade, o Tantra Yoga e as Cartas Mágicas	100
VI. Las Vegas	126
VII. O Rapto de Psiquê	143
VIII. A Verdade está além do Monte de Vênus	155
Notas de Fim.....	161

Às mulheres,
guerreiras amazonas,
em luta pelo direito ao cuidado de si,
cujo clímax é a manifestação da volúpia.
Peço à Mãe da Origem, Rainha das Águas,
licença para compartilhar esta história.
Que ela seja útil para suas filhas
conhecerem seus corpos
e libertarem a alma.

Eros:

Flor, minha flor
Flor, bela flor
Flor, mais que flor
Tu és o raio de sol
Das noites em meus lençóis
Sorte a minha, poder ter-te aqui
em meu palácio, dos encantos
por ti encantado sou
Provando dos meus próprios dardos, amor
Amando, amor
Amando, amor

Psiquê:

Sei nada não
Luz e escuridão
És água nas mãos
Tu escorres num mar sem fim
És estranho no lar para mim
Quero saber mais de ti
De onde vens, amor
Se és monstro ou deus, faz o favor
Sou tua, mas não sei de quem sou
Amando, amor
Amando, amor

I. Preliminares

Este relato foi escrito pelo meu psicólogo, após ter sido devidamente autorizado a divulgar esta história, que possui algumas características que transcendem a minha vida pessoal e reacendem memórias coletivas que jamais se extinguirão. Será o acaso que determina, arbitrariamente, a semelhança de uma biografia peculiar com algum mito que lhe serve de espelho? Serão as moiras do destino que tecem jocosamente a sina de cada minhoca insignificante, adornando o seu caminho com pérolas de mitos no seio do subsolo da terra? Ou será o ímpeto da vontade que nos leva a costurar a trama do nosso drama? Poderia ser a sorte uma agulha descuidada que aleatoriamente fura o tecido da fortuna, remendando farrapos de pano para uns e requintada seda para outros? São perguntas que vagueiam pelas ruas e becos dos vilarejos dos pensamentos, sem uma resposta definitiva e sem qualquer rumo traçado para alguma grande cidade de ideias iluminadas. As coincidências, entretanto, são insuportavelmente precisas e levam a pensar no algo mais do além ou nas forças transcendentais que guiam as teias do destino, tornando crível o fenômeno da sincronicidade¹.

Você possivelmente já percebeu que o copista está colocando algumas notas explicativas de alguns termos básicos para o público em geral. Ele se tornou professor recentemente, no primeiro ano depois de formado, e tem esse hábito de tornar as coisas mais fáceis para o aluno. Acho que isso é um verdadeiro desserviço que dificulta a aprendizagem, pois tudo o que vem muito fácil se desfaz ao vento. Mas deixo ao critério dele, pois, de qualquer maneira, não afetará o principal a ser transmitido e a meta final da empreitada, para a qual ele foi devidamente instruído. Penso que formamos uma dupla de razoável habilidade, um complementando o outro na construção desta obra: a bela e inteligente Dulcineia inspirando o seu fiel e esforçado cavaleiro dom Quixote, cada qual com a sua função, mas em sincronia, juntos, erguendo pedra por pedra, esse imenso castelo de palavras bem talhadas, para o deleite da imaginação humana. Espero que ele tenha assimilado o estilo milesiano do livro original do qual eu indiquei a leitura: “O Asno de Ouro”, de Apuleio. Nós dois prometemos, através da anuência livre e informada, do sujeito corajoso e empenhado, que se propõe a continuar essa odisseia nas profundezas da alma, algumas horas de regozijo e momentos de epifania. O gesto de continuar a leitura é a assinatura do termo de consentimento, tornando ineficaz e nula qualquer alegação de inocência na ação de abrir o quarto escuro do deus do amor e ser envolvido numa cena erótica contra a própria vontade. Desse modo, devidamente instruído e com algum esforço da inteligência, será destilado, na leitura atenta das páginas deste livro, um líquido raro de sabor doce e forte. Oxalá que o leitor tenha boa disposição para abrir os

ouvidos da consciência e acolher atenciosamente a saborosa melodia das frases em movimento, pois terá a oportunidade de experimentar a ambrosia das palavras e o manjar dos verbos. Enfim, lhe convidamos a saborear, com o espírito predisposto, a bebida resultante de algumas horas dedicadas ao engenho da literatura, lembrando que, do alambique das letras nunca foram registrados efeitos colaterais tais como mal-estar e ressaca.

De início, faz-se necessária uma confissão: eu também sou psicóloga e, apesar das divergências bastante comuns entre os profissionais da mente, tenho muitos outros pontos de vista parecidos com os de meu psicólogo, que vos compila as minhas palavras. Isso possivelmente facilitou a escrita e a adaptação. A população, em média, não imagina que psicóloga necessita de psicólogo também. Uma boa profissional tem sua própria terapeuta, ou analista, oráculo, adivinho, sábio, sabida ou vidente, padre, vigarista ou vigário, pastor ou visionário, ou, ou, ou, ou o que quer que seja. “Para quê (quem?) serve todo esse povaréu?” – Se pergunta o povo leigo. Para nos mostrar que não sabemos de tudo e nos levar a reconhecer, através da humildade, que sozinha não se consegue um bom nível de autoconhecimento, já que a tentação de enganar a si própria é muito mais forte quando se está só, tornando o “conhece-te a ti mesmo” em “engana-te a ti mesmo”.

Os nomes de pessoas citadas nas próximas páginas tiveram que ser alterados para manter a segurança e a privacidade, mas não foram escolhidos ao acaso. Com a vantagem de despistar aqueles que estão mal-intencionados, os pseudônimos revelam toda a genealogia da história. Não poderia ser de outra forma, pois seria uma afronta aos ancestrais querer denominar aleatoriamente o que está nomeado no coração de toda a humanidade. O que mudam são os detalhes, a forma como a história é revivida por cada ser humano e assim reatualizada. Na essência, não há novidades, ou seja, trata-se apenas de uma reatualização do mito.

Pelos mesmos motivos dos nomes, também não foi localizado um lugar específico. Mas, facilmente, o leitor poderá identificar como sendo a sua própria cidade ou até mesmo a rua mais próxima, pois o que há de mais frequente no mundo de hoje é o lugar comum da aldeia global que se alicerça no “não lugar”, que está em toda parte e em lugar nenhum, deixando a paisagem padronizada e sem qualquer especificidade local. A terra do mesmo e do sempre é o império da obscuridade fincada nas mais densas nuvens das vaidades voláteis que, por fim, se dissipam aqui para se refazerem acolá, se materializando hoje, no efêmero, para se desfazerem amanhã, no ar, renascendo das cinzas, indefinidamente, mais adiante, para manter o novo eterno véu da velha moda passageira.

Sem terra delimitada, o “não lugar” quer a todos desterrar e descaracterizar os territórios, tornando a população das cidades um conjunto de sem terras amalgamados numa cultura global. Para manter a impressão de nobreza, o

monstro adotou para si o codinome de Capital e, livremente, vive a circular imponente, determinando os seus padrões arquitetônicos rígidos e unilaterais às suas colônias, pois assim viaja mais rápido e concentra as riquezas monetárias. Ah, se eu pudesse descrever os gostos e os cheiros que não podem ser capturados pela máquina devoradora da indústria da massa! De qualquer forma, toda descrição já começa reduzindo os sentidos, furtando da consciência a riqueza da experiência original, uma vez que descrever já é racionalizar e sintetizar, levando a uma desvalorização do valor dos detalhes e da emoção subjacente. Andar por aquelas ruas nas quais eu andei, sonhar como eu sonhei, sentir como jamais foi sentido na face da terra. Enfim, é inútil tentar lhe vender uma impressão do meu país de origem. Talvez um dia você possa ir lá para ver com os seus próprios olhos, sentir com o seu próprio nariz e arranhar a sua própria pele pelas vielas e esquinas. Mas, por hora, não posso correr o risco de ser identificada por aqueles que não me merecem.

Pode, então, chamar-me de Psiquê e esperar ansiosamente, pois, em breve, ou em alguma página posterior, surgirá o meu Eros. Como não nasci deusa da alma, tive que estudar arduamente e cheguei à conclusão de que uma vida é muito pouco para estudar psicologia. Sou uma psicóloga pouco convencional sem ser iconoclasta, bebendo das fontes clássicas longínquas conjuntamente com os necessários *upgrades*, de tempos em tempos, para me divertir com a repetição do mesmo e testemunhar o nascimento do eterno novo do velho ser. Se algo em mim quer admirar, impassível, a obra criadora dos mestres antigos, os meus 25 anos de idade resistem ao perigo de se metamorfosear numa estátua de museu, protegendo-me da tentação de viver uma Galateia às avessas, que abandona o seu retardado amado para tornar-se novamente uma obra de arte. Esse gosto pelo mundo clássico e da antiguidade não chega ao ponto de sedimentar os tijolos da ortodoxia nos alicerces da alma, pois sou recém-formada e tenho acesso ao mundo digital heterodoxo. O tempo, sempre presente, é soberano e salva da inclinação unilateral na mente que, rigidamente enviesada, pode levar à tragédia banal do dia a dia, evitável com alguma força de vontade. Por isso, sei que é preciso viver no tempo, no aqui e agora, que é tudo, ou pelo menos é quando as coisas acontecem nas aparências.

Uma força misteriosa conduz o ser a viver o que tem que ser vivido, encarnar o mito ao mesmo tempo em que se perambula pelos *shoppings*. No início da fase adulta, tal força ainda impulsiona uma certa atitude rebelde da juventude iconoclasta, induzindo o sujeito a buscar uma imersão na desintegração contemporânea. Conformando-se com essa integração relativa e aparente nos palácios modernos, onde o povo desfila displicente, é possível viver transitando entre os pobres mortais e os deuses do mundo fantástico da mitologia, que testemunham apaixonadamente a odisseia da humanidade. Vivo deslocada, seja nos templos da ilusão organizada, também chamados de *shopping centers*, seja nos templos clássicos da imaginação poética, pois se nos primeiros já não tenho

a ingenuidade do consumo supérfluo, nos últimos a mentalidade racional moderna impede uma imersão mais profunda no Olimpo. Nem aqui nem por lá, uma estrangeira no próprio lar, sem um país natal ou algum lugar para chamar de seu.

Tudo isso para dizer que Eros desfila nessa aldeia global, usa ‘*What’s Up*’ e abusa da internet, soprando amor e formosura pelos quatro ventos, perceptível para quem aguça os sentidos e se permite entregar o coração escancaradamente para os seus dardos do amor, ou já poderíamos dizer *likes* do amor? Tão ativo e simultaneamente discreto e invisível, ele lança suas flechas digitais e, por vezes, apronta das suas desconcertantes traquinagens, lembrando ao povo que existe um outro lugar, ou que *It Ain’t Necessarily So* (‘não é necessariamente assim’). Se alguma coisa está no ar, outra coisa ficou fora do lugar. Assim fala uma canção longínqua: “onde queres a quietude sou o trovão e quando sou o silêncio, queres a agitação...”.

A massa popular, indiferente aos rumos da vida urbana, tem, com um pouco de erotismo, a oportunidade de vislumbrar a condição humana do não ajustamento. Algo resiste a toda essa ordem opressora da tecnologia que dilacera, fragmenta e dissolve os sonhos, adoçando com fantasias saturadas a pasta homogênea do desejo domesticado, que é batido no liquidificador escolar. O cliente consumidor é alegremente consumido pelo sistema de pasteurização, que o transforma numa ração proteica uniforme que alimenta a máquina devoradora de sonhos singulares. Trocando em miúdos, o sistema transforma as pessoas numa massa uniforme de glúten para que os acumuladores de potencial pecuniário se tornem obesos de capital, empanturrados de dinheiro e emporcalhados de poder. O cruel é que nada disso é feito sem o próprio consentimento do sujeito. Ele meio que goza nessa dinâmica de consumir e ser consumido, se é que é possível essa tal coisa, que o leigo fala, de gozar com o pau alheio.

Carrego esse peso do não ajustamento, da falta de conformação com os pacotes prontos que são destinados aos pacatos cidadãos, nas prateleiras adornadas com o ouro de tolo, nos intermináveis supermercados e lojas de ilusão. Mas não é só por causa da pouca idade, recém-saída da adolescência tardia, que tenho esse desajustamento crônico. As experiências pessoais, se bem aproveitadas, impulsionam para alargar o horizonte e criam uma consciência peculiar.

Para mim, foi impossível me transformar numa profissional típica do ramo psicológico. Não me restringi ao treinamento científico que desconsidera muitas das experiências complexas, ou excêntricas, para aqueles que lhes atribuem o rótulo de práticas alternativas ou de efeito placebo, sem fundamento em fatos ou evidências palpáveis pelos olhos. Uma psicologia baseada apenas em evidências visuais, por vezes se depara com fenômenos de outras dimensões mais profundas

e complexas, para os quais vira as costas ou enterra a cabeça no buraco do avestruz. Se a ciência coloca os pés no chão, com propriedade e utilidade, trazendo a prudência necessária para evitar o engodo, a consciência toca no divino e tem razões que a própria razão desconhece. Será possível admirar a ciência sem fechar os olhos para o extraordinário? Ser racional e intuitiva ao mesmo tempo? Se for um critério válido, a existência de um único espécime que acomoda em si, preservando a tensão epistemológica subjacente, essas duas dimensões opostas da percepção da realidade, a resposta será afirmativa. Assim, através de fenômenos singulares e relevadores, a minha rota profissional, tecida com os fios da formação padrão racional científica e fundamentada naquilo que a tradição dominante oferece de melhor, foi complementada com a vivência do excepcional, remendando, em tempo hábil, a loucura da alienista com a costura dos fios sutis do inexplicado, do extraordinário e do maravilhosamente fabuloso.

Por exemplo, em meu caminho apareceu uma cliente que abriu um portal de conhecimentos não reconhecidos pela ciência tradicional. Ela sugeriu usar a hipnose para acessar o seu inconsciente. Eu nunca tinha visto isso na faculdade, mas tinha passado por algumas experiências excêntricas em demonstrações com hipnólogos que gostam de se exhibir. Interessante ver o poder da mente fazendo o sujeito comer uma cebola sob a sugestão de estar comendo uma saborosa maçã ou “voar” como uma águia, batendo os braços vigorosamente. Qualquer um pode se impressionar até descobrir que nem todos são sugestionáveis a tal ponto e que o estado de transe é muito mais complexo do que se imagina. Procurei, então, algumas técnicas e comecei a induzir o relaxamento em minha cliente. Surpreendente. Ela começou a trazer imagens fantásticas do seu passado e a terapia avançou, avançou até a remota infância e depois avançou mais, muito além do razoável, até passar dos limites do verossímil. Ela começou a acessar memórias que não eram propriamente dela, ou de sua vida atual. E se debatia ao entrar em catarse. Eram fogueiras, forcas, estupros, escravidão e todo tipo de experiência que a humanidade já passou. Quando ela retornava do estado de transe, a cada sessão, nós refletíamos sobre o que tinha acontecido e, normalmente, surgiam inúmeros *insights*², que lhe auxiliaram a tomar decisões difíceis na vida atual.

– Estou numa festa... sou uma jovem donzela... me divirto... tem um homem que conversa comigo. É divertido. Ele chama por mim, para ir ao jardim... vamos nos distanciando. Estamos na floresta. Estou rindo. Então, ele me pega nos braços e não dá nem tempo de me assustar. Me joga no chão... AHHAHA, não, não... ele está me estuprando... oh não... eu tento gritar, ele me bate... estou sangrando... está tudo doendo... ele me bate forte... estou muito machucada... estou sozinha... estou morrendo...

As reticências são gritos, tremores e choro lancinantes de um depoimento em estado de transe e choque. Depois que ela reviveu a morte daquela vida, sua

respiração ofegante foi cedendo lugar para uma respiração mais lenta e profunda. Em um estado de calma, após alguns minutos de silencioso luto, perguntei-lhe quem na vida atual lhe lembrava aquela figura hedionda. Depois de uma longa contemplação, ela me disse:

– Meu antigo psicólogo!

A tensão estava presente no ar. Mas havia perdão em sua expressão, como se estivesse desprendendo de si mesma um relacionamento pesado e sufocante. Pela primeira vez, após anos de psicoterapia, foi revelada a natureza desse relacionamento terapêutico que avançou para a dimensão pessoal com o antigo terapeuta. O desfecho foi o abandono, tanto amorosamente, sexualmente, quanto profissionalmente, deixando um vácuo em sua vida. Para minha surpresa, ela proferiu o nome dele. Eu sabia de quem se tratava o dito profissional, pois ele tinha frequentado as mesmas cadeiras de minha faculdade, se formando um pouco antes de mim. Ele a tinha deflorado, apresentando o mundo erótico como um típico ato infantil de Eros: um relacionamento obscuro e às escondidas. Quando ela descobriu que ele já era casado, o “pequeno Eros” ficou transtornado e fugiu para o colo de Afrodite.

Para sorte dela, não havia mais amargura pelo abandono depois da libertação pela catarse. Vida que segue. Ela superou muitos problemas e ergueu a cabeça. Com a atitude típica da princesa Psiquê, ela aceitou o que não podia mudar, enfrentando a situação com uma dignidade à altura da prova de Nietzsche: “se você tivesse que viver sua vida novamente, você a viveria do mesmo modo?”. Com essa força interior, até considerou os pontos positivos da experiência terapêutica interrompida prematuramente. Depois disso, desenvolveu novos relacionamentos amorosos mais saudáveis e estava mais forte. Tempo que passa e a pessoa, dita psicólogo, confusa e sem noção, bateu à sua porta solicitando um casamento, implorando aos seus pés com promessas fabulosas de um Eros que começa a amadurecer tarde demais. Interessante como as almas se entrelaçam e se movimentam dinamicamente: descobri, através desse caso, que além do dia da caça e do dia do caçador, tem também o dia em que o caçador se vitimiza ao se chocar com a transmutação da caça, que, por sua vez, encontra uma oportunidade de se libertar, soltando o seu algoz e passando adiante o papel já bem gasto de vítima. Sem sentimento de vingança, esse relacionamento foi magistralmente conduzido, por ela, para uma amizade, pulando assim uma fogueira traiçoeira ou, simplesmente, desembarcando a tempo de uma barca furada e condenada ao naufrago em alto mar.

Mesmo questionando a veracidade das visões, supostamente derivadas de possíveis vidas passadas, não descartamos a funcionalidade do fenômeno que fez amadurecer a consciência e orientou boas escolhas. Em muitos aspectos, sou pragmática e procuro encontrar a utilidade do que se impõe misteriosamente no

caminho, avaliando criteriosamente os efeitos colaterais e se resguardando para evitar danos inconsequentes.

Rapidamente acessei a literatura sobre vidas passadas para descobrir uma vastidão de livros e relatos impressionantes. Desde os best-sellers de Brian Weiss, como “Muitas Vidas, muitos Mestres” até os livros mais teoricamente fundamentados, como os de Roger Woolger, cujo exemplo mais proeminente é “As Várias Vidas da Alma”. Existem muitas explicações para o fenômeno dessas memórias. Pela parapsicologia, é explicada uma espécie de memória dos antepassados que estaria de alguma forma presente no DNA. Já outra vertente é mais religiosa e mistifica o assunto, trazendo uma miscelânea de conceitos “tidos como entendidos por todos”. A explicação com que mais me identifico é a do inconsciente coletivo³, dentro do qual há uma riqueza de experiências da humanidade e que, periodicamente, é acessado pelo sujeito a fim de mostrar alternativas e reequilibrar os excessos da consciência, dominada e submetida pelo ego. Muitas dessas vivências são reproduções de arquétipos⁴ que também ensinam à pessoa que a sua experiência pessoal tem paralelos na mitologia. Enfim, a terapia de vidas passadas faz o mesmo que todas as outras terapias: mostra ao indivíduo que em seu sofrimento não há nenhuma originalidade, mas sim uma eterna repetição dos mesmos temas que a humanidade vem vivendo desde que caminha pela terra.

É estranho perceber que somos enganados por uma estranha compulsão à repetição, mesmo quando lutamos desesperadamente para fugir do destino. Se alguém aceitar o próprio destino, será que ele realmente se concretiza? Ou será que é a própria revolta que precipita o destino? Édipo, por exemplo, se tivesse aceitado o seu destino, o que lhe teria acontecido? Talvez não tivesse matado ninguém, pois não teria saído do aconchego do lar adotivo. Mas o Delfos tem essa habilidade de instigar o ego em busca de conhecer a si mesmo, gerando uma compulsão. O destino sempre dá um jeito de tirar o sujeito de sua zona de acomodação e impulsionar para a aventura, pois de outra forma poderia ser um desperdício para a alma não viver o que deve ser vivido, ou revivido ou reencenado. O oráculo grego é um fantasma instigando o ego a reencenar temas antigos para o deleite dos deuses que acompanham a novela humana. Não se sabe, de antemão, a saída para as armadilhas do fantasma, pois, muitas vezes, o motor de todo o teatro dramático é o próprio desejo do sujeito. Por isso, o psicólogo tende a abrir a terapia perguntando: “O que você veio buscar aqui?”. Certamente é uma pergunta insólita, pois a pessoa ainda não sabe direito por quais labirintos anda o próprio desejo. Vagamente, ela ouve um fantasma lembrando que a vida vai muito além do que podem enxergar os próprios olhos. Depois de alguns meses de encontros semanais, começam a surgir os pensamentos inusitados e passa a fazer algum sentido toda a conversa para compreender o sofrimento psíquico. Algumas vezes, descobre-se que o tema escolhido para sofrer é uma repetição e que é possível repetir com mais classe e autenticidade. Aí se operam algumas

mudanças, pois o fantasma já não assusta tanto e é possível tirar vantagem do conhecimento do enredo do drama humano.

E se você tivesse que repetir a sua vida igualzinha ao que viveu? E se tivesse que repetir de novo. E novamente. E outra vez mais. Indefinidamente! Você viveria de novo? Quanto amor você tem ao destino? Não sou eu quem está perguntando a você, mas é o diabo quem pergunta a Zaratustra. Esse experimento mental de Nietzsche é a prova de fogo a fim de se tornar senhor do próprio destino. O super-homem não lamenta o que aconteceu. Ele se impõe às fatalidades afirmando: “Eu o quis assim”.

Esse Amor *Fati* me auxiliou em muitos momentos da vida, assim como a Psiquê que se conformou com o que não podia mudar e venceu as dificuldades impostas pela própria deusa Afrodite, o que parecia impossível para uma simples mortal. Não se trata de acomodação e resignação. Um pouco de resiliência misturada com uma estratégia sofisticada de sobrevivência, uma pitada de esperança que, como o sal, se mistura a todo o alimento, tornando-o saboroso e equilibrado. É bom lembrar, contudo, que muito sal satura e faz mal à saúde. Pensamento positivo com prudência. O mito ensina com maestria a quem busca a sabedoria de conhecer e despertar a consciência, contornando a tragédia e alcançando a individuação⁵.

A minha vida é a repetição de um mito. Somente na fase adulta veio alguma consciência do significado disso, ainda que sem a compreensão total. Naturalmente, ainda restam muitas penumbras e bastante vida a viver, ou mistérios a reviver. Pelo conhecimento do meu codinome, é fácil deduzir que possuo uma beleza singular e encantadora, mas também amaldiçoada, pois atraiu a inveja da própria deusa Afrodite. Nem parece que uma mulher bonita sofre, pois sua beleza abre portas e sorrisos, quando não, o estupor das pessoas com quem se relaciona. A aparente perfeição vem junto com uma carga de sofrimento ou paixão que poucas mulheres estão dispostas a arcar, se soubessem desse custo do belo: ser aprisionada como objeto do desejo controlador do universo masculino que disseca o corpo, parte por parte, em busca de uma imagem perfeita e sempre jovem, santificada e desencarnada, uma abstração do mundo das ideias platônicas que avalia e classifica, tentando subordinar as sensações e as emoções vividas ao jugo da razão apolínea.

Em síntese, é preciso informar que possuo essa beleza clássica da mulher que não fala, tão descrita na literatura humana, aquela sobre a qual dois homens estão conversando e julgando o conjunto perfeito de uma boca não tão grande nem tão pequena, de estatura nem alta nem baixa, nem gorda nem magra etc. Mas essa beleza muda e negativa, se definindo pelo que não é, na primeira fase da vida de Psiquê, é apenas para ser vista e idolatrada, não para ser tocada, sentida ou devorada. Os mesmos olhos azuis que hipnotizam, por algum feitiço também desensualizam. Talvez por isso, ela não conseguisse se casar com um mortal, pois

a admiração despertada, ao ponto da veneração cega de um povo suscetível à idolatria, a projetou num plano transcendente e intocável, aproximando-a da dimensão onde mora a perfeição divina e sagrada. Mas isso também pode ser uma jaula para a alma encarnada e que precisa viver uma vida de verdade.

Além dessa beleza virginal da heroína que se tornou deusa, uma dádiva divina que não pode ser obtida pelo efêmero esforço humano, precisei desenvolver outra beleza mais encarnada, que é mais difícil de ser vista, pois se esconde na inquietação do que não aparenta uma harmonia fácil ou uma *gestalt*⁶ vulgar. Essa segunda beleza me surgiu principalmente por causa da incompatibilidade entre a perfeição e a experiência mundana. Ao longo da vida, tive que desenvolver aquela simpatia da qual se sente arrepios ao se querer abraçar, aquele traço de personalidade que envolve e seduz pelo cheiro de uma palavra bem enunciada, pelo tato aguçado no toque do verbo em movimento, deixando roçar pele com pele, como rimas que se encontram numa mesma estrofe, e mergulhando fundo nas sensações desconcertantes produzidas por quem se aventura nas profundidades dos oceanos da língua da alma. Sentimentos que só são despertados quando a mulher começa a falar, desarmando assim a arrogância racionalista do mundo patriarcal que cobiça freneticamente o diamante que se esconde bem no alto, no encontro das coxas femininas. E falar com a língua dos dedos e do nariz, com as palavras das vísceras e do ventre, com o texto do corpo inteiro e não apenas com o falo.

Primeiramente, parece que raras pessoas conseguem enxergar além dos meus lindos olhos azuis, ficando na superfície. Alguns se mostram embaraçados e atordoados, sem saber o que falar ou o que fazer. Para outros, a beleza não passa de um troféu ou de um fetiche. Poucas vezes a pessoa, detentora de uma suposta beleza clássica ou convencional, é acessada em seus sentimentos e com alguma profundidade. Por isso, tratei de estudar e me conectar de outra forma ao mundo, para não ser consumida ao aceitar passivamente o jogo do grande outro. Mesmo assim, demorei 22 anos para encontrar algum homem que tocasse em minha alma e me levasse a viver intensamente o meu drama. Alguns homens interessantes ficavam paralisados e temerosos com tanta beldade, dificultando o desenvolvimento de uma relação de igual para igual. Os mais confiantes se mostraram superficiais, apesar de que desfrutei o quanto pude deles, tendo em vista as limitações sexuais do homem moderno. Sempre concluí tais relacionamentos sem nenhuma afronta, pois naturalmente os deixava pensar que comeram a fêmea *alfa* mais cobiçada e colocaram um valioso troféu na prateleira. Como se acostumaram com tão pouco? Em síntese, eu nem conseguia ter um segundo orgasmo nos limitados embates no campo de batalha de Vênus, pois as espadas dos adversários normalmente caíam flácidas no chão e não apresentavam a resistência heroica que faz de um simples confronto uma odisséia interminável. Algum resultado melancólico nas batalhas do amor sempre é esperado, tendo em vista que não há vencedores, mas apenas vencidos. Porém, é frustrante quando

não se é nem a vencedora, muito menos a vencida, pois não houve combate real. Um tratado de paz feito entre nações amigas não envolve conquista, nem estratégia de luta, mas apenas um aperto de mão inofensivo. Assim, também, um amante se transforma num dócil gatinho que troca carinho com o seu dono.

Tão impotentes para o prazer e o deleite, muitas criaturas do universo masculino desconhecem que o homem tem apenas um décimo do prazer sexual, enquanto a mulher tem os outros nove décimos. Por essa verdade, Tirésias ficou cego como castigo de Hera por ter revelado o seu segredo para Zeus. Desde então, o medo da sensualidade parece ter tomado conta da face da terra, gerando uma espécie de cegueira coletiva para as questões sensuais. Para recuperar a visão é preciso um longo percurso, similar a uma odisseia na qual se vive a guerra de Tróia, em busca do conhecimento acerca de si mesmo. O desejo de saber precisa se alinhar com a disciplina do querer.

Existem algumas janelas para a arte do amor, dicas e pistas deixadas aqui e ali, alguns *Kama Sutas* de autoajuda e técnicas orientais do pompoarismo. Muita coisa vale a pena quando a alma não é pequena. Mesmo com tantas dicas, não me recordo de algo de valor que tenha sido conquistado sem algum esforço da alma. Em assuntos fundamentais, não existe nenhum garçom entregando o ouro de bandeja. Uma das trilhas para o autoconhecimento da dimensão erótica é a antiga prática do *Tantra Yoga*. A partir dela, obtive algum conhecimento sobre a intricada fisiologia da região do períneo e adjacências, assim como aprendi a me exercitar com técnicas de preparação do corpo, chamadas de *bandhas*⁷, que desenvolvem a consciência sexual e *outras cosas más*. Foi difícil terminar algumas relações, por causa dessas habilidades tão nobres em certas tradições orientais. Falarei mais a respeito quando relatar uma experiência inusitada pela qual passei em Las Vegas, com um xeique árabe. Por hora, basta saber que o sexo é uma arte erótica, portanto, oriunda do meu querido Eros, e precisa ser aprendida a duras penas, pois o que é divino vem através do merecimento. Antes de seguir adiante, ainda precisamos de mais elementos para complementar as nossas preliminares com intuito de deixar a todos devidamente preparados para o que há de vir.

II. Escola, Adolescência e Defloração

Afrodite foi muito perversa comigo. Ela insuflou o seu veneno na detentora do ventre que gerou a graciosa fêmea que vos narra esta história, começando desde a primeira infância o ciúme e a inveja maternas. Junto com isso, veio uma cobrança excessiva e um grau de exigência inatingível. Não demorou muito para

eu me transfigurar numa pessoa bastante exigente, frígida e chata. Mas, no íntimo da fantasia, pintava a mim mesma como uma figura humilde e de fino trato, muito fácil de se agradar, já que me sentia uma boneca com inclinação natural para o contentamento jubiloso, que se satisfaz rapidamente com a coisa mais simples do mundo: o melhor de cada coisa que o desejo pode alcançar!

A exigência excessiva produz uma constante insatisfação e tristeza, pois a perfeição é inatingível em uma efêmera encarnação na terra. A plenitude que minha mãe não tinha, ela queria extorquir da vida, nem que fosse indiretamente, ao talhar uma filhinha perfeita. Já o pai, testemunhando tamanho desequilíbrio de forças, por outro lado, tentou superproteger a sua joia, retardando, assim, o desenvolvimento autônomo e saudável da mente. Eu nunca sabia como agradecer aos meus pais infelizes. Somente depois de muita psicoterapia, é possível perceber a inconveniência de se meter uma colher na infelicidade de um casal, mesmo em se tratando dos próprios progenitores. Assunto conjugal não é um problema dos filhos, apesar de já fazer parte do mundo psicológico deles.

Algumas boas lembranças se mantiveram na memória: minha mãe preparando alguma comida especial para a Páscoa e o hábito de meu pai jogar na loteria. Sempre achando que o milagre da riqueza poderia lhe agraciar algum milhão, ele preenchia os cartões que iria apostar no dia seguinte. Sua inocência permanece em mim com o sentimento de que tudo ficará bem e tudo dará certo, mesmo vivendo num inferno astral cotidianamente. Ele nunca ganhou o prêmio principal, mas esse pensamento positivo me traz o sentimento de um pai sempre esperançoso e sonhador. Pelo menos, o serviço era bem utilizado, pois ficávamos horas fantasiando o que faríamos com a fortuna de dinheiro que nunca apareceu. Muita energia criativa sendo utilizada no prazer da fantasia inócua. Mas era divertido e, sempre que podia, aprontava alguma brincadeira. Certa vez no café da manhã, papai falou:

– Querida, sonhei com os números da loteria. Mas, quando acordei, só lembrei de 4, dos 6 números. Será que chegou o nosso momento?

– Isso é jogo de besta para fazer o povo perder tempo e dinheiro. Larga isso e me dá o dinheiro para eu comprar alguma coisa de útil. – Falou minha mãe, com o seu humor negativo de costume.

– Dessa vez estou sentindo que será diferente! – Retrucou meu pai, sem pestanejar.

E não é que dessa vez as coisas foram diferentes. Meu pai chegou em casa e me mostrou o cartão junto com os números que tinham sido publicados no jornal. Mas ele retirou rapidamente da minha visão. Só vi os primeiros números e me surpreendi.

– Estamos ricos! Lembra aquele sonho de viajar de avião para Paris? Então, aqui neste bilhete premiado estão as nossas passagens!!! – Fez um gesto dramático e beijou o pedaço de papel.

– Pai, não acredito! Como foi possível?

Passei meia hora com a sensação de ser uma milionária. Fazendo planos extravagantes. E meu pai, brincalhão, foi dando trela. Posso dizer que, naquele momento, saboreei um pouquinho do gosto de ser rica.

– Pai, vou sair para comprar alguma coisa. Me dá um dinheiro aí!!!!

– Calma, filhinha. Ainda não retirei o prêmio.

– Mas podemos festejar, jantar fora.

– Primeiro o dinheiro na mão, depois a festa! – Comecei a ficar cismada com a repentina prudência dele.

– Me dê aqui esse jornal de novo para eu ver. – Peguei o jornal e o bilhete que estavam em cima da mesa. – Ah, pai, você fez uma quadra. Os últimos dois números chegaram perto, mas não passa disso.

Rimos muito da situação. Meu coração ainda estava agitado. O meu pai conseguiu algum trocado acertando aquela quadra. Ele foi ao mercado e voltou para casa com algumas cervejas para comemorar com minha mãe. Estava radiante. Os outros dois números ficaram na vizinhança. Daquele dia em diante, ele sempre dormia com os cartões no criado-mudo para poder anotar rapidamente, antes que a memória falhasse e escorregasse os números para os arredores da sorte, onde ‘o quase’ não passa de mais uma chance entre as possibilidades do nada.

Entre momentos ruins e bons, além desse mundo interior conflituoso desde nascença, comecei a frequentar a escola. Um pouco de distanciamento das angústias familiares, somente para mergulhar num ambiente propenso a choques entre muitos modelos distintos de conflitos familiares alheios. Uma multidão de cabeças angustiadas se debatendo pelos panópticos corredores escolares. Olhando para trás, o bom senso se interroga: “como a maioria sobrevive?”. Certamente, na reta final da trajetória educacional, carrega-se as sequelas no lombo, como uma pesada cruz no ombro, absorvendo os golpes traiçoeiros da delinquência juvenil que adota as estratégias mais cruéis. A maldade se apresenta a olhos nus. Numa tentativa vã de entorpecer a dor que carrega dentro de si, juntamente com o rancor que oprime o coração, alguns alunos pisam de maneira vil na ferida exposta de algum colega escolhido para fazer o papel de bode expiatório, cujo delito ou infelicidade foi deixar escapar alguma fragilidade. Muito de tudo isso é apenas um reflexo do próprio mundo adulto que projeta

sobre as escolas todo tipo de fantasias que estimulam a competição e a cisma, prejudicando o autoconhecimento e a solidariedade.

As próprias colegas, que correspondem às traiçoeiras irmãs do mito, não deixaram de se vingar quando puderam, motivadas pelo insólito fato de não terem sido elas o alvo da maldição de tamanha formosura. Assim, uma garota rica, chamada por Éris, cuja mãe provavelmente a rejeitou por motivos antagônicos aos meus, ou seja, por apresentar uma certa fraqueza de feição, entrou numa disputa insana comigo. Fico pensando se nossa incompatibilidade surgiu logo quando ela me olhou pela primeira vez, deferindo em mim o ódio da primeira vista que é lançado quando a inveja é cultivada sistematicamente nos campos da alma amargurada. Nem ela nem eu somos de todo culpadas, pois eu tinha um atributo que para ela tem o valor de compensar o desprezo materno: a beleza incondicional. Olhando com a distância do tempo, ela nem era tão feia assim, mas seus planos diabólicos lhe pesavam as pálpebras acrescentando-lhes rugas excessivas ao seu rosto ainda púbere, sabotando as possibilidades de florescimento de alguma virtude salvadora ou transformadora. A revolta e a teimosia destroem as sementes do milagre que faz emergir do lodo fétido alguma flor admirável, numa espécie de metamorfose que redime a mais feia das criaturas.

Ela entrou em disputa direta. Eu apenas me desviei das dezenas de punhaladas que vinham pelas costas, me protegendo com a melhor arma possível: não reagir, não colocar mais lenha na fogueira, deixar o mal retornar por onde veio. Enfim, todo aquele papo cristão funciona se a pessoa tiver inteligência para conduzir o inimigo para o seu devido lugar. Um comportamento típico de alguém que ainda não perdeu a inocência, pura e besta. Portanto, o ostracismo dos grupos foi uma saída viável. A solidão que daí resultou acabou se tornando uma boa companheira para organizar as ideias e seguir adiante.

O ponto zero da discórdia e do despertar da odiosa inveja, talvez, tenha sido no dia em que a professora aumentou a voz na tentativa de que as vozes adolescentes infernais abajassem o volume. Então, ela apontou para mim e disse a todos: “por que vocês não se comportam como Psiquê? Calma e concentrada, ela é a melhor aluna da sala”. Com esse comentário, estava sendo elogiado justamente o grave defeito da timidez acabrunhada, pois era o acanhamento e a vergonha que provocavam o retraimento doentio e não algum talento mental extraordinário. A indiferença ao que ocorre ao redor foi uma defesa construída a duras penas ao sufocar heroicamente cada grito lancinante estimulado pela confusão conjugal de meus pais. Todas as emoções ardidamente silenciadas sob o frio véu de uma face polida, como uma estátua que se passa por invisível sem ser notada pelos pedestres apressados para comer o pão nosso de cada dia. Pelo menos, o mármore frio esculpido não atrapalha ninguém e é adorado pelos educadores, pois não lhes atrapalha o andamento disciplinado dos corpos, em

completa submissão na sala de aula. Esse era o plano: não chamar a atenção, pois sob os olhares fulminantes de uma juventude transviada, pode-se encontrar o pior comportamento, desde os que picham os monumentos públicos àqueles que distribuem a bizarrice da destruição gratuita.

Aquele pode ter sido o ponto inicial do ódio entre nós: o mundo adulto comparando, classificando e hierarquizando, através da violência do elogio para dividir as irmãs, na tentativa de controlar sob a ameaça do metal frio da faca, cujo fio dilacera a carne, separando o filé das vísceras. Ao denominar com a boca cheia de veneno, a lâmina da razão divide os membros por categorias abstratas e as mentiras mesquinhas sustentam a velha ladainha dos bons e dos maus. Mas isso é uma análise *a posteriori*. Na hora nem se percebe a dinâmica do desarrazoado e muitos tornam-se marionetes que caem no colo daqueles que apenas utilizam de uns para afetar os outros. Por ser de mais fino trato, fui escolhida pelos professores. Ficava frequentemente desconsertada. Não gosto de destaques. Há algo de desproporcional nisso tudo. Como alguém pode desejar esse lugar ímpar de desarmonia? Mas algumas desejam ardentemente ser a preferida. São aquelas que não sabem o que desejam, pois são movidas pela inveja.

Uma boa explicação para isso é a psicologia de grupos: a disputa pela liderança torna aquelas, em evidência, alvos recorrentes de testes e intimidações. O próprio Freud levantou a hipótese do surgimento do mal-estar na civilização como corolário de uma disputa na horda primeva, cujo desenlace é um acordo entre os irmãos para não haver mais parricídio. Explicação através da fantasia masculina, na qual todas as mulheres pertenciam a um suposto pai, todo poderoso, cujo lugar seria cobiçado por todos os filhos. Numa insubordinação coletiva destes, o macho todo poderoso teria sido linchado pelas próprias crias. Ao perceber que nenhum poderia assumir o lugar, tão cobiçado, daquele macaco poderoso, criou-se a lei da monogamia em memória ao grande pai fundador, já que se algum deles se tornasse todo poderoso novamente, a maioria continuaria sem mulher. Assim, os instintos tiveram que ser contidos para o surgimento da sociedade. Como seria uma teoria feminina do surgimento da sociedade matriarcal? Será que haveria matricídio? Afrodite representa o infundável ciclo da criação, o arquétipo da grande mãe. A mesma beleza, a sedução e o prazer que nos fazem admirar o colorido de uma fascinante rosa são os elementos do esporte celestial da conquista no âmbito dos sentidos, que no final das contas leva à multiplicação das espécies. Entretanto, nem tudo seria um mar de rosas nesse mundo matriarcal, tendo em vista a paixão de Afrodite pelo deus da guerra, Marte.

Alheia a todas as teorias que explicam as desavenças sociais, a tirania do grupo começou a agir logo na saída para o intervalo através de um bando de meninas que se esbarrou em mim, atirando meus livros e papéis no chão. Do outro lado, Éris ria aos soluços com a multidão zombando da minha posição humilde

ao juntar os pertences no indiferente piso de cerâmica. Éris foi lá fora no pátio e trouxe o seu namorado Cálías pelo braço para participar do escárnio e exibir seu namorado rico, vangloriando-se diante da multidão. Eram elas que estavam disputando comigo e não eu com elas. E tudo o que elas faziam, de uma forma sinistra, voltava em dobro. O problema é que elas tramavam em triplo. Relações difíceis, levando ao limite a resistência da minha bolha de distanciamento social, que estranhamente se tornava cada vez mais forte quanto mais era agredida, convertendo a energia do escárnio numa poderosa defesa mental de desprezo sistemático por toda aquela teatralização infantil. A racionalização resultante é a estrutura básica da bolha, que se fortalecia com a repetição da seguinte pergunta: “quem precisa deles?”.

Quando já estávamos no ano das debutantes, numa aula de literatura, cujo assunto era o amor, um novo embate se criou. Com inocente alegria, sugeri que poderíamos ler algum romance para estudar o assunto. A professora foi ao delírio. Então, adotou “Tristão e Isolda” como novela para ser lida para a próxima semana. Como sempre, imediatamente no começo do intervalo, quando uma visita à biblioteca revelou o tamanho e o peso da obra a ser lida, o grupo se organizou para uma pequena vingança arquitetada com requintes de crueldade. O planejamento e os preparativos do castigo deliberado pela incivil corja demandaram a vigília de toda uma noite, capturando na sombra noturna todo asco possível na forma de repugnantes insetos. Curiosa forma de gastar o intelecto no serviço do mal, se concentrando numa caçada ignóbil e usando inutilmente o caro poder da perseverança mental. Ao invés disso, com muito mais proveito e muito menos esforço, poderiam empregar a concentração intelectual para vencer as páginas de um livro antigo. Mas aí não teriam o sabor viciante do veneno da vingança escorrendo entre a língua e os dentes, abertos em uma infame gargalhada. Seria o ódio um motivador mais eficaz do que o deleite literário, para essa turma desequilibrada? O certo é que muitos se deixam levar pelo prazer em ver a desgraça ou humilhação alheia. Os alemães deram até um nome para isso: *Schadenfreude*.

No dia seguinte, ao voltar do intervalo, me senti normalmente na cadeira. Peguei os apontamentos para a aula. Quando chegou na hora de escrever algumas anotações, tive que abrir o estojo para pegar uma caneta. De lá saíram, loucamente, uma dúzia de baratas que irradiaram pelas mãos e me obrigaram a dar um grito aterrorizado, pulando alto e soltando tapas pelo ar, freneticamente, lançando baratas em todas as direções. Fui parar na direção pelo ataque histérico. No interrogatório, me perguntaram quem poderia ter feito aquilo e o que eu estava fazendo para despertar esse tipo de retaliação das colegas. Parecia mais um interrogatório da idade média, em que facilmente a vítima se torna a culpada, ou a mulher inteligente se transforma numa bruxa ardilosa, numa tentativa desesperada de encontrar provas para o crime de perturbação da ordem social, ou pelo menos um bode expiatório para tranquilizar os inquisidores quanto à

manutenção do *status quo*. Depois que se descobre que a criminosa é inocente, o estrago já está feito. A reputação, rasgada em praça pública, se esvai pelos esgotos da cidade. Se não há mais queima às bruxas nos dias de hoje, começou a existir o lixamento moral nas redes sociais e o suplício hediondo na mídia digital.

Não entendia a reação ignorante em relação às letras românticas e a crueldade daquele grupo escolar, decorrente da aversão ao pobre Tristão. Com uma inteligência mediana, saboreia-se as páginas do romance e chega-se facilmente à conclusão de que é extremamente interessante ler uma novela que praticamente inventou o amor moderno como é visto em muitos filmes do cinema. Todavia, parece haver um desinteresse sistemático em saber e conhecer profundamente o que quer que seja. O gosto pela ignorância e pela força bruta ainda reverbera na conjuntura moderna, vindo da idade das trevas. Esta, que já foi objeto da hipótese do tempo fantasma por um historiador alemão, nos acossa implacavelmente e promove, obstinadamente, uma desvalorização da inteligência e da elegância. Mesmo sendo uma teoria da conspiração, a ideia de um fantasma é bastante razoável para caracterizar um período em que reina a ignorância. Sempre estamos a um passo de retornar às trevas medievais quando entra em cena o fantasma da ignorância, enterrando o conhecimento nas covas das *Fake News*.

Veja como funciona a cabeça, quando se entra em estado de letargia intelectual: o leitor desavisado já poderia criar um estereótipo dos alemães pelo fato de terem sido citadas duas de suas bizarrices, em sequência. Eles não são nem mais nem menos esquisitos do que qualquer outra nação. Mas a mente resiste a pensar que foi mera coincidência e elabora fantásticas teorias para dar coerência a algum preconceito estúpido. Além disso, pensar em alternativas dá muito trabalho e é contra a natureza da preguiça, por vezes, congênita. Será que toda essa divagação não tem como intenção apenas despistar a atenção para longe do local de onde moro? Ou simplesmente, o objetivo desse rodeio foi lembrar que em qualquer bizarrice ou teoria conspiratória fabulosa reside alguma semente de verdade? O certo é não acreditar facilmente nas primeiras aparências, nem descartar as hipóteses mais esquisitas sem uma refutação adequada.

Muitas escolas apenas auxiliam na formação de pessoas que acreditam em informações e preconceitos, mas *poucas* desenvolvem o senso crítico do cientista. A maioria aprende a acreditar na ciência, mas poucas se tornam cientistas ou pesquisadoras que não se deixam levar pelas primeiras impressões e pelos estereótipos. O obscurantismo prospera através dos tijolos do preconceito que são assentados pelo cimento da credulidade inculta, formando muros altíssimos e intimidadores, cujos pilares de concreto são formatados com os moldes da discriminação grosseira que divide as pessoas e as comunidades.

Resisti bravamente ao papel de vítima da escola. Simplesmente, vivia numa realidade paralela, onde estava tudo muito bem, obrigada. Mas os acontecimentos faziam a minha concha se abrir e a necessidade de lidar com o

meio ambiente exterior fazia embrulhar as vísceras e expunha a inabilidade no trato com as pessoas em conflitos coletivos. Talvez não seja o caso de uma misantropia. Apenas um desejo sincero de paz que não coaduna com o barulho causado pelo encontro de duas ou mais pessoas. Além do mais, quando a emergência de salvar uma vida humana se apresenta, o alerta imediato ainda está presente em mim, lembrando à bela Psiquê que ela ainda é humana e tem uma forte ligação com seus iguais.

Foi assim que Éris saiu correndo em minha direção, vinda da frente do sanitário masculino, dizendo que havia um garoto passando mal lá dentro, gemendo e suspirando ofegante. Então, me pediu para entrar lá para acudi-lo enquanto ia buscar algum auxílio de saúde. Como qualquer ser normal, em prontidão, fui cuidar da criatura que supostamente agonizava à beira da morte. Quando entrei, percebi um som abafado na última cabine do banheiro. Me dirigi até lá e imaginei que o sujeito estivesse preso atrás da porta, em estado de letargia e sem forças nos membros. Então, entrei na cabine vizinha e subi na tampa do vaso para olhar por cima da divisória. Para a minha surpresa desconcertante, pois nunca teria antecipado o que se sucedia naquela circunstância, me deparei com uma aula explícita de transbiologia prática. Foi a primeira vez que vi o corpo peniano ereto, fora do laboratório de biologia e numa situação peculiar, pois a glândula se perdia nas entranhas de Autólico. Foi assim que testemunhei um exemplar de carne viva sendo utilizado para fins lúdicos e não reprodutivos. Sim, é exatamente isso: lá estava Cálías se atracando com seu enamorado Autólico. Este ainda falou com voz abafada: “– Ai, tá seco, molha mais”. E Cálías cuspiu de maneira certeira no pênis, levando à lubrificação necessária para a consumação do ato sem o atrito excessivo que gera incômodo na mucosa. Com a fluidez do movimento, logo depois testemunhei o ápice da intumescência dos corpos cavernosos que antecedem as contrações ejaculatórias e os espasmos de êxtase. Depois das carícias amorosas do fim do combate, percebi, também com curiosa atenção, a flacidez que corrompia o membro, forçando-o para fora da lúgubre caverna, uma vez que não se sustentava em pé e caiu para fora, em direção ao chão, deixando escorrer um pequeno regato de leite maculado por coliformes fecais, formando um pequeno corrimento pelas pernas, convenientemente entreabertas, do macho viril, em posição passiva. Ao volver a cabeça para trás, ao mesmo tempo em que perguntava ao amante Cálías: “terminou querido?”, se aperceberam que não estavam sozinhos. Ao invés de uma resposta, veio o susto de ambos, ao olharem para a donzela que pousava estarrecida no alto da divisória. Por muito menos, Jagger fez a música “*Angie*”, depois dela ter testemunhado (talvez com espanto?) um encontro privado com Bowie, mas nada sabemos com certeza, uma vez que pode ter sido uma crise num caso de triângulo sexual. Ao perceber que fui percebida, fechei a boca e corri para fora do banheiro. Lá estava Éris e a diretora aguardando para fazer o flagrante do crime hediondo de uma garota invadindo a privacidade de um banheiro masculino. Tinha sido uma armadilha, mas o que ela não imaginava é que, realmente, havia alguém gemendo

lá dentro e não era uma urgência médica. Triste coincidência que, por hora, apenas eu sabia. Fiquei completamente atônita, mas me dei conta de que não conseguiria nem falar sobre o que tinha presenciado, pois daquilo que não se conhece e do qual não se sabe da existência prévia, faltam os nomes e palavras para atribuir sentido à coisa vislumbrada. A melhor saída era preservar a identidade secreta do seu garanhão, que não era exatamente um exemplar típico da virilidade heterossexual.

– O que você faz aí, Psiquê? Nunca esperei algo tão baixo vindo de você...
– Alguns minutos de silêncio se sucederam até que alguma providência divina me trouxe novamente a voz vacilante.

– Eh ehe, bem, veja bem, foi apenas um mal entendido, senhora diretora. Pensei que Cálías e Autólico estivessem passando mal e fui tentar socorrer, mas eles estavam apenas contendo velhas piadas que envolviam vocalizações ambíguas. Mas está tudo esclarecido.

– Sim, sim, foi apenas um equívoco, Sra. Diretora. – Apressou-se Cálías, a essa altura já saindo do banheiro e confirmando os fatos que tinha ouvido.

Nesse instante, Éris gelou o coração ao ver seu namorado, embaraçado, defendendo aquela para quem tinha armado toda a arapuca. Ficou sem reação, pois, agora, toda a operação foi colocava em risco, tendo em vista o fato de que poderia desferir a artilharia pesada em direção ao alvo errado, num caso típico de perigo de dano causado por fogo amigo. A contragosto, teve que dar um passo atrás e recuar.

– Ah sim, agora entendi. Pensei que estava querendo observar as intimidades dos garotos. Tudo certo, Sra. Diretora. Haha, veja bem como, às vezes, nos enganamos com o que parece ser um fato tão real e consumado, bem embaixo de nossos narizes. – Éris disse em tom de palestra de um professor simplório que não sabe do que fala.

– É, mas de qualquer forma, vou fazer uma notificação, comunicando o ocorrido. Muito grave isso e espero que não se repita. – Falou a diretora como se fosse uma delegada registrando uma ocorrência que marca eternamente a vida de uma pessoa com o rótulo de delinquente.

Não sei se foi sorte ou azar, mas me esquivei habilmente de uma suspensão ao mesmo tempo em que me tornei guardião de um segredo do qual não queria ter sabido. Muito menos pretendo entrar num triângulo amoroso, deformando a natureza geométrica ao criar um esdrúxulo quadrilátero da paixão. A coisa boa de tudo isso é que, depois desse episódio, houve um longo período de trégua, pois Cálías passou a me proteger o quanto podia para preservar o seu segredo de pederastia.

Vida que segue, no ciclo natural das estações, seguindo o compasso circadiano. Com a chegada do outono, as frutas vicejam e o povo segue antigos rituais de agradecimento aos deuses pela colheita farta. São os festivais de cada região: festa do morango, da uva, do vinho, da cereja ou do que quer que adoce a vida amarga do povo trabalhador. Normalmente, em tais festas típicas do interior, existe também um concurso para eleger a mais bela donzela para representar a região nos eventos de celebração da fartura na colheita. Tudo muito lindo e maravilhoso. A escola foi convocada para enviar suas representantes para o concurso, em que a mais bela será escolhida por Páris. Não precisa muito esforço para lembrar que a intrometida deusa Éris semeou a discórdia ao colocar a seguinte dedicatória na maçã em um banquete celestial: “para a mais bela”. Aqui você deduz de onde foi tirado o nome da querida colega que é viciada em semear a discórdia. Prontamente Hera, Afrodite e Atenas entraram em confronto direto pela fruta. Zeus obviamente entrevistou, evitando um fim trágico para o concurso celestial e varreu o conflito para baixo, no seio da terra. Elegeu então Páris para escolher a merecedora da maçã infame. Afrodite prometeu o amor da mais bela mulher, Helena de Esparta. Nada rivalizou com esse presente, nem o poder oferecido por Hera e nem a sabedoria por Atenas, mostrando o quanto o homem é facilmente convencido por um belo sorriso, pois carrega em si um natural e infantil romantismo que lhe cega o juízo. Mas não é sem consequências trágicas todo esse romantismo irrefletido. Um belo sorriso, ou melhor dizendo, o mais belo dos sorrisos amorosos provocou uma tremenda guerra que dizimou a cidade de Troia. Os deuses gregos são tão parecidos com a humanidade! Em imagem e semelhança, são capazes da destruição máxima por conta de um capricho, para saborear uma fruta, cujo símbolo imaginário acaricia o ego com doces mentiras que nunca saciam o desejo tirânico de ser a maior.

Uma sequência de aliciamentos resultou da minha chegada aos 15 anos incompletos: todos queriam que eu participasse do concurso, menos uma garota, Éris. Minha mãe fez uma campanha diária e até começou a costurar o vestido para o desfile. Não posso revelar a cor, por enquanto. Mas usem a imaginação de vocês. Se na sua cidade tiver uma grande safra de morango, o vestido é vermelho. Se for uva, pode ser verde ou roxa, a depender da predominância da colheita. Se for o milho, amarelo e assim por diante. A diretora também fez campanha, junto com as professoras. Até meu pai perguntava, de vez em quando, se eu ia participar, pois era uma oportunidade de começar uma carreira promissora ligada à beleza e estética. Não decidi nada. A minha participação foi decidida pelo clamor da população que faz amolecer a guarda mais aguerrida da resistência antissocial da minha bolha. Aí de mim quando Vênus descobrir toda essa movimentação e admiração em torno de minha pessoa.

Olhando em meus olhos e perscrutando o meu sorriso, qualquer um chega ao veredito de que não há, na face da terra, uma mortal capaz de tirar de mim o trono da Afrodite na terra por vias de uma disputa honesta. Então, novamente, se

cruzaram as linhas do meu destino com as do de Éris. Ela não tinha a menor chance no confronto direto. Mas não foi possível prever o seu ardil, devido ao tempo de trégua, em que convivemos pacificamente e até amigavelmente. Não imaginava que um punhal se escondia embaixo de suas roupas esperando a hora certa para ser traiçoeiramente guardado em minhas entranhas.

Naquele ano, uma nova tendência surgiu entre os jurados e foi implementada uma nova etapa para a eleição: a hora do discurso. Ao que parece, o mundo adulto se cansou da beleza que não pode abrir a boca. A falta de intimidade com a língua humana pode levar qualquer beldade a sofrer com o ridículo, e a pobreza de intelecto é algo cada vez mais deplorável, mesmo na mais harmoniosa face. Numa tentativa vã de contornar o risco de eleger uma garota robô, que não sabe expressar a importância da cidade e suas tradições locais, uma nova prova foi realizada, complementando a débil habilidade de caminhar numa passarela e exibir a própria figura de maneira graciosa. Cada candidata deveria responder à seguinte pergunta: “Por que você merece ser a representante do município e ser a vencedora da competição pelo posto de ‘rainha da fruta’ (beleza)?”. Assim respondeu a primeira mocinha:

– ...Ehhh, ahhh... – Silêncio sepulcral na plateia. Não saiu nenhuma palavra, apenas lágrimas.

Essa candidata foi direto para o fundo do palco chorar. Ela nem sabia o que estava fazendo ali. Quando teve que articular algumas palavras e encarar nos olhos dos ávidos expectadores devoradores da beleza, não suportou o fato de estar sendo usada como objeto de admiração de um mundo adulto dominador e grosseiro. Querer ser a mais bonita é o desejo que faz beliscar a isca do anzol através do qual o homem captura o peixe. Ela se debatia com a boca presa no metal pontiagudo, numa tentativa desesperada de se livrar da armadilha. Só há duas alternativas: se entregar em sacrifício ou tentar rasgar a boca para encontrar a liberdade na imensidão do mar ou em outro anzol mais ardiloso de algum outro pescador. Vamos para o segundo peixe ou sereia:

– Eu mereço esse prêmio pois minha família sempre me apoiou e me incentivou para eu chegar até aqui. Obrigado a todos que possibilitaram esse dia. Um agradecimento especial ao salão de beleza que me deixou linda e à costureira Aracne que teceu os mais lindos bordados deste mundo. Obrigado!!!!

Tão inocente e faceira pulando na rede dos pescadores! Peixe gordo que alimentará por anos a fio os desejos libidinosos do homem que a desposar. É disso que eu falei: o sacrifício de se render ao escrutínio do universo masculino tem suas vantagens: é possível gozar ao fazer gozar. Mas entre os jurados também havia mulheres e, certamente, algumas regidas pelas luzes de Atenas. Ao examinar o discurso, faltou algo de penetrante e sagaz. A ausência de argumento

foi fatal para o desprezo deferido pelo intelecto das avaliadoras. Em seguida, veio o peixe Éris:

– Boa noite a todos cidadãos de nossa querida “cidade do tomate”, que do vermelho retira seu vigor e rentabilidade. Como os gregos diziam, terra abençoada por Ceres, que aqui permitiu vicejar as plantações e nos deu tanta abundância. A rainha das estações faz prosperar nossas riquezas. Desde muito tempo nosso povo vem semeando este vale e colhendo com orgulho o alimento de centenas de gerações. Eu mereço esse prêmio para coroar esta região com mais uma graça. Em outros tempos, eu pediria à rainha dos deuses, Hera, para intervir ao meu favor. Bastaria um carço de romã lançado de sua mão para fertilizar a vida e abençoar a minha vitória. Que os jurados estejam inspirados para reconhecer a minha afinidade para representar nossa cidade. Que Deus me dê a vitória.

Sim, ela tinha o dom da oratória e a segurança necessária para representar o papel que lhe era pedido. Com sua língua afiada, semeava arditamente a intriga e a persuasão para alcançar os seus objetivos. Certamente passaria para a final. Discurso confiante, inteligente e com referências clássicas. Justamente na final, tudo indicava que sobrariam apenas nós duas. Ela teria que fazer algo malevolamente convincente para persuadir os jurados, pois não acredito que ela tivesse os requisitos ornamentais básicos nem para participar do pleito, o que dirá para estar no segundo lugar da beleza. Mas ela mostrava entusiasmo e confiança. A sua alegria eufórica, pelo menos, realçava o semblante e eu não pude perceber o veneno que se derramava de sua nefasta cordialidade.

– Tome, Psiquê, beba um pouco de água comigo, para que possamos aliviar essa tensão do discurso. Apenas uma de nós estará no topo, mas que seja a melhor. – Assim, com esses dizeres, ela ofereceu para mim um copo d’água.

– Grata, é sempre bom beber água para acalmar o espírito. – Não vislumbrei o perigo, pois o nervosismo roubava toda energia mental para pensar no discurso que eu iria falar em seguida. Aceitei aquele gesto de nefasta cortesia.

Após quinze minutos chegou a minha vez de falar. Mas eu não falei nada. Uma dor aguda na barriga me precipitou no sentido contrário às passarelas, diretamente para o vaso sanitário. Pensei que se tratava do efeito feroz do nervosismo que a situação me provocava. Não pensei em mais nada, apenas obrei até evacuar todas as minhas palavras pelas tripas. Quando nada mais havia a ser excretado, decidi ir para a enfermaria. Depois de uma hora, apareceu alguém da comissão organizadora do concurso:

– Estamos procurando Psiquê, ela está aí?

– Sim. Olha ela aqui na maca. Está passando mal e precisa ficar um tempo no soro.

– Oh, coitadinha! Infelizmente, tivemos que concluir o concurso. Éris ganhou. Melhoras para você, meu bem.

Somente nesse momento, em que ouvi o nome da meliante, é que pude juntar as peças do quebra-cabeça. Eu tinha sido sabotada com uma dose cavalariça de laxante solúvel em água. A que ponto chega a vaidade humana. Lamentável. Que ela possa fazer bom uso da exposição de sua pessoa pelas redes sociais. Todo esse esforço para eleger um corpo supostamente mais bonito não é um sonho próprio e sim um espetáculo extravagante que torna a mulher um mero brinquedinho de decoração. Essa racionalização repentina trouxe a conformação com todo aquele infortúnio e me fez agradecer por estar fora desse circo estapafúrdio. Agora ela teria que bajular os visitantes, tirando fotos com aquele vestido pesado e calorento, por toda a noite, gastando a sua figura para promover a vaidade da cidade. Fechei os olhos e dormi, dissipando o resto da inveja.

Mas algo, ainda mais tenebroso, estava em curso. Com a atenção frouxa, todo o povo se encontrava no ginásio onde tinha sido montado o palco para o baile. Ares e seu bando de arruaceiros cercaram as saídas do prédio e esperavam o momento certo para agir. Eles pilhavam pequenas cidades do interior do país e já estavam sendo caçados, implacavelmente, pelas autoridades. Porém, sua inteligência e argúcia sempre o conduzia a vencer, infalivelmente, seus inimigos.

No centro do palco estava Éris, regalando-se com a sua faixa de falsa campeã. Foi a primeira a ser vista quando o arauto de Marte, Deimos, um débil mental e prejudicado do juízo, apesar de completamente submisso e obediente ao seu rei, anunciou a entrada performática da trupe marciana. Os pacatos cidadãos nem manifestaram qualquer reação, restando a dúvida sobre a natureza do evento, se era uma performance artística ou alguma invasão alienígena. Os olhares ficaram extasiados com o elmo estilizado na cabeça de Ares, projetando reflexos em todas as direções, devido à refração da luz nas dezenas de cristais e espelhos, entalhados para promover uma intimidação direta no subconsciente da massa indefesa de cidadãos, que se ofereciam passivamente para a pilhagem.

– Iiiiiiiiiiiiihaaaaaaa!

Um grito agudo e demoníaco de cerca de 15 segundos foi sucedido por 5 segundos de silêncio. E o que vem em seguida? Os olhares se interrogavam por nunca terem visto nada igual na vida e nem nos livros. A voz grave e penetrante trouxe um certo conforto ao explicar de forma clara e objetiva o motivo do assalto marcial.

delongas. Venha, querida donzela, será um prazer tê-la por toda a eternidade, mas se só for possível passarmos apenas alguns dias juntos eu compreenderei a impaciência da saudade dos seus conterrâneos. Sei que a presteza deles facilitará a reunião do valor para o seu resgate e, daqui há três dias, trocaremos a donzela pela generosa oferta. – A essa altura, ela já se encontrava com dois brutamontes sustentando-a pelos braços. Ela, entretanto, não se debatia histericamente. Com serenidade, disse-lhe:

– Caro Ares, deixe-me falar ao pé dos seus ouvidos. Tenho coisa muito mais valiosa para lhe ofertar com o intuito de que possam ser garantidos os seus honorários.

– Ora, uma verdadeira dama educada com os mais finos modos oriundos desse povo requintado que aqui se assentou. Venha elegante jovem, me entregue seu caridoso conselho. – Éris, já solta, o puxou pelo braço para alcançar melhor suas orelhas e falar em tom baixo.

– Observe que sou fruto de uma superprodução para superar as dificuldades econômicas de minha família. Eu busco um casamento que recompense aos meus pais e guarneça o meu futuro. Portanto, não tenho tanto valor quanto a filha do prefeito que está se reabilitando de um infeliz desarranjo intestinal na enfermaria. Eu adoraria ir com o senhor e permanecer por toda a eternidade, todavia receio que o seu intento seja frustrado, uma vez que, ponderando os prós e contras de um resgate por demais oneroso, a comunidade se recuse a arrecadar uma quantia tão vultosa em troca de uma reles camponesa. Mas por uma joia de incalculável quilate, mais nobre do que a própria nobreza, certamente os bolsos se abrirão como comportas de uma represa que se arregala para verter o excedente das torrenciais águas da chuva de metais preciosos. Veja com os seus próprios olhos que a beleza da nobre debutante fala por si só. O conjunto do seu olhar e do incomparável sorriso é capaz de conquistar, para si, os favores do próprio rei do Olimpo, Zeus. Pode chamá-la pelo epíteto da nova Psiquê na terra.

– Muito intrigantes as suas palavras. Nada custa averiguar o porte da beleza de sua colega. – Deimos! Leve dois homens e coloque a jovem no nosso burro de carga metalizado.

E, prontamente, o semideus decaído apressou-se em atender ao seu amo, enquanto os outros organizavam os preparativos para a debandada. Estavam a cavalo e com alguns carros de apoio (os burros de carga). Uma logística nada pragmática, mas que propiciava a presença dramática de seres bestiais que acendiam as luzes de um cenário medieval, quando as hordas dominavam as estradas, extorquindo os viajantes e os pequenos vilarejos. Apesar do aparente caos, típico de uma corja de laráprios, afeitos à lei do menor esforço, cada elemento sabia a sua função e, em pouco tempo, a aparente confusão se organizou

num comboio estrategicamente mobilizado para seguir em fuga para o esconderijo. Os animais foram recolhidos num caminhão apropriado, próximo dali, para que não fossem deixados rastros. Antes de sair, a surpresa:

– Olha só, se não estou diante da Psiquê em pessoa! Tudo indica que Éris estava certa. E eu pensando que ela queria apenas livrar a própria pele. Grato, minha honorável senhorita. – E, acenando para Éris, se despediu, levando a mim como substituta, nos braços de um forte encarregado. A menina pobre foi ardidamente vendida como princesa, sendo que, na real, era a filha do terceiro cocheiro do rei.

Não me lembro exatamente do percurso seguido, pois ainda estava fraca e caída num sono pesado. O longo trajeto se escondeu atrás das vendas que foram utilizadas para que eu não tivesse ciência da direção a ser tomada, em caso de fuga ou em uma oportunidade de denunciar o local do esconderijo. Só me ficou na lembrança o pavoroso rosto de Deimos, que dava os seus gritos de despedida ou de até logo, caso o resgate não fosse providenciado.

Quando despertei, uma aguda dor de cabeça inundou os meus sentidos e gritei um choro lancinante, tendo em vista que o desprazer se somava à desorientação mental resultante de acordar numa caverna estranha, em cima de uma montanha de feno para alguns animais que se encontravam do outro lado da parede, contidos por um curral improvisado. Vi que tinha água fervendo num rudimentar fogão à lenha, que fornecia alguma luz para o breu em que me encontrava. E chorei, soluçando desesperada, pelo abandono que a fortuna tinha me relegado. Para agravar a situação, o próprio Deimos apareceu ligeiro, vindo em minha direção, desabotoando as calças numa menção explícita ao seu desejo incontido de me furar pela metade, introduzindo seu bestial facão na minha intocada bainha do amor. O choque resultante fez a dor de cabeça irradiar pelas entranhas mais íntimas do corpo, gerando o medo que toca nos nervos da alma e faz gritar o mais alto clamor que as cordas vocais de um ser vivo são capazes de exprimir.

Foram 20 segundos que duraram uma eternidade até que Ares entrou na caverna, interveio e deu uma chicotada em seu servo, repreendendo-o pelos seus modos animalescos, inapropriados e, desmedidamente, libidinosos.

– Não se atreva, Deimos, a tocar no nosso salvo-conduto para a fortuna! E você, mocinha, se contenha para não correr o risco desnecessário de atrair a atenção de homens sedentos por um canal apertado por onde desaguar furtivamente o seu dique de porra bestial. Afrobeauty, faça o favor de acalmar a criança, temos uma longa semana pela frente.

Percebi, então, a presença feminina daquela que amenizava a agressividade do bando de homens desgovernados. Ela estava vestida como uma comparsa

masculina, inclusive, guardando um belo exemplar de faca na cintura que, só em desembainhar, faz cortar o mais grosso dos nervos da coragem, amolecendo o ímpeto de qualquer fanfarrão. De maneira firme e decidida, com uma força no olhar que combinava com a sua vestimenta de guerreira, exortou a todos presentes na caverna:

– Vão saindo rápido, nada aqui tem para vocês agora. A pequena irá me auxiliar na comida. Quando tiver pronta, eu chamo vocês. Vão, vão, se apressem, para fora. Vão acalmar, no vazio das montanhas, o redemoinho da fome que os fazem bestas desgovernadas. Quanto mais vocês se demoram, mais atrasado fica o café da manhã.

Onde estava, permaneci em estado de choque, balbuciando desorientada, soluçando um choro amargurado e causando um incômodo infantil, daqueles em que a criança insiste, até as últimas forças, em busca de algum capricho impossível. Como Pilar que cuidou de Maria no meio da guerra civil espanhola, Afrobeauty me observava sem tirar o olho do fogão. Estava esperando a carne de ovelha cozinhar na medida em que aguardava, pacientemente, a fadiga causar a exaustão e exaurir as últimas lágrimas da donzela perdida, cedendo espaço para o silêncio dos vencidos pelo cansaço, ao esperar pelo decurso infinito do invencível tempo. Ela estendeu o silêncio o quanto pode, para descansar seus ouvidos feridos pelo ressoar da lamentação estridente. Ao misturar os temperos e mexer o ensopado com uma grande colher de pau, meditava sobre as palavras que iria proferir para adentrar na minha mente, um tanto cerrada por grandes portões de aço. Sua beleza singular, naturalmente envelhecida com o decorrer dos anos, com movimentos calculados e firmes, transmitia uma força magnética que atraíu a atenção.

– O silêncio nos faz pensar por quem os sinos dobram. Como a terra, pensando ser o sol que gira ao seu redor, sem perceber que ela está girando em torno de si mesma, assim faz o indivíduo humano ao pensar que toda a sociedade gira em torno dele, desconhecendo que na verdade seu pequeno ego rodopia como peão sobre o pequeno umbigo no centro de si mesmo. Não tema, jovem Psiquê. Estamos todos de passagem por esse planeta, tentando aprender algo de importante que possa ser utilizado posteriormente, procurando ampliar a visão e discernir entre as duas irmãs gêmeas, a ilusão e a realidade. Se uma não fosse tão parecida com a outra, não haveria engano no mundo.

– Estou com dor de cabeça. – Repliquei, como se nada tivesse ouvido. – O que estou fazendo aqui?

– Tome, beba um pouco desse chá que fiz para você. Isso te fará melhor. – Esticou a xícara para mim. Peguei hesitante, mas sua voz e seu jeito firme transmitiam segurança.

– Ehec, é um pouco amargo.

– É um remédio da floresta. Uma combinação certa de ervas pode realizar prodígios. – A sede, mais do que qualquer coisa, facilitou a ingestão daquele líquido. Ficamos em silêncio por mais dez minutos. A dor começou a ceder e eu encontrei forças para sentar próximo a ela.

– Tudo que me lembro é que estava numa enfermaria após o concurso de beleza da minha cidade.

– Você já ouviu falar do bando de Ares?

– Ai, meu Deus. Não acredito que sejam vocês! O que será de mim? – Ensaiei uma cara de choro, mas AfroBeauty me olhou impassível e depois falou:

– Muito do que se fala sobre nosso bando é mentira e muito também é verdade. Você não conhece Ares como eu conheço. Dizem que ele é o terror dos inocentes e implacável com seus inimigos. Mas será que alguém nasce tão mal assim ou são as agruras do destino que imprimem sobre o couro machucado as marcas do ódio que levam à vingança? Posso lhe dizer que ele é um homem justo, ou talvez justiceiro. Não lhe fará mal, contanto que você não se coloque na frente dele em pleno campo de batalha. Toda a novela dele começou com uma disputa de terras, em que homens poderosos queriam comprar as terras do seu pai e não conseguiram chegar a um acordo. Mataram o velho e a família diante de seus olhos de criança. Ele estava escondido na mata, observando tudo. Em seguida, tocaram fogo na casa para sugerir que tinha sido um mero acidente. Pensaram que toda a família estivesse lá dentro da casa. Ele nunca resolveu essa amargura, mesmo depois de ter se vingado, matando aqueles que mataram. A vingança deixa uma maldição no indivíduo. No seu caso, tomou gosto pela violência e passou a atacar todo tipo de cidadela na qual houvesse alguma riqueza ou alguma luta que valesse a pena a empreitada. No seu caminho foram se juntando outros inconformados com suas cicatrizes, oriundas das injustiças dos homens ou do destino. Alguns com razão, outros por oportunismo e eu por amor.

– Como você se apaixonou por ele?

– Eu era a Mariazinha do barbeiro de uma das cidades invadidas pelo bando. Quando ele olhava em meus olhos, eu estremecia e ele se aquietou. Então perguntou, de forma serena e com palavras doces, se eu não queria acompanhá-lo para rodar o mundo no lombo de um cavalo. Fiquei sem palavras. O mundo todo rodou num segundo. Pensei na vida enfadonha e repetitiva da mulher oprimida num casamento de conveniência. Nunca seria nada naquele lugar. Parece que eu já esperava por aquele momento, uma iminente oportunidade de ser eu mesma. De certa forma, também eu sofri com a opressão e a violência velada do poder masculino, tornando-me inconformada com as agulhas do

destino. Larguei o conforto da segurança que oprime o espírito e me lancei na aventura incerta da liberdade. Finalmente, pude viver a vida cigana que se escondia no meu sangue, que apesar de não ser confortável e ter consideráveis riscos, tem lá seus encantos.

– Ahh, ehh, também tenho origem cigana, distante em antigas gerações de minha família. No final das contas, todos viemos de povos nômades e temos um desejo escondido de seguir adiante para vasculhar toda a terra.

– Deixe-me ver as linhas do seu destino. – Gentilmente, ela estendeu as mãos, servindo de amparo para a minha, que se pousou confortavelmente sob a dela. – Posso ver que você resiste à fama, mas será reconhecida em todo o planeta. Terá luta, terá amor e sua história será importante para muitas gerações.

– Isso é o que dizem, só de olhar para os meus olhos azuis. Já estou acostumada com rezadeiras e adivinhos que falam o que queremos ouvir para conquistar a nossa benevolência. Me diga logo o que queres de mim...

– Você pode conseguir mais do que pensa se tiver mais civilidade no trato e acreditar mais em si mesma. Eu não quero nada de você. Apenas vivo esperando o dia em que vou me surpreender com a criatividade humana. Se tenho que conviver com você, por uma semana, que seja produtivo e rejuvenescedor, não um tormento. Agora me diga, o que tu queres de tua vida? Se estivesse tu diante de uma deusa, o que tu pedirias?

A pergunta foi ardidosamente invertida, me deixando sem norte. O que eu quero para minha vida? Será que eu teria coragem de abandonar tudo por um amor incerto e seguir os meus instintos? Ou passarei a vida toda como se não tivesse vivido, apenas representando pequenos papéis na novela enfadonha de uma cidadezinha similar a centenas de outras pelo interior das nações? Essa questão é sistematicamente bloqueada nos intestinos da mente para que cada um se conforme com as limitações, aparentemente intransponíveis, das classificações sociais. Quem dera eu tomar a poção mágica do amor, como fez Isolda, e assim viver um grande romance! Ou, então, ser atingida na carne pelos dardos eróticos e assim viver num palácio mágico! Seria pedir muito? Mas ainda não era a hora da magia e eu não tinha respostas prontas para questões existenciais de quem sou e para onde vamos. A ausência de resposta foi suprimida pela entrada da tropa, que já havia sido impregnada pelo cheiro arrebatador produzido pelo ensopado, que a essa altura irradiava por toda a cadeia de montanhas. Se não fosse pela barreira natural destas, rapidamente a polícia encontraria o esconderijo usando somente o nariz.

Comiam como verdadeiras bestas ferozes e bebiam como num banquete dionisiaco. Afrobeauty me levou para um canto onde havia uma mesa mais retirada e me ofertou a comida necessária para recuperar as forças, mas sem exigir

demaís do sistema digestivo, que ainda se reabilitava da noite anterior. Senti no seu gesto todo o amor materno que nunca havia reparado em minha própria mãe. Esse cuidado, aparentemente sem segundas intenções, tão escasso nos dias de hoje, me surpreendeu, tendo em vista que eu estava na condição de refém. Ao recuperar a força, as orelhas também ficaram mais espertas e pude ouvir uma espécie de comandante relatar os movimentos da tropa, no campo de batalha, ao general Ares:

– Zé Ninguém já está infiltrado na cidade como um reles mendigo para espionar o movimento das autoridades. Em breve, ele trará notícias e então poderemos pegar o nosso prêmio e partir para outra região.

– Eu já estava gostando dessa montanha. Será que não podemos ficar mais? – Indagou alguém do outro lado da mesa, bem no canto.

– Teremos que nos retirar e dissipar o bando para construir uma nova forma de organização. Não teremos condição de manter esse formato por muito tempo. É preciso entrar na nova era e ir direto na fonte do dinheiro. Estou cansado desse joguinho de Robin Hood. Com as novas tecnologias, é preciso inventar saques cibernéticos e pilhagens virtuais, usando a inteligência artificial a nosso favor.

Pude perceber que não se tratava de um bando de imbecis, pois havia um senso de estratégia e inteligência no grupo. Ares possuía o porte atlético e uma jovialidade no modo de falar, que deixavam bastante escondidas as marcas do tempo. Compreensível que ele tenha despertado sentimentos irresistíveis em sua amada: um general que domina a sua armada, combatendo o voraz império romano, arrebatava os corações por onde passa, mesmo atraindo o ódio dos poderes constituídos que lhe condenam como bruto e selvagem. Faz bem lembrar que a história é contada pelos vencedores e a mentira poderia ter passado como uma verdade, se o outro lado tivesse vencido. Se os bárbaros tivessem dominado os romanos, nós não estaríamos até hoje empregando a palavra “barbaridade” e, sim, “romanidade”. O bárbaro brutal seria o estúpido romano. A verdade dos livros e do vocabulário gramatical, muitas vezes, depende de quem ganha a guerra.

O desjejum pareceu mais um almoço. O bando se acostumara a fazer uma refeição gorda logo pela manhã, uma vez que nunca se sabe o que pode ocorrer ao longo do dia de um ladrão. A necessidade de alerta e vigia impede a parada para grandes refeições no meio do dia. A bebedeira também era necessária para esquentar o corpo e anestesiá-la alma para aquela vida atribulada de saltimbancos impostores. A fumaça que escapulia do fogão amenizava o odor acre de homens, já saturados de suor nas roupas sujas pela labuta do crime. Ninguém parecia se incomodar com isso, já que as narinas se enfiavam em montanhas de comida orgulhosamente exibidas nos pratos.

Precisava de ar. Me levantei e sai furtivamente da prisão. Parecia que ninguém se importava mais com a minha presença. Não acreditei que estava respirando o ar puro das altas montanhas que, só de longe, eram avistadas da cidade. Mas, dali eu não conseguia ver para que lado ficava o lar que me pariu. Aí estava a razão deles não se preocuparem comigo, pois eu não sabia para onde ir e nem o que eu queria. Fui ruminar com as árvores algum sentido para a existência, especulando sobre a efêmera existência na terra: a que será que se destina? Vi, nos galhos de uma árvore frondosa, os frutos que um pássaro, absorto, picava com seu pungente bico. Ela, parada solenemente, alimentava e participava da dádiva da vida. Seu poder é silencioso, diferente da ruidosa ave, que apesar de ser dependente dela, se acha mais importante pelo fato de poder dilacerar a carne e descobrir a semente. Sem perceber que está sendo usado, o ser alado espalha as sementes pela floresta e representa o princípio masculino da criação: o raptó, o banquete e a germinação. Ele é o conquistador, que avança o seu império, semeando, displicentemente e adiante, os alicerces de quem irá dar sombra e fertilidade para ele, também garantindo a sobrevivência das futuras gerações. Em todo lugar esse eterno romance do masculino com o feminino. Em algum ponto dessa troca simbiótica há de ser encontrado o equilíbrio ou a floresta tende a perecer, sem a presença de um deles. Mas vendo de perto a natureza, eu constato que o poder está no princípio da vida que se encontra na semente e, aqui, quem domina são as mulheres. Os homens podem até cantar e voar alto nas nuvens, mas sempre voltam com as asas encolhidas e o rabo entre as pernas para comer nas nossas mãos de fêmeas, onde mora todo o poder da criação. Assim me deitei num tronco derrubado no meio da mata, retirado há pouco tempo, certamente para ser feito de lenha e deixado ali para ser recolhido depois. Pensei na força bruta rudimentar que arranca a vida da terra para produzir o encantador fogo da civilização. É como o homem faz para dominar e subjugar a natureza, numa tentativa vã de obter o poder sobre o seu corpo. Nada sabe sobre a magia que se esconde sob o seu tronco. Se soubessem, respeitariam mais o poder da vida e abraçariam com generosidade o princípio do feminino que há nas coisas mais simples da floresta. Acariciei os sulcos e reentrâncias do tronco carnudo. Pensei sobre a vida que correu em seu interior através da seiva. Tudo, agora, transformado num cadáver condenado às cinzas. No fogo queimamos a carne e extorquimos a energia necessária para dominar e guerrear contra os inimigos. Os guerreiros, normalmente, são carnívoros e sentem o gosto pela batalha em cada mordida de um suculento filé de mamífero. O próprio sistema digestivo entra em confronto para absorver a massa bruta da proteína animal. São dias se putrefazendo no campo de batalha dos intestinos, sendo um alimento pouco eficiente para o sangue, pois cada pedaço de carne demanda uma energia considerável para ser digerida. Será que, desde sempre, foi necessário esse espírito carniceiro do ser humano? Fiquei pensando se, realmente, é necessário um macho para dar continuidade à vida e fechei os olhos para concentrar-me no feminino e, por uns instantes, bastei em mim mesma. Um egoísmo? Talvez, mas é nessa solidão que se faz possível acessar a experiência singular do matriarcado

e o poder original da criação da mãe terra. Mas nada é tão fácil assim e virar uma árvore é para poucas. A monotonia da fixação no mesmo lugar é uma prisão para o espírito, que pede o auxílio do atlético princípio masculino, que traz a jubilosa magia do movimento. Um leve arrepio entre as coxas lembrou da volúpia da dança cósmica entre o positivo e o negativo, da dialética entre a chave e a fechadura. Os minutos se passaram e quando abri os olhos, me apercebi de que lá estava Afrobeauty, velando pelo meu transe, como uma anciã que tudo sabe sobre as profundezas da alma.

– Você não pode andar, inocentemente, por aí sozinha. Os machos são incontroláveis quando veem uma fêmea vulnerável. Mas também não posso lhe defender o tempo todo, tenho mais o que fazer. Como você quer fazer? Dar um passo à frente e se tornar senhora de si ou sucumbir na carapuça de uma indolente criança sem rumo e indefesa?

Devido ao cenário tão encharcado pelo líquido que fluía da vulva da mãe natureza, percebi que me encontrava num transe místico e que algo de especial estava por acontecer. Era a minha iniciação na Ordem da Natureza da Criação. Esse foi o nome que eu inventei para explicar a metamorfose que se operou, naquela manhã, e que fez brotar as minhas asas de mulher absoluta. Essa, também, foi a forma mais inusitada de que já tive notícia sobre a iniciação sexual. A perda, somente depois do casamento, daquela pele, que vale ouro em muitas cortes nobres pelo mundo a fora, por ser uma insonsa garantia da hereditariedade da prole, pode fazer de uma simples plebeia uma potencial candidata a princesa. Muitas vezes, tal pele, ou hímen, como gostam de falar os anatomistas, são entregues para algum garanhão, do qual a moçoila se apaixonou. Depois de conquistada a fruta, o passarinho sai em busca de uma nova árvore com outras frutas frescas e suculentas. Não foi assim comigo.

– O que preciso fazer para ser forte e me proteger do perigo que me ronda?

– A primeira coisa a fazer é realizar a sua primeira experiência de orgasmo. Você tem que fazer isso sozinha. Mas eu trouxe uma flecha de Eros, que eu mesma esculpi de uma madeira nobre, exclusivamente para lhe auxiliar. Depois de polida, eu ainda esquentei no fogo e a poli novamente, ficando desta forma. – Ela me mostrou um pênis de madeira, semelhante ao de Cálías no cú de Autólico, mas não podia fazer nenhuma comparação em termos de consistência e dureza em relação a um exemplar de carne e osso, pois não tinha apalpado um, até então.

– Hum, grande. É para o que eu estou pensando? – Toda a aula de biologia veio à minha cabeça de uma maneira transfigurada.

– Sim, mas é preciso lhe dar algumas instruções que não se encontram facilmente nos livros escolares. Cada mulher tem seus pontos de prazer. Alguns são comuns a todas e você já os conhece. Porém, a forma e o jeito de se chegar ao clímax é específica de cada uma. Não espere nenhum homem para lhe ensinar isso. Faça de sua boceta uma cachoeira igual a que temos ali na frente, há uns cinco minutos de caminhada por essa trilha. Então, bem lubrificada, introduza o membro de Eros. Experimente. Quando estiver saciada deste pau de nobre madeira, queime-o e ofereça-o em sacrifício à alguma divindade que seja de sua credence. Não importa. O que deve ficar é a certeza de que você se basta a si mesma, não depende de nenhum caralho específico para lhe completar, e que pode usar de qualquer um e a contento.

– Mas isso é estanho, meio doentio. Estou me sentindo esquisita.

– Não ficarei aqui lhe observando, é claro. Você deve fazer isso por si mesma. Esse é só o primeiro passo, romper a pele que te faz virgem. O mais importante deve ser feito por toda a vida. Exercite a musculatura do seu sexo até que fique mais forte do que a sua própria mão e, então, poderá quebrar este pau dentro de si. Uma antiga lenda de Lilith, a suposta primeira mulher de Adão, atribuía a ela esse poder de dilacerar o membro do sexo masculino. Na Índia, tem uma região onde as mulheres são ensinadas, desde pequeninas, a fortalecer toda a musculatura que compõe a vagina. As mais desenvolvidas estilhaçam o pau lá dentro. Elas conseguem contrair tanto que é impossível estuprá-las, pois nada entra sem o consentimento delas. Vamos ver o que você pode fazer, já que não começou desde criança a se exercitar. Tem que recuperar o tempo perdido. Vamos, se apresse. E se quiser, tome seu banho. Os homens foram caçar para o outro lado e terá duas horas até que eles voltem. – Ela virou-se e retornou na direção da caverna.

Com essa exótica e inusitada proposta de iniciação, compreendi o que passam os garotos quando não conseguem uma parceira para se aliviarem do esperma, que almeja, ardentemente, ser bombeado vigorosamente para fora da bolsa escrotal. Finalmente entendi o que quer dizer “ficar na mão” e ter que se resolver sozinha, pois fiquei com o pau na mão sem saber o que fazer. Um pouco esquisito tudo aquilo. Num impulso, coloquei-o na boca e senti o gosto da madeira nobre. Deu vontade de chupar. Para minha sorte e sem ter nenhuma intenção para isso, na pura inocência, estava lubrificando a ferramenta para que o pistão deslizasse suavemente pelo cilindro do motor que nunca havia sido utilizado. Mas antes, tinha que ir visitar a queda d’água. Estava há mais de um dia com aquele vestido do baile. O suor da princesa já ameaçava rivalizar com o dos peões de Ares. Me levantei e segui a trilha. A mata se adensou e a umidade refrescava, pois o sol ainda ia baixo. As folhas balançavam como se ninfas jogassem um bálsamo sobre mim, na medida em que meus passos avançavam e as flores gesticulavam felizes com a minha presença. Os troncos vigorosos

pareciam sátiros enviados para minha proteção e era possível ouvir um doce sibilar da brisa roçando na exuberante flora, como se estivessem organizados numa orquestra, cujo maestro Pã solfejava a mais bela das harmonias em sua flauta, sentado no alto da copa de um belo arbusto.

Sentei-me na pedra e fiquei extasiada. Som de água batendo e do regato correndo. Levantei o longo vestido. Toquei em minhas pernas. Imediatamente veio a expressão na minha própria mente: “eu te amo”. Eu, só no mundo, um privilégio, um retiro necessário para conhecer a si própria, conhecer o amor em sua origem. Desabotei delicadamente cada botão que retinha os seios. Puxei o tecido de lado e enfiei a mão direita para aparar o seio esquerdo, com delicadeza. Fazendo rodopios nos mamilos, um arrepio subiu pela coluna. Quis prolongar a sensação. Mantive as carícias o quanto pude, até que uma vontade maior fez puxar as mangas pelos braços e retirar o vestido. Agora só faltavam as roupas íntimas. Tirei-as lentamente, sentindo o roçar dos dedos pela pele. Estava entregue a mim mesma. Antes de entrar na água e me banhar, vi a minha imagem refletida no espelho d’água. Me assustei com a beleza do meu reflexo e pensei, por um instante, que eu era uma outra criatura de mim mesma, um clone replicado, uma “outra eu” que tinha se duplicado e desejava alucinadamente se fundir na imagem de si. Será que eu me afogaria neste tranquilo riacho? Examinando com cuidado, coloquei um pé na água me apoiando na pedra com o outro. A água gelada espantou o mito de Narciso, ao gerar o reflexo involuntário de contração muscular para voltar ao chão firme da pedra. O choque térmico fez dissipar as ideias trágicas daquele que se apaixonou pela sua própria imagem. Tomei coragem e enfiei o pé no gelo. Tateei o fundo, encontrando a resistência e firmeza do raso. Andei até a altura dos joelhos para, aos poucos, o corpo se acomodar à temperatura. Me agachei para melhorar o equilíbrio, e também para certificar a profundidade que estava à frente. Então, me lancei toda na banheira de Afrodite, dos pés à cabeça, e o frio cedeu lugar para uma adorável sensação de purificação, como se toda a sujeira do mundo fosse liquidada de uma só vez, limpando cada dobra, onde a poeira da cidade insiste em se entranhar, como se estivesse alojada numa lata de lixo. O sentimento agora era outro, pois reparei que essa banheira natural bem poderia ser uma das fontes onde a Deusa das águas entrega-se ao desfrute e ao regalo. Fiquei imaginando os órgãos genitais do castrado Urano caindo nas águas, formando a espuma e gerando a majestosa rainha das águas.

Observei um lugar perfeito para me recostar dentro d’água. Mesmo estando sozinha, algo na consciência trazia a fantasia da presença de algum outro ser, além dos sátiros e ninfas que descrevi anteriormente. O que iriam falar se alguém me visse nesse momento com um pau entre as pernas? Dentro da água, ninguém notaria a joia, em escultura de madeira, que eu estava guardando bem no meio dos membros inferiores e ficaria mais fácil despistar. Dessa forma, me protegi da culpa que ainda atrapalhava o começo da massagem autoerótica. Coloquei a mão, deliciosamente, entre as pernas abertas e inseri o dedo médio, vencendo o monte

de Vênus e me dirigindo para o seu vale. Entre as vulvas, regalei-me deslizando-o para cima e para baixo, sentindo uma pulsação que nunca havia sentido antes. Em um dos movimentos, os lábios se abriram para revelar o lago que se escondia embaixo do lago formado pela cachoeira. Fiquei filosofando sobre esse conceito do lago dos lagos do amor. Só que não por muito tempo. Estava na hora. Enfiei um dedo no canal e não doía. Tinha sorte, meu hímen talvez seja daqueles elásticos que não sangram na primeira transa. Estiquei a mão, peguei a flecha de Eros, na margem, e mergulhei-a dentro de mim. Senti a lenha alimentando, lá dentro, o meu fogo e apertei-a vigorosamente, como se o próprio Eros estivesse ali me deflorando. E movia para os lados, de fora para dentro, de dentro para fora, acariciando o clitóris na fricção do movimento. Labaredas de fogo subiam da fogueira do sexo. Um fogo do qual se deseja não parar de queimar. Desejei nunca mais sair daquelas chamas que não queimam, mas que trazem uma leve ardência e retiram da boca aquela sequência de gemidos que, vitoriosamente, termina no ás. Ou melhor, todos os ais do mundo são poucos para expressar o que eu estava sentindo.

Naturalmente, o movimento veio se acelerando e a usina elétrica mandava cada vez mais energia para a estação de distribuição, acumulando progressivamente o potencial para a descarga máxima. O corpo estava completamente absorto na produção de eletricidade erótica. O movimento da água entorpecia os sentidos e o mundo externo perdeu todo o significado. Estava unida a uma corrente de eletricidade cuja fonte é a própria Mãe das nascentes da vida. E mais e mais vida se acumulava em meu baixo ventre, me enchendo. Comecei a não suportar mais. Abandonei os braços ao lado do corpo, sendo balançados pela suave corrente que se formava ao meu redor. Comprimindo as pernas e apertando o pau dentro de mim, lancei o último elétron necessário para a detonação final, como a gota d'água que faz romper o dique ou a faísca que faz a pólvora explodir, incendiando tudo ao redor e fazendo os fogos de artifício embelezarem o céu. Devo admitir que tive medo de ser incinerada, virando cinzas. Mas o medo da morte foi aliviado pelo fato de que meus restos se dissolveriam na santa água e viajariam até o mar. Deixei vir a erupção, pensando que já estava morrendo. Um pulso elétrico se espalhou por todo o corpo, fazendo tremer e provocando espasmos incontrolláveis. Uma lágrima escorreu em minha face. Não podia estar morta se ainda estava sentindo, mais do que nunca. E a vida tomou conta de mim. De certa forma, algo tinha morrido em meu interior e algo novo havia nascido. A criança acabara de fazer a passagem e cruzou o limite de seu tempo, dando lugar à mulher que se refestelava. Mas a primeira ainda dava a mão para a última, num compromisso de estarem juntas quando uma precisasse da outra. E a paz inundou as duas fazendo as coxas relaxarem. Mas a flecha artificial de Eros ainda estava rígida. Num ímpeto, levei a mão na parte que ficou para fora e ao tentar retirar tomei um choque que levou a contrair tudo novamente. Estava incrivelmente sensível. Fui com mais calma, pedindo licença a Eros para retirar o seu membro do amor. Com o seu consentimento, conseguirei retirá-lo e

uma alegria de mulher que renasce em vida, nascida duas vezes, preencheu o peito e a alma. Isso trouxe o sentimento de alguém que é dona de si, como se, do alto da colina olhasse para uma longínqua planície, em que seus rebanhos pastam, e dissesse com orgulho: essa fazenda é toda minha!

Difícil sair da própria propriedade e pensar em voltar para o mundo. Um pensamento de bastar a si mesma alimentava a vontade de permanecer no mesmo lugar, absorta na queda d'água e imersa no mar de Vênus. Poderia ficar todo o dia ali, mas, junto com a vida, aos poucos, veio uma vontade de contar para outra pessoa o que tinha acontecido, senão, começaria a ter dúvidas se realmente tinha acontecido algo extraordinário ou se tudo não tinha passado de uma alucinação, fruto da minha fértil imaginação. Estava flácida e frouxa, encostada na pedra. Rastejando, consegui sair para me aquecer no sol, que agora fazia mostrar, com toda a clareza, o seu reconfortante calor. Deitada, de costas, no chão e nua para o céu, os raios beijavam minha pele, acariciando os pelos e dissipando o frio. Fechei os olhos e adormeci.

Em meus sonhos, via uma floresta psicodélica com animais fabulosos e voava num céu parecido com as pinturas de óleo sobre tela dos girassóis de Van Gogh, ou do seu céu estrelado. E a Rainha das Águas apareceu, imensa e tomando todo o céu, lançando um lençol branco cheio de estrelas que caíam sobre mim, pingando, uma por uma, na minha frente. Percebi que elas eram frias. Quando abri os olhos, me dei conta de que Afrobeauty deixava cair, delicadamente, gotas em meu rosto, após ter coberto, com uma toalha branca, o meu corpo nu.

– Acorde, bela adormecida. Você já está há mais de quatro horas aqui. Não posso deixar que outra pessoa a encontre assim, vulnerável a qualquer caçador. A não ser que tenhas o poder de Diana de transformar um homem importuno no pobre veado, como ela o fez a Acteão. – Seu sorriso, mais belo do que nunca, foi a recepção necessária para voltar ao planeta Terra.

– Fui para uma terra desconhecida e gostei muito do que vivi.

– Os sonhos são mensagens enigmáticas e nunca sabemos exatamente o que acontece quando estamos nos braços de Morfeu. Muitas vezes, a comunicação se dá pelos contrários. No mundo onírico, a tranquilidade de um passeio seguro e sem transtornos pode ser apenas um descaso para a alma, mas também pode ser um presságio de um turbilhão que há de vir na vida de uma pessoa, ao despertar e entrar na vigília da labuta diária. Sempre há espaço para um mistério a ser decifrado. As imagens do inconsciente são uma oportunidade de consultar o oráculo que se esconde nas profundezas da mente, como se o Delfos tivesse uma filial em cada cabeça pensante. Prestando atenção, aprende-se com os enigmas, gratuitamente apresentados na tela mental, quando Hipnos age e entramos em sono profundo. Tem histórias que também possuem esse poder de ensinar e transformar o sujeito através da força dos mitos. Preciso lhe contar

uma história que bem pode ter sido criada para mulheres, tipo você. Da mesma forma que Psiquê não desejava ocupar o lugar de Afrodite e aceitou o seu destino, sendo recompensada no fim (diferentemente de Édipo que rejeitou o seu fardo e obteve um final trágico), eu lhe aconselho a fazer o mesmo. Não pense que você seja a própria reencarnação dela. Para que seja possível fazer um julgamento apropriado e avaliar até que ponto o mito adere à sua história, vou relatar brevemente o drama da donzela que foi transformada em deusa. Ela está nos contos milésianos de Apuleio, cujo título é o “Asno de Ouro”. Nesse livro, uma noiva foi sequestrada após a cerimônia do casamento por um grupo de gladiadores e bandoleiros que exigiam uma quantia em resgate. Ela chorava desesperadamente pelo infortúnio, comparável ao de Átis e Protesilau, que também não puderam consumir os seus respectivos casamentos. – Nesse momento, eu pensei que se Éris tivesse sido raptada em meu lugar, a história teria uma função semelhante, pois ela era uma “noiva” que foi sequestrada quando iria consumir o seu grande sonho de ser a mais bela e, assim, casar-se com os olhares fascinados do povo em adoração a um falso ídolo.

– As diferenças começam pelo fato de eu nem ser noiva – Repliquei ela para tentar distanciar-me do mito.

– Talvez esse não seja, ainda, o seu ponto fundamental. Mas cabe a cada uma encontrar as pistas que o mito oferece para desvendar os mistérios da própria vida. Apenas ouça e pondere, por si própria, o que pode ser útil e o que pode ser descartado. O fato é que os ladrões, ao chegarem no esconderijo, com a jovem em estado de desespero, entregaram-na para uma anciã que, como último recurso, contou essa história para tentar acalmar a jovem esposa, recém-casada. Para você, eu sinto que é num contexto diferente: é para lhe auxiliar na sua busca de sentido para a vida. Escute com atenção.

III. O Casamento de Eros e Psiquê

Em um tempo ancestral, no qual os deuses gregos eram vívidos como uma realidade cotidiana e exemplar, existiu um rei que de tudo tinha e de nada lhe faltava. Sob o seu olhar majestoso, brotavam as flores de seu jardim e a felicidade fixou raízes em seu palácio. Com tamanha sorte, gerou três filhas com a sua nobre consorte, a rainha do seu abençoado reino. As duas mais velhas detinham uma grande formosura, comparável à das mais graciosas mulheres viventes na face da terra, atraindo a admiração dos súditos e da alta nobreza. Certamente, conseguiriam bons casamentos em troca da compleição exemplar herdada. Entretanto, a estrela da filha mais nova brilhou além da natureza mortal e ofuscou

a beleza das irmãs, que já eram beldades de valor apreciável no âmbito humano. Não sendo comparável a outra mulher, a sua formosura despertava o arrebatamento e deixava a todos que a contemplavam boquiabertos, forçando a língua a reconhecer a sua incapacidade de dar nome e adjetivos a esse divino cântaro da beleza. Nem mesmo a combinação perfeita da genética seria capaz de explicar o brilho excelso refletido por essa jovem dama, pois sua fonte não vinha da matéria corruptível e sim do altíssimo inacessível da natureza divina.

Não tardou para que a notícia se espalhasse pelas cidades mais próximas e trouxesse uma avalanche de peregrinos para o palácio de seus pais. A partir das cidades mais próximas, a fama se propagou por todo o planeta e o povo começou a adorar a donzela com amuletos, cruzeiros e todo tipo de objeto encantado, realizando rituais e cerimônias como se tratasse da nova Afrodite, na Terra, que teria assumido a forma humana mais esplendorosa e graciosa até então vista. Surgiram devotos que atravessaram mares e enfrentaram verdadeiras odisséias para contemplarem, com os seus próprios olhos, a gloriosa princesa, que fascinava com a pureza da flor da virgindade. Toda essa onda de euforia e fanatismo desviou a atenção dos devotos da deusa do amor, fazendo com que o seu templo se esvaziasse, as cerimônias fossem negligenciadas e a poeira tomasse conta do altar, como se a divindade, surgida da espuma do mar, tivesse sido destronada e perdido a coroa para uma mortal, nascida na terra e de um ventre humano.

A confluência dos fatos despertou a atenção do Olimpo e atiçou a vaidade de Afrodite, deixando-a enfurecida com a profanação do seu nome. Chegaram aos seus ouvidos os rumores de que uma mortal estaria usufruindo a sua glória maliciosamente:

– É assim, então, que tratam a antiquíssima mãe da Natureza, Afrodite, matriz original dos elementos, nutriz do universo, como um apêndice de uma reles mortal, com a qual compartilho as homenagens propícias exclusivamente para a alta realeza do Olimpo! É dessa forma que meu nome, glorificado no altíssimo firmamento, é maculado na associação com as imundícies terrenas. Uma pessoa humana jamais poderia ocupar o lugar daquela que foi escolhida por Paris, por sua sublime beleza, entre tantas outras deusas eminentes, como se eu pudesse ser confundida com uma substituta mortal de carne e osso. Condenada à morte está aquela que se faz passar por deusa e imprudentemente usurpa minhas honrarias, das quais não faz jus por si própria. Mas, não importa quem ela seja, essa criatura delirante não regozijará demoradamente do meu trono e, com a mesma beleza que se vangloriou, elevando-se ao alto além do limite que o salto mortal pode alcançar, irá se arrepender amargamente, com a queda das alturas!

Nesse estado de afetação, a deusa proferiu a sentença que levaria ao arrependimento àquela que se apropriou, indevidamente, do seu acento. Convocou o seu filho Eros, também chamado de Cupido, para cumprir o intento.

Esse velhaco danado que corrompe a dignidade do povo com suas ardentes flechas, incendiando as casas durante a noite e causando terríveis escândalos no seio de lares dignamente construídos. Orientou para que pegasse as suas flechas e a sua ardente tocha e as apontasse para Psiquê, como era chamada aquela que foi adorada no lugar de sua mãe, flagelando-a com doces feridas e deliciosas queimaduras: “Vinga aquela que te deu à luz, inteiramente, castigando sem piedade essa beldade insidiosa. Só ficarei satisfeita quando essa virgem cair de amor ardente pelo mais abjeto dos mortais, aquele desgraçado cuja fortuna lhe causou estrago irreversível, a seu patrimônio e a sua pessoa, não tendo no mundo miséria comparável à dele.”

Aliviando o ranger dos dentes, deixando os lábios entreabertos, beijou demoradamente e calorosamente o filho. Após isso, caminhando da praia em direção ao mar, fincou seus pés de rosa na espuma da onda reluzente que acabara de se desfazer na rebentação, sendo levada rapidamente, deslizando na cintilante superfície do mar sem fim. Imediatamente após expressar a ordem, como se tudo tivesse sido preparado antecipadamente, os deuses do oceano a atenderam prontamente. Dezenas de filhas de Nereu se apresentavam em coro, Portuno se fazia presente com sua barba gris e ouriçada, Salácia trazia as vestes carregadas de peixes, e Palêmon, o pequeno cocheiro, conduzia um grupo de delfins, como cavalos de uma carruagem aquática. Ao redor, pulando sobre o mar, se apresentava um grupo de Tritões. Um deles acalmava as ondas do mar soprando uma melodia amorosa em sua concha sonora. Dois outros estendiam um tecido de seda para arrefecer o inoportuno excesso dos raios solares. Já outro sustentava um espelho diante do majestoso olhar da rainha. Uma dezena deles nadavam aos pares atrelados ao seu carro. Essa foi a comitiva imperial que conduziu a Vênus pela tranquilidade das águas salgadas do oceano infinito.

Sem saber do que acontecia, Psiquê nem mesmo obtinha qualquer vantagem de seus atributos especiais. Reis, príncipes e nobres a contemplavam e, da mesma forma que os plebeus, apenas admiravam estupefatos, como se tratasse de uma santa no altar, ou seja, uma obra intocável, inacessível e originária de alguma arte celestial. O resultado dessa deificação foi que nenhum homem teve coragem de pedir a sua mão em casamento. Quando a encaravam nos olhos, os machos eram arrebatados por uma atmosfera desensualizada, onde toda a excitação carnal era transferida para o louvor celestial. Suas irmãs mais velhas já tinham conseguido prósperos casamentos com uma beleza comum. Apesar de não terem passado por nenhuma aclamação pelo público em geral, foram entregues com sucesso a pretendentes reais. Já Psiquê se lamentava em sua sina de virgem desprezada, chorando pelos cantos solitários da casa por ter sido abandonada. Com o corpo abatido e o coração ferido, ela repudiava a beleza que continha em si e que nutria o arrebatamento de legiões de peregrinos das mais diversas nações.

Finalmente, o infeliz pai da desafortunada moça, na suspeita de que alguma maldição celestial tivesse sido proferida contra sua filha, proveniente da cólera que vem do além, resolveu ir até o Oráculo de Apolo em Mileto, que em nada deixava desejar em relação ao de Delfos. As mesmas advertências encravadas no frontispício foram vistas pelo rei na entrada dessa grande construção em estilo clássico: “*Gnōthi Seauton*” e “*Mēdén Ágan*”, respectivamente, “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em excesso”. Ficou detido meditando nessas poucas palavras que movimentam grandes pensamentos. Sentindo a tristeza pesar sobre a cabeça, como se carregasse uma coroa de chumbo de uma tonelada, resolveu entrar em busca de alguma resposta ou, pelo menos, de algum alívio para esse imbróglio. No primeiro Átrio, depositou uma generosa oferta na forma de sacrifícios de vítimas, para obter o favorecimento do Olimpo, e em metais preciosos, para a manutenção do lugar e de suas sacerdotisas. Seguiu até a sala principal onde a Sibila se encontrava, sob vestes lúgubres e um capuz que lhe sombreava o rosto. Aguardou por longos e demorados minutos até que um vapor começou a subir pela sala e afetar a profetiza, que estava sentada numa espécie de trono, se tremendo e tendo os espasmos que precedem a entrada no transe que a ligava diretamente com Apolo.

– O que tu buscas aqui, criatura frágil de carne mole e osso quebradiço?
– Perguntou, com a voz contorcida e áspera.

– Não vim por mim, mas por aquela que tanto quero bem. Peço apenas o que todo pai zeloso espera para a sua filha: que ela tenha um bom casamento com um marido honrado. – Com essas palavras humildes, o rei, sinceramente, buscou o favorecimento do além.

O vaticínio oracular, normalmente, vem em forma da linguagem sibilina, cujos enigmas devem ser decifrados na própria linguagem grega de Apolo, que era jônio. Por algum motivo desconhecido ou, provavelmente, devido às generosas ofertas, acolhidas com entusiasmo pelos zeladores do templo, o oráculo foi entregue na linguagem mais corrente para o consulente:

*Montis in excelsi scopulo, rex, siste puellam
ornatam mundo funerei thalami
Nec speres generum mortali stirpe creatum,
sed saeuum atque ferum uipereumque malum,
quodo pinnis uolitans super aethera cuncta fatigat,
flammaque et ferro singula debilitat,
quod tremat ipse Ious quo numina terrificantur,
fluminaque horrescunt et Stygiae tenebrae*⁸

Com esse vaticínio, se consumaram as últimas esperanças do rei em favorecer um futuro promissor para sua descendência, por via dessa cria predileta. Com grande lamento, comunicou o funesto oráculo para a esposa. Foram longos

os dias de queixa e choro, nos quais o casal não conseguiu exaurir as lágrimas de ressentimento. Quando se apagou a chama da tocha, que marcava o exíguo tempo pré-nupcial ao simular uma espécie de vela de sétimo dia, deixou-se cair para trás as cinzas da desolação, uma vez que não foi encontrada outra alternativa além da execução trágica do que estava prescrito. O pior seria afrontar a vontade do Olimpo, agravando, inconsequentemente, a maldição. No temor da fúria olímpica, foram feitos os preparativos, para que a desventurada virgem abraçasse de vez as núpcias com a morte. A música alegre do himeneu cedeu lugar a pungentes melodias fúnebres. Nesse compasso melancólico, como se estivesse a chorar a morte de um noivo acometido pelo óbito inesperado na véspera da cerimônia, a noiva dirigia-se para o altar do funeral, enxugando seu lamento no véu que, de costume, deveria aparar as lágrimas de felicidade e não de tristeza. O infortúnio que abateu aquela próspera casa resultou numa comoção generalizada, levando as autoridades a decretarem uma semana inteira de luto para toda a comunidade.

A imposição celeste do enigmático oráculo forçava a singela Psiquê a enfrentar o castigo ao qual fora condenada. O cortejo se encaminhava para o fim, acompanhando o cadáver, que era oferecido em sacrifício. Um caso emblemático da morta que foi enterrada viva, se rastejando, em seus últimos suspiros sufocados, para o encontro definitivo com a mão ceifadora de Hades. Realmente, no final das contas, não parecia nada com um casamento, mas sim com um funeral de uma jovem mulher, ainda em vida. Estupefatos com o descabimento dos fatos, os pais não conseguiam levar adiante a violência de um crime sem significado aparente. Para vencer esse último obstáculo da sensatez, a própria filha empregou as seguintes palavras persuasivas:

– “Para que castigam as vossas doces faces, já envelhecidas do tempo, com o suplício inútil desse pranto? Não há razão para tanto tormento, que é mais meu do que vosso, e que me fere duplamente, pois além do martírio de um casamento espúrio sou levada a observar as lágrimas que machucam os rostos do casal que mais venero neste reino. Ao devastar os teus olhos são os meus que se flagelam mais ainda, levando a turvar a visão. Não arranquem os cabelos brancos e nem batam no peito, machucando esses seios que são sagrados para mim. Quem pensaria que este seria o prêmio final da minha ilustre formosura: a lança da inveja, vinda da própria corte celestial, inflige esse golpe mortal e, somente agora, tomamos ciência disso. Inumeráveis vezes recebemos honrarias de todas as espécies, até daquelas que são devidas apenas a deuses, vindas de todas as nações e povos, para me conclamarem pelo nome de Afrodite. Naqueles momentos, ao invés de celebrar, deveríamos todos tremer e chorar, pois era tempo propício ao luto, uma vez que eu estava sendo tragada, inconsciente, para os portões da tragédia anunciada. Agora tudo está claro como um dia de sol, do qual não podemos mais desfrutar, devido ao mal que pesa sobre a cabeça e impele o olhar para as profundezas de um abismo sombrio, onde os raios solares se detêm na soleira. E pensar que apenas um nome, da renomada e venerada Afrodite, foi o

que me levou a toda essa danação. Entreguem-me logo à solidão desse rochedo e deixem-me amargar a sorte a que fui destinada. Agora só me resta a pressa em consumir essa insólita união, estou ansiosa em conhecer o meu real pretendente a marido, aquele que finalmente irá me desposar. Não há por que adiar o laço com aquele que nasceu para a ruída do universo e me furtar, apenas alguns instantes, daquilo que é inexorável.”

Após proferir tais palavras, a virgem, com a cabeça levantada e o passo decidido, se misturou ao povo que engrossava o cortejo. Alcançaram o ponto máximo da rocha, na íngreme montanha, lá onde a perna fica a um passo do abismo, apenas para abandonar a jovem indefesa e cumprir o vaticínio. Em silêncio, foram arremessadas as tochas do cortejo nupcial, já apagadas pelas lágrimas de tristeza, tornando ainda mais lúgubre e tristonho o caminho de retorno para casa. Os seus pais se retiraram da luz do dia, moribundos, condenando-se a uma noite eterna pelos porões do palácio, devido ao infortúnio que sofreram. Enquanto isso, a filha, sozinha e desnorteada, jazia em convulsão, no alto da rocha, pranteando sem parar. O tenro sopro do Zéfiro, caridoso, veio chegando aos poucos, tremulando, levemente, o vestido da noiva e o modelou com pregas. Acariciando sua pele, começou a lhe envolver por completo e, sem susto, naturalmente, ergueu a jovem por completo, como se estivesse a ninar uma criança. Com a mesma tranquilidade, Zéfiro soprou, na medida certa, para que seu corpo fosse conduzido, suavemente, ao longo da descida escarpada da parede rochosa. Lá embaixo, próximo ao pé do penhasco, ele a deitou, com toda a gentileza do poder celestial que lhe foi concedido, no leito formado por tapete de grama macia e flores das mais diversas cores. Se estendendo pelo vale encantador, essa tapeçaria majestosa se escondia das vistas, quando o sujeito olhava do alto da montanha, pois de lá se perdia a riqueza dos detalhes e o contato íntimo com o esplendor e a exuberância da vida vegetal que ali proliferava.

Psiquê, nesse colchão almofadado de ervas, já exausta de tanto verter lágrimas, adormeceu, lânguida, sob a relva ainda úmida do orvalho, serenando o tumulto que a tomou durante a vigília da véspera. Após dormir o tranquilo sono que alivia as angústias da alma, despertou com algum ânimo. Percebeu que se encontrava num bosque de árvores vistosas. Logo, foi atraída até uma fonte, pelo barulho de água corrente que, de tão translúcida, quase se tornava invisível, se não fosse pela melodia do seu movimento e pela espuma rarefeita que se formava na pequena queda d’água. No centro do jardim, na direção por onde a maravilhosa nascente se adensava em pequeno regato a jusante, despontava um palácio digno da grande realeza, erguido não por engenho humano, mas por arte divina. Sem pestanejar, ao colocar os pés na entrada, qualquer um teria a certeza de que ali se assentava a magnífica e adorável morada de um deus. Os detalhes do teto, em madeira nobre e marfim ricamente esculpido, se destacavam em formas e símbolos incomparáveis, mesmo em relação às melhores esculturas das artes humanas. O próprio Fídias teria muito o que aprender contemplando essa

perfeição digna do Olimpo. As colunas eram de ouro e as paredes revestidas de prata reluzente. Animais fantásticos e feras assustadoras eram delicadamente domesticados em prata esculpida. Somente um deus ou um semideus seria capaz de avivar, com arte tão elevada, essa fauna entalhada na prata. Olhando para baixo a surpresa não era menor, pois um mosaico de finas pedras preciosas, habilmente organizadas para construir imagens e desenhos variados, serviam de calçamento para pés majestosos caminharem. Afortunados, certamente, mil vezes felizes aqueles cujos pés são acariciados por tais gemas e pérolas preciosas. Os outros cômodos continuaram surpreendendo, mesmo sendo difícil de acreditar que ainda tivesse algo mais espetacular a ser visto. Cada metro quadrado tinha um preço inestimável pelo limitado cálculo da cognição humana. E quando ela adentrou em outros cômodos, viu resplandecer os blocos de ouro maciço, cuja luz própria tornava opcional a iluminação solar, uma vez que, se este se recusasse a servir a luz, o ouro emitiria, por si mesmo, os raios do próprio Olimpo. Desde os quartos aos corredores e até os portais, tudo reluzia. Tal riqueza enchia os olhos e fazia pensar que o próprio Júpiter engenhou ali um palácio celestial para permanecer entre os homens, com a dignidade e o requinte que lhe cabem por merecimento.

Com grande atração pelas imagens que eram geradas, na medida em que o olhar passeava de cômodo em cômodo Psiquê examinou cada centímetro quadrado de beleza estonteante, talhada para o deleite divino. A essa altura, já se encontrava completamente seduzida por inigualável espetáculo, quando avistou, na parte posterior do palácio, uma esplêndida edificação com pavimentos que abrigavam o tesouro real. Tudo de raro e valioso se encontrava ali, amiúde acessível, como se tratasse de utensílios comuns e baratos. Ainda mais impressionante era a ausência de qualquer guarnição, tranca ou dispositivo de segurança para proteger tal riqueza da cobiça de ladrões e saqueadores. E a menina, ainda em vestes virginais das núpcias, se deleitava ao ver tudo aquilo, quando algo, ainda mais extraordinário, a surpreendeu, não mais pela impressão visual, mas justamente pela ausência de alguma imagem de referência, de algum corpo ou dispositivo material que pudesse dar forma, localização e origem para a voz que se fazia presente nas ondas nuas do ar. Assim, completamente invisível, ela tocava em seus ouvidos:

– Minha senhora, por que te espantas com a visão do esplêndido, como se fosses uma visitante plebeia acessando pela primeira vez a câmara privativa da realeza? Tudo o que alcança o teu olhar maravilhado é para o teu exclusivo deleite. Vem para o teu quarto, experimenta o teu leito, descansa o teu corpo do desgaste da jornada até aqui e, quando sentires vontade, solicita-nos um banho. Não te assustes, pois estas de quem ouves as vozes são tuas fiéis servas, em prontidão para atender ao teu chamado e dar execução às tuas ordens. Após os cuidados pessoais, um banquete real será servido, sem demora, para te fartares com os viveres de melhor qualidade no universo.

Tamanho cuidado e perfeição produziram uma felicidade instantânea em Psiquê, que prontamente reconheceu, em tudo aquilo, o fruto da providência divina. Correspondendo à generosidade da voz etérea, eliminou o cansaço com um repouso reparador no belo leito, também ornado com belas gemas preciosas, para em seguida, vencida pela bajulação, entregar-se a um majestoso banho, digno da rainha da beleza. Depois da imersão na magia da água, que faz escoar todas as impurezas arditamente grudadas ao corpo, aplicando na pele óleos e bálsamos perfeitamente combinados, de súbito, a banhista se apercebeu que fora arranjada uma mesa, em forma de meia lua, sob a qual se oferecia uma variedade ímpar de frutas e verduras, especialmente preparadas para aticar todos os sentidos e convidar o expectador para provar em abundância. Cheiros e cores, texturas e formas exuberantes dispostas somente para ela restaurar suas forças. Sem dificuldade e de vontade própria, ela se pôs à mesa. Ao provar das iguarias, desejou algo para beber. Lá estavam taças de fino cristal e uma variedade de sucos e bebidas especiais. Degustou uma espécie de vinho que bem poderia ser o néctar dos deuses. Tudo era trazido em bandejas mágicas, sem qualquer presença de servo ou escrava, apenas sendo movimentadas por um sopro misterioso. Não se via nenhum ser aparente, apenas o ecoar de palavras que vinham de algum lugar oculto, sendo suas servas, unicamente, tais vozes prestativas. Em seguida ao abundante banquete privado, surgiu uma presença sonora que cantou uma bela canção, enquanto outro dedilhava as cordas, também de modo invisível. No refrão, um coro se fez presente e, de olhos fechados, se diria estar num teatro em frente a cantores de carne e osso.

Concluídos tais prazeres, Psiquê notou que já havia caído a noite e resolveu se recolher em seu novo aposento. As horas já estavam avançadas na noite, no instante em que um sussurro lhe chegou aos ouvidos. Temerosa em perder a sua virgindade, se contraiu de medo e pavor por aquilo que ignorava, como se estivesse iminente uma nova desgraça. Isso não impediu que novos sussurros viessem e transformassem todo temor em leves arrepios, fazendo ceder, suavemente, toda a resistência da carne até alcançar um relaxamento profundo de todos os músculos. Assim, nas sombras da noite, surgiu o marido desconhecido, que subindo ao leito, consumou a Psiquê como sua legítima mulher. Antes que a luz do dia se fizesse presente e fosse possível registrar a sua face, ele se retirou apressadamente. Imediatamente após o estrondoso rompimento do véu da madrugada pela poderosa presença dos primeiros raios solares, suas vassalãs se fizeram presentes em voz e, ali mesmo no quarto, providenciaram os cuidados necessários para a ex-noiva, agora esposa de fato, se recompor das sobras do banquete em honra a Vênus, deixadas após a primeira defloração que faz consagrar a virgindade. Seguindo a ordem natural das coisas, determinada pelo altíssimo, a novidade do prazer realizou um novo prodígio ao ser acrescentada mais graciosidade e doçura para aquela que já parecia estar saturada de graça divina, mostrando que sempre é possível, ao humano, se superar. Passado o

entusiasmo com a novidade do gozo, a misteriosa voz tentava lhe consolar a solidão que enfrentava.

Com o passar dos dias, cada vez mais lhe doía na alma os pensamentos relacionados a seus pais, envelhecidos mais rápido do que o necessário, uma vez que se consumiam em vão pelo luto de um ente ainda vivo e pela grande aflição decorrente do engano e da falta de notícias, pois não sabiam que, ao invés do revés da condenação oracular, a princesa encontrou riqueza e prosperidade no casamento. Suas irmãs mais velhas ficaram sabendo da suposta desventura e da situação calamitosa dos pais e decidiram se ausentar de seus lares, ansiosamente, para cuidar deles, levando-lhes alguma palavra de consolação ou, apenas, a presença filial que alivia o martírio.

Após um desses dias de amarga solidão e quando a noite já encobria, com seu manto sombrio, toda a luz solar, o marido se dirigiu à sua esposa Psiquê (tendo em vista que, embora se passasse por invisível, podia ser tocado e ouvido):

– Minha querida e meiga esposa, a Fortuna, em sua dureza inexorável, prenuncia um desfecho fatídico para ti. Mas ainda há tempo para remediar antes que se esgotem as alternativas. Fica atenta e te protege cuidadosamente do ardil alheio. Aquelas, a quem tu chamas por irmãs apenas por carregarem o mesmo sangue da realeza que as concebeu, te seguirão pelo rastro e, mesmo perturbadas por te considerarem morta, em breve alcançarão o cume daquele rochedo onde tu foste abandonada. Se, por azar, perceberes que elas se aproximam, ou se ouvires choros e lamentações, não respondas. Vira o rosto para a direção oposta e ignora os clamores, para assim evitar que me causes uma grande dor decorrente do pior dos desastres.

Psiquê assentiu, a contragosto, em atender ao desejo do marido. Entretanto, logo que o manto noturno sumiu, juntamente com ele, a coitadinha se atirou em prantos ao longo de todo o dia, repetindo incessantemente que a sua vida não tinha mais qualquer sentido e que tudo poderia se acabar naquele momento sem fazer a menor diferença, pois se encontrava enclausurada numa luxuosa prisão onde sofria da privação de qualquer contato com outros seres humanos. A ausência completa de outras pessoas, para partilhar as dores e as delícias do compasso da vida e dos acontecimentos, fez crescer a melancolia, como se a ausência de uma testemunha para compartilhar os momentos vividos fosse fatal para a manutenção da lucidez e da capacidade de diferenciar a fantasia da realidade. Mais lancinante era não poder reagir e consolar as próprias irmãs, quando estas aparecessem em sofrimento, por causa de sua ausência misteriosa sem notícias reveladoras do seu paradeiro. Na falta de um cadáver para o ritual sagrado da despedida, que definitivamente coloca um fim honrado ao lamento, a família toda se flagelava *ad infinito*. Ela não podia nem sequer vê-las ou dar algum sinal de esperança que as confortasse. Para a noite, nem sequer tomou banho para se recompor, nem colocou alimento na boca, permanecendo lânguida.

Apenas deixava sair as lágrimas em abundância, até que se retirou para o leito e dormiu.

Quando o marido chegou, minutos antes ao horário costumeiro, dirigiu-se ao leito e abraçou-a com a ternura que lhe era própria, porém, dessa vez, percebeu que sua amada estava banhada em um mar de lágrimas, que lhe salgava a face e a tornava inerte como um animal abatido. Então esbravejou zangado:

– Essa foi a promessa que fizeste ontem, minha Psiquê? Dessa maneira não é possível confiar em ti. O que esperar daqui por diante? Dia após dia e, agora, até a noite, nos braços do teu cônjuge, não paras de lamentar-te. Vai, minha cara, eu permito que tu encontres o que procuras, realiza o que desejas e atenda aos apelos do teu coração, mesmo sob o risco de cair em desgraça. Mas olhe bem, eu volto a te advertir: cuidado com a inveja alheia e a intriga, pois uma vez envolvida no novelo da traição não haverá mais volta e o arrependimento terá vindo tarde demais para qualquer reparação.

Foi desse jeito, com a veemência do clamor e sob ameaça de abandonar-se à morte, que arrancou do marido a autorização, intensamente desejada, de encontrar as irmãs, conversar com elas e aliviar o luto da família. E ele, sentindo a transformação instantânea no humor de sua mulher, recentemente desposada, se dispôs a abrir ainda mais as portas do cofre, como se a pequena fresta, obtida a ferro e fogo, fizesse escancarar o desejo de agradar. Abaixando a guarda e, conseqüentemente, abrindo generosamente as mãos que guardam o tesouro, ele ofereceu como presente todo o ouro que coubesse nas mãos das irmãs e quantos colares preciosos a capacidade de seus pescoços conseguissem levar. Por fim, ainda com a tesouraria aberta, fez uma única exigência, de modo a assustá-la: que ela jamais buscasse descobrir a verdadeira face do esposo, ainda que suas irmãs lhe incutissem o traiçoeiro e desastroso conselho de assim proceder, incorrendo em desobediente imprudência. A curiosidade profanadora é o veículo através do qual a infelicidade e a perdição se movem para atingir o sujeito, a fim de se instalarem nas entranhas da alma sofredora. Com palavras tão densas, por fim, sentenciou antes de qualquer crime consumado:

– Se a curiosidade te induzir à desobediência, ficarás privada, eternamente, de meus braços!

Atenta à advertência, Psiquê mostrou-se grata ao seu homem e retribuiu com palavras que bem poderiam ser um provérbio que ensina o poder feminino de dominar o seu macho, através da submissão irrestrita.

– Mil vezes prefiro a morte inglória se, por acaso, eu fosse privada de gozar dos teus braços em nosso feliz casamento. Não me importa quem sejas tu, pois a mim basta a grandeza do amor que sinto por ti. Eu te quero tanto quanto o ar que respiro. A vida que pulsa em minhas veias é tão importante quanto a tua e

estão ligadas para todo o sempre. Eu não te trocaria nem mesmo pelo próprio Cupido em pessoa. – E com tantas palavras que selaram um firme compromisso de amor, ela preparou o terreno para mais um pedido. – Só mais uma coisa, ainda te imploro por um pequeno favor: dá ordem a Zéfiro, teu vassalo, para que mova as minhas irmãs até o bosque, da mesma maneira como eu vim, trazendo-as aqui.

Ela não esperou a resposta e, imediatamente, deferiu uma artilharia de beijos cativantes que corrompem o mais tenaz propósito de um marido, transformando um general, de alta patente, num mero escravo cativo. Assim, cobrindo-lhe de beijos e carícias nos pontos fracos de um homem, fez disparar as emoções que amolecem o coração, enlaçando-o de maneira meiga e acrescentando, aos afagos, os apelidos íntimos da alcova: – “Meu amorzinho! Docinho de sua querida Psiquê. Meu senhorzinho, sou toda tua!”. Com tamanha artimanha, só restou ao esposo sucumbir ao poder soberano de Vênus, que se manifestou através das palavras mágicas murmuradas em voz baixa. Mesmo lamentando e a contragosto, teve que ceder às solicitações, prometendo tudo o que lhe foi pedido. Por fim, fez-se o dia, minutos depois dele se desatar dos braços da sua querida, que havia dominado, por completo, o seu coração.

Como esperado, as duas irmãs se apressaram em chegar ao rochedo, onde a então noiva tinha sido abandonada, imediatamente após se inteirarem dos detalhes da intrigante núpcia fúnebre. Lá chegando, se entregaram a estrondosos lamentos, batendo no peito e clamando com tamanha intensidade que o som ecoava nas pedras e reverberava por todo o vale. O pungente e penetrante lamento atravessou a relva e atingiu os ouvidos de Psiquê, que ficou trêmula e perdida ao perceber o ruído agudo que resultava das queixas estridentes e que, possivelmente, era um chamado desesperado pelo seu nome. Se pôs imediatamente fora do palácio e respondeu ao clamor fraterno:

– Por que vocês se dilaceram e se atormentam sem razão para tanto sofrimento? O motivo do luto é falso, pois aquela de quem choras a morte está bem viva em frente a vós, aqui embaixo. Encerrem o ritual fúnebre, recolham vossas lágrimas do rosto, por demais encharcado de tristeza e sofreguidão, uma vez que podem, quando quiserem, abraçar aquela que imaginavam do outro lado, além da vida, no reino da morte.

Convocou o solícito Zéfiro e comunicou-lhe que tinha a autorização do esposo. De prontidão, ele as fez planar pelos ares, com um sopro suave e tranquilo, trazendo-as em segurança ao jardim que precedia o palácio. Na firmeza do chão, os abraços se alongaram devido à energia da alegria intensa, saboreando com beijos impacientes a satisfação do encontro, parecendo que a saudade tinha se acumulado por uma vida inteira de ausência da companhia fraterna. E, novamente, as lágrimas surgiram, mas, dessa vez, num sentido invertido, para fazer brilhar a euforia que as tomava na celebração do encontro.

– “Venham, entrem por aqui e se abriguem ao teto do nosso lar. Que o desgosto fique do lado de fora e que os corações se recuperem da aflição, na companhia de vossa Psiquê.”

Conversando efusivamente, foi mostrando as incalculáveis riquezas da casa, onde o ouro fez a morada e mais parecia uma jazida, sem fim, de pedras preciosas. Demonstrou como funcionava o coral de vozes que lhe serviam como vassalãs. Ofertou-lhes uma suíte para cada uma delas se refazerem e se banharem como se estivessem numa luxuosa casa de banho da própria Vênus. Em seguida, convidou-as para servirem-se numa mesa feita para o deleite de seres imortais. Satisfeitas com tanto requinte e conforto, dignos de deusas, não tardou a crescerem nos recônditos sítios da alma ideias invejosas que encontraram por lá terreno adubado e propício ao cultivo. Com o olhar cheio de cobiça e com o sangue carregado de veneno, por ter sido mordida pela inveja, uma delas insistia em perguntar os detalhes daquele que era o proprietário de tamanha riqueza.

– Quem é o dono de todo esse tesouro? O que faz o seu esposo para merecer tanta riqueza? O que ele é?

– Ele é um belo rapaz, cuja barba é apenas uma penugem que percorre suavemente seu rosto macio. – Dando evasivas, Psiquê, em momento nenhum, traiu as determinações conjugais, nem soltou qualquer pista do segredo que carregava no coração. E inventou o que não podia saber. – Ele gosta de se ocupar com a arte da caça nas florestas e montanhas.

Ao perceber que a conversa se alongava em assunto melindroso e temendo que a insistência extraísse, através do descuido provocado pelo cansaço da repetição, o segredo que deveria permanecer no silêncio do não dito, despistou-as da forma mais civilizada e inteligente. Carregou-as, como se fossem mulas de carga, de ouro lavrado e ornado, assim como colares recheados de pedras preciosas finamente lapidadas. Em seguida e sem demora, encaminhou-as em segurança, aos cuidados de Zéfiro – este que aceitou, sem relinchar, transformar-se, por alguns instantes, na mula das mulas de carga – para o ponto de origem, de onde se encaminharam para a residência materna.

As inigualáveis irmãs, entrando no grande palácio dos pais, que apesar de imponente e próspero ainda estava na esfera de uma obra da engenharia humana, recolheram-se para um de seus aposentos, enfiadas, furtivamente, nas sombras da noite. Lá, contemplaram longamente no espelho a fortuna que carregavam: os colares no pescoço, as pulseiras e braceletes nos braços e os anéis que cobriam completamente todos os dedos. A vaidade lhes dava uma força extra para carregar tanto peso inútil. Entretanto, quando se sentaram, não conseguiram respirar devido ao aperto asfíxiante do nó da ostentação e perceberam que o corpo começava a trincar os ossos e a reclamar do excesso de carga, exigindo que sua senhora começasse o processo de desnudar-se imediatamente. Sob a tortura da

dor, que ameaçava aumentar em intensidade, a carne coagia o espírito a se livrar da carga desnecessária do supérfluo, impondo o sacrifício do absoluto desprendimento e desapego que faz a todos retornarem à forma original do ser humano nu, bem mais prática e sem nenhum penduricalho ou adorno, como Deus as trouxe ao mundo, iguais uma a outra no que diz respeito a ter duas mãos, dois braços e apenas um pescoço. Mesmo com a consciência da necessidade de retirar os ornamentos preciosos, o processo demorou-se demasiadamente. E a cada peça retirada, derramava-se, no sangue, uma gota de veneno da cobiça do alheio, tornando a mente afeita aos pensamentos mais invejosos e vingativos. E conversavam em ruidosa empolgação:

– Mas como pode ser tão cega e injusta a Fortuna! Com que intenção ela deliberou que as crias legítimas de um mesmo casal ganhassem destinos tão diferentes? Aqui estamos nós, abandonadas em casamentos arranjados com nobres estrangeiros, apenas para servi-los como servas reprodutoras. Tendo que conviver com hábitos estranhos de um povo rude, não poderia existir exílio pior da nossa pátria. Lá está a mais nova, aquela que esgotou a fecundidade de nossa mãe, sendo a última da fila, tirou a sorte grande de estar nadando num mar interminável de riquezas, tendo praticamente um deus como esposo, sem nem mesmo saber como usar toda essa abundância. Você viu o que eu vi? Tantas joias, colares valiosos e braceletes de ouro maciço atirados por todos os cômodos do palácio, numa displicência e desleixo irritantes. E as sedas brilhantes imperiais, as pedras sobre as quais pisamos e o ouro no qual se esbarra ao virar em qualquer direção?

– Sim, vi tudo isso. E se, além disso, o esposo dela for tão jovem e bonito como ela assegura, eu garanto que estivemos com a mortal mais feliz do mundo. Vai saber se pelo contágio da convivência, próprio da intimidade, cada vez maior, que o amor propicia, o seu esposo deus não acabe por induzir a metamorfose que a tornará uma deusa de similar quilate? Ah, sim, agora reunindo os fatos vejo com clareza: sua atitude e comportamento é de quem está querendo ir mais alto, criando asas para alcançar o grande trono do poder supremo. Você lembra como ela mandava no vento e tinha vozes como dóceis servas a lhe bajular? Que soberba! Que presunção mais descabida! Quanto a mim? Uma desgraça total. A sorte me enviou um homem velhíssimo para que eu chamasse de marido, mais avançado em idade do que meu próprio pai, sem cabelo, igual a um jerimum, um gnomo mais baixo que um meninote, que tem as mãos de sovina e o olhar avarento que a tudo controla, trancando toda a casa com cadeados, correntes e ferrolhos.

– O que dirá do meu, então? Um doente retorcido pelas dores reumáticas que, devido ao seu estado letárgico, somente esporadicamente presta alguma homenagem a Afrodite. Assim é o homem que sou obrigada a suportar. Tenho que massagear, frequentemente, os seus membros aleijados e enrijecidos como a

rocha. Sem falar nas pomadas malcheirosas, as compressas repulsivas e os emplastros que provocam náuseas e maltratam minhas palmas tão delicadas. Na verdade, nunca fui uma esposa, apenas consegui um emprego de médica ao consumir esse matrimônio. Veja com que humildade eu sirvo pacientemente a esse homem em decomposição! Sinto-me como uma escrava sem futuro. Não suporto mais ver a felicidade sendo distribuída de forma tão injusta e contemplando aquela indigna. Lembra da ostentação e arrogância com que ela nos tratou, oferecendo tudo de bom e do melhor apenas para nos humilhar? Que presunção! Com requinte de crueldade, Psiquê arremessou em nossa face o cuspe do desdém quando nos exibiu a brutal desproporção com a qual a Fortuna nos trata, puxando a coberta da sorte para contemplar ela e nos deixar desamparadas, à mercê do azar de uma sina infeliz. Tão orgulhosa com a riqueza que lhe enche o coração, somente agora percebo que não era benevolência e sim dó, o que ela sentia, ao nos jogar apenas estas migalhas, como restos de comida que são depositados no chão para atender aos importunos mendigos.

– É verdade, sim. Quando não desejava mais a nossa presença, entediada com tanto exibicionismo, tratou de nos escorraçar rapidamente, ordenando ao seu escravo avoadado que nos varresse para longe. Em resumo, fomos sopradas para fora do seu reino encantado.

– Não desejo mais viver se tiver que contemplar esse disparate por toda a vida. Não vou mais respirar nenhuma gota de ar sequer, que não seja empregada na intenção de derrubar esta petulante do cimo de sua opulência. Se você sente da mesma maneira a afronta cruel da qual somos vítimas, vamos procurar um plano para resolver definitivamente essa injustiça. Temos que agir estrategicamente. Vamos esconder todos esses nossos pertences para não despertar o interesse sobre sua origem. Além disso, vamos omitir tudo o que vivemos no dia de hoje e deixar a coisa como está, ou seja, que todos ignorem o estado dela, se viva ou morta. Não seremos nós a dar vazão ao exibicionismo deles, propagando para o mundo o que vimos e ouvimos, espalhando a falsa felicidade da vaidade que humilha os pobres mortais. Além do mais, eles não serão felizes se não puderem ser conhecidos e ovacionados. Desejo que eles afundem na lama do anonimato! Não somos escravas de Psiquê e, como irmãs mais velhas, temos que lhe dar uma boa lição.

– Sim, está combinado. Mas por hora, vamos retornar para os paupérrimos lares que nos foram impostos com os nossos respectivos e repugnantes maridos. Que o tempo maquine, em nossas cabeças, o plano perfeito para vencer essa guerra contra a perfídia e sejamos vitoriosas em cortar pela raiz o mal que tenta florescer ardidamente no seio de nossa família. Juntemos forças para ter condições de controlar a impaciência e, no fim, ter sucesso em castigar o orgulho da soberba de nossa nefasta irmã mais nova.

Com o veneno fervendo no sangue, sendo apurado nas câmeras do coração, as duas espumavam ódio por todos os poros, como se tivessem tomado uma dose cavalara de inveja direto na veia. Nesse estado transloucado, elas se tornaram malvadas e concordaram em pôr em prática o insidioso estratagema. Agora, com mais facilidade, devido à ira que as motivava, se desfizeram dos preciosos presentes, despejando-os num velho baú, que serviu de esconderijo, da mesma forma que ladrões enterram o fruto da riqueza alheia, obtida através do furto ou da fraude criminal. Para melhor dramatizar os sentimentos, puxaram os cabelos e amassaram os próprios rostos, um castigo do qual faziam jus, mas a intenção aqui era reavivar o sofrimento dos pais através de um falso martírio e de uma ignóbil autoflagelação. A cena estava perfeitamente montada através da hipocrisia das lágrimas de crocodilo que jorraram, em abundância, pela sala do trono real, e subtraíram as esperanças dos pais. Sem mais delongas, retornaram para os seus lares, onde aumentariam ainda mais o ódio, chegando ao nível máximo de raiva a que um ser humano pode comportar, ou carregar em seu vaso da alma. De longe, elas iriam tramar um plano infernal, cuja astúcia levaria a um ataque cruel dirigido à irmã que, sem responsabilidade alguma, não carregava culpa pela inveja que fora cultivada no solo fértil do egoísmo presunçoso.

Enquanto isso, o misterioso e intermitente esposo admoestava Psiquê, sempre na penumbra da noite.

– Fica alerta, minha querida. O perigo está espreitando e chegando cada vez mais perto. A Fortuna desloca-se em tua direção, de longe, para uma batalha desagradável e desgastante. Se baixares a guarda, mais cedo do que imaginas ela já estará em guerra contigo, corpo a corpo, espada por espada, para consumir o teu fim. As lobas traiçoeiras se esmeram para te encerrar numa cilada terrível e tentam te convencer a descobrir a forma da minha face, o principal desejo bisbilhoteiro delas. Eu te proíbo, terminantemente, de abrir os teus olhos, sob a luz que clareia, para conhecer o meu rosto e desvelar a minha identidade. Tem precaução e te previne, pois quanto tu vieres a ver a frente da qual podes apenas tocar, correrás o risco de nunca mais voltar a fazê-lo novamente. Portanto, se aquelas feiticeiras abomináveis voltarem, e tenho como certo que voltarão, carregadas de más intenções que por si só já as tornam criminosas em potencial, nega qualquer conversa. Mas se isso for, por demais, contra a tua natureza singela e meiga, pelo menos feche os ouvidos para os assuntos que te coloquem em apuros. Qualquer menção ao teu esposo, não deixes ficar na sua mente, não fales e nem respondas nada. Estamos no começo de nossa família, pois está em formação uma criança em teu ventre. Ela poderá ser um ser divino, se fizeres o sacrifício do silêncio e, assim, conservar nossas intimidades e nossos segredos. Entretanto, poderás permanecer no rol dos reles mortais, se profanares nosso acordo.

O sorriso de Psiquê ficou maior do que a sua face diante da nova prole de linhagem celestial que se constituía em seu útero. Completamente maravilhada, ela batia palmas de gratidão para a dádiva que lhe foi concedida e regozijava-se com a honra que o futuro título de mãe lhe daria. Passou a contar, com ansiedade, as horas que fazem passar os dias, e estes, os meses. Acompanhando esse compasso do tempo, a barriga crescia e, sendo marinheira de primeira viagem, estranhava o volume que formava um novo corpo dentro do corpo. Não poucas vezes se interrogava, abismada, como foi possível que, em breve e doce picada, tenha sido injetada a semente que fazia o seu ventre se locupletar tão espetacularmente. Entretanto, as macabras serpentes se aproximavam apressadamente para lançar o seu veneno. Já estavam atravessando o mar a grandes braçadas e sem descanso, aquelas Fúrias detestáveis. Por isso o marido a preveniu mais uma vez:

– É chegado o último dia antes do confronto fatal. As inimigas são do teu sexo, as adversárias possuem o teu mesmo sangue. Elas já empunharam os punhais para a batalha, organizaram a tropa e tocaram as trombetas da marcha para o ataque. Tuas mal-intencionadas irmãs já retiraram a espada da bainha, conclamando o exército para deferir o golpe fatal, cujo ato final é escondê-la em tuas costas. Ah! Quanta desgraça nos ronda na espreita, minha querida, inigualável e meiga Psiquê. Tenha misericórdia do teu querido e de ti mesma. Como uma sacerdotisa em votos de castidade, deixa longe qualquer ameaça ao nosso sagrado lar através da vigília constante e do pensamento sempre elevado aos céus. Do martírio sinistro e da tragédia infeliz, livra-nos a todos: a mim, a ti e a essa bênção, pertencente a ambos, que carregas por dentro, no ventre. E das facínoras em vestes de ovelha, aquelas cujo ódio profana os próprios laços de sangue, subtraindo-lhes o título de irmãs, esquiva os teus olhares do alcance da visão delas, cerrando os olhos, e tapa os teus ouvidos fazendo, das mãos, grossas cortinas, pois as sereias irão usar de todos os artificios quando chegarem ao cume da pedra e de lá, debruçadas, farão reverberar por todo o vale os seus cantos maliciosos, para consumir os seus planos malévolos. – Após ouvir atentamente todas essas palavras de advertência, Psiquê lhe respondeu com a fala balbuciante, por causa dos soluços, e com a face banhada em lágrimas:

– A tua insistência faz parecer que ainda não reparaste em minha compostura e reserva quanto a nossa intimidade, como se não houvesse em mim a consciência que ampara o juízo precavido. Como de costume, ficarás sem decepção ao confirmar a minha firmeza de propósito em manter os segredos da alcova. Por isso, autoriza novamente a Zéfiro, só mais essa vez, para servir habilmente de veículo elevador que torna possível o transporte de minhas irmãs, do cume da montanha até o sopé do vale. Isso te peço porque são as únicas faces humanas que tenho acesso para contemplar, uma vez que não me é dado conhecer a tua divina imagem sob a clareza da luz. Sinto-te pelo tato da pele, pelo bálsamo extasiante que flui de teu corpo para o meu nariz e pelos ouvidos que acolhem

felizes as suaves ondas emanadas de tua boca. Tudo isso me faz uma imagem esplêndida. Portanto, pouca falta me faz uma imagem visual do meu glorioso cônjuge. Mas sinto falta desse contato humano, tão comum desde que abrimos os olhos ao nascer até as últimas horas da jornada da existência, mesmo sabendo o quanto é suscetível a enganos as precárias janelas da percepção da matéria que, por vezes, fazem o olhador corromper a correta cognição da realidade. Eu te rogo, por teus cachos cheirosos e macios que caem soltos pela tua face delicada e de linhas graciosas, semelhantes às que correm em minha fronte ao deslizar os dedos, por esse coração incendiado pelas flechas do feroso Cupido, pela felicidade que terei em conhecer-te através da visão dessa criatura que carrego no ventre e que herdará as tuas características divinas, eu te apelo: atende à súplica clemente dessa requerente desassossegada, que apenas deseja apertar nos braços as irmãs e, sem hesitar, restitui o ânimo a tua amada, que existe exclusivamente para ti. Não me importa mais, daqui para frente, a figura visual que te dá identidade própria. Acostumei-me com a escuridão noturna que não mais assombra a mim, pois tu és a minha luz que me guia pelas trevas do desconhecido. – Encantado por estas doces e sedutoras frases, e pelos carinhosos abraços que se intercalavam entre as orações, ele pôs os cabelos como lenço macio que, delicadamente, recolheu as lágrimas do rosto dela, prometendo atender ao seu pedido. Após isso, rapidamente, pegou o rumo do desconhecido, fugindo da claridade da manhã que ameaçava romper o dia, de maneira similar a um animal que foge do predador e encontra abrigo em sua profunda e inacessível toca.

A dupla, irmanada no propósito do mal, nem sequer lembrou de passar no lar paterno, indo diretamente, veloz e furiosamente, do navio que as trouxe de longínquos reinos para o alto penedo. Sem pestanejar, as duas se lançaram precipitadamente no nada do ar de maneira perigosa e irresponsável, sem nem mesmo verificar a prontidão do misterioso veículo aéreo. A contragosto, mas obediente ao seu senhor, Zéfiro acolheu as esbaforidas mulas no colchão invisível de ar, amortecendo no seio do vento o peso das megeras, que cercadas de uma atmosfera mágica aterrissaram em segurança, no chão, ao pé da montanha. Sem desperdiçar nenhuma gota do precioso tempo, adentraram no palácio com as pernas a galope. Tomaram a presa pelos braços, adorando-a em falsidade, e utilizando o título, já contestado, de irmãs. Sob o riso falso que camufla o resto da face, esconderam, arditamente, a maldade cultivada em abundância nas profundezas das câmeras do coração. Com segundas intenções, bajularam ela com uma duvidosa apologia:

– Você abandonou aquela infeliz menina para se tornar uma mulher na sua máxima plenitude de mãe. Que maravilha você nos oferta de dentro da sua bolsinha, nos trazendo a glória que faz resplandecer o brasão de nossa família real. Somos as tias afortunadas que acolherão essa criança com todo o cuidado que merece o tesouro de uma rainha. Tendo em vista que ela herdará naturalmente a beleza dos pais, estamos diante de um legítimo Cupido que vem crescer nessa

terra. – Dessa forma dissimulada, infiltraram-se na antessala da alma da irmã, colocando-a em posição vulnerável e ao alcance do bote venenoso, cuidadosamente preparado para ser desferido na direção certa da vítima.

Alheia ao perigo, a dona do palácio mágico foi ligeira em retribuir a gentileza com assentos confortáveis, nos quais elas pudessem repousar o corpo, por demais exigido por tão longa viagem. Fez mais, ofereceu um banho de deusa, com os vapores que amolecem a carne e eliminam completamente a poeira da estrada. Depois de se refazerem com as águas termais, foram convidadas a se saciar no triclinio do palácio, onde lhes foi posta uma miríade de inigualáveis petiscos e iguarias, manjar dos deuses. Após um simples comando, as cítaras feriram o ar com radiosas melodias que agradam aos ouvidos. Depois, liberou o toque das flautas e, por fim, ordenou a entrada das vozes em coro, como se tratasse de uma maestrina à frente de uma orquestra de naipes a se perder de vista. Tudo isso para o encantamento do espírito, através do regalo dos ouvidos e sem qualquer pessoa que se revelasse nas aparências da matéria vulgar, cuja imagem é captada pelas precárias órbitas oculares.

Todavia, nem mesmo tal harmonia de dulcíssima natureza, comparável com o mel do próprio Olimpo, fez arrefecer o ímpeto voraz da vingança e não conseguiu adoçar o fel do ódio, já azedado e em putrefação, que as irmãs deglutiam com repugnante deleite nos bastidores da alma. O pensamento obsessivo na emboscada tomava toda a consciência disponível e a inteligência era completamente empregada no serviço do mal. Na brecha entre um suspiro e outro, a irmã introduziu o assunto pelas beiradas, sem fazer estardalhaço e suavemente.

– Seu marido deve ser um exímio caçador, a julgar pela precisão com que seu castelo de conto de fadas foi construído. Só alguém com muita habilidade e presteza poderia ser o senhor de tal maravilha. Será que ele veio de família artífice no ofício da arquitetura? – E Psiquê, na sua natural candura, olvidou o que havia dito previamente e concebeu uma nova narrativa do ventre da imaginação.

– Ele vem de um reino vizinho e tem grandes negócios pelo mundo. Suas mechas de cabelos brancos lhe dão um charme especial do adulto de meia idade e são o signo da experiência que conhece os segredos dos empreendimentos mais requintados da inteligência universal. Olha que joias estupendas ele deixou para vocês!

Psiquê, então, contornou naturalmente a bisbilhotice fraterna, entregando os faraônicos presentes e dirigindo-as para o transportador aéreo invisível. Ao vencer a travessia em segurança, com o apoio firme de Zéfiro, tocaram pelo caminho de retorno para suas casas, trocando conjecturas interrogativas:

– Minha cara irmã, o que você acha da desfaçatez de nossa irmãzinha mais nova? Com que prodígio o mancebo de barba rala tornou-se um homem de meia idade com mechas prateadas, decorridos apenas alguns poucos dias, o que, na ordem natural das coisas, levaria anos de laboriosa ação do tempo? Como pode um jovem, em tão pequeno período, entrar em metamorfose e aparecer um velho já pronto? Das duas uma: ou ela apresenta uma fábula pueril para nos enganar ou, realmente, ela desconhece o verdadeiro semblante do esposo. Mas não importa o que quer que seja, precisamos desapropriá-la de sua riqueza indevida. Se for certo que há um desconhecimento da imagem do marido, tenho para mim que ela foi desposada por algum deus, que normalmente promete um rebento quando enlaça uma fêmea. Se esse for o caso e se nela tiver sido incubada a semente divina que faz crescer uma criança celeste, que o altíssimo não consinta!

– Eu prefiro me enforcar a ver aquela megera presunçosa parir uma cria do próprio Olimpo. Vamos passar na casa de nossos pais e continuar essa conversa lá. Quem sabe assim não teremos uma ideia brilhante que nos salve, há tempo, da humilhação eterna desse infortúnio?

Com o peito em chamas e os cotovelos do orgulho mordidos pela besta da inveja, as irmãs no sangue e no ódio, saudaram mecanicamente os pais, com a caveira carrancuda e amofinada. A noite inteira se seguiu sem sono, com toda energia empregada na maquinação da maldade. A insônia inquietante resultou na recompensa desejada: a intriga estava tramada na ponta da língua. Mal amanhecera e elas se colocaram pra fora de casa numa corrida alucinada para o rochedo. Planaram, com o milagre diáfano costumeiro, para baixo. Comprimiram as pálpebras para extorquir as lágrimas de crocodilo e, com o disfarce artiloso, inocularam o veneno da dúvida com as seguintes palavras:

– Bem, somos as testemunhas de sua felicidade e fortuna, invejável por qualquer uma neste planeta. Mas, na qualidade de irmãs, temos o dever de lhe alertar para o perigo que ronda o seu destino e o dessa criança indefesa, como um lobo que cerca as suas presas. Estamos aqui vigilantes para lhe acordar, enquanto você dorme bem em cima do perigo. A felicidade faz baixar a guarda e o escudo do desconhecimento transforma a desgraça iminente em uma pulga invisível, escondendo-a bem embaixo do nariz, fora do alcance dos olhos, até que seja tarde demais e a miséria se apresente num rompante.

– Mas, para tua sorte, estamos aqui, irmã querida, a tempo para lhe salvar a vida, zelando pelo seu futuro. – Disse a outra, aproveitando que o terreno já tinha sido preparado para plantar a semente da discórdia. – Nós não dormimos, preocupadas com a sua sorte, que pode dar uma guinada inesperada e lhe abandonar por completo num desfecho mortal. Ouça bem: nos foi revelado um mal agouro, por fonte segura, e não podemos nos furtar de lhe contar o que sabemos, pois, omitindo isso, estaríamos desfazendo os nossos laços de sangue que nos agraciam com o amor fraterno. O seguinte nos chegou aos ouvidos: “uma

tenebrosa serpente, um réptil de asquerosos anéis, que apertam até a morte as suas vítimas indefesas, com o desejo cruel de comprimi-las em seu tortuoso e estufado pescoço, de violentíssimas presas pelas quais inocula o seu veneno paralisante, de goela faminta e retrátil, capaz de devorar um elefante, é o ser que compartilha o teu leito noturno, com engenhosa desfaçatez. Rememore o venerável oráculo de Apolo e do monstro desprezível, o qual foi profetizado como seu marido. Muitos camponeses têm relatado o movimento da besta pelos campos, causado horror e espanto. Até mesmo os caçadores se recolhem mais cedo com medo do que os colegas relataram sobre a visão de um ser inacreditável, visto no começo da noite pelos campos próximos. Outros, ainda mais, dizem ter flagrado o animal demoníaco nadando nas águas do rio que correm nas proximidades”.

– Agora, ouça bem. – A irmã mais velha chamou para si a responsabilidade pelo bote decisivo. – O tempo corre célere e você terá que ser firme na atitude a ser tomada, pois não vai durar por muitos dias toda essa pompa com a qual o monstro lhe enche de cuidados. Se esgota o tempo em que ele lhe farta dos melhores alimentos e bebidas, comparáveis aos dos deuses. Tudo isso tem o objetivo de preparar as vítimas para o sacrifício. Quando chegar o momento em que o fruto que você carrega no ventre alcançar a maturidade, então, tua carne estará no melhor ponto para o abate e ele irá lhe devorar. – Contraiu toda a face simulando um falso choro, passando a fala para a irmã do meio.

– Tudo está, agora, em suas mãos, irmãzinha querida do nosso coração, a predileta de nossa nação. Ouça suas irmãs que velam pela sua vida, dia após noite, e escape com vida dessa arapuca do destino. Venha viver conosco na segurança do lar materno, longe do perigo e da cova certa, dentro das vísceras da besta cruel. Se, mesmo com tudo isso, você preferir o isolamento no campo, convivendo com essas vozes artificiais, o amor escondido e oculto, a asquerosa imoralidade e promiscuidade noturna com o perigo mortal, e os envolventes amplexos de uma cobra venenosa, em nós não recairá nenhuma parcela de responsabilidade pelo desfecho fúnebre que lhe espera. Estamos agora com a consciência tranquila, pois nossa misericórdia nos fez cumprir com o dever, seja na condição de irmã ou de mulher.

Psiquê foi pega de surpresa com essa trama tão desconcertante e bem arquitetada, coincidindo com aquilo que o Oráculo havia previsto no vaticínio. Nessa posição vulnerável, a ingenuidade da candura de sua alma a fez acreditar piamente no que tinha acabado de ouvir, ainda mais que não esperava um golpe tão traiçoeiro vindo de dentro da própria família. Entrou em sofrimento e ficou transtornada com o perigo iminente. Logo, esqueceu completamente das advertências que seu esposo lhe fizera e das promessas solidamente firmadas, seladas no irresistível calor das carícias amorosas. Atirou-se no precipício da desgraça sem nem mesmo perceber a gravidade da queda. Em choque, abatida e

pálida de pavor, juntou, com muito penar e com a fala abafada e longínqua, algumas palavras interrompidas entre um suspiro e outro:

– Preciosas irmãs queridas, vocês fizeram a coisa mais certa, sendo fiéis aos nossos laços de sangue e sendo muito humanas no resgate de uma mulher condenada à morte. Nada do que falaram parece ser invenção da imaginação fantástica, uma vez que o próprio povo confirma a presença insidiosa da extraordinária besta. Devo confessar que eu mesma nunca vi a face de meu esposo e nem tenho conhecimento de sua origem familiar. Nos encontramos sob o véu da noite e apenas o reconhecimento pela voz, submetendo-me a um convívio às escuras com um monstro do qual a identidade acaba de ser conferida por vocês, zelosas irmãs. A verdade agora faz todo o sentido e penso exatamente como vocês, estou sendo ludibriada. Ele, incessantemente, me amedrontou para que eu congelasse a curiosidade de buscar conferir as linhas de seu rosto sob o clarão da luz. Estou pronta para ser socorrida por vocês, agora é o momento. Agir de outra maneira seria imprudente e tornaria inútil o esforço hercúleo que vocês empreenderam para chegar até aqui e me alertar do homicídio macabro, maquinado pela besta, para acontecer em breve.

Ao perceberem que as janelas e portas estavam abertas para acessar o interior da alma, as víboras renegaram a origem real e avançaram com o punhal da hipocrisia, já sacado e em riste, para sequestrar os pensamentos da singela menina, sem nenhuma dissimulação ou rodeios e, de maneira coativa, impuseram, às ideias dela, o cativo esmagador das sugestões arditamente construídas, sob os pilares de robustas conjecturas. Numa situação menos adversa, tais sólidos pilares se desmoronariam com um simples sopro da razão. Mas esta, também, se encontrava acorrentada e impossibilitada de auxiliar o bom juízo. E nesses termos, continuou a outra:

– A ligação fraterna que nos une também nos protege, umas às outras, do perigo, afastando para longe as ameaças do mal, que busca romper os laços familiares. Mas entre nós, crias do mesmo útero, podemos confiar de olhos fechados, principalmente diante de um ser rastejante que aterroriza a todas nós. Durante muito tempo, maquinando um plano para te salvar, chegamos conjuntamente à única maneira de livrar-lhe do infortúnio certo. Pegue essa faca amolada para o fino corte e a esconda, cuidadosamente, na cama onde vocês sempre se deitam. Também precisará de uma lamparina, cheia de óleo e que faça a luz bem clara na escuridão. Esconde-a nas proximidades para ser acesa no momento oportuno. Mantenha esse segredo blindado das próprias macabras vozes, que certamente servem ao monstro e poderiam botar tudo a perder. Quando chegar a hora em que o réptil se insinuar nos aposentos, com o seu passo rastejante e seu molejo sinuoso, como sempre faz, aja naturalmente dissimulando a ciência, que agora você tem, da sua verdadeira identidade. – Então, a outra irmã, não se contendo em apenas observar entusiasmada a descrição da trama e

lambendo os beijos pela lascívia da cena, tomou a palavra e continuou detalhando os próximos movimentos do mortal combate.

– Entregue-se, como toda noite faz, e deixe que ele se sacie até o ponto máximo, onde o doce irresistível de Afrodite leva ao entorpecimento dos sentidos e faz render até a guarda mais aguerrida do próprio Ares. Então, espere até ouvir os primeiros sibilos do sono profundo dos vencidos pelo amor. Se certifique de que ele jaz inerte no sono eterno provocado pelos excessos do desfrute sanguinolento no campo de batalha de Vênus. Escorregue suavemente para longe dele, caminhando sobre ovos, nas pontas dos pés e com lentidão, na direção da lâmpada que deve ser libertada de sua cela de escuridão para trazer luz ao cômodo. Olhe para o alto, através da claraboia que deixa entrar o sereno sombrio da noite, pedindo à providência divina a força necessária para deferir o golpe glorioso na besta. E não hesite mais: erga completamente o braço destro, fraternalmente unido ao sinistro, sustentando o punhal de lâmina de dois gumes acima da sua cabeça, formando uma alavanca com a coluna levemente inclinada para trás, alinhando-se num ângulo reto na direção do pescoço dele, e descarregue o gládio com toda a sua força. Lembre-se da harpe de Cronos, que de maneira sorrateira castrou o seu pai tirano, Urano, e assim também terá o mesmo sucesso em separar a cabeça do resto do corpo da serpente que macula o seu nobre leito. – Recolhendo a língua num profundo suspiro de sórdida sensualidade, que faz comprimir os lábios e obstrui o fluxo da fala, passou a palavra para a cúmplice selar a encomenda do homicídio, virando astutamente o rosto para não ser desmascarada em sua lascívia.

– Nós lhe esperamos, fielmente, para dar toda assistência necessária. Não suporto a ansiedade até que todas nós sejamos libertadas dessa maldição que assolou o nosso lar materno. Logo que a morte for consumada, nós imediatamente estaremos aqui para lhe resgatar da luta, levando os despojos de guerra a que tens direito natural. Ajudaremos a recolher as suas riquezas que tens aqui. Não vemos a hora de tudo isso acabar e já vislumbramos você em vestes de noiva e em um novo casamento, digno de sua realeza e com uma criatura da espécie humana.

Cada palavra aumentava o combustível lançado na fogueira que ardia nas vísceras da irmã caçula. Tendo, firmemente, conectado o ímpeto dela no serviço do mal, as conspiradoras se debandaram em retirada estratégica, receosas de ainda estarem presentes no desfecho da ventura trágica. Subiram céleres nas asas do sopro voador que as levou de volta para o alto do penhasco e esgueiraram-se pelo caminho de volta para casa.

Psiquê, abandonada à própria sorte, foi deixada para trás. Mas ela não se encontrava totalmente sozinha, pois as Fúrias flagelavam o lombo da alma. Amargurada com a desilusão inoculada em seu sangue, ela se comportava como o mar revolto, ricocheteando faíscas de ódio no encontro das ondas revoltadas em redemoinhos. Por mais claro e objetivo que seja o desenho do curso a ser tomado,

considerando que estava bastante firme o seu propósito, na hora de providenciar os preparativos para o crime ela ainda hesitava. As emoções antagônicas causavam muita confusão em sua cabeça devido à contrariedade entre o paraíso, no qual vivia antes, e o inferno, que se tornou depois da fraudulenta revelação trazida por suas colegas de útero. Ansiedade, incerteza, temeridade, temor, certeza e desconfiança, e muitos outros sentimentos opostos bailavam numa festa à fantasia, na qual os convivas se apresentavam mascarados nos salões da alma. Isso demonstra a multiplicidade do ser humano que pode acolher, dentro de si e ao mesmo tempo, a raiva do monstro serpentino e o bem-querer do esposo encantador. O tempo, alheio às dúvidas de Psiquê, fez a tarde se retirar, impreterivelmente, sob o manto noturno que chegava. O fiel da balança pendeu para o lado das irmãs, pois os preparativos foram providenciados antes do cair da noite, indicando que a balança da dúvida se decidiu pelo prato mais pesado, que continha o ato fatídico da consumação do crime. O marido apareceu como de costume. E se entregou completamente aos combates de Afrodite. Guerreou tanto naquela noite adentro que o sono profundo foi o seu prêmio de consolação. A vitória é sempre relativa na batalha afrodisíaca, onde os amantes são sempre vencidos pelo amor.

Mesmo estando frágil devido à necessidade de combater em meio a tantas angústias prévias, na carne e no ânimo abatido, uma força estranha a tomou vinda do seu inexorável destino. Levantou-se como uma pena soprada ao vento e caminhou, como se flutuasse próxima ao chão, até o esconderijo da lamparina de óleo, e pegou a faca de dois gumes. A fragilidade aparente cedeu lugar a um intrépido impulso de afirmação da mulher determinada em concluir, o quanto antes, o ato final de máscula violência. Assim que a luz ofereceu o espetáculo da visão aos olhos, o segredo oculto da alcova se revelou no rosto da mais temida de todas as feras olímpicas, a doce e adorável monstruosa criatura que carrega o nome de Eros, para uns, e de Cupido, para outros. Ele mesmo, em pessoa, o deus mais formoso do olimpo repousava majestosamente em seu leito, dentro do seu formidável palácio. Ao se dar conta disso, o fogo da lamparina se ergueu em louvor e a lâmina lamentou a intenção da laceração profana da cabeça do Amor. Ficou ainda mais extasiada, Psiquê, diante de tal espetáculo ímpar. O efeito imediato foi o arrefecimento instantâneo do calor das emoções e a palidez que desfalece os membros. Sem forças para consumir o ato e envergonhada por ter alimentado a perfídia, indevidamente, em seu coração, restou-lhe dobrar os joelhos e esconder o metal prateado, não no pescoço do marido, mas no próprio peito.

Certamente teria chegado a dar fim à sua própria vida, mas a arma se arrependeu de ter um corte tão afiado e refugou, antes de deferir o golpe mortal, passível de severa punição. De forma misericordiosa, saiu de cena deslizando-se das mãos de Psiquê para o leito, sem perfurar ninguém. Com todas as forças exauridas, só lhe restou contemplar o marido. O simples gesto de olhar o sublime,

em si mesmo, fez-lhe restaurar a alma e o interesse em viver. Examinou atentamente os cachos dourados e a bela compleição física, reconhecendo o cheiro de ambrosia que exalava do corpo celestial. Repousando sobre o alvo pescoço, estava a majestosa face rosada enquadrada pela moldura de irresistíveis cachos de cabelo que se espalhavam graciosamente, de maneira tão viva que fazia trepidar o reflexo da luz emitida pela lamparina. Das costas do deus que voa, originavam-se as asas de brancura sem igual, reluzindo como flores banhadas no orvalho do sereno. Apesar de estar em repouso, na extremidade das plumas, uma suave penugem oscilava delicadamente, sem parar, num tremor caprichoso e autônomo, uma vez que não havia corrente de ar para explicar o movimento. O resto da estrutura física era tão perfeita, lisa e resplandecente, de tal maneira que sua mãe, Afrodite, jamais poderia se lamentar de ter gerado tal gracioso rebento. Depois de escrutinar até os mínimos dedos dos pés, percebeu que, encostados no leito, jaziam o arco, sua arma olímpica temida por todos, e a aljava, a bolsa acolhedora das setas do amor.

Com o humor reavivado, a curiosidade natural cresceu junto, dando disposição para examinar e manusear os instrumentos do amor. Admirou o arsenal do marido, tirou a flecha acomodada na aljava pelo engaste e a apontou para cima. Acariciou o rêmige com a mão que ficou livre. Em seguida, correu pela haste fazendo todo o conjunto deslizar pela sua palma até que a cabeça triangular pontiaguda parou na altura de sua face. Sentiu o peso da peça e a textura. Olhou detidamente e, num impulso infantil, arremessou o polegar sobre a extremidade finíssima. Vendo que a suavidade do toque não lhe feria a pele, resolveu provar com um pouco mais de intensidade a sensação do pico. Distraidamente, como criança brincando com a ferramenta do adulto, se entregou, alegremente, para o corte. A pele não suportou mais a tentação da arma divina, que se oferecia graciosamente, e arrebatou algumas poucas gotinhas de sangue rosado que orvalhou a pele. Foi o suficiente para que Psiquê caísse eternamente em amor pelo Amor.

Na medida em que se espalhava o efeito da seta temperada no sangue, crescia um desejo incontrolável pelo autor dos desejos. Sendo consumida pela ardência do impulso, aproximou-se de Eros, ofegante por tão grande volúpia, antes nunca sentida. E distribuiu milhares de beijos sem conseguir saciar a sua sede, pois só podia beber de gota a gota, mantendo, com muito custo, a suavidade do toque a fim de não o acordar. Entretanto, esse esforço de comedimento se mostrou ineficaz, levando em conta que o coração se entregou completamente, carregando junto toda a atenção disponível, focando-a exclusivamente no novo deleite dessa emoção incomparável. Essa concentração em apenas um ponto, fez baixar a guarda para a ação da lamparina ciumenta que, de maneira desleal e sob a vigilância do pavio acesso, deixou escorrer uma gota de azeite fervente na asa direita do jovem deus. Com muita audácia e coragem, a leviana lanterna, cativa do amor, ousou atear fogo no próprio dono do fogo. Como pôde fazer isso? Ela

esqueceu, em seu desvario, que foi um amante que a criou com o objetivo de contemplar e possuir o seu amor, durante a noite adentro.

E Eros pulou assustado com a queimadura lancinante e inesperada. Doeu mais ainda, quando percebeu que sua confiança havia sido corrompida embaixo de seus próprios lençóis, maculando o acordo que tinha com a bela princesa, agora também, reciprocamente apaixonada. Se desfez dos beijos ardentes e dos braços macios de sua esposa, acometida pela tristeza no olhar, e partiu para o alto em silêncio mortal. Entretanto, a única coisa que restou a Psiquê foi se atar, com mão firme, à perna direita do seu amado. Pequena, fraca e ainda desajeitada para as elevadas altitudes, a companheira de voo correu céus por cima das terras mais distantes. Seguiu, obstinadamente, colada ao pé do amado. Ela estava unida, pele com pele, através daquela cola especial, também chamada de porção do amor, a mesma que mora nas setas do Filho do Amor e que faz grudar o próprio corpo no corpo da pessoa amada. Finalmente, a fadiga crônica do corpo, limitado e mortal, foi mais forte e impediu a continuação desse vínculo, que na alma se tornou eterno e indissociável. A contragosto, faltou força nos braços e Psiquê teve que largar o pé do marido, precipitando-se em direção ao solo. Vendo-a rodopiar, solta no vazio, sendo violentamente coagida pela força da gravidade, ele não a abandonou e resolveu intervir, evitando o choque drástico contra o chão. Voou mais rápido que o vento, resgatou-a com uma mão e fez o pouso do corpo amado na dureza do solo barrento. Ele pulou, em seguida, para o galho mais alto do cipreste mais próximo, que a tudo ouvia com tristeza nas suas folhas. De lá, em estado de profunda comoção, o deus alado olhou para aquela que jazia na terra, e rompeu o silêncio confessando as seguintes palavras:

– Eu vou admitir uma coisa para ti, ingênua e pura Psiquê: eu abandonei as ordens de Afrodite, minha querida mãe. Ela desejava uma prisão para ti, numa irresistível paixão pelo mais deplorável e hediondo dos seres, o miserável que faz vergonha até à própria miséria, impondo a ti uma condenação arbitrária de definhar nessa repugnante união. Em vez disso, eu voei em direção aos teus braços para me tornar o teu amante, um cônjuge secreto e clandestino. Sei que agi levianamente, mas tenho um atenuante: fui ferido com minha própria flecha, a seta que era destinada a ti acertou em cheio o meu coração. O resultado foi que tomei a ti como a minha esposa, me fazendo passar por uma besta monstruosa, a qual foi profetizada na maldição. Sem saber, tua mão desejou decepar, no fio da lâmina, a cabeça, na qual agora contemplas, em adoração, os olhos que igualmente te adoram. Tanta prudência e prevenção não foram suficientes para impedir que chegássemos até esse ponto. Lembras da quantidade de palavras que foram jogadas ao vento? Nobres e misericordiosas advertências foram ignoradas diante do ardil de tuas esplêndidas orientadoras. Mas elas receberão, sem demora, o prêmio merecido por docência maligna. Para ti, uma única coisa bastará como punição: a minha fuga. – Após esse discurso amargurado, ele desvaneceu no alto

depois de atravessar as nuvens do céu que, nessa hora, já apresentava a rebentação dos primeiros raios da aurora.

No chão, e desgostosa, Psiquê seguia com o olhar a ascensão do esposo. Na medida em que ele ficava cada vez mais diminuto e longínquo, o seu coração mais apertava e a sua alma entrava em desespero. Com facilidade, abanando as suas longas plumas, o marido deus se foi na direção do infinito do espaço. Ela não pôde suportar a dor da traumática separação. Se atirou nas correntezas do primeiro rio que encontrou pela frente. Mas o córrego foi misericordioso, em consideração ao deus que incendeia até mesmo as ondas. Amedrontado com a perspectiva de ser punido, envolveu a bela num redemoinho e, sem causar nenhum mal, a repousou na margem aos cuidados da relva florida.

Para a sorte dela, o acaso providenciou, nas proximidades, a presença de Pã, deus da terra, que no exato momento encontrava-se abraçado a Eco, deusa das montanhas, ensinando-lhe a solfejar algumas melodias. Perto das águas, suas ovelhas folgavam faceiras e ruminavam as ramagens da relva fresca que margeavam o rio. O deus com cascos de bode avistou Psiquê em prantos e aborrecida. Sabendo de antemão a desventura que tinha ocorrido, chamou-a gentilmente e procurou apagar o incêndio com as seguintes palavras suaves e refrescantes, escolhidas sabiamente:

– Mas que bela menina repousa em minhas pastagens! Sou apenas um humilde pastor de ovelhas e simples camponês, mas o caminhar dos anos me propiciou, além da sabedoria da velhice, um bom manancial de experiências que me tornaram um filósofo. Se as minhas conjecturas estão certas – muita gente cheia de informação na cabeça chama a isso de adivinhação – esse teu caminhar errante e tristonho, a languidez do teu olhar afogado em lágrimas, os soluços incontroláveis e todo o rosto pendendo pesadamente para o chão, me fazem crer que o excesso de amor combinado com a ausência intempestiva dele é o motivo de todo esse sofrimento. Escuta e acalma o coração. É inútil dar cabo da própria vida por causa de um infortúnio momentâneo. Ao invés, lembra-te, em tuas orações, do teu amado Cupido, o mais belo entre os deuses. Busque merecer, através de delicadas homenagens, o favorecimento desse deus adolescente, e tenhas em mente que ele é amigo do prazer e pai da volúpia, portanto, um apaixonado por natureza.

As palavras, aveludadas pela voz do ancião, deus e pastor, apaziguaram temporariamente as aflições de Psiquê, que adorou o poder salutar de um texto tão bem proferido e com palavras bem escolhidas. Com ânimo renovado, com bandagens nas feridas do coração e alimentada de esperança, fornecida pela graça divina, prosseguiu por caminhos incertos, errando pela face da terra. Caminhou tanto que a luz do dia foi se esgotando e o manto da noite caiu mais pesado do que de costume. Sem ter noção de onde estava, seguiu por uma estrada até encontrar a cidade mais próxima. Quando lá chegou, percebeu que tinha

alcançado o reino onde o esposo de sua irmã se sentava ao trono. Prontamente, comunicou a sua presença e solicitou uma audiência com a irmã. Ela foi autorizada e conduzida ao encontro dela. Após os abraços e saudações, oferecidos mais como uma formalização do que como sinceros afagos, a mais velha perguntou com sua natural desfaçatez:

– Minha querida irmã caçula, a que devo a honra dessa visita inesperada?

– Lembra do plano do qual você me apresentou detalhadas instruções? Você me convenceu a decepar, com um gládio, a cabeça do suposto monstro, que ocupava o lugar indevido de esposo e assim divertia-se furtivamente à noite, às minhas custas. A intenção era salvar a mim e à criança, que carrego no ventre, da morte certa na goela profunda da besta. Fiz tudo como me foi orientado. Mas quando a lâmpada de óleo, mancomunada na ação, projetou o clarão, fazendo refletir em meus olhos a imagem supostamente asquerosa, ao invés disso, um espetáculo celestial e maravilhoso explodiu em meus olhos e, assim, fui agraciada com a contemplação do filho da mais bela divindade do Olimpo. Sim, isso mesmo, inacreditável, mas é a mais pura verdade. Aquele que atende pelo nome de Cupido jazia em sono profundo em meu leito. A partir desse ponto, o plano todo deixou de fazer qualquer sentido e quedei paralisada. Aceitei o despejo do gládio nas almofadas, nas quais também me prostrei, ajoelhada, em estado de estupor e deleite, ante a perfeição que se oferecia graciosamente à desautorizada expectadora. Com toda a atenção sequestrada pela contemplação do belo, faltou precaução para evitar o acidente cruel que fez uma gota de óleo fervente ser espirrada do pavio da lâmpada diretamente no ombro de meu clandestino esposo. Assustado, ele acordou aturdido e flagrou a cena da intenção criminosa. Em seguida, ele proferiu as seguintes palavras: “Como punição por essa tentativa de crime hediondo, te darei o divórcio. Como é de costume, pega tudo o que te pertence e vá para longe. Para tua desgraça maior, desposarei a tua irmã em celebração religiosa”. Isso mesmo, querida irmã, foi o seu nome que ele proferiu antes que ordenasse, energicamente, que Zéfiro me levasse para longe do seu palácio, a algum lugar completamente fora do alcance do seu olhar.

A sedenta irmã não aguardou nem o fim da conversa e pôs-se a tomar as providências para pegar a estrada. Ludibriou o marido idoso usando a habilidade que lhe é própria, alegando o funeral do pai. Embarcou no primeiro navio em frenesi, pois havia sido picada pela agulha da paixão erótica. Além disso, uma agitação exacerbada, induzida pelo ciúme doentio, a fazia pensar que detinha a propriedade exclusiva sobre o seu pretense marido, reivindicando, unicamente para si, todo o amor do mundo. Carregada de tanto egoísmo, ciúmes e vaidade, chegou célere até o cume da montanha, onde escarpava o rochedo até o fundo do vale. Soprou um vento comum e ela, na cegueira da falsa esperança, iludiu-se pensando que se tratava de Zéfiro. Cheia de orgulho, bradou em voz alta: “Vem Cupido, tomar o que é seu! Uma mulher digna de sua realeza celestial. E quanto

a você, Zéfiro, lhe ordeno que sirva à sua nova senhora!”. E com essas palavras, que pesaram mais ainda na sacola da vaidade e da presunção, a megera se atirou no vazio e a força da atração terrestre se encarregou de estilhaçar a vasilha, carregada de vãs ilusões e sentimentos tão vis. Antes mesmo de chegar ao chão, consumou a sua união com a dureza da rocha, pois o corpo ricocheteou nas pedras salientes, ao longo da queda, deixando um membro aqui e outro ali. Com essa pompa e circunstância, a vida lhe conduziu, em pleno voo, ao altar onde a morte esperava para ser desposada. Pelo menos, para auxiliar no trabalho das Harpias, as carnes do cadáver esfacelado, ainda frescas, serviram de repasto para as aves de rapina e para todo animal carniceiro das redondezas, livrando o pacífico solo da mácula do sangue, adulterado através do cultivo da maldade.

Não muito diferente em motivação e perfídia, a segunda irmã teve um fim semelhante. Continuando a sua jornada errante, Psiquê chegou até o outro reino, onde ela residia com o marido ancião. Nem precisou de muita astúcia para persuadi-la, pois o mesmo veneno com o qual tinha atacado Psiquê voltou-se para ela mesma, inflamando os desejos de grandeza e o sentimento de vaidade e de ciúmes. Se apressou para chegar na frente da outra e, de maneira similar, se enganou com o vento translúcido, que apenas fazia cócegas na pele. Lançou-se, voluntariamente, para o descanso final merecido, não precisando mais ser citada nesta história.

Enquanto na terra as contas se acertavam, no mar Afrodite se refestelava, ainda desinformada dos últimos acontecimentos. Nesse espaço de tempo em que Psiquê perambulava por todo o planeta em busca de seu amado, Eros sofria da queimadura provocada pela atrevida lâmpada, gemendo e se queixando no próprio leito conjugal de sua mãe. Vendo e ouvindo isso, a gaivota de penas brancas, que costuma dar voos rasantes rentes às ondas do mar, veio do alto com todo o ímpeto e mergulhou nas profundezas do oceano. Lá encontrou Afrodite, que estava num delicioso banho, nadando faceira e folgando com a sua corte. A gaivota chegou perto e contou-lhe o que se passava com o seu querido filho e da ferida que o deixou em grave estado de enfermidade. Por conta disso, encontrava-se convalescente na cama, gemendo de dor. Além disso, circulavam boatos e rumores maledicentes sobre a família de Afrodite. Assim disse a ave:

– Celestial rainha do amor, o povo vem se queixando de tua ausência e da de teu venerável filho. A sua alteza, para mergulhar no mar, e o príncipe, para se amigar com uma mortal nas montanhas, assim fofocam pelos cantos. Dizem que as pessoas estão sofrendo na ausência de volúpia, pela falta de graça e sem a doce alegria do prazer de viver. Em toda a parte, a tristeza e a preguiça alimentam a grosseria estúpida. Evita-se o casamento, rompem-se os laços de fraternidade e perde-se a afeição pelos filhos, enfim, o caos do desregramento avança devido ao fato de que as relações se tornaram enfadonhas e repulsivas, na ausência do toque da deusa que faz o olhar brilhar, transformando tudo através das lentes do amor.

– Informou a ave tagarela, murmurando ao pé do ouvido da deusa, estilhaçando a honra do filho em pedaços pelo mar. Afrodite reagiu veemente, exclamando de forma irada:

– Com quem, então, anda meu filho fazendo amizade clandestina? Me diga se é uma de minhas servas afetuosas ou do povo das Ninfas? Ela pertence ao número das Horas? Faz parte do coro das Graças? Vamos, não se furte de me entregar o seu nome. – A ave pestanejou, mas não ficou em silêncio.

– Não tenho absoluta certeza, mas se não me falha a memória, carrega o nome de Psiquê, aquela pela qual Eros se encontra perdidamente apaixonado... – E Afrodite nem esperou a ave de rapina concluir a investida de sua língua ferina e esbravejou indignada, com toda o ímpeto:

– Psiquê! Não pode ser! Aquela cópia vulgar que usou, indevidamente, o meu nome e ousou tornar-se minha rival e concorrente nas homenagens prestadas à beleza divina? Uma reles imitação mortal que rasteja pela terra e se ilude com o voo no alto Olimpo? Como pode? Aquele trapaceiro libidinoso me fez passar por alcoviteira, imaginando que lhe apresentei uma moça, supostamente atraente, para que ele aproveitasse, desregradamente e na clandestinidade, a oportunidade de ter prazer.

Enfurecida, venceu a distância de volta para a superfície em braçadas largas, dirigiu-se para o seu leito nupcial, talhado em ouro, para confirmar o estado de seu filho, que jazia doente e queixoso, tal como havia lhe descrito a ave mexeriqueira. Não esperou adentrar no recinto e, antes da soleira, o grito forte anunciou a sua presença ao pronunciar sua veemente desaprovação da aventura erótica clandestina:

– Quanta decência e decoro em tuas atitudes, que faz brilhar a tua linhagem no altíssimo! Primeiramente, além de descumprir as ordens explícitas de tua Rainha Mãe, tu, rapazinho, tiveste o despautério de executar às avessas o que havia sido determinado. Pior, mil vezes pior: ao invés de vingar a tua mãe, maltratando a infame inimiga através de uma abominável união com o ser mais desprezível e rastejante da terra, tu mesmo te entregaste ao desfrute dentro do nobre palácio e desrespeitando os costumes das bodas solenes, contraindo precocemente um matrimônio clandestino, um concubinato indecente, e assim tornando a adversária a minha própria nora, por imposição acintosa. Que horror! O que tu estás pensando? Que podes erguer o tronco de uma família própria através da libertinagem e da corrupção de uma desprezível mortal? Achas que eu não tenho a capacidade de gerar rebentos devido a minha idade já avançada? Eu te garanto que ainda posso conceber outro rebento ainda melhor que você e destituí-lo de seus atributos. Não, não! Serei ainda mais contundente devido à afronta ignóbil que me impuseste: adotarei um dos meus imberbes escravos domésticos para te substituir. Darei a ele a tua tocha, o arco e as flechas, todo o

equipamento que me pertence, do qual tu não fazes jus e que um dia te dei sabes lá para quê. Sim, tudo meu, pois é certo que, por parte de pai, nada veio de extraordinário para constituir esses maravilhosos instrumentos do amor. Doarei, inclusive, estas tuas asas queimadas pelo óleo da libidinagem, que te fazem célere na arte da concupiscência! – Neste momento ela ergue a asa direita com uma das mãos, segurando na extremidade da pena, e observa o ferimento. Em seguida, soltando-a desdenhosamente, ela cai frouxa sobre as costas do jovem enfermo e acamado. Com as mãos novamente livres, continuou o sermão: – Desde pequeno tu aprontavas das tuas traquinagens. As tuas unhas afiadas eram o terror dos teus irmãos que, inumeráveis vezes, foram tratados com falta de respeito. Estou morrendo de desgosto, seu fedelho parricida! Incontáveis vezes tua própria mãe foi desnudada e possuída. Agora me desdenhas como se eu fosse uma viúva velha e relaxada, sem temer ao teu padrasto, o valente guerreiro Ares que honra esta casa. Oh, céus, por que mesmo temerias a ele? Apunhalando pelas costas o meu coração carregado de tanto amor, providenciastes tantas meninas para servirem de suas concubinas em suas orgias, que, facilmente, conseguirás a condescendência dele. Mas não irá durar muito a tua impunidade por esses joguinhos amorosos, pois sentirás o azedo fardo dessas núpcias ilegais. Encontro-me numa situação de tamanho desprezo que nem sei por onde começar. O que fazer? Onde me esconder do ridículo? Como dominar essa víbora que se infiltrou, durante as sombras da madrugada, no seio de minha família? Poderei contar com o socorro da Sobriedade a quem tenho ofendido com tantos excessos, inclusive com a luxúria vinda deste fedelho inconsequente? Entretanto, tudo isso são problemas menores diante da perspectiva de ser obrigada a tratar com essa mulherzinha ordinária e vulgar que mancha a nossa linhagem real com uma união ilícita e degradante. Pelo menos, a vingança será um consolo para confortar esse coração de mãe traída. Psiquê amargará a eterna paixão por Eros e será, ela mesma, quem vestirá a túnica da repressão neste espertalhão, que se feriu com a própria arma. O castigo será implacável e o jovem sagitário, quando buscar as suas flechas, encontrará a aljava vazia, recorrendo a sua tocha, a encontrará apagada e até mesmo seu arco será inutilizado, com a corda relaxada. A vingança tem que ser completa e exemplar! Rasparei até o último fio de cabelo desses cachos, que com tanto amor acariciei e banhei com o néctar da fonte, ainda quando vivia em meu peito, tornando-os mais brilhantes do que o ouro. Só ficarei satisfeita ao ver as asinhas deste sujeito cortadas! – Com tais palavras foi secretada a bile venusiana com a raiva que lhe é característica. Logo após se retirar dos aposentos, encontrou Ceres e Juno que, preocupadas com o semblante consternado pela irritação, perguntaram-lhe:

– Por que apertadas as sobrancelhas e oprime o radiante brilho do teu olhar?

– Oh! Muito oportuna a vinda de vocês para dar alento ao meu coração em chamas. Sei que me ajudarão a encontrar aquela Psiquê, que é o motivo do meu pesar. Não poupem esforços para alcançar a fugitiva que desapareceu feito

fumaça ao vento. Sei que já tomaram conhecimento das proezas do fedelho a quem resisto em chamar de filho, pois trouxe o escândalo para o seio da minha casa.

– Sim, temos conhecimento do que se passa. Mas, grande senhora, que crime hediondo cometeu o teu filho? Para quê tanta obstinação em combater os prazeres dele e aniquilar aquela a quem ele ama? Tenha prumo, uma vez que não há nenhuma grande infração no sorriso dirigido a uma mulher bonita. Como podes ignorar a juventude e o ímpeto de macho que corre em suas veias? Será que te enganas com as belas formas, ainda entre a pureza da infância e a virilidade precoce da adolescência, que te fazem ver apenas o menino? Sabemos que a leveza e a graciosidade, com as quais ele carrega uma considerável quantia de anos, não o transformam numa eterna criança. Tu és mãe e mulher sensata. Não deves se meter a bisbilhotar os divertimentos amorosos dele e, o que é pior, incriminá-lo por fazer valer o seu dom de amar, condenando o próprio filho pelas artes e volúpia tão próprias do ato de amar, do qual tu és maestra. A quem você quer enganar se apenas expandir o desejo entre as criaturas do universo e negar o deleite dentro do próprio lar? Por que impor aos amantes o pesado constrangimento do gozo interrompido, paralisando o justo funcionamento das engrenagens desse engenho que possibilita a todos o prazer da entrega feminina e a consumação da união amorosa?

As deusas agiam com perspicácia defendendo e enaltecendo a Cupido, em sua ausência, pois temiam o efeito das suas flechas e procuravam obter a sua benevolente graça. Já Vênus, contrariamente, viu nessas recomendações apenas as miçangas de ironia que se assomavam ao colar do ridículo, avolumando-se em torno do próprio pescoço e sufocando-a com o nó do orgulho ferido, cujo cordão aperta a sensatez e a sobriedade. Só lhe restou sonegar, de si mesma, a contemplação do seu vaidoso espelho e pular depressa para o fundo do oceano.

E pelo mundo peregrinava Psiquê, carregando o pesado fardo do amante ausente. Se ao menos pudesse usar as suas armas, mesmo que à distância, seria questão de tempo para que as suas habilidosas carícias extraíssem o perdão do marido entrincheirado. Mas o afastamento aparente dos dois não os separava de todo, uma vez que os corações estavam ligados por fios invisíveis e mágicos dos sentimentos amorosos que os faziam se comunicar, instantaneamente. Isso pode ser constatado pelo fato de que, quanto mais um dos amantes sofria, o outro correspondia em dor, não existindo remédio eficaz para a falta que o amor faz. Até mesmo os favores obtidos de uma escrava deixaram de fazer sentido e nada, em substituição, satisfazia a Eros. Aí está a eficácia comprovada das implacáveis flechas eróticas que ligam, através de laço irresistível, dois seres alvejados por suas pontas temperadas com o puro amor. Mesmo abatida, Psiquê avistou no alto de uma montanha um templo e sentiu alguma esperança em obter o favorecimento de algum deus que a auxiliasse. Ou, quem sabe, o próprio Eros não tinha ido se

refugiar por ali? Com essa ideia sugerida, de súbito, pela imaginação criativa, trazendo a esperança que ergue montanhas, ela criou forças do nada, pois já não as tinha em si devido à fadiga repetitiva. Com essas forças fictícias, apressou o passo para alcançar o elevado objetivo. Apesar de nem uma grama de montanha ter sido suspensa com a força do pensamento, o obstáculo foi escalado corajosamente por uma jovem que, sem essa força fantasmagórica e na condição calamitosa em que se encontrava, não teria condições de subir nem mesmo o cume de uma pequena ladeira. Olhou para trás e se perguntou como foi capaz de realizar aquele prodígio. Agradeceu aos deuses e se aproximou do altar da divindade do templo. Observou oferendas de espigas de milho, amontoadas e distribuídas em forma de coroa, além de espigas de cevada. Havia, também, ferramentas do trabalho no campo, como a ceifadeira, mas estavam jogadas de maneira desleixada como se os donos camponeses tivessem parado de trabalhar nas horas quentes do verão e deixaram as ferramentas ali, num lugar qualquer, para pegá-las depois e continuar o trabalho numa hora mais propícia. Vendo isso, Psiquê as organizou cuidadosamente, ordenando-as pelo tamanho e criando um aspecto mais apropriado para um lugar de adoração, independente da divindade em questão. Almejava com isso, implorar a misericórdia do poderoso deus homenageado ali e, quem sabe, conseguir algum auxílio ou pista de um caminho a seguir. Quando estava absorvida com devoção nessa tarefa, chegou Ceres clamando com vigor:

– Olha só quem está aqui! Sabes tu, criaturinha da terra, que Afrodite anda no teu encaço procurando qualquer vestígio que leve a ti para fazer-se vingada ao submeter-te ao extremo suplício, usando seu temido poder divino? E, no entanto, tu estás aqui zelando pelos meus interesses e esqueces de salvar a própria pele em função de outra coisa? – Psiquê mal esperou a deusa colocar o devido ponto de interrogação no final da sentença e se jogou violentamente aos pés dela, encharcando-os de lágrimas e varrendo o chão com os cabelos. Assim implorou sua graça com incontáveis preces:

– Pela mão direita de onde a fertilidade flui para gerar os frutos da terra, eu te imploro! Pelas festividades que em tua homenagem são realizadas, devido às colheitas férteis que propiciastes; Pelos segredos ocultos nas arcas e guardados pelos iniciados; pela carruagem que voa puxada pelas suas serviçais serpentes; Pelos sulcos onde são lançadas as sementes nas terras sicilianas; pelo carro sombrio de Hades e pela terra prestativa que nos sustenta; Pelo retorno radiante de Perséfone depois das núpcias tenebrosas; pelos segredos muito bem guardados de Elêusis; por tudo isso, eu te imploro que atenda às preces desta humilde e pequena Psiquê! Permita o esconderijo atrás dos montes de espigas, somente por alguns dias, o bastante para que eu tenha o intervalo necessário para o descanso reparador e para que a poeira de ódio levantada se assente, acalmando a poderosa deusa, enfim, dando tempo para que o razoável volte a dominar o juízo dela. –

Ceres ouviu a tudo isso com ternura, mas nada podia fazer, e assim tentou consolar:

– O rio salgado que corre de teus olhos e as tuas humildes preces me emocionam e sinto vontade sincera de te socorrer. Mas existe um impedimento grave: tenho com Afrodite laços de sangue e pactos de amizade. Não tenho a intenção de criar um conflito com ela e ser forçada a dar satisfação numa situação de possível desagravo. Sai, portanto, deste templo e contenta-te em ter essa chance de fugir, antes que eu a retenha sob os meus domínios e, assim, possa antecipar a derrota.

Abandonada à própria sorte, subtraída de toda a esperança e com a aflição intensificada pela informação de que estava sendo caçada, voltou cobrindo os passos da vinda e foi além, seguindo por caminhos incertos. Em determinado momento, após cruzar um bosque tocado pela mão divina, vislumbrou uma construção de arquitetura singular guarnecida pelas sombras das árvores, em um valado, e pensou se tratar de um templo. Seu desespero a fazia recorrer a qualquer auxílio possível, mesmo que incerto, não deixando passar a oportunidade de reverenciar qualquer divindade que se colocava em seu caminho e, humildemente, solicitar o socorro do altíssimo. Ainda na exuberante entrada, notou as oferendas preciosas e, pendurado nos ramos dos arbustos e nos portais, nobres tecidos com inscrições douradas que denunciavam o nome da divindade, ali reverenciada com tantos presentes. Psiquê se curvou e ofereceu os joelhos cansados ao chão áspero, elevando os braços com tanto ardor que pareciam que iam se esticar e abraçar todo o altar. Fez alguns minutos de silêncio, durante os quais limpou as lágrimas, e começou a sua prece:

– Rainha dos céus, esposa irmã do Grandioso Júpiter, tu que faz morada em Samos, que se gaba de ter ela exclusivamente servido de teu berço, de ter ouvido os teus divinos choros e de ter dado a ti o alimento, que a fez crescer, e o brinquedo, para a folgança da infância. Tu que és bem-vinda nos felizes lares da alta Cartago, onde a ti homenageiam na figura de uma virgem atravessando o céu em cima de um leão. Lembro, com alegria, da tua proteção nas conquistas ilustres de Argos, próximo às margens do Inaco, que sabe do teu matrimônio com o Tonante e a reconhece como a rainha dos deuses. Tu que é venerada por todo o planeta com diversos nomes: no Ocidente, Zígia e, no Oriente, Lucina, revela-te para mim na tua face mais misericordiosa de Juno Auxiliadora e me auxilia nessa desgraça. Bem vêes o meu esgotamento diante de tantas fadigas a que tenho sofrido nessa peregrinação sem fim. Mas, disso, eu me recupero com repouso reparador. O que vim humildemente pedir é o livramento do mal maior, do qual o mortal não pode fugir sozinho, sem a guarida celeste. Não é tu que socorres quem está para dar à luz, atendendo ao chamado daquelas que se encontram em perigo de morte? – Suas orações foram escutadas e Juno em pessoa fez surgir a sua augusta presença, mas não para resolver seu problema. Assim respondeu:

– Eu até queria poder ajudar, acredite em mim. Reconheço as suas humildes e justas preces e súplicas. Mas é caso de família e seria indelicado de minha parte interferir na vontade de minha nora Afrodite, que é como se fosse uma filha para mim. Além disso, existe a lei que me proíbe de acolher um escravo foragido contra a vontade da dona.

Tristonha com a nova estocada da fortuna em seu barco, já quase em completo naufrago, Psiquê, impossibilitada de seguir adiante na busca pelo marido alado, pois não tinha nem mais aquelas forças vindas do além e criadas na imaginação, ela se prostrou completamente, ao deixar as adjacências do templo, e cogitou com seus botões: “Não há mais nada a fazer para contornar toda essa desgraça. E agora? Como encontrar algum auxílio se as próprias deusas se encontram de mãos atadas, apesar da boa vontade em colaborar, não podendo fazer absolutamente nada além de se furtarem de piorar as coisas, entregando-me precocemente? Não há para onde ir se me encontro presa nesse cordel sem fim que me envolve nessa trama sem saída. Em que esconderijo poderia me enfiar para escapular dos inexoráveis olhares da grande Afrodite? Não, não há o que esperar. Deve haver, do outro lado do coração feminino, aquela força máscula que fica escondida de mim mesma, para momentos como esse. Traz essa energia à tona, pois é hora de usá-la. Terás que abdicar de qualquer falsa esperança e entregar-te de livre e espontânea vontade à tua soberana senhora. Talvez com a tua submissão espontânea, ainda que tardia, consigas desativar os transportes da raiva da deusa e trazer de volta a prumo o barco desgovernado pela vingança injusta. Hum! Além disso, quem sabe aquele a quem tanto procuras já não se encontra no leito materno, em busca de consolo que só uma mãe acolhedora pode dar a um filho que sofre tamanha dor?” – Tomou, então, o caminho mais arriscado da obediência sem mais subterfúgios, imaginando que teria poucas chances de se safar ilesa. Mesmo assim, começou a meditar sobre as preces que iriam implorar o perdão.

Enquanto Psiquê se resignava, em algum ponto desconhecido da terra, Afrodite enviou olheiros para lhe caçar impetuosamente. Vendo que o rendimento nas buscas terrestres estava sendo infrutífero e tendo pouca afinidade com a dureza do solo, resolveu monitorar os esforços de captura pelos ares. Deu ordens para ser preparado o seu carro que tinha sido esculpido por Vulcano. O exímio artesão, escultor e ferreiro do Olimpo, esbanjou a sua arte nesse veículo para oferecê-lo, como presente, antes da primeira investida no leito nupcial, à sua, então noiva, Afrodite. Não poupou recursos, em ouro, e nem o próprio corpo, ao se ferir no trabalho com a lima, na pressa de concluir os talhes a tempo.

Ainda no beiral da casa da deusa, quatro pombas, das muitas que estavam ali para servir de força propulsora, se adiantaram e, com movimentos inteligentes e graciosos, curvaram-se para receber o jugo, repleto de pedras preciosas, firmando a trela que tracionava a carruagem. Ao comando da dona do veículo,

elas levantaram voo com alegria de estarem servindo ao Amor. Outras aves escoltavam o transporte: pardais em alvoroço assoviavam a lascívia pelo ar, enquanto outros pássaros feriam as cordas do ar para produzir sons harmoniosos da suave melodia que prenuncia o advento da criadora das relações amorosas. As nuvens no céu desenharam o caminho ao dar passagem à sua filha e o Éter acolheu a imortal com júbilo. As águias e os gaviões não se atreveram a causar nenhum dano, e o cortejo, em coro, avançava gloriosamente transportando Afrodite.

O carro fez um trajeto reto para a morada de Júpiter, na grande fortaleza real. Enunciou, em voz alta e clara, a sua solicitação, pedindo autorização para utilizar os serviços de Mercúrio, o mensageiro celeste. O rei do Olimpo precisou apenas erguer o supercílio negro para consentir o que lhe foi requerido e Afrodite somou Mercúrio ao seu cortejo triunfante que descia do Céu. Já dentro do carro, no trânsito pelo ar, ela se insinuava de maneira solícita:

– Como tu já estás acostumado a saber, meu irmão olímpico, tua querida irmã Afrodite nunca fez o que quer que fosse sem a tua assistência de mensageiro real. Imagino que já saibas que já, há algum tempo, eu desejo encontrar a minha serva que se escondeu pelas entranhas da terra. Só tenho como recurso, para resolver rapidamente essa questão, publicar um anúncio, por seu intermédio, de uma recompensa de quilate apreciável em troca de informações que levem à descoberta do paradeiro dessa fugida. Peço também celeridade nessa missão que te confio, dando logo o sinal para que todos, nos mais distantes recantos do planeta, fiquem cientes da situação e sejam desencorajados a descumprir a lei, pela alegação espúria de desconhecimento ou ignorância, ao ocultar uma escrava que tem dona. – Exatamente quando terminou de falar, lhe apresentou um papel que destacava o nome Psiquê e dava outras informações de aparência física e origem.

– Sim, minha irmã, agora mesmo já está em andamento o transporte do teu recado. – Depois de ouvir a essas palavras de prontidão do deus mensageiro, ela voltou para casa.

Mercúrio, obediente ao que lhe foi solicitado, percorreu todos os rincões da Terra, visitando todas as nações e reinos, e desincumbiu-se da missão, que lhe havia sido confiada, levando a seguinte proclamação: “Aquele que deter a escrava fugitiva que responde pelo nome de Psiquê, serva de Afrodite e filha de rei, ou revelar o seu paradeiro, que procure o porta-voz dos deuses no santuário de Murtia, atrás da curva sul do Circus Maximus. Uma informação efetiva tornará o portador merecedor de receber o vultoso prêmio, da própria Vênus: sete doces beijos, além de um especial, muito mais melado do que o mel, que será consumado na pressão carinhosa do toque da ponta de sua língua, extraindo o doce incomparável”.

O anúncio se espalhou rapidamente e o apetite por tão cobiçada recompensa fez os mortais se empenharem na busca com incrível zelo. Era o motivo definitivo para dissolver as dúvidas de Psiquê, que ainda vacilava perambulando por aí. Ao se aproximar do templo da deusa, a serva de Afrodite, chamada Consuetude, correu célere ao encontro dela, gritando no máximo de sua potência vocal: “Finalmente, sua cativa desgraçada e antipática, só lhe chegou agora a constatação de que não passas de mera escrava e de que tens uma dona? Ou negarás, com a fleuma convenientemente estampada nessa face insossa, dizendo não ter consciência do cansaço que sofremos no esforço de remover céus e terra em sua busca? Mas a fadiga terminou e, graças aos deuses, você caiu em minhas mãos. Agora está à beira do abismo, a um passo de receber o que merece, o castigo pela sua audácia.” Mas ao invés de temer, Psiquê se deixou levar pela brutalidade da serva, que a puxou pelos cabelos desnecessariamente. Ao se deparar com a presa dominada pela cabeleira, Afrodite soltou uma gargalhada estridente e desproporcional, como é comum numa pessoa em estado de desequilíbrio e sequestrada pela ira. Após isso, abanou a cabeça, em atitude irônica e, cutucando a orelha direita, descarregou o que há tempos estava acumulado na vasilha do ódio:

– Já não era tempo de tu vir saudar a tua sogra? Finalmente, me concedeu a honra de um encontro tardio. Ou chegou até aqui apenas para ver o seu marido clandestino, a quem você feriu na asa e colocou-o em risco de vida? Mas se tranquilize. Eu a receberei da forma mais digna, como uma legítima e boa nora deve ser acolhida. – E, olhando para os lados, procurou por duas servas. – Onde estão as minhas servas, a Inquietação e a Tristeza? Façam com que elas venham até aqui e se apresentem à minha querida nora que tanto merece os seus cuidados.

Imediatamente, após adentrarem ao recinto, Afrodite confiou Psiquê a essas duas servas, ordenando que a submetessem, cuidadosamente e com requinte de crueldade, aos flagelos desagradáveis e aos tormentos indesejáveis, com o objetivo de magoar, ainda mais, a pobre criança. Depois da sessão de tortura, levaram-na novamente à presença da senhora deusa. Um novo rompante de risada sarcástica fez Afrodite se remexer por dentro e por fora. Essa performance exagerada preparou para a sua fala seguinte:

– Ora, vejam como ela está, coitadinha! Nada do que faça essa carinha tenra extrairá de mim uma gota sequer de piedade. Ainda por cima, arregimentou um inocente para inchar o ventre e seduzir com um fruto glorioso, imaginando fazer de mim uma avó contente e conquistando a nossa compaixão. Oh, que felicidade! Ser tratada como uma avó anciã, quando ainda estou em plena forma da beleza, e ter o filho de uma desprezível cativa como o neto de Afrodite! Eu disse filho? Como me passo por tola, pois trata-se de uma união ilegítima entre desiguais, sem a anuência dos pais e sem testemunhas, portanto, relação

clandestina. O que está para nascer, na hipótese de permitirmos levar essa gravidez a termo, é um bastardo.

O ataque verbal carregado de ironia sarcástica evoluiu para o combate corpo a corpo entre forças desiguais. Psiquê, sem reação, ficou em frangalhos, com as roupas em trapos e cabelos arrancados, sua cabeça jazia zunindo no chão, machucada com tanta crueldade. Com o olhar perdido na linha mais paralela ao chão, observou a chuva de grãos dos mais variados tipos serem despejados por todo o vão à sua frente: trigo, milho, lentilha, papoula, fava, ervilha dentre outros. A soberana misturou tudo em um grande monte e ordenou à candidata a nora:

– Imagino que você seja bem dedicada aos serviços, pois com essa aparência desproporcional é necessário agradar, e muito, aos seus amantes, a fim de lhes conquistar as boas graças. Muito bem, faço gosto em experimentar, de perto, e confirmar toda essa sua presteza. Terá que trabalhar arduamente, pondo em risco o fruto do teu ventre, se quiseres continuar a viver. Organiza essa confusão de grãos que se amontoam em tua frente. Quero que cate, cuidadosamente, por tipo, qualidade e tamanho. Enquanto isso, estarei me regalando numa celebração ao amor e, quando voltar, à tarde, espero que tudo esteja arrumado e pronto para passar pelo meu crivo.

Psiquê, do jeito que estava estatelada no chão, assim permaneceu e nem conseguiu mover um único dedo da mão. Prostrada diante daquele mar de grãos emaranhados, permaneceu em silêncio e triste com a tamanha desumanidade da imposição daquela tarefa, inexecutável para a mão humana. Fechando os olhos, entrou na inconsciência do estado de choque e nem percebeu que uma formiga observava tudo em silêncio. Esse animalzinho, que carrega dez vezes o seu peso e trabalha sem parar, analisou e chegou à conclusão de que a empreitada excedia as possibilidades da amante do deus do amor. A compaixão penetrou no seu ínfimo coração de inseto, condenando as ações perversas da sogra e levando esse ser, tão pequenino, a tomar uma grande atitude, digna de rei: correndo em todas as direções, com a dinâmica que lhe é própria, arregimentou todo um exército de formigas que se encontravam na reserva das adjacências. Transmitindo para elas a mesma compaixão que havia sentido, orientou o trabalho de maneira contagiante: “Tenham piedade, minhas irmãzinhas trabalhadoras, filhas da terra, dessa mãe de todas as coisas! Piedade da adorável menina, esposa do Amor que aqui jaz paralisada sem recursos para superar essa adversidade, imposta pela perversidade de uma sogra sequestrada pela insensatez. Vamos socorrê-la.” Semente por semente, os grãos foram rapidamente transportados, sem muito esforço, pelos seres que desfilavam graciosamente com suas seis prestativas patas, carregando o peso sob as costas. De maneira inteligente, aquela sociedade repartiu o monte, desembaraçando a mistura em grupos, de acordo com a espécie. Findado o trabalho, sumiram da mesma maneira que apareceram: do nada.

Logo após a retirada dos últimos raios solares, Afrodite regressou da comemoração de algum casamento, ainda exalando a vinho, banhada em bálsamo e adornada com uma coroa de rosas de cores vibrantes. Seus passos soltos, mas não completamente ébrios, foram paralisados diante do milagroso trabalho que se revelou a sua frente. Após alguns segundos de choque, que silencia qualquer matraca, apenas o tempo suficiente para engolir, a contragosto, um sapo em forma de saliva seca, desferiu o seguinte golpe de letras:

– Pelos céus, isto não foi obra sua, empregada inútil! Aquele moleque, a quem você desgraçou, depois de toda vergonha causada à mãe, ainda lhe ajuda descaradamente. Irá sofrer ainda mais por sua causa e sua desgraça será ainda maior. – E jogando desdenhosamente um pedaço de pão duro, abandonou-a e se recolheu para o leito.

Sem saber exatamente o que acontecia, do outro lado, no fundo da casa, estava Eros, na condição de prisioneiro numa cela isolada, cuidadosamente enclausurado para evitar que qualquer esforço indevido abrisse ainda mais a ferida e, também, para proibi-lo de se agarrar, avidamente, ao motivo do agigantamento do seu desejo. Dessa maneira, unidos e separados pelo mesmo teto, os jovens amantes vararam a sombra noturna em claro, no torpor da incerteza e no desespero da insônia eterna.

Na ausência dos raios solares, posto que a aurora não tinha subido em seu carro, Afrodite já tinha a segunda tarefa para Psiquê, ainda mais extravagante do que a primeira. Chamou-a e ordenou:

– Olhe para esse bosque e veja que suas raízes bebem do rio, que corre junto com a vegetação. As árvores maiores fazem sombra para a fonte que fica mais próxima. Nesse lugar, ovelhas ferozes, cujos flocos de lã são de ouro, vagueiam sem pastor, folgando à vontade. Traga-me, agora, um floco dessa lã tão preciosa. Não sei como irás conseguir, o importante é atender à minha vontade. Vá, é uma boa hora para o trabalho, antes que o sol se erga.

Cabisbaixa, Psiquê pegou a direção da saída e entrou no caminho que levava ao bosque indicado. O que carregava em mente, entretanto, não era cumprir a nova ordem extravagante recebida, visto ser impossível lidar com as feras em pele de ovelha que protegiam o tesouro de lã. Cada passo aumentava a vontade de dar repouso definitivo para suas desventuras, atirando-se de ponta cabeça da penha em direção às rochas escondidas embaixo d'água, na beira do rio. Mas quando se aproximou da corrente, a vegetação aquática, que brotava do raso e se elevava sobre a margem como uma franja eriçada sobre uma cabeça chata, fez ressoar uma bela melodia de inspiração divina, harmonizando com o doce murmúrio de uma agradável brisa. Vindo de lá, um caniço verde sussurrou o seguinte conselho em tom de profecia:

– Andas atormentada com o volume de trabalhos exorbitantes, Psiquê? Isso não é motivo para poluir, com a tua morte miserável, as águas santas do meu rio. Há um jeito de atender a tua senhora sem que te machuques. É possível se aproximar das temíveis ovelhas, mas não enquanto estiver em pleno calor do meio dia, pois quando o sol lhes toca com a quentura, uma animação incomum as toma, como a raiva inquietante das bestas atacadas e em estado de fúria. Quem chegar perto, enquanto elas estiverem ataçadas dessa maneira, será recebido por seus chifres afiados ou, se tiver sorte, pelo carinho do seu crânio de pedra. E, se nada afugentar o visitante, o anfitrião defere mordidas envenenadas para que o corpo do ser humano atrevido permaneça para sempre naqueles pastos, adubando a vegetação. Porém, quando a temperatura ameniza, o rebanho deita-se para repousar sob o frescor que vem das margens frescas do rio. Para esperar esse momento, tu podes te esconder no alto daquele plátano que mata a sua sede na mesma fonte de onde bebo água. Quando estiver atenuando a ferocidade dos animais dourados, e suas faces estiverem suaves e relaxadas, refletindo a tranquilidade da calma interior, sacuda as ramas da relva mais próxima. Lá estarão disponíveis os tais flocos de lã de ouro, que escaparam deles ao se roçarem nas pontas dos ramos, enquanto pastavam.

Dessa maneira simples e humana, o caniço instruiu a ingênua Psiquê a se salvar com as artimanhas da observação da natureza, mostrando que há o momento propício para conseguir o que se deseja, até mesmos aqueles objetivos que parecem ser impossíveis. A conformidade com o tempo é fundamental para colher os desejados louros. Seguindo à risca os conselhos e sem esquecer nenhum detalhe, ela pôde encher, com muitos punhados de flocos de lã, o seu regaço e trazer, vitoriosa, os tufos brilhantes como o ouro para atender ao desejo da mãe do Amor. Mas, nenhum louro, aquela recebeu desta, diante do notório êxito nesse segundo teste. Com os supercílios franzidos, como se tivesse acabado de ingerir uma bebida bem amarga, disse no mesmo tom irônico com que tratava a menina:

– Sua escrava fingida, não és capaz de enganar nem aos tolos. É bastante óbvio quem foi o compositor desta obra. Mas não terá a sorte sempre. Vamos ver até onde sua alma suporta. Você tem coragem e equilíbrio para enfrentar a escalada daquela montanha íngreme e dominar o alto rochedo escarpado? Pois bem, você encontrará lá uma fonte escura e estará diante da nascente do Estige e do Cocito, que primeiro alimenta a bacia do vale ao lado e forma os pantanais férteis de crocodilos. O meu humilde pedido é que recolha um pouco da água gelada, que é vertida originalmente dessa fonte, aqui, nesse jarro, e me traga rapidamente, ainda com o frescor, que dura apenas alguns minutos depois de saída da pedra. Vá, sem demora! – Entregou o vasilhame de cristal bem trabalhado, que só em olhar dá medo de quebrar devido à delicadeza, e acrescentou algumas ameaças, repetindo o costume nefasto de aterrorizar a criança.

A humilhada escrava não perdeu tempo e tomou a direção da montanha indicada. Agora ela tinha certeza que se tratava do fim da linha e poderia ter descanso da vida miserável à qual foi submetida. Quando se aproximou da íngreme subida e viu alguns pontos escarpados, constatou que seria fácil escorregar e cair nos braços da morte. O rochedo tornava o ser humano uma pequena formiga, com a diferença que esta tem a capacidade de grudar na parede lisa e subir facilmente sem perigos aparentes. Mesmo que Psiquê tivesse a habilidade da formiga, nas saliências da rocha, águas repugnantes eram expelidas e certamente fariam qualquer um escorregar para o inferno. A água resvalava ao longo das paredes escavando um estreito canal, através do qual desaguava numa queda para o vale mais próximo. De um lado e de outro, nas cavidades das pedras, dragões afeitos ao sangue se esgueiravam rastejando a barriga e esticando o pescoço. Seus olhos, como lanternas infalíveis, vigiavam a passagem sem jamais fechá-los para a entrada da luz. As próprias águas se protegiam da presença indesejada, repelindo o visitante com as seguintes advertências: “Vai para longe daqui! Ou tenha morte horrível nesta montanha!”; “Ainda há tempo, volte por onde veio!”; “Onde você pensa que está indo?”. Vendo tudo isso e constatando a impossibilidade de cumprir a tarefa, a bela princesa calou-se como uma pedra e assim virou lápide de si mesma, pois apesar de ainda ter matéria pulsante, ainda que lânguida, nada sentia ou registrava do mundo exterior. Oprimida embaixo da imensidão daquela pedra imensa, nada lhe restou, nem mesmo o alívio de uma única gota de lágrima para derramar.

Felizmente, o lamento daquela alma sofredora não foi proferido em vão, até ali, e a providência não lhe foi indiferente. Do nada, que bem pode ser do tudo, num repente, fez-se uma sombra em forma de pássaro no chão, bloqueando a luz solar no ponto onde se encontrava Psiquê petrificada. Era o sinal de que as asas estendidas da águia de Zeus planavam em cima dela e observava toda a situação. Como Eros havia auxiliado a essa ave poderosa na captura de Ganimedes para Zeus, um natural sentimento de reciprocidade fez a ave retribuir o favor, auxiliando a sua esposa a superar o obstáculo, intransponível para humanos. Encolhendo as asas, lentamente, foi descendo do céu até obter um pouso tranquilo, aterrissando as garras na frente da moça para lhe falar:

– Como podes ser tão ingênua em pensar que podes subtrair uma gota dessa fonte temida e sagrada? Não vês que é impossível para as mãos humanas alcançar o cume dessa montanha protegida por dragões? O próprio Zeus teme as águas estíguas, como é dito nas narrações populares, nunca ouvistes? Da mesma maneira que tu juras pelo poder celeste, os deuses assim também o fazem pela realeza do Estige. Entretanto, há socorro para ti. Me dá essa ânfora de delicado cristal. – E apanhou cuidadosamente a jarra com uma das garras e, cuidadosamente, levantou voo.

Psiquê tinha hesitado em passar o utensílio real às garras da ave, ao pensar na hipótese de entregar os estilhaços do cristal, para a sogra, ao invés da porção de água requerida. Mas a habilidade da ave divina a fez retomar as esperanças. Com a oscilação das asas e com as penas esticadas, passou facilmente por cima dos dragões, que apenas puderam acenar com as suas línguas de víbora, cuja ponta se triplica em letais dardos. Mas encontrou a resistência da água sagrada que advertiu a ave para se retirar dali sem levar nada. A fonte se recolheu se detendo no ar, impedindo-a de encher a vasilha. Usou, então, a inteligência que lhe é própria e inventou um subterfúgio: disse simplesmente que estava ali a serviço de Afrodite e, com o consentimento assim obtido, teve mais facilidade em encher o vazio do cristal. Por fim, o vaso preenchido pela água sagrada foi acolhido com alegria e restava apenas o retorno por caminho plano para levá-lo à exigente sogra. Mesmo diante do cumprimento bem-sucedido da terceira tarefa hercúlea, a deusa não se tomou por vencida e aumentou o tom das ameaças e castigos infernais, amaldiçoando-a com uma zombaria diabólica:

– Agora me dou conta que estou lidando com uma ardilosa feiticeira, muito bem instruída nas artes da bruxaria e dos sortilégios, para conseguir prevalecer diante das minhas ordens especialmente elaboradas para dar cabo de sua vida. Não pense que haverá rendição da minha parte e esse ainda não é o fim, pois há um último favor que você deve me prestar. Tome esta pequena urna, – e entregou-lhe o objeto – vá até os quintos do inferno, chegando até o palácio do próprio Hades. Encontre lá Perséfone e lhe mostre esse pequeno baú, solicitando a ela da seguinte forma: ‘Sou portadora de uma solicitação de Afrodite. Ela pede um pouco da tua beldade, não muito, apenas o suficiente para um dia, ou seja, a quantidade de uma ração diária. A sua reserva se esgotou nos cuidados ao filho, que se encontra convalescente.’ Não se demore excessivamente no inferno, pois preciso me ungir com esse cosmético da deusa para assistir a um espetáculo no teatro do Olimpo. Mas se quiser ficar por lá para sempre, me fará completamente satisfeita e finalmente terá conseguido a felicidade da sogra. – E soltou uma devastadora risada infernal.

A pobre Psiquê viu, nos auxílios que tivera até aqui, apenas o requinte da crueldade, para que ela fosse bem-sucedida em atingir o auge de sua degradação no próprio inferno. Agora não havia mais disfarces, pois fora enviada diretamente para o lugar de onde não há notícia comprovada da volta de mortais humanos. “Então, era disso que se tratava?”, indagava para si própria. “Estão me obrigando a ir com as próprias pernas para as profundezas do Tártaro confraternizar com as almas mortas? Se é isso que de mim desejam, irei pelo caminho mais rápido”. Olhando para o alto de uma torre pela qual passava, julgou ser de lá o trajeto mais rápido para descer às trevas do Orco. Para sua surpresa, entretanto, a própria construção, que se alongava na direção do céu e não das trevas, falou através das pedras que constituíam suas paredes:

– Qual o motivo da desistência, pobre criança, se já chegaste tão próxima de realizar todas as tarefas hercúleas que lhe foram impostas? – Indagou a torre falante. – Para que destruir a tua bela frente, exatamente no último teste, quando ainda pode haver escapatória para o teu infortúnio passageiro? Lançando-te ao chão do alto do meu mirante, que foi concebido para contemplar, à distância, as belas e grandiosas formas como as montanhas e o longínquo horizonte onde o céu toca o mar, macularás com sangue o meu altar. Sem corpo, destruído dessa forma espúria, o teu espírito estará definitivamente acorrentado ao Tártaro, de onde não poderás voltar de jeito nenhum. Tira esses pensamentos grotescos de seu coração e escute-me: procura a magnânima cidade da Lacedemônia, situada nas proximidades de onde te encontras. Depois dela, nas fronteiras mais afastadas, procure pelo Tênaros, um lugar onde existe uma entrada para o subsolo, uma caverna profunda. Lá é o portal para a casa de Plutão. Vê as portas famintas por almas desgarradas e um caminho de difícil acesso. Quando cruzar a soleira, segue por ele e alcançará o palácio do rei dos mortos, Hades ou Plutão. Não é tão simples assim quanto parece, como se fosse uma caminhada pelo jardim ou bosque. Terás que ir equipada ao lar do deus das trevas profundas. De mãos vazias, não irás muito longe. Por isso, trata de carregar, cada uma delas, com um punhado de bolo de farinha de cevada, sovado com vinho e mel, e põe na boca duas moedas. Quando venceres uma boa parte da caminhada que leva à mansão dos mortos, encontrarás um asno aleijado, carregando madeira, e o seu burriqueiro, que sofre da mesma deficiência. Este último solicitará ajuda para pegar alguns cavacos caídos no chão. Não fale nada e siga adiante. Logo mais à frente, alcançaras o rio da morte, em cuja margem está esperando o barqueiro Caronte. Para acessar o transporte é necessário pagar por isso, ele irá exigir dinheiro para te colocar, em segurança, do outro lado da margem, em sua barca de couro. Observe que, até mesmo na morte, é preciso lidar com o império da avareza, a começar pelo deus Caronte, que não dá uma remada sequer de graça. O pobre que morre sem um tostão no bolso não terá o direito de dar o seu último suspiro. Por isso, a recomendação dos antigos, de guardar, pelo menos, uma moeda para o último pedágio da existência. Ao velho barqueiro, esquelético e cadavérico, darás como tributo, uma das moedas que deverás levar consigo na boca. Faz de modo que ele pegue apenas uma, diretamente de tua boca com a própria mão. Ainda tem mais um detalhe: ao longo da passagem, um velho morto, flutuando na superfície, tentará, através de súplica, conquistar a tua misericórdia para que puxes ele para dentro do barco, segurando em sua mão podre. Neste momento, lembra-te que é vedado qualquer gesto de piedade, pois estás em território regido pelas regras do lado sombrio do universo. – Psiquê ouvia a tudo atentamente e deu graças à Providência, que certamente enviou a orientação através daquele monumento, cuja visão privilegiada alcançava o longínquo e o profundo, antecipava os perigos que rondam os caminhos, apontava tanto para o alto quanto para a salvação e ensinava o jeito certo de caminhar pelas traiçoeiras e infernais estradas do mundo.

– Ainda bem que tu me orientas em todos os detalhes. Não saberia me portar no inferno, pois não é o meu ambiente natural. – Constatou ela, dando uma pausa para o resto das instruções. A torre continuou.

– Depois de cruzar as águas do rio e seguir adiante no caminho, tecelãs já avançadas em idade estarão em seu ofício de tecer um pano e, também, te pedirão, piedosamente, alguma ajuda. Novamente, aja do mesmo jeito, pois não tens o direito de mexer naquele trabalho. Na verdade, essa é uma das muitas armadilhas ardilosas arquitetadas por Afrodite, com o fim de roubar a sua atenção para longe do seu objetivo e assim acabares esquecendo um dos bolos que carregaras na mão. Esse punhado de cevada amassada pode ser leve e acessível a qualquer camponês, mas se perderes um deles, te custará muito caro e será o fim da luz do dia para ti. Escuta bem e não te esqueças: tem um cão gigantesco de três cabeças ferozes, um animal monstruoso que, apesar de não poder fazer mal algum aos mortos, dispara, do fundo da garganta, latidos fortes como o trovão, que tornam o ambiente um pesadelo para as almas perdidas. Ele é a sentinela da casa vazia de Hades, ficando à beira do átrio sombrio de Perséfone. É justamente o bolo que irá amansar a fera. Chegando até aí, facilmente alcançará os aposentos daquela a quem procuras. Como é de praxe, ela te receberá com toda a benevolência e graça de sua natureza, convidando-te para um espetacular banquete, sentada numa cadeira macia e reconfortante. Ao invés disso, senta-se no chão e pede um simples pão grosseiro. Depois de se alimentar, fale o motivo de sua jornada, como te foi instruído por Afrodite, e aceita o que for ofertado. No retorno, acalma a agitação do cão com o punhado de bolo de cevada que restou na outra mão. Para o barqueiro sovina, darás a outra moeda especialmente reservada para a volta. Tendo cruzado o rio, apenas cobre os passos pelos quais entrou na caverna para, finalmente, voltar a ver a cor do céu e, então, ouvirás a alegria do coro das estrelas que te receberão na saída. Ainda há a principal e última recomendação: não abre, de jeito nenhum, a urna fechada e nem procura ver o que ela guarda no seu interior. Controla a tua curiosidade e respeite o divino mistério do tesouro da beleza que ela transporta, somente para a deusa, que é a proprietária. Tu és apenas a portadora. – Assim terminou as suas recomendações, a torre que alcança longas e profundas distâncias, com a sua alta vista.

Psiquê não perdeu tempo, e com a esperança mais viva do que nunca se dirigiu para o Tênaros. Se equipou com os itens recomendados para a travessia do inferno: as duas moedas e os dois pedaços de bolo. Descambou, corajosamente, pelos degraus do inferno, fez-se de muda para a mula e o seu almocreve, apenas constatando que ambos eram aleijados. Ela pagou uma peça pela tenebrosa travessia do rio da morte. Fingiu que não era para ela, o clamor do morto que boiava putrefato nas águas, assim como desdenhou do ardiloso pedido das tecelãs. Deu o calmante para os irritadiços cães, jogando um punhado do bolo, como se segurasse a própria vida na palma da mão, o que, nesse caso, é literalmente verdade. Finalmente adentrou na casa de Perséfone. Rejeitando o

acento confortável e o banquete de rainha, oferecidos pela dona da casa, se acomodou no chão, próximo aos seus pés. Feliz, com o pão duro nas mãos, após se alimentar, relatou a razão da inesperada visita, a missão que Afrodite havia lhe confiado. Nos recônditos da casa, em segredo, a urna, em forma de uma pequena caixinha, foi preenchida, fechada e levada para ser entregue à portadora. De posse da preciosa caixa, tratou de sair do inferno. A outra mão, que segurava a segunda metade da vida, se abriu facilmente, no momento certo, para cumprir a sua missão de atirar o bolo e enganar o cão de três cabeças, ‘ou seriam três cães com apenas um só corpo?’, foi a dúvida que ela teve, de súbito, mas que, certamente, não iria parar o seu progresso para perguntar, a ele ou a eles?, nem a ninguém naquele domínio sombrio. Apenas apressou o passo e deixou as questões filosóficas mais complexas para outro momento. Ao chegar no rio, pagou o que lhe era pedido e, pisando firme na outra margem, tratou de subir os degraus que levavam novamente à liberdade do céu. Quando deu o primeiro suspiro de alívio por ter sobrevivido aos quintos do inferno, algo coçou na nuca da alma. Uma inquietante curiosidade sequestrou, completamente, a sua mente, que refletia consigo mesma: “Passei por tantas provas mortais, tornei-me completamente submissa aos caprichos mais excêntricos de uma sogra em estado de desequilíbrio completo e ainda vou lhe entregar a essência da beleza divina, sem nem ao menos receber uma parte do prêmio? Será que não mereço uma partezinha dos louros? Não só por mim, mas também com o intuito de agradar ao meu querido e belo amante...” E não conseguiu terminar a frase, pois já tinha aberto a caixa e não conseguiu distinguir nada de palpável ou que desse algum sinal da beleza. Sem saber, ela tinha aberto o sono do inferno, a sonolência concentrada do Estige que, quando exalado no ar, tomou posse de todos os sentidos de Psiquê, paralisando todos os membros e a lançando num estado de profunda letargia. Lá ficou, como um cadáver adormecido, no meio do caminho, em colapso, no mesmo lugar onde abrisse o que lhe havia sido proibido e não lhe pertencia.

A essa altura, Eros já tinha se refeito de seu ferimento na asa, mas ainda convalescia na ferida da alma. Não aguentava nem mais um instante sem Psiquê. A ânsia, que só se resolve nos braços da pessoa amada, o levou a fugir do quarto onde tinha sido encarcerado, através de alta janela. Se a fé remove montanhas, o que não faz o amor? Com as asas refeitas, devido ao repouso forçado, voou como nunca tinha feito antes, seguiu as pistas até reunir-se novamente com a sua amada. Soprou o sono para longe e, cuidadosamente o prendeu, novamente, fechando a tampa da urna. Em seguida, despertou a Psiquê com uma picada amorosa, inofensiva, de uma de suas flechas. Quando ela abriu os olhos, ele disse:

– Tu foste vítima, novamente, da curiosidade que coloca em risco a tua própria vida. Mas chegaste até aqui, então vai, conclui os últimos passos da missão que minha mãe te encomendou. Farei o restante, que é da minha responsabilidade. – Feliz em ser salva novamente pelo querido amor, foi fácil completar o percurso e entregar o presente de Perséfone para Afrodite.

Quanto a Eros, este sofria dos exageros do amor e trazia a aflição desenhada na sua face, pois o seu desejo se chocava frontalmente com a repentina severidade da mãe. Retomou a lida cotidiana e, com o célere transporte aéreo das asas, penetrou no céu adentro até alcançar, sem dificuldade, o Olimpo. Em audiência com o próprio Zeus, suplicou-lhe que fosse benévolo no seu caso e pediu que fosse o seu advogado na busca de uma sentença favorável. Esse deus rei, que era o advogado e, também o juiz, puxou o adolescente para perto, beliscou as suas bochechas e, após beijá-las, proferiu o seguinte veredito:

– Meu senhor filho, tu nunca me ofereceste as homenagens equivalentes ao reconhecimento que tenho merecido de todos os outros deuses. Em vez disso, me machucas neste peito, onde estão inscritas as leis do universo, desde o mínimo átomo até os movimentos dos astros, com teus golpes certos, expondo-o ao vexame das fraquezas e aventuras terrenas. Sem cerimônia e em completo desrespeito à moral pública, até mesmo à lei do adultério, tu corrompes e enxovalha a minha honra e reputação, através da obscenidade de amores proibidos, deformando as majestosas linhas de minha feição ao acrescentar nela as formas de uma serpente que cospe fogo, de um bicho selvagem, de um pássaro arreado, ou de qualquer besta indomável. Mas agora não dou importância para tanta danação. O que carregarei na memória, de bom grado, é o fato de que acompanhei o teu crescimento desde pequeno, quando eras apenas uma criancinha que cabia entre as minhas mãos. Consinto a realização do que tu desejas, porém deves retribuir esse benefício com uma oferta relacionada ao teu dever: permanece atento, de olhos bem abertos e, se tu observar novamente, na face da terra, uma beleza desse quilate, de valor sem igual, traz para mim como presente e recompensa pelo bem que agora recebes.

Imediatamente, deu ordem a Hermes para divulgar a convocação urgente dos deuses em reunião extraordinária, determinando que a ausência à assembleia seria penalizada com vultosa multa de mil sestércios. A ameaça de desfalque do metal precioso é um argumento convincente, inclusive no alto círculo celeste, fazendo encher, de forma eficiente e rápida, todo o anfiteatro olímpico. Em destaque, no alto, elevado pelo seu trono imponente, dominando pelo olhar privilegiado todos os deuses, realizou a cerimônia:

– Caros deuses, sustentáculos das colunas do Olimpo, cujos títulos honrados estão registrados pelas Musas, aqui se apresenta este adolescente, que eu mesmo me incumbi de criar, testemunhando o seu desenvolvimento, como é sabido por todos aqui. É chegada a hora de colocar freios nos impulsos fogosos e desgovernados da puberdade. Sem rédeas, ele circula na boca do povo, através dos escândalos diários relativos a amores proibidos e sandices de todos os tipos. Cortemos as oportunidades para a lascívia e apertemos o cerco contra a luxúria desenfreada da adolescência através do forte laço matrimonial. Ele elegeu uma jovem e colheu a flor de sua virgindade. Agora, deve zelar por essa relação. Que

ele possa desfrutar de todo o seu amor, para sempre, na união com Psiquê. – Em seguida, voltou-se para Afrodite e, olhando diretamente nos olhos dela, lhe dirigiu palavras reconfortantes: – Quanto a ti, minha filha, não enrugue a tua bela face com uma tristeza desnecessária, pensando que estás colocando em risco a linhagem de tua casa com essa união com uma mortal. Agora mesmo, tomarei as providências para eliminar a desigualdade entre os noivos para que ocorra um casamento legítimo e amparado pelo direito civil, e que as partes se tornem compatíveis em graça e poder celestial.

Depois de incumbir a Hermes a missão de trazer Psiquê à sua presença, no próprio Olimpo, não demorou muito e lá estava ela, pronta para o que der e vier. Zeus pegou o copo cheio de ambrosia e estendeu para ela, dizendo com palavras firmes:

– Toma esse copo em tuas mãos, Psiquê, e bebe a imortalidade que te qualifica a ingressar no número dos olímpicos. Para o todo e sempre estás ligada ao teu amado pelos doces laços das núpcias sem fim. Está consagrada a união com as bênçãos dos deuses e testemunhas aqui presentes. Sejam todos convidados para o banquete da celebração de matrimônio do Amor com a Psiquê. – Assim a assembleia se dissolveu na folgança da festa dos deuses.

Foi servido de todo tipo de iguaria celestial, manjar dos deuses, no triclinio adjacente, onde se acomodaram os noivos, Psiquê nos braços do marido, agora confirmado também pelos céus. Próximo, estavam Zeus e Hera e, ao redor, circulavam os deuses, se entregando ao deleite da comida farta e saborosa. Entrou, de maneira graciosa, Ganimedes, para servir o vinho dos deuses, o néctar celestial. Primeiramente, serviu a Zeus que, após provar o delicado sabor, autorizou a distribuição para os convivas, através das mãos do próprio Baco. O maestro da cozinha foi Hefesto e as responsáveis pelos arranjos, que enfeitavam tudo com rosas e outras flores divinas, foram as Horas. As Graças lançavam bálsamos extasiantes, enquanto as Musas cantavam em coro melodias inigualáveis em harmonia. Apolo aproveitou sua oportunidade e cantou na companhia do som da cítara. O conjunto musical estimulou o ritmo dos passos de Afrodite, que acabou por se entregar à música doce, dançando divinamente bem. A orquestra se completou com as Musas reunidas em coro, estimuladas por um Sátiro e Pã, que entregavam arpejos sensacionais aos ouvidos olímpicos, através de suas flautas mágicas. A essa altura as orelhas já se encontravam completamente refesteladas com a maravilha sonora que fazia vibrar, deliciosamente, todo o corpo. Este foi o ritual que sacramentou o casamento de Eros com Psiquê. Passados alguns dias, o casal foi agraciado com o nascimento de sua filha, a qual chamamos de Volúpia, ou Deleite.

Ouvi a todo esse conto num lugar paradisíaco, após me refestelar na relva macia. Fiquei inebriada com tantas imagens simbólicas de poesia fina. Só lamentei o fato de não ter nem um pedaço de papel para tomar notas, palavra por

palavra, do que ouvi naquele dia. Temo que eu não tenha registrado, com a perfeição adequada, a história que reproduzi aqui, com as limitações da memória humana. Espero, no mínimo, não ter me distanciado muito da fonte original. Desejo que essa narrativa sirva de inspiração para aquelas que se dedicaram à leitura atenta.

IV. A Orgia e o Ostracismo

– Venha, vista-se, temos um belo almoço para saciar sua fome. Ainda tens muito a saber sobre os encantos da natureza da vida. – Me confortando com tais palavras, estendeu as mãos com roupas simples, mas limpas, para eu usar. Vesti e peguei o vestido sujo com o intuito de descartar em outro lugar, para não profanar a fonte do prazer na terra e ser amaldiçoada pela poluição gerada a partir de um comportamento desleixado, gesto comparável a atirar pedras no altar de Afrodite.

Caminhamos de volta pelo bosque e os ouvidos dela me serviram de confidente das maravilhas que eu tinha experimentado, antes dela chegar. Agora, comparava a iniciação ao prazer com a história de Eros e Psiquê. A minha empolgação juvenil retirava-lhe sorrisos no canto da boca. Quando chegamos, os homens já estavam empanturrados de comida e se entregavam à bebida. Sentei-me no canto e comi o manjar dos deuses, guardadas as devidas proporções. Além do sabor maravilhoso criado por uma cozinheira exemplar, a barriga roncando tem o poder de transformar muita comida insossa num banquete, o que, terminantemente, não era o caso. O tempero da comida é a fome, mas o prazer da degustação envolve algo mais sofisticado do que uma barriga vazia. Uma mão treinada na arte dos temperos é uma boa amante que conduz seu amado pelas sutilezas dos toques, nem demasiadamente apertados nem frouxos, na quantidade certa para despertar os “humms e os ais!”, elevando o espírito pelo desfrute sofisticado dos sentidos. Mas é preciso estar disponível para o êxtase, propenso para o prazer, comendo pelas beiradas e indo devagar até o ponto máximo da satisfação, muito além da mera satisfação animal que leva o estômago até o limite físico, e gerando, assim, a sensação de estar empanturrado e pesado demais para qualquer outra coisa, que não seja abandonar-se à letargia de prolongada digestão.

Depois da décima gafada, mastigando cada grão com requintes de amorosidade, o prazer já não é mais o mesmo e se come pela necessidade de viver e manter o corpo pulsante. O corpo animal sempre se depara com a carência de energia externa e exige alimentação, porém a gulodice é um desequilíbrio na satisfação da fome, um excesso que pretende preencher algum vazio

entorpecendo a alma. Isso já não tem nada a ver com o prazer. Este é a liberdade e o outro é a prisão. Após esses pensamentos, ouvi Ares relatar, irritado, o que tinha descoberto no encontro com seu informante Zé Ninguém:

– Ao que tudo indica, a cidade está sitiada por macacos de todas as espécies, municipais, estaduais e federais. Minha vontade é descer lá e matar todos eles de uma só vez!

Entretanto, antes que os ares se exaltassem de maneira incontrolável e irreversível, um toque afrodisíaco em seu pescoço fez ceder as contrações iniciais da raiva que cega.

– Venha, meu bem, você está muito cansado de tudo isso e precisa descansar. Amanhã você traz o plano que irás sonhar hoje à noite. Deixe o tempo revelar os caminhos possíveis para você poder escolher o melhor. – E, envolvendo sua cabeça em seus braços, o tornou um bebê dócil, feliz em encontrar o seio da mãe. Se levantaram, calmamente, e saíram para testemunhar o pôr do sol.

Me senti sozinha e percebi a necessidade de alguém para chamar de meu. Baixei a cabeça e reconheci que essa história de “basta em si mesma” não condizia com a condição humana incompleta. Os homens resmungavam com saudade de suas mulheres, que estavam há quilômetros de distância, num acampamento muito bem escondido das autoridades. Eles não queriam correr o risco de serem reconhecidos como uma espécie de desobediência civil, que cria uma nação dentro de outra nação, quebrando o monopólio da instauração da ilusão organizada, que se tornou a constituição dos países: uma separação artificial dos povos de acordo com interesses econômicos e políticos, selados sob um sólido manto de identidade coletiva que se esvai com um simples sopro do tufão da consciência crítica.

Resolvi sair da caverna para ver as estrelas que começavam a despontar no céu. Caminhei uma centena de passos para encontrar uma cômoda pedra que serviu de poltrona. Estiquei o pescoço para o alto e mirei nas estrelas mais brilhantes. Talvez algumas delas sejam planetas. Senti falta de um professor de astronomia para me explicar como os astros se organizavam de acordo com as histórias gregas, que escreveram a mitologia no céu. Que criação espetacular, contar histórias escritas no próprio céu, servindo ao espírito uma cosmovisão fantástica que organiza o caos. Onde estaria a constelação de Touro? Tentei imaginar o animal encantador em que Zeus se transformou para raptar a Europa. Onde estará a virgem Erigone? Esta que se matou ao saber da morte trágica de seu pai, Icarius. Ao dar vinho para alguns homens, estes logo pensaram ter sido envenenados por ele e assim o mataram, sem saber que tinha sido o próprio Dioniso que havia ensinado a Icarius a arte da vinicultura. Ainda era desconhecida a alegria da embriaguez momentânea, tão necessária para aqueles

que não suportam o fardo da realidade, por demais concreta e pesada, apressando-se em aliviá-la por alguns instantes de alegria e entorpecimento. Singular forma de pacificar os conflitos da mitologia grega: escrevê-los no céu para se eternizarem no livro da vida e ensinar à humanidade como se guiar pelos labirintos trágicos do inconsciente coletivo.

A paz dos céus se reverberava na paz que sentia no coração. Assim pacificada, nem percebi a chegada de Deimos. De forma bestial, ele se lançou em minha frente, desabotoou as calças, enviou a mão por dentro e retirou a sua longa espada. Só pude rir de contentamento ao ver o vigor de Eros se apresentando naquela criatura estúpida, como uma criança com uma arma de brinquedo que não tem completa noção do que está brincando, que joga os dados no tabuleiro para matar o inimigo, sempre de brincadeira. Compreendi a situação e agi dentro do universo lúdico:

– Mas o que é isso? seu danadinho fedorento e safado! – Me lancei com o mesmo vigor em sua direção, e quando ele fez menção de me agarrar eu o surpreendi: – Deixe-me examinar a sua longa espada.

Fiz cócegas delicadas entre seu escroto e a base do seu pau empinado. Senti a consistência da carne ereta e o calor do sangue fervendo. Para minha surpresa, ele se assustou e encolheu o ventre, com medo de que o exame minucioso de minhas garras arrancasse para fora o objeto que dá razão de ser ao universo masculino. Sua expressão de raiva transformou-se em receio e eu o dominei completamente. Fiz uma carícia em seu rosto e ele novamente se assustou. Então o abracei por trás e subi em seu lombo:

– Vamos lá, meu touro Zeus, sou sua Europa, me rapte para Creta. – E assim comecei uma doce brincadeira com o brutamonte que parecia não ter saído da infância. A essa altura eu já tinha lhe desarmado e a espada já se encontrava totalmente escondida na bainha.

– HEHEHE... Sou o touro Zeus!!!! Vamos galopar. – E alegremente ele colocou as patas no chão e me conduziu galantemente pelas trilhas da montanha. Após uma hora cansando o bichinho amestrado, voltamos para a caverna. Levei-o para o monte de feno e ordenei que ele dormisse. Agora era o meu ursinho de pelúcia. Suportei o seu odor até que ele caiu em sono profundo, acolhido nos braços de Morfeu. Os homens estavam boquiabertos com a cena e não entenderam nada. Virei a cabeça e olhei para eles. Levantei-me, dei aquela risada com o canto da boca, peguei um copo d'água, sentei-me na mesa e falei:

– Por que vocês não vão dormir também? Em breve haverá ação e o descanso é fundamental para alcançar a vitória. – Eles se entreolharam e não disseram mais nada. Cada um caçou o seu rumo para encontrar um canto onde dormir. Eu voltei para perto de Deimos, mas não tão perto devido ao seu hálito

repugnante. Virei a narina para o lado oposto, reuni um feixe de feno para servir de traveseiro e me entreguei ao sono reparador.

Pela manhã, ouvi o barulho de fogão funcionando. Então Afrobeauty veio até mim.

– Me parece que perdi um espetáculo ontem à noite. Tudo indica que você aprendeu a domar uma fera desgovernada. Tão simples depois que se aprende. Mas tenha cuidado, nem sempre é tão fácil assim, principalmente, quando, ao invés de um débil mental, se está diante de um psicótico perverso. Às vezes, também, nos falta inspiração para transformar a adversidade. Venha, me auxilie na preparação da comida.

Na mesa, o bando conversava com a inspiração do deus Dioniso, que se fazia presente a cada golada de vinho. E Ares apresentou o seu plano.

– Meus fiéis camaradas, que são a razão de ser desse bando. Eles se prepararam para a nossa chegada armando uma emboscada. Mas nós é que iremos enganar eles. Pilharemos as cidades ao redor, começando pelo Norte, num raio de 200 quilômetros. Após a primeira cidade, o bando se divide seguindo a circunferência até o Sul, roubando comedidamente cada cidade, apenas para chamar a atenção. Cada grupo irá agir em um dia diferente. Se, no início, eles se deslocarem para nos pegar ao norte, terão que se deslocar novamente seguindo um dos grupos. Em seguida, ficarão aturdidos ao perceberem que somos mais rápidos do que eles e já estaremos em outra cidade. Ao pegar o caminho da próxima cidade, o outro grupo estará longe, pilhando no sentido oposto. Ficarão sem saber para onde ir. Penso que eles não terão cérebro para descobrir o nosso plano. Quando a quarta cidade for pilhada, eles já terão desocupado a cidade que nos decepcionou e a deixarão vulnerável. AfroBeauty irá liderar o segundo grupo e eu começarei o ataque da segunda cidade. Nos encontraremos ao Sul, neste ponto da rodovia. – Ele apontou no mapa o local de encontro. – Então, no quarto dia após nossa saída, ou seja, no sábado à noite, entraremos triunfantes para dar uma lição naqueles que nos traíram a generosidade. Vejam bem o erro que cometemos: fui astutamente enganado por aquela outra mocinha de língua afiada que nos apunhalou pelas costas quando nos convenceu que a sua colega era mais valorosa. Eles desprezaram o valor dessa pobre donzela, que nos acompanha inocentemente, tendo em vista que na verdade trata-se da filha de um camponês desprovido de posses para o resgate. Agora não sei mais o que fazer com ela, pois nem o retardado do Deimos consegue dar cabo de uma donzela. – E o monstro riu com sua grande boca de dentes aleatoriamente arrumados na gengiva.

– Ela irá conosco, Ares. Vendaremos os seus olhos e a soltaremos quando chegarmos à cidade dela. – Falou com autoridade daquela que conduz o seu homem. Ele apenas assentiu com a cabeça. Em seguida, apresentou os detalhes

do plano e dispensou todo o grupo. Teriam quarenta e oito horas para os preparativos, antes do espetáculo.

Quando chegou o dia da partida, as horas se passaram rápidas e monótonas. Nenhum grande acontecimento, além do sorriso infantil de Diemos quando olhava para mim. Situação patética que me deu controle sobre a besta com traços de idiotia. No final da tarde, começaram a carregar os carros com armas e munições. Tinham também aparelhos de comunicação e coisas que nem sei explicar bem. A inteligência não vinha só dos planos, mas também da tecnologia que detinham. Queimaram as sobras do acampamento para não deixar rastros e começaram a subir nos automóveis. Nada mais havia ali para segurá-los por mais tempo. Me conduziram para a cabine de um pequeno caminhão. Me vendaram e colocaram algemas. Num piscar de olhos, já estávamos na estrada. Não pude ver a ação violenta de Ares. Só sentia os solavancos na estrada. Não havia muito o que conversar, todos estavam muito cansados e agiam quase que maquinalmente para realizar o plano. Na madrugada, dormíamos em sacos de dormir improvisados e comíamos coisas rápidas e enlatadas que, também, eram recolhidas em meio aos saques. Não há muito a descrever. Tempos depois, soube que as autoridades ficaram perdidas. Deslocaram o seu efetivo para tentar alcançá-los, mas sempre estavam há cinquenta quilômetros de distância, como num jogo de xadrez em que o cavalo, na defensiva, surpreendentemente, lança um ataque inesperado que ameaça a rainha, ao mesmo tempo em que dá xeque no rei. Finalmente cheguei em minha cidade. Eles tiraram as vendas quando passamos pelo portal da entrada. Espalharam-se pelas beiradas. Havia uma festa no sábado, ainda decorrente do período de festividades da colheita. A coisa mais esperada pelo povo são os bailes de final de semana. É quando o povo se encontra e é possível espiar uns aos outros, na expectativa de cair do céu alguma estrela ou de encontrar, por acaso, alguma cara metade que, juntado ao próprio focinho, es quente a noite solitária. Ou simplesmente estar disponível para alguma aventura amorosa que traga algum alento para a semana de monotonia. Mas não houve tédio nesse sábado. A primeira ação foi imobilizar os policiais e os delegados, bloqueando as comunicações. Alguns vigiavam e outros cercaram o baile. Como de costume, após o estardalhaço de Deimos, Ares entrou em cena.

– Boa noite, gente ilustríssima. Tivemos um pequeno contratempo, mas tenho certeza que vocês irão me perdoar pelo atraso. Para comemorar o nosso reencontro, faremos um “corre nu”. Vamos lá, meu povo, se esfregar uns nos outros! – E Deimos deu outro grito horripilante.

Os soldados de Ares foram, gentilmente, convencendo as pessoas a retirarem suas roupas. Interessante que não precisaram dar uma palavra. Orientavam o *striptease*, com o cano das metralhadoras, para que a timidez fosse sobrepujada pelo medo, de modo que o único resquício de vergonha se revelava apenas no gesto de tapar, precariamente, as partes íntimas com as mãos, numa

cena embaraçosa, mas engraçada, para quem estava de fora. E Ares sorteava aleatoriamente os casais, ordenando, sempre gentilmente, para que dançassem juntos, agarradinhos, num adultério coletivo e, verdadeiramente, forçado. Mas a falta de intimidade dos casais não agradou a ele. As mulheres reclinavam o ventre para trás e os homens, com o peru flácido, balançando ao vento, tentavam segurá-los entre as pernas. Então, foi mais adiante. Fez um trenzinho do bacanal público que nada invejaria ao próprio Baco. E também testou homem com homem e mulher com mulher, em várias posições. E, sempre delicadamente, obrigou todos a beberem mais, lançando mais álcool na fogueira e queimando o pouco de sobriedade que restava àquela comunidade. O que iriam falar no outro dia daquele pesadelo dionisiaco? E se gostassem da brincadeira? Será que iriam repetir o jogo, mesmo sem um maestro para coordenar os passos? O certo é que foi uma oportunidade para aqueles que nunca se entenderam saírem do armário e para aquelas senhoras entediadas sentirem um pouco do mundo da orgia em suas vidas. Finalmente, amarrou a todos, de dois em dois, e completamente nus, como se fosse um daqueles *reality shows* constringedores.

– Quem desfizer o laço libidinoso que os amarram um ao outro irá perder o prêmio de safadinho do ano! AHAHAHA... Agora, antes de irmos, tragam a mocinha de língua afiada para nós darmos uma lição nela. Deimos, você está solto, meu cãozinho, para cruzar com aquela cadela. Mas tenha modos, não vá amassá-la de forma que não tenha mais conserto. Apenas dê uma lição a ela. – E, como se tivesse soltado a coleira de um *pitbull*, o seu cão correu em direção à fêmea.

Fiquei triste, pois sabia que Éris não seria capaz de lidar com aquela situação invasiva, similar a uma *Blitzkrieg* hitleriana. Seria o seu fim. Se não morresse no intercuro, se mataria logo em seguida, devido à vergonha de ser penetrada por uma besta fera. Apesar de muitos terem perdido a vergonha naquele baile, quem iria desejá-la? Depois de ter sido violentada, numa pequena cidade do interior, quando as coisas voltassem à embriaguez da normalidade o que restaria de sua já gasta reputação? Os soldados começaram a arrumar o que tinha sido roubado, inclusive as roupas, e foram em direção aos carros. Já o pai do Minotauro agarrou a sua vítima pelas costas e a derrubou. Suspendeu as ancas por trás dela, de maneira que a caverna de Vênus se abriu para a espada solar e desabotoou a própria calça. A lança do sexo apontou para o meio de sua bunda, que somente contava com a tênue proteção da ramagem que cobria a região mais íntima. E o touro, desesperadamente, cobriu a moça sem precisar ser enganado por nenhum disfarce. Em outra ocasião, Pasífae precisou do ardil de vestes de uma vaca para ser possuída, se entocando dentro do artefato, engenhosamente projetado por Dédalo, para simular uma fêmea bovina e assim entrar em cópula com o touro branco. Este, presente de Poseidon, ironicamente, se tornou o objeto de fetiche dessa rainha, esposa de Minos. Já no caso aqui relatado, que se dava na frente de todos os presentes, a inabilidade do animal, lesado por algum revés

da vida, o fazia fornicar sem muito proveito, pois sua idiotia não o permitia nem guiar adequadamente a cabeça cega, desprovida de olhos próprios. Éris, em estado de choque, nem se mexia, estatelada com a besta em cima dela, espremida no chão e com o rosto para o lado. Pensei que o castigo já estava de bom tamanho e resolvi intervir.

– Meu touro Zeus! Rápido, preciso ir até o pátio.

E o touro levantou a cabeça e virou para trás. Quando se apercebeu de minha presença, veio ao meu encontro. Eu recolhi a sua longa bengala para dentro do esconderijo, fechei com tranquilidade as suas calças e, em seguida, o animal manso se lançou no chão para que a sua Europa o montasse. Saímos em direção ao sereno da noite. Levei-o até Ares e o entreguei educadamente.

– Aqui está o seu fiel servo. Desejo que façam uma boa viagem. Sou grata por terem poupado a minha vida e a das pessoas de minha cidade.

– Olha só, que moça mais delicada e doce. Ao invés de ter raiva de seu sequestrador, apenas agradece com palavras tenras. Em lugar de me apunhalar pelas costas, me faz o favor de conduzir o meu touro, em segurança, para o curral. Tem certeza de que não quer se juntar ao grupo e viver algumas aventuras por aí?

– Mais uma vez agradeço de coração, mas penso que ainda sou muito nova para sair da casa de meus pais. Espero que compreenda.

– Oh, jovem ingênua e infantil! É claro que compreendo. Quem, em sã consciência, se juntaria a um bando de arruaceiros? – E gritou para toda a trupe: – Vamos embora, legião. Antes que se derrame o primeiro raio de sol, quero repousar na segurança do lar. – Com essa ordem, bateu a porta da camionete e arrastou o veículo pela estrada a fora, conduzindo o comboio, até que as luzes dos faróis sumiram na escuridão. Nem ao menos deu tempo de dar um adeus a Afrobeauty.

Voltei caminhando para as ruínas do baile. Éris estava chocada no chão. Já as pessoas, em duplas, tentavam retirar os nós que as ligavam, porém, quanto mais tentavam, mais se roçavam umas às outras. Um marido reclamou para que o vizinho não se aproveitasse da oportunidade para retirar uma casquinha da mulher dele. O outro mandou ele para os quintos do inferno: “Isso é lá hora para ciúmes?”. O outro se preocupava com o dia seguinte: “Como vamos nos livrar dessa situação vexatória? Não digo só hoje, mas para o resto da vida!”. Um dos casais ali formados, mesmo na clandestinidade, acharam na licenciosidade do momento uma boa oportunidade para consumir um desejo antigo, mas que era reprimido, naturalmente, pelas correntes da moral cotidiana. Escorregaram por um cantinho, para sentir mais intensamente o amor ilícito. A cena era tão divertida

que fiquei paralisada por alguns instantes, observando e rindo por dentro. Até que uma velha rancorosa me viu e exigiu o socorro.

– Menina levada! Tu também participas dessa zombaria? O que aprendeste nesses dias de sequestrada com aqueles bandidos? Nós vimos a destreza com que manuseava a ferramenta avantajada daquela besta ignorante. Vamos, tire-nos logo daqui! Rápido!

O susto foi tão grande que nem me dei conta do lugar em que me colocaram. Submissa, fui tirando os nós que ligavam o povo a um sofrimento libidinoso. Percebi que tinha algo no olhar deles que me condenava. Meus pais ficaram preocupados. Foram colocando as roupas e dizendo:

– Teremos uma conversinha quando chegar em casa, mocinha. Com que liberdade pensas que vai difamar o nome da família por aí? Vamos rápido para casa, não há mais nada para fazermos aqui. Falou meu pai, me puxando agressivamente pelo braço.

Estava numa situação de difícil explicação. Não era mais virgem, mas também não tive relações com nenhum homem. Dominava alguma coisa do sexo, pois tinha a propriedade dos meus sentidos e conhecia o prazer, diferente de muitas mulheres que nem imaginam o que é possível fazer dentro do buraco negro que possuem entre as pernas. Apenas silencieiei ouvindo o sermão. Castigo. Ostracismo em casa e na rua. Olhares de condenação. Enfim, uma cabra expiatória para carregar os pecados que o povo foi obrigado a viver e que levou uma cidade inteira à loucura e ao desespero. Como diz a canção: “joga pedra na Geni...”. Felizmente, como todo tabu, ninguém falava em público sobre o ocorrido, e também não se atreviam a tocar no corpo impuro daquela que os salvou das cordas apertadas da libido. Já Éris, em vez de agradecer por ter lhe poupado de violência maior, fomentava rumores em relação aos meus hábitos sexuais, dos mais fantasiosos e oriundos dos recônditos desejos reprimidos dela.

Os dias se passavam sem muitas novidades, repetindo-se na monotonia da repulsa coletiva em viver as próprias vidas, entregando-se ao prazer verbal, um tanto quanto duvidoso, de falar da vida alheia. Foi numa dessas mesmas manhãs de domingo, igualzinha a todas as outras, que o imprevisto ocorreu. Vi um corpo estendido no chão, em agonia, todo retraído, com as mãos comprimidas entre as pernas em posição fetal. Fui em sua direção para acudir o moribundo. E me assustei:

– Cálías! O que houve? Por que está atirado aqui na rua como se tivesse sido atropelado?

– Ai, ah, eh... me ajude a sair daqui. – Balbuciou do jeito que pôde.

– Sim. Te levo para sua casa. Fica perto daqui, né?

Com o jeito de uma enfermeira desajeitada, em meio a uma guerra, passei o seu braço por sobre a minha cabeça e, apoiando no ombro, conduzi o seu quase cadáver para o recinto de sua casa. Lá chegando, percebi que o lugar estava vazio e eu o acomodei no sofá. A camisa se elevou na região do ventre e pude notar os hematomas roxos que denunciavam um trauma enorme no abdômen. Espontaneamente, pus a mão na boca e indaguei:

– Meu Deus, mas o que é isso? Deixa eu pegar uma compressa de gelo para colocar nesses ferimentos. – Corri na cozinha e providenciei um saco de gelo. Voltei e pus em sua barriga.

– Ai... devagar, está doendo muito.

– É melhor usar isso agora para doer menos depois. – Aconselhei sem muita noção do quanto estava doendo e com fé na anestesia que, em breve, o gelo proporcionaria. Ele aceitou com a face contraída de dor. Após alguns minutos de fresco, quebrou o silêncio por si próprio.

– Os caras da escola me seguiram junto com Éris, sem eu perceber, até o fundo do parque. Eu tinha um encontro com Autólico. Eles me flagraram numa posição similar à que você já tem conhecimento. Éris disse que tudo estava acabado entre nós e saiu correndo. Os caras me derrubaram e encheram a minha barriga de pontapés. Autólico fugiu furtivamente, com sua astúcia que lhe é própria. Não sei o que fazer. Como aparecer na escola amanhã?

Ficamos em silêncio durante um bom tempo. Ele, de olhos fechados, anestesiando o corpo, sem remédio para apaziguar a alma. Ele tinha traído a Éris. Mas isso, nem nada, autoriza o espancamento gratuito. Por que o prazer alheio é tão ameaçador para a ordem natural das coisas? Que segredos são guardados sobre a pele humana que levam uns a rirem e outros a chorarem? Uns a se libertarem e outros a perseguirem a liberdade? Uns se encontram enquanto outros se perdem na perseguição de um ideal que não cabe em todo mundo. Não tive dúvidas:

– Amanhã iremos juntos para a escola. Protegerei a você com a minha presença e você irá me tirar do ostracismo. Os renegados da cidade farão companhia um ao outro. – E demos uma graciosa gargalhada.

Apesar do tom de brincadeira, no outro dia pela manhã lá estava Cálias com o carro de seu pai. Desceu e tocou a campainha. Meu pai atendeu e voltou feliz:

– Filha, é para você, o filho do prefeito disse que veio lhe dar uma carona.
– E me olhou com o olhar de aprovação para seguir em frente, em busca da segurança de um bom patrimônio.

– Ah, já vou. Até mais tarde.

– Tchau.

Embarquei no automóvel. A vida estava se movimentando para uma direção nova. Conversamos divertidamente sobre aquela situação inusitada. Algumas dezenas de risadas foram suficientes para chegar até a escola. Saltamos do carro. Os olhares fuzilaram-nos. Eu já estava acostumada a isso. Ele não. Percebi e, então, peguei no seu braço e segui adiante, até a entrada principal. Subimos as escadas. Parei. Olhei para ele. Bem afeiçoado e forte. Olhei para a plateia e não resisti à tentação de fazer um discurso brilhante, sem dizer uma só palavra. Apenas beijei-o ardorosamente. Um silêncio devastador tomou toda a frente da escola. Palestra rápida, silenciosa e persuasiva. Em seguida, olhei novamente e acenei com a cabeça. Vamos, temos muito a estudar. Os boatos que circularam terminaram por ser reduzidos a pó, pois todos conheciam a fama de Éris. Interpretaram que ela estava enciumada e queria acabar com a fama do ex-namorado, atribuindo-lhe a alcunha de “viado”. Mas, diante da persuasão de um beijo invejável, ninguém mais tinha certeza de nada.

Não pensei muito sobre o assunto, só avaliei que seria um desperdício levar a fama sem ir para cama. Dias depois, no final da tarde, fomos para uma colina afastada da cidade, num lugar reservado. Vimos o pôr do sol. Antes que o último raio solar se despedisse, subi no capô e fiquei observando o lamento do dia se despedindo do sol. Fiquei mais alta do que Cálías, que estava ao meu lado, em pé, encostado no carro. Entrei em seus cabelos com as minhas mãos e me diverti massageando o seu couro cabeludo. Sua cabeça pendeu leve em direção ao meu seio. Ele repousou de toda aquela situação esdrúxula. Quando ataquei com a segunda mão, ele passou seus braços ao redor de mim. Automaticamente, minhas pernas trançaram a sua cintura. Não sentia que havia amor no ar, mas apenas uma boa oportunidade de terminar o dia com alguma gloriosa sensação. Nos beijamos, agora mais intensamente do que aquela mísera demonstração pública. Sentí o seu sexo querendo rasgar as roupas, as minhas e as dele. Não chegava a ser o meu pauzinho de madeira, de inigualável dureza, mas talvez desse para o gasto. Desabotoei a sua calça. Finalmente, alcancei aquela carne que já tinha visto, apenas como expectadora admirada, naquela outra situação. Fui ao seu ouvido:

– Estou pronta. Bota a camisa de Vênus para se acomodar em segurança aqui por dentro! – Lembrei da aula de biologia e avaliei que a reprodução da espécie poderia esperar mais alguns anos.

Provei, ah eu usei todos os sentidos. Já ele parecia distante, como se estivesse ali apenas para retribuir um favor, se esforçando heroicamente para agradar aquela que lhe acolheu com suas diferenças. Mas não posso falar por outra pessoa, não sei como foi para ele. Além disso, tem coisas que não se perguntam, principalmente quando se tem um gay entre as pernas. Qualquer distração pode colocar tudo a perder. Descobri que ele não era totalmente, gay. Será que alguém é, realmente, cem por cento? Naquele instante, vivi a epifania de converter um infiel, enfiando o seu pecado dentro da natureza molhada da flor aberta, ao entardecer. Mas sou uma pastora sem muitas exigências, pois no contrato nupcial da minha igreja foram eliminadas as cláusulas de exclusividade e de imposição da conversão total de gênero. Ele estava livre e eu também. Devido a nossa fama, não restaram muitas opções. Provavelmente, um não tenha sido feito para o outro. Mais apropriado seria dizer que um restou ao outro. E assim noivamos. Meus pais felizes com a aquisição. Nós, relativamente, felizes com o que era possível, naquelas condições. Com tantos inimigos, aquela união dificilmente prosperaria. Mais cedo ou mais tarde, o castelo de areia viria ao chão. Mas eu não imaginava que seria daquela forma. Os Colegas de Cálias continuaram perseguindo-o. E num descuido, foi descoberto novamente. Chamaram até o pai dele. Desgostoso, ele deu as costas para a cena e talvez tenha dito algo do tipo: “Não terei um filho boiola. Façam o que tem que ser feito e sumam com esse verme para baixo da terra.” Sumiram com os dois amantes, repentinamente, no seio da terra. Não houve investigação nem tristeza. Ou, talvez, o ódio sobrepujou a tristeza. Perguntei à sua família o que estava havendo. Eles apenas diziam que ele tinha ido para longe, fazer a vida na cidade grande. Por muito tempo acreditei nisso, que ele tinha fugido com Autólico. Perguntei aos machos e eles sempre davam evasivas: “Está preocupada com aquela bichinha? Você não sabia que ele cortava dos dois lados? Fica quieta e não mexe no que está resolvido e enterrado sobre a terra. Hahaha”. Enfim, Eu não tinha como provar nada e ninguém tinha disposição de mudar as coisas. Não havia nada mais de interessante para colorir os meus finais de tarde naquela cidade. Tchau!

V. A Universidade, o Tantra Yoga e as Cartas Mágicas

Com tantas adversidades, foi preciso transubstanciar as angústias e reprogramar os primeiros comandos infantis, que faziam crescer o lado negativo das emoções. Com coragem e perseverança, tomam-se as rédeas do destino e a transformação acontece. Será? Ou teria sido a Moira que resolveu tecer outra trama para o meu drama? Enfim, tomei ou fui tomada por uma decisão diante de tal encruzilhada: “sou uma pessoa feliz”. Quando decidi ser feliz, ou quando a

mim foi permitido ser feliz, o mundo começou a se movimentar rapidamente e surgiram as oportunidades de ir para outra cidade, para um grande centro urbano, abrindo novos caminhos. O exílio foi a solução. Soube me esconder bem, para não atrair a inveja e o ciúme, para que Afrodite me esquecesse por um tempo. Até foi possível desenvolver algumas amizades. Parece ser pouco, mas diante de tal constelação familiar é uma grande vitória.

– Pai, quero ir estudar na Capital.

– Claro, minha filha. Aqui o seu futuro seria limitado e parece que você não está encontrando nenhum outro bom par para se casar. Apesar de ainda não ter ganhado na loteria, poderemos lhe dar alguma ajuda. Mas sempre se lembre: se você estiver feliz, papai também estará feliz.

Essa é uma frase enigmática com a qual meu pai deixava a responsabilidade da felicidade de duas pessoas em minhas mãos, a minha e a dele. Que responsabilidade! Além de pensar no que é bom para mim, tenho que considerar que a realização de outro adulto depende da minha. Antes tivesse eu conseguido manter um casamento tradicional com um agricultor da região e a vida seria sempre a repetição das estações, o maravilhoso trabalho no campo e a deliciosa comida fresca (embora, nos dias de hoje, provavelmente, contaminada de agrotóxicos e fertilizantes químicos). Nem mesmo a bucólica vida na fazenda garante qualquer tipo de vida alegre e fácil. Definitivamente, ninguém sabe direito o que é qualidade de vida e nem como obter um estilo de sobrevivência razoável, tendo em vista um mundo violento, poluído e desgovernado.

Enfrentei o estresse da cidade grande e, com muito esforço e persistência, foi possível chegar à universidade. Igualmente a outras colegas que vieram do interior, contava com um modesto auxílio da família, mas nada comparado ao alto padrão de desperdício das colegas das classes mais abastadas. Os extremos entram em choque nos centros urbanos, criando uma distorção incompreensível e irracional. O ser humano, por outro lado, tem uma capacidade extraordinária de adaptação ou de alienação, pois a convivência entre opostos é pacífica e a criatividade supera as barreiras do status econômico e de classe social. Muitas meninas ricas não aproveitaram nem 10% da oportunidade que tinham para crescer, permanecendo na perspectiva da facilidade, onde se espera que o sucesso apareça de mão beijada. Já as que vinham de classe mais pobre se esforçavam, desesperadamente, para aproveitar as poucas oportunidades que a vida lhes deu, já que havia um sentimento de medo do fracasso e da vergonha, oriundo da possibilidade de voltar para casa de mãos vazias. Para as primeiras, o diploma é apenas uma confirmação do status, que pensam fazer jus por direito hereditário. Para as últimas, é uma conquista extraordinária e fantástica. E para ambas, não passa de um canudo com o qual se ingressa, um nível acima, no exército de desempregadas, na guerra por um lugar de destaque no mercado de trabalho.

Para quem está de fora, parece que um curso universitário abrirá as portas de um futuro brilhante. Mas o que se ganha, efetivamente, é apenas um jeito de falar e pensar que é moeda comum entre os profissionais e não acrescenta nada de diferente ou revolucionário. Muitas das vezes, é apenas a aprendizagem da repetição de velhas práticas. Daí o fato de que o abandono de um curso superior é um fenômeno tão frequente. Muitos alunos não enxergam nada de promissor e percebem que existem outras formas de ganhar dinheiro sem queimar tanto as pestanas. Além disso, poucos estão preparados para se dedicar tanto à leitura e ao pensamento.

A parte mais envolvente da vida acadêmica está fora dos muros da escola, como sempre. Qualquer um está preparado para isto: as badalações, festas, sexo, drogas e música. Aprender a conviver pode não ser, de imediato, tão rentável quanto parece, mas, na vida profissional, são os relacionamentos que podem fazer a diferença na escalada da carreira. Não é só o esforço abnegado que abre as portas. Às vezes, o inteligente vaidoso e arrogante desperdiça muitas oportunidades de maneira tola e estúpida. Ele poderia ter aprendido um pouco se soltando nos momentos de espontaneidade dos encontros com os colegas. Mas a sua desvantagem em campo aberto, nos grupos sociais, o apavora. Então se fecha em um mundo que aparentemente pode controlar.

Não fui a melhor das alunas, pois não tive formação básica para isso. Estava nesse lugar por puro atrevimento e ousadia. Mas também não fui a pior das estudantes. Aprendi a apreciar as leituras e espremer o que fosse possível das aulas. A dedicação despertou a atenção de alguns professores que deram oportunidades de participar das pesquisas. A inveja de alguns colegas era tamanha que atribuíam a certo tipo de troca de favores pecaminosos o fato de eu ter conseguido bolsa de estudos. O boato circulou sorrateiramente e, mais uma vez, a fama da beleza de Psiquê atrapalhou mais do que ajudou. O boato só se realizou em parte, pois um professor, casado, caiu apaixonado. Situação delicada e embaraçosa, pois ele era o meu orientador e nos encontrávamos, frequentemente, para analisar os dados da pesquisa e organizar o texto dos artigos. Tive que mudar de tema de pesquisa e escolhi uma orientadora pobre de feição, como se as feias não tivessem sexualidade. Além disso, aparentemente, a possibilidade de ser lésbica é mais distante do imaginário popular, pois é um tema repleto de tabus mais poderosos.

Em psicologia, diferentes disciplinas falam diferentes coisas sobre diferentes dimensões do ser humano. É bastante diferença para compreender em apenas 5 anos, ou melhor, uma encarnação ainda é pouco para estudar toda a psicologia. Um professor afirma que tudo acontece pela experiência, para, na aula seguinte, outro afirmar que existem estruturas prévias de conhecimento que nascem com a gente. Um diz que tudo é movido pelo sexo e o outro que o comportamento é estabelecido através do processo de reforço operante. Mas tem,

também, o pessoal da filosofia que relativiza tudo, trazendo à tona os diferentes regimes de verdade que lutam para se instituir na sociedade. Relativizam até a ciência. Fiquei, até certo ponto, confortável, pois, se havia múltiplos credos e igrejas, provavelmente existe insegurança no que é propagandeado no universo acadêmico, o que me dá liberdade para construir um juízo próprio. Nos corredores, se ouvia os seguintes diálogos entre os candidatos a psicólogos:

– E aí, você vai ser de que corrente da psicologia?

– Hum, ainda não sei. Gosto muito da professora de Behaviorismo, mas tem também aquele professor excêntrico da *Gestalt* que fala umas coisas interessantes. Sem falar daquele misterioso psicanalista, um gato. Tenho que fazer outras disciplinas para decidir.

– Sabia que Ana já decidiu ser psicanalista? Ela já está com cara de analista, com um papo profissional e com as palavras de Freud na boca. Parece que ela faz uma formação paralela à universidade. Quando se formar, disseram que já terá uma clientela garantida.

– Mas com o mercado do jeito que está, talvez eu tente outra coisa além da clínica, algo que dê dinheiro mais rapidamente, quem sabe um emprego em psicologia organizacional.

As conversas de corredor revelavam a insegurança das estudantes em compreender a complexidade do que estão estudando. Imaginam que fazer um curso universitário apenas credencia para um bom emprego ou para um futuro profissional promissor. Parecem crianças que querem ser bombeiros, médicos ou policiais num passe de mágica. Na vida real, a labuta para fazer florescer a identidade de psicólogo é a brutal luta de sacrificar a ingenuidade infantil, mas sem perder a ternura. Por vezes, encontram-se psicólogos amargurados e sequelados por essa metamorfose, pois enterraram definitivamente aquela singela criança que sempre quer aprender algo novo e conhecer alguém diferente. Negam até a própria identidade profissional ao desprezarem as qualidades humanas fundamentais para o trabalho com gente: a empatia, a compreensão, a coerência e a autenticidade. Defendem-se nas trincheiras de alguma teoria complexa ou de alguma técnica simplória, que os projetam num trono supostamente superior aos seres humanos, do qual lançam suas redes de aprisionar pessoas no vazio de categorias desenraizadas e fantásticas.

A dificuldade se amplia na medida em que os treinamentos teóricos e técnicos avançam, prescindindo o autoconhecimento. É enigmático o fato de que um estudante pode se formar sem ter feito nem um minuto de psicoterapia. Há uma dificuldade ética que tem impedido a universidade de instalar procedimentos terapêuticos para o aluno de psicologia: “como fazer terapia em sala de aula e preservar a privacidade dos colegas?” Ao invés de enfrentar esse problema e

buscar alternativas, simplesmente se abandona a questão e cada um é entregue a si próprio, na busca de desenvolvimento psicológico. Isso é um choque para a ingenuidade dos calouros que vêm buscar algum conhecimento útil, acerca de si e de seus relacionamentos, muito mais do que algum conhecimento teórico sobre a natureza humana, tornando a formação acadêmica bastante abstrata e distante dos seus interesses pessoais. A falta de experiência de vida junto com as fantasias infantis constituem uma barreira para estudar determinados temas. Por exemplo, é um tanto desconfortável começar a estudar a psicanálise analisando o princípio do prazer e reduzindo tudo ao sexo, quando ainda se é virgem e pouco se conhece sobre a natureza do orgasmo. De maneira parecida com crianças, que ainda estão engatinhando, o aspirante a psicólogo começa a navegar em temas dos quais nem consegue perceber a profundidade. Como um astronauta chegando em Marte, o mancebo nem sabe como pisar, com alguma firmeza, no insondável chão psicológico. Ou como o próprio Freud falou, crianças enviadas para uma expedição no Polo Norte equipadas com roupas para os lagos italianos.

Alguns colegas mais velhos, entretanto, já chegam casados ou com alguma experiência de vida mais ampla. Isso auxilia a equilibrar o grupo, possibilitando aos mais novos firmarem amizades com pares mais experientes. Além disso, alguns padres e freiras se aventuram no mundo da psicologia e trazem alguma contribuição de sua trajetória religiosa. Para todos, independentemente de onde venham, as questões emocionais e amorosas não param para que se possa estudar a psicologia. Entre uma disciplina e a seguinte, testamos um colega ou outro, para se conhecer melhor, provar novas sensações e transar uma ideia ou duas. Alguns, como os cisnes, escolhem um par para toda a vida. Essa é uma forma interessante de se conhecer: entrar num relacionamento e se deparar com a constante necessidade de dialogar com outra pessoa, desde tomar as decisões mais simples, como “qual filme nós iremos assistir?”, até as mais complexas: “a relação é aberta ou fechada?”; “Com que grau de permissividade?”; “Iremos usar camisinha ou correr o risco de uma gravidez indesejada?”; “Ou viveremos no celibato até o casamento?” Essas são questões de quem ainda não mora junto, ou seja, só namora. Quando duas pessoas decidem morar juntas, as dificuldades são maiores e a necessidade de vencer o egoísmo pode impulsionar o crescimento do sujeito. Para os que fizeram votos de castidade, algumas dessas dificuldades não são vividas em prol da dedicação ao relacionamento com o divino que, talvez, não seja um dos casamentos dos mais fáceis e deve ter lá suas dificuldades.

Uma das minhas divergências com o mito é que eu não era virgem quando encontrei Eros. Ele demorou demais para me encontrar e, talvez, inconscientemente influenciada pelo mito erótico, segui à risca os valores defendidos por ele: sexo primeiro, casamento depois. Eu já estava pronta para o sexo, mas não para o amor. Eu sempre gostei de escolher os meus parceiros e não de ser escolhida, não que seja coisa de mulher que gosta do poder da sedução, mas coisa da caçadora que tem prazer em abater uma vítima. Seria um destino

fadado ao suicídio, pois não havia tantos orgasmos nas caçadas, assim como Marilyn Monroe não encontrou satisfação plena com nenhum de seus ilustres parceiros. Nem o político mais poderoso, nem o homem mais rico, nem o mais bonito e atraente, nem mesmo o intelectual pobre de feição, foram capazes de satisfazê-la na cama. Acredito que nem mesmo todos eles juntos, reunidos numa suíte afrodisíaca, conseguiriam tal façanha. Não lembro se ela tentou alguém do mesmo sexo. Se assim o fizesse, não pulando essa alternativa, talvez tivesse se livrado do suicídio. Mas enfim, a chave da questão não se encontra do lado de fora. O fato é que, quando se tem um bloqueio, deve-se procurar uma solução apropriada para desfazer o nó que impede o prazer máximo. Esse nó está no corpo e na mente.

Esse bloqueio muitas vezes começa nas primeiras relações sexuais, que normalmente são sofríveis e não valem a pena serem tratadas aqui. Reconheço que daria uma pesquisa muito interessante fazer um compêndio da primeira transa da mulher e lançar luz sobre essa sombria experiência, realizando uma nobre ação com o saber científico ao auxiliar aquelas que pretendem se iniciar. Como nessa matéria, ninguém ensina nada a ninguém, durante muito tempo vivi com a sensação de fracasso e inadequação, junto com um sentimento de culpa e remorso por ter começado algo prazeroso que toda a sociedade faz ou deseja fazer, mas que reprime ou esconde violentamente. A falta de conhecimento sobre si mesma é uma tortura maquiavélica imposta pelo mundo opressor. Por um lado, existe o domínio das instituições religiosas e, por outro, o gerenciamento da mentalidade machista. Em público, repressão total e, no privado, pornografia barata. Nos bastidores circulam as imagens bizarras, onde se vê muito mais do que se faz algo de sublime. Aliás, como no ditado popular: quem muito fala, pouco faz. Ou será, quem muito vê televisão pouco vive? Mesmo com o avanço da ciência, que tem permitido se falar sobre o assunto demasiadamente? Ainda se vive sob o tabu e o medo, comuns em sociedades patriarcais que são constituídas através do domínio sobre o sexo dito frágil. Pelo menos, com alguma orientação profissional médica, é possível não engravidar prematuramente nem adquirir acidentalmente alguma doença venérea.

Em diversos casos, o problema é a falta de algo essencial: aquele saber que eleva ao céu e mantém o espírito leve e realizado. Tornou-se uma lenda urbana, aquela sensação infinita enquanto dura, de múltiplos e múltiplos orgasmos. Os tremores incontroláveis e os choques espasmódicos, dos quais se pede para não parar. Por causa da força desse momento, o amor pode ser confundido com o sexo e o prazer pode ser atribuído a um agente externo. Mas não foi exatamente pela busca do prazer que procurei o Yoga, uma ciência ancestral dentro da qual existe uma escola conhecida pelo nome de *Tantra Yoga*. Ainda na Universidade, um grupo de colegas praticava *Hatha Yoga* e eu comecei a admirar a saúde corporal que essa prática propicia. Fiquei também encantada com a luz que emanava deles, uma mistura do vigor máximo da juventude com a concentração plena da

consciência. Comecei a praticar alguns *āsanas*, palavra em sânscrito cujo significado equivale a posição. Li um pouco aqui e outro livro ali e apaixonei-me completamente. Mas até aí não havia feito a ligação com a sexualidade.

Foi por acaso, ou seria alguma ingerência oculta que me levou àquela rua aprazível, com árvores vigorosas nas calçadas, casas estonteantes e gente grã-fina desfilando em seus automóveis possantes em baixa velocidade, para ostentarem por mais tempo a sua riqueza aparente ou, simplesmente, porque tinham que reprimir a sua potência no limite da rua, que não comportava arrancadas bruscas. Uma colega do curso de psicologia morava aí, nessa mesma rua, e me convidou para estudarmos juntas. Seu nome era Cacia. Nunca entendi muito bem como se estuda estando junto a alguém, pois o básico é ler e isso se faz sozinha. Mas aquela velha fórmula de facilitar, que acaba dificultando, leva os mais acomodados a todo tipo de ajuda para se estimular ou se adaptar ao trabalho de pensar, que alguns julgam ser enfadonho e penoso. Apesar do estudo não render além de algumas páginas lidas e discutidas para incentivar a imaginação, por outro lado esses momentos fizeram prosperar a amizade e as possibilidades de pensar juntas. Fiz uma aparente grande amiga. Mas esse encontro propiciou caminhar descuidadamente pelas casas, das quais se destacou uma em meio a pensamentos evasivos sobre qual o caminho correto a ser tomado. Era uma casa que cultivava o Tantra Yoga, mas com a etiqueta que atraía a elite burguesa local e seus sonhos de aventuras planejadas. Com uma entrada convidativa e jardim floreado, adentrei ao espaço com muita naturalidade, para ser introduzida a um ritual de meditação seguido de palestra. Até aí, tudo muito familiar, tendo em vista que já havia sido introduzia no *métier* do Yoga. No final, me dirigi à secretária:

– Boa noite, eu tenho interesse em fazer o curso de formação em Yoga.
– Ela me olhou, avaliando as minhas roupas e o meu corpo.

– Você tem alguma experiência com Yoga?

– Apenas informalmente, com colegas, e através de livros.

– Nossa formação inicial requer um ano de prática, no mínimo três vezes por semana. Após isso, começam os estudos mais avançados. Aqui cobramos uma oferta para o mestre, que deve ser no mínimo de 10 denários. – Falou com um certo desdém de quem já imagina que a pessoa não terá dinheiro para arcar com o preço estipulado.

– Eu sou estudante universitária, tenho poucos recursos, mas muita vontade de trabalhar e estudar. Será que não há alguma alternativa para eu retribuir as aulas recebidas com o meu trabalho? – No instante em que eu falava isso, fui surpreendida pelo mestre, que chegou por trás, e ele mesmo continuou a conversa, deixando a secretária em segundo plano.

– Parece que temos uma jovem candidata a discípula muito motivada. É preciso praticar Yoga antes que isso seja preciso. Você sabe o que é um *chela*?

– Não. Do que se trata? – Olhei em seus olhos e ele percebeu a força do meu interesse.

– O *chela* é o discípulo verdadeiro que serve ao seu mestre. Se você desejar se agregar à nossa escola, pode retribuir inicialmente com serviços gerais. Conforme o seu empenho e desenvolvimento nas técnicas, poderá almejar outras tarefas. A cada hora de aula, terá que retribuir com uma hora para nosso *ashram*.

– O que você disse?

– *Ashram*: Uma forma especial de designar o nosso espaço sagrado para cultivar o Yoga.

– E quando eu posso começar?

– Venha amanhã cedo. A minha secretária irá lhe orientar sobre suas atribuições.

A vida de estudante requer muita força de vontade e audácia. Quero dizer, daqueles que precisam ralar muito para conquistar aquilo que deseja. No outro dia, estava lá antes do horário marcado, às seis da manhã. Eu e a turma fizemos, com um instrutor, uma hora e meia de *āsanas* e terminamos com um maravilhoso alongamento. Quando acabou a aula, as meninas fizeram uma rodinha e começaram a conversar animadamente, como se o efeito da paz do relaxamento fosse apenas um descanso ou um pretexto para enumerar os assuntos a serem conversados com as amigas. Fiz um aceno e me retirei em direção à secretaria. Lá chegando, encontrei aquela cara de poucas amigas que, objetivamente, me orientou sobre a primeira tarefa:

– O banheiro deve ser limpo sempre na noite anterior ou antes de você chegar à aula, para que as alunas o encontrem sempre limpo. Hoje será uma exceção. Tome o material e recolha o lixo. – De maneira seca, ela me entregou nas mãos o sabão, o cloro e as escovas.

Não é nenhuma novidade para mim, que venho de uma família simples. Mas foi muito constrangedor me deparar com os olhares das colegas de grife ao se depararem com a empregada de serviços gerais, que ao mesmo tempo era a sua colega *yogini*. O espanto delas me fazia imaginar os pensamentos que circulavam nas cabeças, adornadas com tantos adereços valiosos que não refletiam o valor de suas ideias mesquinhas: “Meu deus, o que essa garota está fazendo aqui?”; “Ela lava o banheiro e ainda compartilha o nosso espaço?; Onde essa *dalit* pensa que está se metendo?” – Ainda bem que não passaram de pensamentos distantes que não diminuíram a dignidade do meu trabalho. Resolvi até aprender alguma coisa

útil, já que estava responsável por aquela tarefa. Muitas vezes, uma auxiliar de serviços gerais mistura o sabão com o cloro para adiantar o serviço. Só que o primeiro neutraliza o segundo, perdendo assim o princípio ativo mais forte para matar as bactérias. Primeiro deve se jogar o cloro e esperar por dez minutos para matar todos os germes. Em seguida, joga água com sabão para neutralizar e evitar o contato com a pele. O processo de limpeza nos traz uma humildade importante para a vida. Já as humilhações são desnecessárias. Comecei então a usar a minha beleza para atizar as criancinhas burguesas. Fiz o papel da doméstica gostosa, porém, casta, e sempre muito simpática:

– Bom dia, tem mais alguém no banheiro masculino?

– Não, está vazio. Você quer ajuda? – Se insinuou um garotão disposto a cruzar as fronteiras de classe para obter o desfrute com uma pétala rara.

– Obrigada, mas esse é o meu trabalho, já estou acostumada. – Suas mãos parecem muito delicadas para esse serviço. – Olhei para ele e dei um sorriso irônico, como quem diz: “sai daqui, filhinho da mamãe, que nem sabe lavar as próprias cuecas”.

Me enchi de honra no dia em que estava tão concentrada fazendo o serviço e até esqueci as horas se passarem. Nesse estado de intensa absorção, o mestre entrou no banheiro e observou meu estado de concentração. Quando ele percebeu que eu notei a sua presença, me contou um *koan* budista.

– Ora, você está compreendendo o princípio budista de que é possível atingir a iluminação nas tarefas mais simples! Uma vez um discípulo interpelou o mestre zen e perguntou: “mestre, mestre, como eu atinjo a iluminação?” O mestre olhou a euforia dele e apenas retrucou: “Você já tomou café?” Prontamente, recebeu a resposta: “Sim, sim!” E o mestre concluiu: “então, vá lavar a sua xícara”.

Dei uma risada sem entender muito bem. Voltei para minha tarefa e aquele enigma, chamado de *koan*, não saiu mais da minha cabeça. Ruminei e ruminei, até que me dei conta do que eu estava fazendo: apenas um pequeno trabalho. E o que eu estava ganhando com isso? As aulas? Não, não. Não estava ganhando nada, mas pelo menos eu estava servindo para alguma coisa. Tive vontade de ir ao banheiro e me sentei no vaso. Me dei conta de que estava tudo limpinho, pois eu mesma tinha feito um belo trabalho. Entendi, então, o significado do que eu estava fazendo: possibilitando um conforto e segurança para meus irmãos e irmãs naquela escola. Sim, irmãos, pois são meus semelhantes. Tirei a luva e olhei para as minhas mãos e ri da constatação de que, independente da classe social, todos têm cinco dedos nas mãos, dois olhos e duas pernas. Deixar tudo limpo é um gesto de amor com o próximo que irá precisar usar as mesmas instalações, que no final das contas é o assento universal que cabe qualquer um e a contento.

Derramei algumas lágrimas e agradei por aquele momento de êxtase inusitado. Senti o amor no coração e perdoei a mim e aos colegas pelas tolices e pelos olhares infantis de distanciamento social.

Depois dessa ‘epifania higiênica’, fui promovida para a secretaria. Organizava os livros e atendia as pessoas. Dava recados. Providenciava os preparativos para as palestras e acendia os incensos para meditação e para manter a harmonia no ambiente. Aproveitava para estudar e aprofundar no método. Com a promoção, as garotas também começaram a reconhecer a colega mais do que a funcionária. O ambiente ficou mais leve.

A meditação é um lugar íntimo onde é construído o castelo da paciência. Existem muitos métodos e fórmulas para desenvolver a consciência. Cada qual com seus trejeitos, mestres e seguidores. Quando um discípulo se aprofunda no método, descobre que ele não é suficiente para si próprio e busca desenvolver um caminho alternativo. Então discípulo torna-se mestre e uma nova escola é fundada com seu novo séquito, reencenando o velho rito da instituição do novo velho.

Cada ser é um mistério sagrado e não deve ser copiado, pois tem obrigação de abrir a própria senda na densa floresta da dimensão espiritual. Mas quantos têm coragem de viver o próprio mistério? O mestre interior facilmente é projetado em figuras carismáticas e sedutoras. Foi assim que me deixei seduzir por esse tipo indiano mestiço, que já se encontra em qualquer parte deste planeta globalizado. Ele me falava sobre respiração e pulsação da vida, respirando e pulsando ardentemente para quem quisesse sentir. E falava do *prana*⁹ e eu imaginava uma corrente energética entrelaçando a gente. O instinto de caça estava acionado e o mestre sabia disso, mas não temia ser devorado, pois havia uma plateia que o protegia de um possível assalto mortal.

Comecei a frequentar as sessões de iniciantes, muito ingênua e disciplinada. Com o tempo e a prática, o corpo tornou-se radiante e a áurea que se formava em torno de mim se revelou exuberante. Passei de instrutor a instrutor, avançando no método. Sem se dar conta do perigo, uma criança caminha pelo vazio, que pode ser fértil ou pode ser apenas vaidade. O nada é o nirvana ou, apenas, o nada. Ou é uma grife de gente bacana em busca de sensações inusitadas. E existe um oceano delas entre uma inspiração e uma expiração, tesouros inumeráveis que podem até levar à loucura aqueles que os contemplam. É tanto poder para florescer e tanta luz para brilhar que o sujeito pode se enaltecer, perigosamente, levando-o próximo à cegueira ou a uma tragédia mortal. De degrau a degrau, a minha juventude e beleza tocaram o mestre pseudoindiano. Sentia-me numa companhia de balé com a excelência das coreografias, primorosamente construídas para enaltecer a beleza que o corpo pode atingir, executadas por garotas e rapazes elegantes e esbeltos. Praticamente, só se via jovens, pois são mais fáceis de serem flexionados até o limite do sublime torpor da ilusão, levando a cabo o sonho do novo mestre de grife.

Inevitavelmente, fui convidada para a sessão reservada de ritual tântrico. Nela não se escolhe o parceiro, apenas o mestre forma os casais e, nesse dia, ele me escolheu, contrariando sua própria regra. Estava perto de aprender uma grande lição. A satisfação não está no outro, apesar de ele emprestar a máquina para ser possível o parque de diversão. O objetivo é despertar a força da *kundalini*, que é a serpente energética que se esconde, adormecida, no períneo, entre o ânus e o sexo. Para isso, não pode existir ejaculação. A retenção do esperma, no ritual chamado de *maithuna*, parece ser uma lenda, diante da compulsão do homem moderno de querer gozar a qualquer custo. Para a mulher, é a transubstanciação da energia sexual através dos orgasmos múltiplos que se estendem por horas a fio. Em ambos os casos, homem e mulher, uma forte sensação percorre toda a coluna, desde a base até o alto da cabeça, levando ao despertar da flor de mil pétalas, a flor de lótus que está na cabeça. Para isso, é preciso passar de *chakra* em *chakra*, sentido o néctar divino sendo drenado, serpenteando ladeira acima.

Não estava preparada para as repercussões dessa experiência. Meu corpo sim, estava em forma, como nunca havia estado. Cada músculo, liso ou estriado, estava pronto para obedecer ao que quer que lhe fosse comandado. Mas a mente ainda não estava leve para o desapego, o qual me foi solicitado. Naquela sala banhada por essências divinas, o guru alinhava os casais sem levar em consideração qualquer tipo de laço afetivo ou prévia afinidade. Ao fundo, um mantra era repetido incessantemente. As roupas lentamente foram escorregando pela pele, que a esse momento já bailava espontaneamente com a do parceiro. Tudo com muita calma e paciência, sentindo tudo que é possível a cada momento. Nesse dia, tinham doze casais presentes, formados naquele momento para aquela circunstância. Alguns de vocês podem estar achando que se tratava de um bacanal. Outros têm certeza, absoluta. Certamente, pode ser. Mas ao soltar a imaginação, ativa-se um teletransporte para a Índia ancestral e matriarcal, onde se amava na terra crua para fertilizar o solo. Era um ritual magnânimo. Embarquei assim nessa viagem de reviver a transcendência imanente.

Experimentei, cheirei, toquei, usei todos os sentidos. Só não lavei as mãos e é por isso que me sinto cada vez mais limpa e mais limpa. Devo confessar que o mestre permaneceu ereto por horas a fio. Naturalmente, surgiam posições lindas, maravilhosas, que só quem viveu sabe do que se trata. E movimentava levemente, como em estado de êxtase permanente. Concentração total, meditação no campo astral. Tão longe de tudo e tão enraizada na sensualidade mundana. Perdi o tino. Já não era mais a caçadora. Fui capturada em minha própria armadilha. Cometi o erro de abrir os olhos e entregar os meus sentimentos para o mestre das vaidades. Tranquilamente, ele sabe transitar pelo nada e de lá sair sem se machucar. Mas não se ensina isso a ninguém. Não é possível, simplesmente, desligar o sentimento sem maiores consequências. Como disse um poeta: “Agora, que faço eu da vida sem você? Você não me ensinou a te esquecer. Você só me ensinou a te querer. E te querendo eu vou tentando me encontrar... Perdida no

vazio de outros passos. Do abismo em que você se retirou. E me atirou e me deixou aqui sozinha”. Quando a ficha caiu, repudiei aquele que dizia ter vivido o nirvana, entretanto, continuava vivendo nas vitrines dos burgos modernos fodendo com as meninhas abastardas em busca de aventuras eróticas. Óbvio que o mestre preferiu a ostentação e a badalação em vez de colocar coleira em minha beleza. Olhando por outro ângulo, com a distância temporal, tive sorte, pois permaneci livre também. Naquele período, entretanto, fiquei desesperada. Percebi que ele tinha me levado a um conhecimento íntimo do ser e, quando desejei mais, fui abandonada justamente no momento decisivo dele ser completamente meu. Queria casar e a casa. Entretanto, o mestre é sempre o mestre. Não se deixou levar pelo meu roubo de paixão desesperada. Analisando friamente, ao colocar o ego entre parênteses, teve algo de positivo nesse duro aprendizado do desapego da matéria. “Ah, você é de ninguém”, “...ninguém é de ninguém”. Mas no mundo em que vivemos, ainda queremos ter alguém para chamar de “meu”. O sentimento de posse acelera a tragédia e antecipa o fim.

Depois de enxugar as lágrimas, vem a parte boa. Aprendi a segurar um pênis do início ao fim com cada centímetro da minha vagina. Não me casei com o mestre, mas consegui dele um grande elogio a respeito da compressão vaginal que conquistei. E brincava fazendo ondas cálidas, como dedos que massageiam uma flauta e tiram um som doce e suave, subindo e descendo na escala, de dó a dó. Aprendi a tocar e ser tocada. De anel em anel a caverna de Vênus foi modelada para acolher majestosamente o vigoroso visitante do amor, com ritmo e música. Compreendi que a nota G deve vir no clímax da melodia e, naturalmente, fazer ressoar por todo o corpo a harmonia da epifania.

Continuava sozinha no mundo, mas agora tinha uma arma poderosa. Infelizmente, não imaginava que estava tão carregada de poder e nem imaginava o que isso poderia acarretar. Apenas caminhava pelos jardins do éden, saboreando tranquilamente a maçã, antes de ser notada e castigada por saber demais. Depois dessa experiência, me mantive em clausura durante um ano, ao longo dos quais me exercitava sozinha, sem a ilusão de uma fonte externa de prazer. A duras penas, conquistei a minha autonomia.

Paralelo ao que acontecia nos países baixos, no alto, lá no cérebro, uma revolução acontecia. Foi também na Universidade que tive uma experiência mais profunda de leitura. Além de ler, discutir sobre o que é lido potencializa o pensamento. Apesar de nem todas lerem os textos, entretanto, o pequeno grupo de colegas que já sabiam o que queriam da vida puxava a turma para o alto e avante, motivando os estudos. Nessa época, comprei o meu primeiro livro sobre introdução à psicologia. Gostei tanto do ato de adquirir que toda folga no orçamento era destinada à compra de livros. Se soubesse eu que os livros digitais iriam estourar, não teria destinado tanto capital para um volume morto que ocupa tanto espaço na casa. Mas não me arrependo, pois teve utilidade. Uma biblioteca

funciona como um grande dicionário. Não se lê todos os livros, mas se sabe o que tem neles e, quando necessário, é possível buscar a informação. Por conta desse hábito de ter livros e da pouca disponibilidade de dinheiro, tornei-me amante dos sebos e feiras de livros. Adorava me perder pelas prateleiras, descobrindo novos horizontes e me inspirando para novos desafios.

No centro da cidade tinha uma banca de livros a qual eu costumava frequentar. Já sabia quando tinha alguma novidade ou livro usado raro. Conversava com o livreiro que, gentilmente, me apresentava as últimas aquisições, mas ele mesmo parecia não gostar de ler. Apenas ganhava a vida com esse tipo de mercadoria sem se relacionar com o peso do conhecimento. Por conta disso, ele não sabia o valor do que tinha e tudo saía, praticamente, pelo mesmo preço. A não ser quando o livro era grande e com uma capa bonita, ele pedia um pouco mais. Que estranho e curioso destino dessa criatura: ter tesouros passeando pelas próprias mãos sem poder usufruí-los. Parece até castigo dos deuses por algum pecado mortal cometido em algum plano misterioso da existência espiritual. Deitado sobre ouro, sem saber que é rico e sem poder usufruir a riqueza.

Naquele dia, eu estava intranquila esperando o tempo passar. Ainda estava digerindo a insinuação delicada do meu professor orientador sobre a atração que eu exercia sobre os homens, lançando uma rede irresistível e perigosa. Não sabia o que fazer. Estava nublado, mas não chovia. Era fim de inverno e os ares da primavera já se faziam presentes ou davam um prenúncio do que estava por vir. A rua convidava para uma boa caminhada pelas lojas e vitrines, já movimentadas às dez horas da manhã. Tudo estava favorável, mas o meu sentimento nublava as possibilidades ao redor. Assim ofuscada pela confusão dos pensamentos, me aproximei da banca de livros, mas não avistei de primeira a pequena caixa amarela distinta dos outros volumes que se encontravam à venda. Peguei um livro qualquer para analisar o seu conteúdo. Consegui até me absorver por uns instantes, mergulhando naquele tempo relativo durante o qual é possível se assustar até mesmo com uma saudação já esperada. O livreiro veio com seu costumeiro bom dia. Me assustei e, ao me virar, derrubei descuidadamente a caixa amarela. A mente é extraordinária e ainda não sei explicar como foi possível, diante de tantos títulos de livros, com tantas cores diferentes, a minha atenção foi parar, exatamente, naquele pequeno pedaço do campo da percepção visual. Igualmente misterioso foi o ato de derrubar, com minha própria mão em estado inconsciente, exatamente aquela pilha de livros. Mágica ou sincronicidade? Apenas posso descrever que havia alguma espécie de força eletromagnética, pois, magneticamente, fui atraída ao encontro daquilo que, pela força, poderia até ser uma caixa de Pandora. Dentro, encontravam-se cartas e um livro de instrução. Eram cartas de tarô de um jeito que eu nunca tinha visto. Um estilo rústico que parecia ser bem antigo. Abri o livro e li, rapidamente, para perceber que se tratava de um tarô mitológico muito difundido na era medieval. Possivelmente, as cartas

de baralho comum, com os naipes de copas, paus, espadas e ouro, derivaram daí. Mas detive a leitura para aparentar desinteresse, pois estava diante do livreiro.

– Olá, bom dia! Tudo bem? Veio comprar livro hoje? Tem coisa nova superinteressante.

– Ehh, eu só estava passando por aqui. – Peguei o outro livro e perguntei:
– Quanto custa este livro?

– Ah, apenas 2 denários¹⁰! – Deu uma risada sem graça. – Mas a gente pode negociar.

– Ehh, estou com pouco dinheiro e com muito livro para ler. E este outro aqui? – Mostrei a caixa. – É diferente e vem numa caixa. Você conhece?

– Ah, esse aí eu faço 1 denário para você.

– Não sei. Ehh... tá bom então.

Escondi o quanto pude a minha ansiedade para chegar em casa e esmiuçar todo o material daquela caixa e ler o livro. Mas eu tive habilidade para ser fria e negociar adequadamente o objeto do desejo. Havia algo a mais naquela situação. Algo no coração pulsava mais forte. Um “não sei o quê” de “não sei onde” mexia com as vísceras profundamente, me movimentando para algum tempo e espaço desconhecidos. Com a caixa na mão, a cidade ficou em terceiro plano. Nada me atraía nem chamava a atenção, a não ser as instruções lógicas para alcançar rapidamente o caminho de casa. Estranhamente, eu escondia o volume como se tratasse de uma joia preciosa. Até que ponto um objeto pode ter poder sobre nós? Só um Castañeda para me decifrar os poderes de objetos mágicos e de talismãs, como lhe foi dito por Dom Juan. Já não me encontrava no meu modo natural de agir quando o adquiri e tudo ficou estranhamente confuso. Só podia ser por conta daquilo que carregava. Tive um pouco de medo, mas atribui toda a alteração do meu sentimento ao receio de ser atingida com o antigo preconceito dos jogos de adivinhação, que são tratados como mera superstição pela ciência e o mundo acadêmico. Teria que manter em segredo esta nova aquisição, pois a própria profissão de psicóloga condena determinados jogos projetivos (por exemplo, tarô) como práticas alternativas sem fundamentação científica. Por hora, essa explicação racional me aliviou o peso do que carregava escondido na bolsa.

Entrei rapidamente no prédio do pensionato onde residia. Nem notei a presença de alguém na portaria. Peguei a chave na bolsa e abri o portão. Somente me senti segura após trancar a porta do quarto. Acendi apenas a luz de leitura da escrivaninha. Um laço apertado me ligou definitivamente às cartas que agora repousavam em minha frente. O tarô mitológico está dividido entre os arcanos maiores e os menores. Dentro destes últimos, tem as cartas numeradas. Cada

naipe faz referência a algum grande mito grego e representa um elemento. Copas, paus, espada e ouro são respectivamente água, fogo, ar e terra. Admirei os desenhos, analisei as cores e formas, estudando detalhadamente o significado de cada figura. Tudo começa com a jornada do louco, sem noção dos perigos que podem advir. O fim pode ser trágico, com um pequeno passo em falso, na estreita trilha que ladeia o abismo em frente à saída da caverna. Essa cena da primeira carta apresenta Dioniso no começo de uma nova aventura. Era como eu estava me sentindo, eufórica com a luz, depois de um recesso nas trevas, sem noção da brincadeira em que estava me metendo. Igual a uma criança, admirando o brinquedo novo, passei toda a semana me debruçando sobre o significado de cada carta do baralho e aprendendo uma forma de jogar a sorte. A cruz de Celta foi a forma escolhida. Comprei um pano de seda preto e virgem, cuja utilidade era guardar as cartas e, ao mesmo tempo, servir de palco onde as cartas seriam colocadas, forrando e preparando a mesa para o jogo.

Abri o pano e recolhi o baralho. Lancei o pano sobre a mesa. Estiquei-o para retirar as pregas. Sentei-me e embaralhei, me concentrando no meu momento atual. Abri o leque. Escolhi as dez cartas do jogo, uma a uma. Ainda sem desvirar, coloquei-as na posição. Fui desvirando, da mesma maneira, de uma em uma, para analisar as mensagens que foram enviadas.



O centro é o lugar que dá significado a todo o jogo. Desvirei com cuidado. O dois de espadas se revelou. A figura apresenta Orestes tapando os ouvidos para não se envolver no conflito dos pais, que medem forças com duas espadas no primeiro plano. Isso aponta para uma recusa em encarar uma situação conflituosa que se apresenta como inexorável. Não é possível retardar o embate com os fatos ou fingir que nada está acontecendo. “Não pode ser!” – Meus pensamentos gritavam no silêncio, trazendo uma multidão de vozes para a solidão absoluta do quarto. O espelho é o sinônimo mais apropriado para esse oráculo que se revelava. Vi, nos pais de Orestes, Agamemnon e Clitemnestra, uma representação do meu orientador e de sua esposa. Na semana passada, ela tinha aparecido subitamente em nossa sala de pesquisa, na universidade.

– Oh, boa tarde. Então você é a famosa Psiquê, a garota mais linda de toda a psicologia! Imagino que não deva ser difícil passar toda a tarde olhando para essa beleza e pesquisando as curvas da beleza. Talvez essa competência tenha sido fundamental para meu marido lhe selecionar como bolsista.

– Clitemnestra, o que você faz aqui? Não precisa constranger a minha aluna. Ela está aqui por mérito próprio, pois é estudiosa e aluna aplicada. Sem inteligência não é possível fazer pesquisa. – Entrevi o marido, sem fazer apresentações.

– Ah, então era só o que faltava: a bela e inteligente Psiquê! Não irás muito longe com essa pirralha, pois você já é um bode velho que só sabe balar.

– Tenha modos. O que você veio fazer aqui?

– Vim pegar aquele livro que você prometeu para nossa sobrinha.

– Só isso? – Perguntou, já se dirigindo à prateleira e retirando o volume.

– Sim, muito obrigada. Passar bem, marido indigno! – Bateu a porta atrás de si.

Fiquei sem reação por alguns segundos, sem nem saber para onde olhar. Ele também não sabia o que dizer com a situação constrangedora, mas começou pedindo desculpas.

– Desculpe-me, Psiquê. Estou numa fase difícil no casamento. Minha esposa está fora de si e com o ciúme à flor da pele. Você não merecia ouvir nada daquilo.

– Ah, tudo bem. É muito difícil enfrentar uma crise num relacionamento.

– Mas, pensando bem, uma parte do que ela falou é verdade: você é bonita e inteligente. O ciúme dela só fez destacar as suas características. Uma mulher

descontrolada acaba precipitando o fim, empurrando o marido na direção da libertação. – Concordei com a cabeça, lamentando.

A irmã de Orestes é Electra. Será que eu estava me colocando do lado do meu pai Agamemnon? Será que eu estava entrando no complexo de Electra, desejando perigosamente o próprio pai? Fiquei com medo. Não é muito prudente se envolver em triângulos amorosos, pois, muitas vezes, isso se revela um triângulo das Bermudas, que é o pavor dos navegantes mais experientes. A carta cruzada poderia esclarecer melhor o que está por trás dessa cena. Ela não é, necessariamente, negativa, mas pode revelar o motivo subjacente ao conflito e o que está obstruindo o caminho. Desvirei-a, apreensiva, e lá estava o oito de paus. Na figura é representado o barco de Jáson, chamado de Argo, com oito tochas. Ele acabou de escapar do rei Aietes e está de posse do velocino de ouro. Pode indicar um momento de grande realização e a reta final de algum projeto, o qual demandou muita luta e, agora, está se encaminhando para um desfecho. Analisei o que estava acontecendo, naquela época, que poderia estar associado ao conflito que vivia. O projeto de pesquisa vinha de vento em polpa e algumas publicações estavam florescendo como o fruto natural dos esforços, depois de muita luta e estudo. Esse trabalho, em parceria, pode ter estreitado os laços afetivos com o meu orientador e ter me lançado no conflito atual. Não seria tão simples assim me desfazer da pesquisa para, simplesmente, me afastar do perigoso caso amoroso.

A terceira carta é a que fica no alto, acima do centro da cruz. Ela diz o que se apresenta nas aparências ou na superfície da vida de quem consulta a cartomante. Lá está o dois de copas, onde Eros está prestes a se encontrar pela primeira vez com Psiquê. Pode indicar o início de um novo relacionamento. “Ai meu Deus! Será que estou prestes a entrar num relacionamento clandestino e ilegal?”. Para apaziguar o medo, acreditei na hipótese de que nenhum destino está completamente definido, previamente, deixando algum espaço para o livre arbítrio respirar livremente. O oráculo mostra apenas tendências e o momento pelo qual a pessoa atravessa. O *Kairós* é o tempo divino, o momento oportuno de cada coisa. O tarô auxilia justamente na leitura desse momento, trazendo elementos para compreender a situação e poder tomar uma decisão, com mais informações e avaliando a conveniência do caminho escolhido.

Embaixo veio o imperador, na posição da questão de base que aprofunda o motivo do tema principal, indo além das aparências e trazendo o que realmente está se passando nas profundezas da mente. Ela pode revelar a motivação inconsciente e surpreender a razão com uma consciência súbita do que se está vivendo. Nem sempre, o que imaginamos ser as nossas razões corresponde ao que se passa no fundo do coração, bem lá nas câmeras da inconsciência. O imperador é também representado como Zeus, todo poderoso em seu trono. Representa a autossuficiência com a qual vencemos as dificuldades do mundo. A

ambição, a audácia e a autoridade impulsionam para a realização dos objetivos. É o princípio masculino da conquista. O rei é quem estabelece a lei. Por isso, em algum momento, ele pode se tornar um tirano opressor, ao invés do pai benevolente. Esta carta pode ser um chamado para realizar algo de novo, enfrentar algum desafio e iniciar um plano para deixar uma marca no mundo. Analisando a minha situação, estava no final do curso, na universidade, e me sentia chamada para me lançar em uma nova aventura. Precisava de um emprego, para deslanchar na profissão, ou encarar o consultório, mas de alguma forma renovada e não convencional, algo que tivesse a minha marca. Ou então, começar um novo relacionamento. Roubar o marido da outra e entrar na aventura do adultério. Não, não! Não desejo ir contra os princípios de castidade de Hera, por mais que aquela esposa decadente esteja pedindo um belo par de chifres. Acho que minha ligação com o orientador é profissional e motivadora, só isso. A ambição na carreira é o verdadeiro motivo inconsciente que me liga a ele. Por infelicidade, isso se chocou com o despertar do seu sentimento, insinuando um caso amoroso. Talvez seja isso.

Vejamos o que está no passado e que influenciou na construção do hoje: nove de paus. Aqui está de volta o tema de Jáson. Depois de ter realizado a tarefa mais difícil de pegar o velocino de ouro do rei Aietes, os argonautas foram surpreendidos por uma tempestade no mar, na passagem pelos rochedos. Perto de atingir o objetivo final, um obstáculo aparece e pode colocar tudo a perder. Esse é o teste do ponto máximo do cansaço, ao qual o ser humano pode ser submetido. Muitos desistem aqui, na beira da praia, por não conseguirem encontrar forças para cumprir a missão, mesmo tendo enfrentado a parte mais difícil. Nesse contexto, conta mais a resistência psicológica do que a física. Pensando sobre o meu passado, acho que o abandono do meu antigo mestre de Yoga foi a tribulação que quase me derrubou. Ou seria a situação sem saída na minha cidadezinha do interior? Independente do ponto no passado, realmente, eu tinha enfrentado grandes testes que me levaram ao limite da exaustão. Isso também me faz querer viver um tempo de calma que se vislumbra num relacionamento estável com um homem mais velho, mesmo que divorciado. Ai, ai, ai, aonde os pensamentos estão me levando?

Na figura da esquerda, está o quatro de ouro. O tema que aparece agora é a ganância e a avareza, representadas pelo célebre artesão, arquiteto e escultor Dédalo, que carrega quatro moedas de ouro e olha com preocupação para o ajudante Talo, que executa seu trabalho com uma perfeição invejável. Ao invés de tomar o garoto como um desafio à sua perícia e criatividade, ele projetou uma ameaça ao seu trono de melhor artífice do reino de Atenas. O ciúme e a raiva irão levá-lo a uma atitude imponderada: assassinar o garoto de 12 anos para matar a concorrência, pela raiz. O crime foi descoberto e o levou a uma grande derrota: abdicar da fama pela imposição do exílio, tendo que recomeçar das ruínas, e com grande sacrifício, a construção de sua riqueza em outro reino, em Creta, sob a

proteção do rei Minos. Isso talvez não seja um bom sinal. Se no futuro eu me apegar à tentação da ganância, posso me prender às coisas erradas, na doce ilusão de estar fortalecendo a autoestima. Isso pode levar a uma estagnação da energia criativa e à obstrução da expressão de valores mais nobres e recompensadores. Será que tomarei uma queda de uma altura elevada? Se for isso, que Deus me dê a capacidade de me levantar!

A posição inferior da coluna da direita é a casa da posição atual e está intimamente ligada à casa em que fica a primeira carta virada, no centro da cruz. Além das atitudes diante da situação, revelando o contexto interno da pessoa que consulta o oráculo, essa carta pode fornecer dicas sobre potenciais a serem desenvolvidos ou caminhos a serem seguidos. A carta do mundo traz Hermafrodito e os quatro naipes, representados com seus símbolos: o cálice, a tocha, a espada e o pentáculo de ouro. Essa carta indica um momento de sucesso e finalização positiva de projetos. É um momento da realização de um objetivo pelo qual se lutou com muito esforço. É o fechamento vitorioso de um ciclo, quando a pessoa se sente completa. É o que realmente eu estou vivendo: terminando um curso de nível superior já com algumas publicações e com possibilidades profissionais bem encaminhadas. O mundo é a última carta dos arcanos maiores e não indica o final feliz, mas apenas o fechamento de um ciclo. Novas aventuras virão em seguida.

Logo acima, tem a casa dos fatores contextuais e apresenta a imagem com a qual os outros vêem a pessoa em questão. É a imagem que as pessoas ao redor fazem refletindo alguma dinâmica do inconsciente. Muitas vezes, não há compreensão vinda do ambiente ao redor porque essa imagem contraria o que está na consciência. Nesta posição do jogo eu tirei o carro de Ares. A impulsividade agressiva do deus da guerra abre caminhos para novas conquistas sem recuar diante dos conflitos. Realmente, o mundo ao redor me coloca numa situação de constante competição e luta. Apesar de eu não buscar isso, parece que muitas situações me levam a entrar em conflito aberto, como se eu vivesse uma guerra contínua. Enfrentar as contradições pode levar ao crescimento para merecer entrar em novos estágios da jornada da alma.

Na penúltima posição, uma acima da anterior, vem a carta destinada a analisar os temores e as esperanças. Me foi sorteada a rainha de copas. Quem é ela? Não, não é Afrodite, apesar de toda a história desse naipe ser destinada a ela. Para ilustrar esse arcano, foi escolhida a rainha Helena de Troia. Ela foi uma mulher que atraiu para si o desejo de centenas de homens e só fazia o que ela tinha vontade. Paris, certamente, não a raptou a contragosto. Ela é quem escolhe pelo coração e desafia a lógica racional, fazendo com que procuremos os sentimentos mais profundos que movimentam o espírito. Devo admitir: tenho medo desse poder do feminino dentro de mim e dessa possibilidade de atrair tantos olhares, nem sempre desejados. Ela entrou no adultério ao embarcar na

aventura com Páris. Uma mulher poderosa que, depois de tudo, foi aceita e desejada, novamente, por Menelau. Talvez aqui esteja a minha força e o meu temor.

Vejam agora o resultado final que sintetiza todo o jogo, no topo da coluna à direita. Aqui me foi retirada, pela sorte, a carta do julgamento. O tema dessa carta é o retorno de Hermes, agora na condição de guia que auxilia os viajantes a transitarem nas profundezas dos domínios de Hades. O julgamento aponta para as recompensas pelos esforços empreendidos, assim como mostra o preço que tem que ser pago quando a pessoa não foi verdadeira consigo mesma. Pode ser a alegria da vitória ou a amargura da frustração, dependendo da atitude diante das oportunidades, ao longo da jornada. Essa foi a carta mais difícil. Até que ponto estou sendo verdadeira comigo mesma? Devo omitir o conflito que se passa em minha frente? Devo ignorar o coração e seguir firme a razão, como a casta Atenas? O jogo está lançado, agora é elaborar as ideias para continuar a caminhada.

Na semana que se seguiu, nenhum grande acontecimento se sucedeu à emergência surpreendente da cartomante. Apenas uma alegria por ter encontrado uma ferramenta para acessar as profundezas da dinâmica inconsciente. Um novo brinquedinho psicológico. Comecei a jogar para analisar situações de trabalho no consultório. Me concentrava no caso e colocava o jogo. Foram muitos *insights*. O tarô se tornou um mecanismo interessante de produção de ideias e conjecturas, aguçando a intuição necessária para acompanhar pessoas em psicoterapia. Quando me formei, já tinha atendido dez pessoas com razoável eficácia. Uma das coisas básicas é encontrar o obstáculo que bloqueia o fluxo mental da pessoa. Algumas crenças atrapalham o desenvolvimento saudável da psiquê, levando o sujeito a tomar decisões equivocadas e a definhar em estados de tristeza e apatia. Mas não é fácil contorná-las, uma vez que não se trata de um simples computador que precisa ser reprogramado. Em alguns casos, é preciso fortalecer a autoestima para que a pessoa dê um passo na direção da transformação. Nessa hora, os mitos auxiliam, uma vez que são exemplos de superação e de aventuras nas quais o obstáculo é vencido. Me senti psicóloga testemunhando a jornada dessas pessoas que, corajosamente, buscaram um auxílio para mudar de vida. A mudança de atitude parece fácil, como um interruptor que precisa ser ligado. Fácil para quem está do lado de fora, mas, para quem está vivendo a tragédia, existem muitos pontos cegos que impedem a visão clara do que tem que ser feito. Ninguém sabe, melhor do que cada um, o caminho a seguir. Se alguém está perdido, não é outra pessoa que irá achar o fio de sua meada. Somente a consciência de cada ser pode averiguar o caminho certo a seguir. Mas é possível encontrar auxílio para pensar sobre as possibilidades. Me tornei psicóloga!

Não precisei entrar no fatídico caso amoroso com o professor infeliz no casamento. Soube depois que ele se separou. Teria sido um bom partido, se a

situação não tivesse se apresentado daquela forma. Após uma amigável conversa, decidi entregar a bolsa de pesquisa, que me ligava a ele, depois de um ciclo fechado, quando publicamos alguns artigos juntos e talvez não houvesse muito mais a ganhar, naquele caminho, que suplantasse o aprendizado do atendimento clínico. A orientação nos casos de atendimento foi o meu primeiro encontro com a necessidade de me submeter à psicoterapia. Como acreditar em um psicoterapeuta que nunca provou dos próprios métodos? Percebi que já estava atrasada em relação a algumas colegas que, há mais tempo, vinham se analisando com psicólogos. O dinheiro era um obstáculo para contratar os serviços desses profissionais, tornando difícil o acesso a esse meio de autoconhecimento. Com o auxílio de algumas professoras que reconheceram o meu empenho, tive a oportunidade de me filiar a uma instituição ligada à Psicologia Analítica, aquela que se aprofunda no estudo das pesquisas do psicólogo Jung. Já sabia o caminho das pedras: troquei o meu trabalho pela oportunidade de continuar estudando, atendendo, recebendo supervisão e fazendo psicoterapia. Durante o primeiro ano, eu me tornei a secretária do Centro Junguiano. É uma posição privilegiada para conhecer toda a dinâmica da instituição e aprender os rituais necessários para se desenvolver na carreira. Além disso, como serviço auxiliar, a secretária pode despertar dentro de si um amor incomum ao seu trabalho e à instituição na qual trabalha. Descobri que é um ofício onde é necessário ser, no sentido de ter uma atitude positiva e de identificação com o lugar. Além disso, é preciso crer na realização e estar disponível. Por fim, é preciso rir, tornando as tarefas mais alegres e atraindo a simpatia do público. Se você conseguir tudo isso, ria! Ser, crer. Tá, ria!

Além do trabalho braçal que possibilitou a minha sobrevivência financeira, minha trajetória em pesquisa auxiliou na disciplina necessária para estudar, organizar os conceitos e analisar o material que surgia durante as sessões. Logo comecei a produzir artigos com as professoras que, em contrapartida, me auxiliavam indicando clientes. As publicações deram frutos inesperados: houve um convite para minha professora ir apresentar o nosso trabalho num congresso, em outra cidade. Mas ela já tinha um compromisso agendado. Para minha sorte, eu iria no lugar dela. Foi a primeira viagem de avião, conquistada com o suor dos estudos.

Uma viagem, se bem aproveitada, desencadeia uma série de reações irreversíveis na visão de mundo de uma pessoa. Encontrei pessoas de todo o mundo, falando diversas línguas e mostrando um pouquinho de seus costumes. Os sabores diferentes e as paisagens, para o turista ver, foram janelas pelas quais eu vislumbrei outros universos, até então paralelos e inatingíveis. Me senti muito pequena diante da imensidão de possibilidades e desejei, intensamente, ampliar o meu raio de ação. Observando o movimento das pessoas, de suas indumentárias e aparelhos sofisticados, foram crescendo, sorratamente, desejos que são proibidos para determinadas classes sociais, pois a falta de dinheiro é um

obstáculo para o direito de ir e vir pelo mundo. Dei uma mordida em meu sanduíche, em pé na calçada, e fiquei paralisada na vitrine de um restaurante sem saber o que fazer com o bolo alimentar, que mais parecia a pedra que Cronos engoliu. Um casal conversava alegremente no canto, três amigos almoçavam em folgança, noutra mesa negócios eram fechados e muita coisa interessante acontecendo. Isolado no canto, pude ver um escritor tomando notas num bloco de papel. Lembrei imediatamente de Hemingway na festa de Paris, trabalhando nos elegantes cafés da cidade das Luzes. Cobicei aquelas vidas para mim: poder almoçar confortavelmente e majestosamente. Aquilo ali estava muito longe de uma vida de rainha, todavia, para mim, estava num nível acima e, por isso, admirei extasiada.

Será essa a cobiça que me levará à perdição? Comecei a comparar o meu padrão de vida com o de outras pessoas e fui atingida pela inveja. Se por um lado, isso motiva o trabalho em busca de maiores rendimentos, as barreiras das heranças hereditárias, por outro, tornavam os desejos uma miragem no deserto. A forma mais fácil de ser rica é ser filha de rica e, quanto mais dinheiro se tem, mais dinheiro pode se fazer, imitando a trajetória do rio que corre para o mar. Alguns conseguem furar o bloqueio de classe econômica, que impede a ascensão social. As exceções indicam que o clube dos abastados é bem restrito e de difícil acesso. Será que todos nascem com as mesmas chances de realização financeira? Até que ponto depende de cada um ou da sorte?

Voltei da viagem com a certeza de um objetivo em mente: a independência financeira. É aqui que entra a sorte e a preparação profissional e científica. Sempre achei que a probabilidade de ganhar na loteria é de 50%, pois só há dois acontecimentos em jogo: ganhar ou perder. Nunca considerei que para acertar 6 números dentre 60 é preciso vencer uma probabilidade de 1 para mais de 50 milhões. Psicologicamente, não dá para imaginar isso, mas visualizar 50% é mais condizente com o pensamento positivo. Comecei a acreditar no meu esforço e na sorte. Dedicando-se aos atendimentos e com a divulgação do meu trabalho em palestras, comecei a pagar o meu próprio aluguel e ainda sobrava algum dinheiro para continuar investindo na carreira. Um cliente leva a outro e mais outros, além das oficinas e *workshops*. No início é bem difícil, pois não é adequado fazer propaganda na área da saúde mental. O trabalho tem que crescer devagar e com a indicação boca a boca.

A análise do eu não é para qualquer um, pois envolve uma coragem incomum de enfrentar a si mesma. É mais fácil projetar as dificuldades pessoais em algum bode expiatório e eleger algum remédio mágico como pílula da salvação ou cura. O autoconhecimento pela palavra é muito mais tortuoso e complexo do que a difundida ideia de que “um parafuso a menos” pode ser consertado através da ingestão de cápsulas ou comprimidos e ser feliz para

sempre. A psiquê é um campo misterioso, eu bem sei, pois a bela Psiquê teve que ir nas profundezas dos reinos obscuros para ganhar o seu título de deusa da alma.

Pelo que vocês perceberam, tenho uma grande influência de Jung, do qual já ouviram falar nas notas de roda pé. É bem sabido do respeito que ele tinha pelo oráculo, como o *I Ching*, o Tarô e o Delfos. Mesmo antes de tê-lo conhecido, através das leituras, já tinha uma longínqua ligação com o Tarô. Quando estou jogando as cartas, posso sentir, de maneira intensa, a força da sincronicidade em ação. Em alguns lugares, o oráculo é visto com muito misticismo e ocultismo. Mas em certas regiões e para alguns povos, como os ciganos, é apenas um jogo que auxilia as pessoas a refletirem sobre o momento atual de suas vidas. Ao perceber essa ligação tão profunda, investigando em minha própria família, descobri que sou descendente de puta, cigano e de padre. Então não preciso me envergonhar de nada que seja estereotipado na sociedade, pois aprendi a aceitar minhas origens e a lidar com a hipocrisia da inquisição moderna, enrustida nas mentes deformadas pela péssima informação que é imposta à maior parte da população. Para a curiosidade das socialites, posso tranquilamente revelar que minha tataravó, por parte de pai, apaixonou-se por um cigano e que resolveu viver intensamente essa paixão, pelo curto período em que o seu acampamento assentou na minha pequena cidade do interior. Não tenho dados para confirmar que tenha sido eterno enquanto durou, mas frutificou e gerou uma família. Pelo lado de mãe, fortíssimos indícios indicam que o bisavô dela era o padre local que “adotou” uma criança fruto de uma prostituta que resolveu ir para a capital. Mas ninguém faz filho sozinho e, com medo do escândalo, a santidade achou por bem abafar o caso e assumir o “afilhado”. Com enigmática semelhança psicológica e física, atribuída, pelas crentes fervorosas, à osmose da convivência, o rebento foi crescendo e teve uma vocação diferente da do pai, constituindo o outro ramo da família que me pariu. Por isso, herdei a sedução do cigano, a liberdade da puta e a santidade do padre. Se eu usar a meu favor esses dotes, talvez tenha alguma chance de salvação ou, pelo menos, ter uma vida divertida com os dotes da presciência.

Numa manhã qualquer de quarta-feira, armei a tenda para fazer um jogo. Mas o que me veio foi a vontade de pegar outro avião e sair pelo mundo sem uma passagem de volta. Como conseguir o recurso? E se eu jogasse na loteria? Lembrei de meu pai e de sua persistente esperança no acerto impossível dos jogos de azar organizados para arrecadar mais dinheiro do povo tolo. Mas agora eu mesma me fazia de tola. E se eu usasse o tarô? Um arrepio me subiu pela coluna. Se é possível se conectar com o momento atual e pela sincronicidade observar a vida de uma pessoa, por que não seria possível adivinhar meia dúzia de números entre sessenta? Será que eu tenho a capacidade para tal feito? Vamos tentar.

Comecei a sortear as cartas e observar os números que saíam. Mas aí me deparei com o primeiro problema: eu estava tirando de duas em duas cartas para

formar a dezena. Quando já tinha uma carta na direita e saía um dez, o número ficava maior do que as possibilidades, que ia de zero até sessenta. Resolvi fazer assim mesmo, e fui eliminando os números impossíveis que apareciam. Não deu em nada, apenas algumas moedas desperdiçadas. Mas não desisti. Separei a carta do louco, para ser o zero, e juntei às cartas de copas, do 1 ao seis. Em seguida, fiz outro monte com cartas do 1 ao 9 de ouro e, para ser o 0, juntei a carta do diabo, que talvez tenha alguma parte nessa coisa de dinheiro fácil. Mais uma vez, nada. Pura ilusão. Na semana seguinte, percebi que tinha herdado a esperança interminável de meu pai. Fiz outro jogo. Dessa vez, organizei da seguinte forma: as cartas dos naipes representariam um número cada, na ordem de copas, paus, espadas e ouro. Dessa forma, tinha 56 cartas. As outras, eu escolhi nos arcanos maiores: O louco, o mago, a roda da fortuna e o mundo. Decidi que o diabo deveria ficar de fora dessa vez, uma vez que não sou sua devota.

Embaralhei as 60 cartas. Me concentrei intensamente. Alinhei os chacras. Sintonizei com a energia onipresente do cosmos. Assim concentrada e embaralhando, após alguns minutos decidi parar e sortear as seis cartas que ficaram em cima. Os números da sorte foram: 8, 27, 35, 42, 43 e 58. Fui à loja e apostei. Esperei anoitecer. Olhei o resultado pela internet. E então? Olhei e vi que as primeiras dezenas não correspondiam ao oráculo. Fracasso total. Olhei mais calmamente uma segunda vez. Opa! olha só: acertei dois números. O resultado foi: 5, 15, 20, 27, 35 e 58. Quase nada, nesse caso, é igual a nada. Se ao menos tivesse acertado mais dois, teria o dinheiro de volta e ainda mais alguns trocados. Mas os benditos dois números acertados alimentaram as esperanças. Apesar de não conseguir o prodígio de alcançar uma chance em mais de 50 milhões de possibilidades, o meu procedimento adivinhatório conseguiu um feito expressivo: um duque representa 1 chance em 1770. Estaria me aproximando do alvo, ou teria sido apenas o acaso miserável me atijando para continuar nessa perda de tempo? Se alguém soubesse o que eu estava fazendo ririam compulsivamente da minha tolice.

Decidi continuar. Mas mudei o experimento. O louco seria o número 1, já que ele começa a jornada e representa o início. Além do que eu estava me comportando como uma louca alimentando vãs esperanças. Ao invés da carta do mundo, substituí pela carta do sol, que representa Apolo, o deus com habilidades adivinhatórias e o senhor do oráculo de Delfos. Quem sabe, as Pitonisas não viriam em meu socorro. Na semana seguinte, tirei a sorte novamente. Concentração total para o alinhamento cósmico. Dessa vez, sorteava uma carta e embaralhava novamente para o segundo sorteio. Repeti o processo, até conseguir os meus seis números. Dessa vez, sem muitas expectativas. Apenas com o espírito científico da realização de um experimento para ver no que vai dar.

A noite caiu. Estava na expectativa. Um frio na barriga que precede as situações importantes de nossa vida. Há muito tempo venho olhando, mas não

vejo o que espero. Aguardo. Sonho. Deliro. Rezo. Peço. Todas minhas ações aumentam a ansiedade. Deixo de lado. Deixo para mais tarde. Mais fé. Merecimento. Começo a olhar os números. Parece que vi tudo de uma vez só. Uma emoção me arrebata e começo a ficar agitada. E agora? É verdade ou um sonho? Meu pai já tinha sonhado uma vez com os números vencedores. Belisquei-me para ter certeza que estava acordada. Lá no fundo, eu já sabia, apenas esperava o dia. O sonho colou com a realidade. Dessa vez, o resultado inesperado aconteceu. Não acredito!!!! Não há mais fantasia. Como farei para colocar o dinheiro na conta? Vou para outra cidade? Lá ninguém me conhece. Vou sozinha. Parte do dinheiro vou investir. É isso mesmo o que eu estou vendo? Grito. Calma. Tenho que ter calma. Vou continuar normal. Como normal. Tentar. A vida continua. Não posso entregar, de bandeja, a minha riqueza.

Fui procurar minha colega Cacia. Em sua casa, abracei-a demoradamente. Ela não entendia nada daquele gesto de carinho gratuito. Queria se livrar dos meus braços. Então disse:

– Tenho algo muito importante para lhe dizer: tenho que viajar a negócios. Você não vai acreditar, pois nem mesmo eu estou convicta. Vou me mudar para outra cidade. Surgiu uma boa oportunidade de trabalho.

– Você merece. Trabalha duro e eu sabia que mais cedo ou mais tarde iria embora, conquistar o mundo.

– Sou grata a você pela amizade! Passamos bons momentos juntas.

– Vai e aproveita a sua chance. Eu estou aqui ainda sem conseguir coisa alguma, mesmo depois de formada. Pelo menos, meus pais podem me sustentar durante o tempo que eu precisar. – Falou ela com alguma tristeza no olhar, decorrente de sua covardia em enfrentar a vida.

– Com o tempo, você conseguirá encontrar o seu lugar no mundo. – Falei, para lhe consolar.

Acordei cedo. Tomei um banho gelado, como de costume. Um longo dia pela frente, mas tudo tem que começar nos preparativos. Xampu, massagem na cabeça. Sabão, tirar a cama do corpo. Mais água gelada, a essa altura, um prazer de despertar. As veias se contraem, o sangue se acelera nas artérias. A vida entra por toda a parte. Sensação de prazer intenso com o gelo da água. Masoquismo para uns, liberdade para outros. Desliguei a torneira e fiquei por um instante sentindo a água escorrer. Essa parada não era costumeira. Será que está acontecendo mesmo? Será real? O dia de hoje já começou mesmo? Um pouco de medo do desconhecido. Como será de agora em diante? O que irá acontecer? Depois de alguns instantes sem respirar, a necessidade de ar trouxe-me de volta a mim, e estendi a mão para alcançar a toalha. Com intenso envolvimento no que

estava fazendo, comecei a enxugar o corpo. Nunca esse gesto demandou tanta atenção e cuidado.

A roupa já estava separada. E quando entrei no quarto, percebi os primeiros raios do amanhecer. A maioria ainda dormia nos outros quartos do pensionato. Comecei a vestir a mesma roupa que havia comprado, especialmente, para usar na apresentação do meu trabalho. Era a mais alinhada que tinha. Com uma roupa formal, seria mais fácil se passar despercebida, como uma cliente normal. Pus o *tailleur*. Ajeitei a gola. Prendi um enfeite no cabelo com uma presilha. Adornei os olhos e me maquiei. A essa altura, já sentia fome. A única coisa ingerida até então era um copo de água. A primeira coisa que faço, todo o dia, é lavar-me por dentro e por fora. Fui para cozinha. Comi uma fruta. Tomei uma colher de mel. Quando a satisfação é plena, o corpo se realiza com pouco. Então, saí de casa. Silenciosamente, fechei a porta. Esperei pelo elevador. São cerca de 5 minutos até alcançar o térreo. Tempo para pensar nos presentes a serem comprados.

– Bom dia. Ainda hoje estarei em casa. – O porteiro não imaginava a Odisseia que começou neste dia. Me despedi com um aceno.

O espírito de guerreira me levou a caminhar até o ponto de ônibus. Seria em torno de 30 minutos até a rodoviária. Ah, quanta coisa para pensar! Atividade imaginária, agora, com um fundamento de realidade. Tudo é possível. Mas nem tudo me convém. Continuar na simplicidade é o antídoto para uma boa vida. O tempo de espera tornou-se um sublime momento de meditação. Um merecido instante de contemplação. Os prédios foram passando. Veio o mar, depois mais prédios, depois novamente o mar. O infinito se apresentou dentro e fora, a consciência se ampliou e tudo era regozijo.

Comprei a passagem na véspera. Já tinha feito a checagem pela internet. Não havia bagagem. Antes de entrar direto no embarque, comprei um jornal, para me entreter durante o trajeto. Muitos executivos também iam a negócios. Eu estava apenas com o meu pequeno negócio, delicadamente dobrado, na véspera, e colocado no bolso desde a noite anterior. Não me atrevia a retirá-lo ali em público. Não queria arriscar nada. Só de pensar num acidente, o estômago se contraía. Imagine o espanto de algum vizinho de poltrona ao observar a plenitude do meu estado ao ter nas mãos o motivo da minha viagem! Não, vamos ler jornal. Deixa-me pensar. Tantos projetos.

VI. Las Vegas

Os psicólogos positivos já estudaram esse fenômeno: dura cerca de dois meses a euforia com a mudança repentina de patamar financeiro. Depois, a pessoa volta ao normal. Uma determinada senhora infeliz¹¹ sempre apostava os mesmos números, toda semana, na esperança de resolver todo o infortúnio de sua vida. Num dia, finalmente, ela ganhou na loteria. Cerca de um mês depois, retornou à tristeza costumeira. Pelo menos, ela começou a fazer terapia com o novo recurso disponível. No meu caso, aconteceu algo *sui generis*: comecei a saborear os diferentes recantos do mundo sem nenhum limite. Quando o dinheiro acabava, eu recorria a minha poupança cósmica para encher novamente a conta bancária. Já estava na terceira rodada de prêmios lotéricos. Tudo ficou muito fácil e acessível. A superficialidade da nova vida me levou a adotar hábitos extravagantes. Um deles, gastar milhões em cassinos. Da primeira vez, gastei um milhão. Da segunda, saí do cassino com dois milhões. Depois quatro. Em seguida, perdi cinco. Estava me comportando como uma máquina compulsiva de gastar dinheiro.

Para suavizar esse novo *hobby*, comecei a treinar, todos os dias, os segredos das cartas no jogo de pôquer. Adotei a lógica esportiva. Os jogos online facilitam bastante o desenvolvimento da habilidade de calcular as probabilidades e desenvolver o *felling*, que possibilita a leitura correta da jogada e das intenções dos adversários. Além disso, o custo é mais conveniente do que gastar milhões todas as semanas. Mesmo sem dinheiro em jogo, parece existir um código implícito, entre os participantes, derivado do status adquirido através de grandes vitórias. Gastando bastante tempo para adquirir pontos e anéis virtuais de distinção, os adversários temem a derrota vergonhosa por não saber diferenciar, adequadamente, entre o blefe e uma aposta convicta, que guarda, arditamente, a bala na agulha.

Os *smartphones* foram projetados para nos viciar, pois utilizam dos mesmos mecanismos das máquinas caça níqueis e da cocaína. Não é exagero, pois quando algumas pessoas, em estado de adicção, se esquecem do local onde deixaram o aparelho celular, elas entram em pânico, similar a uma crise de abstinência. Nos grandes centros urbanos, as pessoas têm gastado de 2 a 4 horas beliscando as telas digitais. Por trás disso tudo existe a substância misteriosa chamada de dopamina: a deusa do hábito! Logo depois de uma mordida em uma comida maravilhosa, durante o sexo, depois de atividade física e, também, quando temos interações sociais bem-sucedidas, o cérebro é inundado por essa substância química. A evolução recompensou os comportamentos associados à sobrevivência e gerou uma motivação para repeti-los. Os disparos de recompensa são ativados para aumentar a probabilidade de repetir um comportamento no futuro, antecipando situações e tornando o animal mais adaptado ao seu ambiente. Tais disparos marcam os estímulos e as contingências, ou até mesmo antecipam as situações, nas quais a probabilidade de recompensa é maior. No cérebro, a repetição desse processo leva a um fortalecimento das ligações de neurônios que

se tornam bastante sensíveis para o comportamento estabelecido, o qual chamamos de hábito. O problema é que, no meio do cérebro e no sistema límbico, essa descarga de satisfação pode tornar-se disfuncional, similar ao que ocorre com a cocaína, que usa o mesmo mecanismo para induzir a repetição do uso da droga. Mesmo sendo um pouco menos intenso que as drogas psicoativas, as interações sociais produzem um efeito parecido, fazendo da busca dos “likes” e de “carinhas” de aprovação dos pares um ativador das descargas dopaminérgicas nas trilhas da recompensa cerebral.

Para fazer pessoas viciadas em máquinas caça-níqueis, são projetados esquemas aleatórios de recompensa, cuja taxa de recompensa fixa sempre beneficia aos donos das máquinas. É bem simples e um psicólogo chamado Skinner explicou como ratinhos se tornam viciados ao apertar uma barra e acionar um dispositivo que desencadeia a recompensa. Na caixa de Skinner, onde é colocado um rato com privação de água, se estabelece uma razão de reforçamento. Apertando uma vez, ganha água. Quando o rato está hábil em apertar, muda-se a razão: aperta-se duas vezes para ganhar o mesmo reforço. Depois, não conseguindo nada na primeira vez, nada na segunda, ganha-se um pouco na terceira tentativa. Após dez tentativas, ganha de novo mais um pouquinho. E assim vai seguindo o baile, aumentando a taxa de comportamento necessário para receber o reforço. Depois de condicionado, ele conseguiu mais de 10.000 respostas de um rato sem ter que usar um reforço a mais para isso, pois a atividade se tornou extremamente condicionada. O rato ficou maluco? Não, apenas viciado. Se olhar para uma pessoa que se abandonou ao vício, o processo é o mesmo. Começa aos poucos, e quando o sujeito percebe não tem mais saída. Não vá pintar a cara do professor Skinner como um cientista macabro e perverso. Ele era um humanista: condenou os jogos de azar e muitas outras formas de escravidão empregadas no mundo moderno. Ao invés de alienação, ele usava o conceito de condicionamento para criticar a sociedade consumista, que leva o indivíduo a comportamentos compulsivos. Para ele, a liberdade está em controlar aqueles que nos controlam.

Nenhum conselho, seja de pai ou mãe, de tio ou tia, padrinho ou madrinha, avó ou avô, da alteza ou da própria majestade, vindo do mais alto grau espiritual, suavizado com o mel mais puro, ornado com as mais belas intenções, psicografado das entranhas do além e com completo conhecimento de causa, oriundo dos mais racionais sistemas filosóficos, por mais objetivo ou, pelo contrário, abstrato e subjetivo, levando em conta as sutilezas da singularidade da pessoa que o escuta, nem mesmo vindo do próprio conselheiro, é mais forte, aqui na terra, do que a força do reforço. Por isso, é um tanto difícil modificar o comportamento baseado apenas em instruções orais. Em muitos casos, é preciso ser radical: retirar a fonte da qual o comportamento se alimenta, ou seja, mexer naquilo que reforça e mantém a pessoa numa ação inapropriada.

Se houver um maligno, aquele de incontáveis nomes, uma força oculta negativa que arrasta as multidões para o mal costume, com inesgotáveis artimanhas, certamente o seu instrumento de trabalho malicioso é o esquema de reforçamento. Sim, é uma ferramenta sofisticada e traiçoeira. É um software que se acopla no hardware carnal como um vírus que se disfarça nos sistemas cerebrais e emula o funcionamento natural do organismo para corromper o gozo do indivíduo, para subtrair sua potência, ao drenar a energia para os fins mais escusos: a repetição indefinida do banho de dopamina.

Além da explicação neurológica da dopamina, o jogo exerce um fascínio em muitas religiões: a tentação do satã! Na história bíblica, ele aposta com Deus desafiando a lealdade de Jó, mais ou menos assim:

– Seu servo Jó só é fiel porque é rico. Se ele for submetido à desgraça e ao infortúnio da miséria e da doença, ele negará o nome do Senhor.

– Vá de reto, satanás. Só não tire a vida dele, mas verá o que é a fidelidade.

Não creio que o todo poderoso apostou, pois quem aposta tem dúvida de qual será o resultado. Certamente ele conhecia a Jó e sabia que havia algo diferente nele. Além da fé, ele possuía a convicção. O único baratinado na história é o diabo, que apostou alto, imaginando que Deus poderia estar blefando. Quem sucumbe aos testes da vida, como adicção, de qualquer espécie, desprezando o exemplo da paciência de Jó, acaba por sentir algum sentimento de culpa, devido à desistência do caminho natural do desenvolvimento espiritual. É como se tivesse entregado os pontos para o maligno e desistido da fé que remove montanhas. Por que algumas pessoas desistem e outras vão até o fim? Por que uns se abandonam no vício enquanto outros não se acorrentam a nenhuma espécie de esquema reforçador diabólico? Além da dopamina, parece existir algum mistério na trajetória de vida das pessoas que transforma o lixo em luxo e vice-versa. Até que ponto o livre arbítrio supera as descargas de dopamina? Seremos senhoras ou servas dos neurotransmissores do prazer?

Na tradição hinduísta, o jogo de dados está presente nos conflitos que precederam a Guerra de Kurukshetra, entre os primos Kauravas contra os Pandavas, retratada no Mahabharata, como artimanha do Kaurava mais velho, Duryodhana (o duro de vencer), e do seu tio Sakumi, para roubar o trono de Yudhishira (filho de Darma, deus da Justiça), da parte dos Pandavas. A cada rodada de dados, este último dobrava a aposta para recuperar-se do prejuízo. E, sistematicamente, ele foi perdendo os recursos até que chegou o momento decisivo, do tudo ou nada, contra o astuto Sakumi, que jogava por Duryodhana. Apostou até o que não tinha, a vida dos irmãos e a esposa. Colocou tudo na mesa. Tecnicamente, ele tinha apenas um quinto da esposa, pois ele a dividia com os cinco irmãos. Um caso, extraordinário, de uma flor com cinco maridos. Draupadi

era uma princesa conquistada por Arjuna, o irmão que foi o herói principal do Bhagavad Gita, um dos capítulos centrais do Mahabaratha, e que preferiu a Krishna, como guia espiritual. Certo dia, quando ele chegou em seu palácio com os irmãos, falou em voz alta, ainda na entrada:

– Mãe, vem ver o tesouro que eu trouxe para casa! – Falou para a deusa Kunti, que se encontrava nos aposentos, no interior do palácio. Ela, sem saber do que se tratava, respondeu imediatamente:

– Que bom. Divida essa alegria com seus irmãos! – Ao recebê-lo, se deu conta do que se tratava o tesouro. – Que linda mulher, não sabia que o tesouro se tratava de Draupadi. Mas não posso voltar atrás da palavra divina proferida na inocência. Será um casamento grandioso e vocês serão os maridos da graciosa princesa.

Difícil imaginar, nos dias de hoje, a firmeza de propósito e a confiança no poder da palavra que, uma vez proferida, não poderia ser descartada. Era a época de ouro e das histórias fabulosas. Para muitos estudiosos, são relatos históricos misturados com os mitos fundadores da civilização indiana. Além do compromisso com a palavra, existia o costume orgulhoso de que um guerreiro não poderia fugir de um desafio. Por isso, Yudhistira teve que jogar com o primo e deixou, para nós, o relato histórico mais antigo de um homem que apostou até a própria mulher numa mesa de jogo. Ele era tão bom jogador que perdeu tudo, tonando-se escravo do próprio primo. O regente, que ocupava o trono no período em que a sucessão ainda estava indefinida, entrevistou quando os primos Kauravas desrespeitaram Draupadi. Voltou atrás e deu uma última chance para o perdedor contumaz. Dessa vez, ele perdeu o reino, apenas por doze anos de exílio, período durante o qual não poderia ser visto ou reconhecido, sob pena de perder definitivamente o trono. Ironicamente, a forma que o poder divino encontrou para esconder Yudhistira foi torná-lo um jogador imbatível nos dados, pois seria difícil de acreditar que um jogador, outrora perdedor contumaz, se tornou, da noite para o dia, um invencível senhor da sorte, dominando completamente o azar.

O jogo exerce um fascínio no ser humano, levando-o a flertar com o perigoso abismo do azar, onde a escravidão é o mal menor. O que está sendo testado é a ganância e o desejo incontrolável de ter mais do que já se tem, com menor esforço possível. O que será que Einstein queria dizer quando afirmou que Deus não joga dados? Será isso uma condenação dos Cassinos? Ao mesmo tempo que parece ser um pecado, a vida sempre nos confronta com alguma casa de apostas. Na condição de guerreira, não é possível rejeitar os desafios que se apresentam e simplesmente ir para casa, se atormentando com os fantasmas das possibilidades que foram degoladas. Perder tudo é um caminho para encontrar o nada, e perceber que tudo o que se tinha era apenas uma doce ilusão. Do nada, se reconstrói o tudo, até que o mestre domina a sua compulsão e se torna senhor de sua sorte.

Em Las Vegas, é preciso se fazer de inocente e ir aos poucos seduzindo os gerentes do Cassino. Tudo começa chamando a atenção do público para uma volumosa vitória, aparentemente, fruto da sorte de principiante. Com a continuidade dos prodígios da suposta novata, é possível ser convidada para uma mesa mais vistosa, onde os milhões são tratados como centavos. Entrei, inicialmente, numa mesa repleta de turistas. O pôquer no estilo *Hold'em* aumenta as chances de conseguir alguma combinação de cartas mais valorosas: são duas cartas na mão, que apenas o próprio jogador vê, e cinco na mesa, que vão sendo desviradas, gradativamente, com o aumento das apostas. No final, ganha quem obtiver a melhor combinação de cinco cartas: uma ou duas, das exclusivas de sua mão, mais três ou quatro, entre as cinco disponíveis para todos na mesa. O risco também aumenta, uma vez que o adversário pode obter uma mão ainda mais alta e induzir o sujeito a colocar tudo a perder. Por isso, é preciso desenvolver o que se vulgarizou chamar de *timing* ou *feelling*, muito usado, também, no frenesi das bolsas de valores. É uma intuição que faz prever o que irá acontecer dentro de instantes. Alguns não acreditam nessa capacidade, devido ao fato de, geralmente, serem excessivamente racionais e só acreditarem naquilo que pode ser objeto da razão. Tais tipos atribuem ao acaso a sorte de grandes jogadores e se lamentam com as desventuras em série, nas quais, às vezes, sucumbem, quando cedem aos apelos fascinantes dos jogos de azar.

Um ponto importante, para deixar a intuição fluir, é controlar a agitação do ego que, por vezes, quer enxergar apenas aquilo que lhe agrada e subestima os prognósticos desfavoráveis. Da mesma forma que o rato condicionado, preso na caixa de Skinner, que não percebe o investimento desproporcional em pressionar uma barra centenas de vezes em troca da recompensa sempre escassa, o jogador viciado continua apertando sua mente na mesma tecla até obter a mísera gota de água, que não resolve o problema, mas mantém o bicho em atividade. A gota reforça não só o último comportamento eficaz, mas todos os outros que não deram em nada. Principalmente, quando já estamos engajados num determinado rumo, o indivíduo pode querer ir até o fim, mesmo que os indícios se tornem nada promissores e as probabilidades tornem-se mínimas. O ego, muitas vezes, fica cego diante da mudança da maré da sorte e não percebe a catástrofe iminente. O sociólogo Howard Becker fez a teoria dos *side-bets* com esse fenômeno. A pessoa, quando entra num curso de ação, investe recursos dos quais deseja algum retorno. Com o tempo, a tendência é que ela aumente suas apostas no rumo que tomou, tornando ainda mais difícil abandonar a decisão inicial, pois a sensação de prejuízo, diante de uma possível perda de tudo o que já foi investido, conduz a uma estratégia de recuperação que compromete, ainda mais, os recursos disponíveis. Quando a decisão se mostra recompensadora, o indivíduo segue tranquilo. Quando não, a teoria explica a bancarrota, na qual muitos investidores acabam entrando, pelo simples fato de não conseguirem mudar o rumo de suas ações, tendo em vista que já investiram muito tempo e dinheiro na esperança de alguma compensação. É o autoengano que produz esse comportamento

irracional. O antídoto para isso é encarar a insuportável sensação de perda. O ser humano parece ter sido programado para detestar qualquer tipo de prejuízo. É muito ruim perder e, ao tentar evitar um pequeno fracasso, na vã ilusão de recuperar o dinheiro perdido, o sujeito pode aumentar suas perdas. Muitos jogadores ficam presos nessa armadilha, tentando repetir a sensação da grande vitória conquistada no passado.

Só quem está de fora do jogo tem maior chance de ver o engano no qual outro sujeito persiste de forma infantil. Para as mentes que ainda não se conheceram, suficientemente, é mais fácil ver o cisto no olho do vizinho do que uma trave no próprio olho. Com o tempo e treino, desenvolvi a capacidade de estar aberta ao que está por vir, independente do meu desejo e de quanto eu já tenha apostado num determinado jogo. Muitas vezes, humildemente e em tempo hábil, saí das armadilhas de ganhar sempre. Alegrementemente, já perdi 100 mil, para evitar o mal maior de perder 1 milhão. Além disso, é preciso não perder o controle quando se percebe que foi passado para trás por causa de um blefe, perdendo a oportunidade de obter o lucro tão desejado. Uma vez perdida a oportunidade, é preciso esquecer e evitar a raiva do comportamento precavido, bloqueando o risco de entrar no descontrole da tentativa de recuperar o que já está perdido. Para desenvolver essa capacidade, é necessário meditação e desprendimento. Agir do centro da alma e não do pequeno ego. Além disso, existem milhares de comunidades digitais de pôquer nas quais, dia após dia, é possível desenvolver diversas habilidades, pois hoje isso se tornou um esporte reconhecido.

O turista recebeu seus dois pares de damas e abriu intensamente os olhos, dilatando a pupila, ao ver as três primeiras cartas que foram abertas na mesa. Que maravilha, já via em seus olhos a trinca que tinha conseguido, juntando com mais uma dama que apareceu na mesa no *Flop* (nome que se dá à primeira rodada em que se viram as três primeiras cartas da mesa). Eu continuei fria e atenta. Com os meus às de ouro e dez de paus formei dois pares, com os outros às de copas e dez de espada da mesa. Começaram as apostas e chegamos a 100 mil. Eu tinha fiscado o pobre investidor. Às vezes, me sinto perversa por ter esse dom de fazer um pobre inocente entregar até as calças que escondem suas vergonhas. Por outro lado, vejo a função social de fazer uma criança sair da sua inocência para a fase adulta e lidar com as perdas decorrentes da falta de cautela. Na quarta carta desvirada, surgiu um três de ouro, que não encaixou no jogo de ninguém. Ambos estavam com a mão promissora, apesar da dele estar mais forte do que a minha, uma trinca contra dois pares. Vi o seu olhar *all in* que denunciava a sua disposição de vir com tudo para dentro. Pedi mesa para que ele mesmo cavasse a própria cova, esculpisse uma bela lápide e selasse com botões de ouro a monumental sepultura. Isso é importante, pois cada um deve se sentir responsável pelo próprio buraco que cava. É uma gentileza e um gesto de bondade, para que o oponente tenha uma chance de encontrar um lampejo qualquer que controle a sua ganância e dê espaço para a prudência. Levando-se em conta a condição de um amador,

dificilmente, se consegue tirar o pé do acelerador. Segue o jogo: corajosamente foi apostada a soma adicional de 500 mil na mesa. Quanto mais olhava o comportamento desmedido do meu oponente, mais dava corda e ficava fria. Cobri a aposta. Então a quinta carta foi desvirada. Ele formou um *full hand*. Entretanto, eu também enchi as mãos, pois foi um ás que se revelou na mesa. O meu *full hand* tinha na cabeça uma trinca de às e sobrepujava as pobres damas, formando a segunda combinação mais alta possível naquela rodada. Só perderia se ele tivesse um ás e uma dama, ao invés do par de damas.

Esperei cerca de 30 segundos, o que é uma eternidade nesses momentos. Mas é didático para o jogador inexperiente. Olhei os detalhes do cenário e a ansiedade geral. Nesse momento, a plateia cresceu enormemente. Parecia um pênalti aos 49 minutos do segundo tempo. Peguei a bola e coloquei delicadamente na marca, há 11 metros da linha do gol. Dei alguns passos para trás, levantei a cabeça e contemplei o espaço de 7,32 metros de largura e 2,44 de altura da entrada do gol, dentro do qual a bola aguardava ansiosamente pelo repouso final. O juiz autorizou a cobrança. Eu queria permanecer um pouco mais naquela situação. E o estádio silenciou. Muitos jogadores ficam ansiosos nesses momentos, mas os grandes astros adoram esses instantes mágicos. O juiz apitou novamente, já incrédulo, pensando que, por alguma loucura ou covardia, eu desistiria de bater na bola e não pagaria para ver. Todos queriam chegar até o fim, ansiosamente, mas era necessário um maior tempo de exibição na mídia, para fisgar os peixes maiores. Então corri em direção à bola, olhei as minhas cartas pela pontinha, apenas para dramatizar o movimento, mantive ela viradas e, elegantemente, levantei o rosto para pagar para ver. O goleiro não se continha de euforia ansiosa, que se quebra como cristal em mãos descuidadas. Ele acertou o canto onde a bola foi lançada, deu um voo rasante. Parecia que tinha abraçado a bola. Desvirou as duas damas e começou a puxar todas as pilhas de fichas. Percebi que tinha que ser ainda mais fria, com requinte da crueldade. Deixei-o sentir toda a sensação de ter pegado o pênalti. Trouxe todas as fichas para si. Então desvirei o ás. Suas mãos estremeeceram em pleno voo. Ele não podia acreditar. Todos já tinha gritado, entusiasmadamente, com a plástica e monumental defesa. Quando, em uníssono, o coro soltou o primeiro OHHHH, isso preparou para a cartada final: desvirei o 10 e revelei o meu *full hand*. Os braços não suportaram o efeito da bola, magistralmente projetada para o fundo das redes e, então, as mãos caíram vaciladas ao lado da cadeira. O tronco não aguentou o impacto e curvou a cabeça para se esconder na mesa, como um goleiro que fica prostrado no chão ou um avestruz que enfia a cabeça num buraco para não ver o que está acontecendo. Enquanto isso, o segundo OHHH leva o estádio abaixo.

Obviamente, esse gol significou a entrada na mesa dos milionários. Fui convidada a adentrar o salão especial, que separa as crianças dos adultos. Encenei o papel da rainha de Sabá numa entrada triunfal, com um garçom, vassalo, carregando as fichas de ouro numa bandeja prateada. Me dirigi até a mesa

principal, onde um lugar me aguardava. O silêncio dramatizava a situação. Ouvia-se apenas uma música mecânica de fundo. Sabia que todos estavam se perguntando: quem é essa mulher poderosa? Sabemos que o universo feminino não é muito afeito às aventuras masculinas e ali não era diferente: as poucas mulheres presentes eram garçonetes e eu, contrariando a ordem do macho supostamente superior, figurava no papel principal, lutando de igual para igual na arena dos gladiadores.

Sentei e fingi que estava contando o cacife. Depois de dez segundos, surpreendi a todos saindo da minha indiferença e, levantando a cabeça, flagrei as desconcertantes bocas abertas dos machos:

– Boa noite. Boa sorte a todos!

Percebendo que foram pegos de surpresa, desviaram o olhar de mim e do meu cacife, como se eles tivessem visto um *royal street* flash à frente, sem conseguir esconder o espanto com a improbabilidade do acontecimento. Comecei bem a pressão psicológica. Além de perder dinheiro, seria vergonhoso, para eles, serem sobrepujados a ponto de apostarem até as calças no embate com um oponente do sexo oposto, aparentemente frágil e delicado. Apenas um deles me encarou com firmeza no olhar. Era um príncipe das Arábias, com um turbante exótico e lindos olhos cor de mel. Sorri para ele e ele para mim.

Primeira rodada: a sorte estava comigo. Aumento a aposta. A matilha vem atrás da cadela no cio, entretanto, não leva nada. Com uma trinca, venço a todos e aumento o pavor dos oponentes. Em seguida, eu não tinha absolutamente nada. No *flop*, uma combinação que apenas permitia a construção de uma trinca ou dois pares. No *turn*, uma carta assustadora: formou um par de dois na mesa. Não pestanejei, blefei bonito. A sorte, novamente, caminhava ao meu lado, pois ninguém formou nenhum jogo e, devido ao retrospecto, o medo fez cada um dos cachorrinhos enfiar o rabo entre as pernas. Encaixei uma boa sequência de lances que fez os nervos masculinos exaustos de pavor. Descansei a sorte, saindo dos próximos três *games*. Era preciso que os machos saíssem da retranca para poderem entregar o seu patrimônio de mão beijada. Um a um, foram todos caindo aos meus pés, não somente por causa da beleza, mas pela astúcia muito bem empregada.

Depois de uma hora de jogo, sobrevivemos eu e o *Sheik*. Foi uma luta cansativa para decidir quem iria sair por cima. Fiquei excitada. Queria rasgar aquela túnica do deserto e encontrar o oásis onde jorra o mel. Eu não era a única com a intuição aguçada. Estávamos estudando um ao outro, com paciência. Jogo bem jogado, como dizem os entendidos. O desfecho improvável se aproximava. Na mesa, o dez, o valete e o rei de ouro. Eu estava com o nove do mesmo naipe na mão. Restava apenas a dama para completar um lindo e perigoso *street flush*. O que fazer se viesse a dama na próxima cartada? Apostei com confiança e ele

veio atrás. Imaginei que também estava carregado. Veio a dama, mas de outro naipe. Tinha a sequência mais perigosa que existe, por baixo. Se ele tivesse um ás, já estaria em minha frente e ganharia. Pedi mesa. Ele apostou mais. Eu acompanhei, provavelmente ele estava com o ás. Na última carta desvirada, no *river*, o drama aumentou: veio a outra cruel dama de ouro, para trazer tensão ao momento, insinuando uma vingança por eu lhe ter vencido, no começo da noite. Formei o segundo jogo mais alto possível, naquelas condições. Se ele estivesse tentando um *full hand* ou uma sequência, já estaria perdido. Mas, se ele tivesse o ás de ouro, teria a maior combinação possível: um *royal street flush*, de ouro.

Ele apostou tudo e piscou para mim. Poderia ser apenas um blefe, para eu pensar que ele estava com o ás. Não é bom pensar muito nessas situações. Não havia o que fazer. É preciso ir até o fim. Seria uma afronta aos deuses do jogo pedir para sair e não revelar o que se encontrava oculto. É muito bom não depender das apostas. Com reservas, sempre garantidas, posso pagar para ver e depois encher novamente a conta. Estou vivendo na situação, hipotética para os economistas, de ter recursos financeiros ilimitados. Quem iria imaginar que, com um jogo de cartas mágicas, no dia seguinte, eu iria abastecer a minha bolsa novamente? Não tinha freios nem restrição. A questão não era essa. A essa altura, quando eu hesitei, percebi, através da intuição, que ele estava com o ás. Eu já estava cansada daquele jogo e queria avançar para outro esporte que demandasse o corpo a corpo. Vislumbrei naquela derrota a possibilidade da vitória nos lençóis da suíte reservada para o marajá, que tocava o céu se elevando acima do cassino e dos quartos dos mortais que se hospedavam no hotel.

– Sei que estás com o ás. Não deixarei que o seu *royal* fique no anonimato por causa da avareza de alguns trocados que podem ser rapidamente recuperados. Mas saiba que eu cheguei ao ponto mais próximo que pude nesta noite: olhe o meu nove de ouro, *street flush*. Agora é sua vez, me dê o prazer de ver o seu ás!
– Eu paguei para ver apostando tudo o que tinha, colocando todo o cacife na mesa, obrigando-o a desvirar suas cartas. Em seguida, ele me falou amorosamente:

– Não posso ficar plenamente feliz com essa vitória. Não faz bem ofender uma flor com tão grande decepção. Permita-me reparar essa derrota tomando um *drink* com você.

– Sabia que eu não iria sair de mãos vazias dessa mesa. Terei o consolo da companhia de um aspirante a sultão. – Mordi de leve os lábios e sorri para a sorte que me sorria. Mas fui mais atrevida e lhe perguntei: – Não é contra sua religião ingerir álcool?

– Tenha cuidado, sou um príncipe degenerado que ama o mundo profano dos inconsequentes ocidentais.

– Então vamos ver até onde você conhece esse mundo! – Nos dirigimos para uma mesa especial, no restaurante.

Fui tratada como uma candidata a rainha. Comemos do bom e do melhor. Ouvi um pouco da enfadonha história do príncipe rico que não era o primogênito e que queria apenas usufruir os prazeres da vida. Não tinha pretensões políticas ou econômicas. Era um *bon vivant*. Bebemos um bom *champagne*. Eu beliscava suavemente a delicada taça de cristal refinado. Não queria ficar fora de combate antes do tempo. Ele se permitia esquentar o sangue e soltar as amarras do juízo. Eu esperava, ainda, a hora certa para pagar para ver. O jogo continuava no flerte de suas doces palavras de inspiração na filosofia arábica. Eram as preliminares das mil e uma noites, para ele, e da uma noite para mim, visto que eu não tenho vocação para participar do harém alheio. Estou mais para Draupadi com seus cinco maridos.

Chegamos à sua suíte. Tudo lindo e maravilhoso. Mais *Champagne*. Mais risadas. Ele não acreditava em minha história. Pensava que eu tinha tirado tudo de algum livro e usado para lhe impressionar, como se eu estivesse blefando o tempo todo.

– Seria mais prudente eu ir para o meu hotel agora. – Disse eu, advertindo-lhe do perigo que estava por vir.

– Qual o risco que eu corro?

– Se apaixonar por uma mulher livre.

– Será que você vale o sofrimento?

– Estou lhe avisando para que não entre, inocentemente, no carrossel do amor.

– Você é muito autoconfiante. Isso amedronta aos homens fracos, mas não a mim.

– Todo homem tem seu ponto fraco. Se queres sofrer o resto da vida só por causa de uma noite, eu me aproveitarei de você, já que não tenho mais nada de interessante para hoje. – Ele se aproximou e me abraçou firme, prendendo os meus braços.

– Como você pretende me machucar se nem suas mãos estão livres? – Ele aproximou os seus lábios dos meus. Esperei ele avançar, até o limite. Puxei o rosto para trás, desprezando sua boca e tirando o doce da criança, deixando-a ainda mais atizada.

– Vou começar assim. – Levantei as pernas, somente com a força do abdômen. Ele sentiu todo o meu peso. Dei um nó em sua cintura. Talvez ele não esperasse tanto vigor físico. Ele se arrepiou. – Mesmo sem as mãos, posso lhe dominar por completo, apenas com a força do pensamento.

Senti o seu sexo enrijecido, querendo sair de sua túnica. Ele tentou me beijar novamente. Eu me esquivei e chupei o seu pescoço. Ele fechou os olhos. Deu alguns passos para alcançar o majestoso piano que decorava a antessala, deixando-me apoiada na cauda, de onde as minhas pernas saíam e o envolviam com vigor. Quando ele afrouxou o laço em torno do meu braço, eu pude puxar sua roupa. Por baixo dos fios de algodão branco, egípcio, o algodão ocidental tingido de preto revelou uma cueca Calvin Klein. Nos abraçamos. Senti as suas costas. Ele cuidadosamente me despiu. Parecia algum ritual muçulmano. Viva Alá. Deitamos e ele chupou o meu peito. Estava preparada para guerrear a noite toda nas batalhas de Vênus. Virei o jogo. Estava por cima. Delicadamente, guiei a tocha de Eros para o meio da fogueira, para queimar o próprio fogo do desejo. Desci devagar. Fui sugando, gradativamente, o seu membro do amor. Anel por anel, o túnel do prazer comprimia cada milímetro quadrado da área peniana. Comecei os movimentos tântricos. Se alguém visse de fora, veria uma mulher parada, inerte. Mas por dentro, o universo se movimentava incansavelmente. Ele tentou fazer um movimento típico do aceleração da valsa. Eu segurei com mais força, por dentro, tirando-lhe um uivo do fundo da alma. Agora estava claro que eu não estava blefando e ele se entregou completamente ao deleite. Somente com a caça abatida, beijei os seus lábios. Sua boca estava inundada de volúpia. Apertei o último anel vaginal, estrangulando a uretra membranosa, na base do pau. Isso gera um certo incômodo no homem, pois impede a livre ejaculação. Sussurrei em seu ouvido:

– Estás preso para sempre pelo laço do anel de Afrodite!

– Meu Deus, não pare, pelo amor de Alá!

– Apenas alguns segundos de tortura enquanto eu me asseguro que não serei lançada pelos seus bravos descendentes! – Retirei o pênis e chupei-o delicadamente. Puxei a bolsa para perto. Enquanto acariciava com a língua, fuçava a bolsa para encontrar a camisa de Vênus. Mulher faz, facilmente, várias coisas ao mesmo tempo. Vesti, a caráter, o pedaço de carne mais valorizado da terra. Subi novamente. E fiz o árabe alcançar as nuvens e pegar o rumo das estrelas.

– Quem é você, mulher? O que você fez comigo?

– Não fiz nada além do que uma performance, desenvolvida ao longo de alguns anos de treinamento e dedicação, factível para qualquer uma que se entregue ao esforço disciplinado. Precisamos de apenas 10.000 horas para sermos

bons em qualquer coisa que quisermos. Esse é o tempo que o cérebro precisa para se convencer de que é *expert* em alguma coisa.

– Eu te amo! Você tem que casar comigo!

– Aproveite a oportunidade. Se conecte com o presente. Deixe o sofrimento para depois. Ainda nem amanhecemos juntos.

– Você é uma bruxa. Capturou meu coração!

– Então, deixa eu aproveitar o parque de diversão, parece que ele já está ativo novamente. – Dessa vez, eu aproveitei para gozar, pois da segunda vez, normalmente, o homem demora um pouco mais e faz a gentileza de aguardar a mulher. Agora ele estava menos impaciente, pois a primeira ejaculação ansiosa já tinha saído. A batalha de Vênus se tornou mais suave e prolongada.

Dormimos o sono merecido daqueles que são vencidos pelo cansaço da guerra bem lutada, até o fim, quando não resta nenhum pedaço de carne viva, rígida ou em pé. Foi uma imprudência esperar os raios solares nascerem o dia. Lá estava a pobre ovelha deitada em meu peito, clamando por proteção eterna de um amor sem fim. Escorreguei para a ducha e tomei o costumeiro banho gelado, para acordar e pôr as ideias no lugar. Coloquei a roupa e joguei fora a calcinha, muito suada da noite anterior. Ele acordou e veio ao banheiro.

– Bom dia. Sonhei que estávamos nos casando. Que tal experimentar uma burca? Você irá precisar, quando chegarmos ao meu país.

– Hahahahaha. Você é tão brincalhão!

– Falo sério. Eu paguei para ver e estou perdidamente apaixonado. Você é a mulher perfeita: bonita, inteligente e bem-humorada.

– Você irá absorver essa derrota, como outras tantas ao longo da vida. Não se pode vencer sempre.

– Eu me matarei se você não vier comigo. Minha vida não tem mais sentido sem você.

– Não seja dramático! Você tem muita vida pela frente. Eu sei que guardo uns segredinhos entre as pernas, um diamante raro de inigualável quilate. Mas não confunda amor com prazer. Indo com você, eu não seria nada mais do que outra joia no seu tesouro, uma flor exótica no seu majestoso jardim. Com o tempo, a febre da paixão passa e, nessa hora, eu não quero estar junto a um poderoso *sheik* que tem seus caprichos e peculiaridades.

– Se você pegar o elevador, eu chegarei antes de você no saguão do hotel. E aí verá que não estou blefando. Prefiro a morte a vagar por aí lembrando eternamente dessa noite passada. Se não posso mais lhe ter, farei o voo final para a morte. Leve suas fichas, pois elas não têm valor para mim. – Falou com o olhar pesado e arrancando uma lágrima. Será que ele está falando sério? Não posso acreditar. Lembrei do quanto eu sofri por causa do rompimento do relacionamento com o meu mestre de yoga e quase cheguei, também, a uma atitude desesperada. Mas fui forte e segui adiante. Ele conseguirá sobreviver.

– Você está blefando. Isso é poesia das mil e uma noites. Tchau, meu bem, nos encontramos pelas mesas de pôquer da vida. Não posso levar o que perdi no jogo. São as regras. Não faça nenhuma besteira. Tudo passa. Me tenha como uma doce lembrança que sempre lhe afagará nos momentos de folgança e de alegria. – Dei-lhe um beijo na fronte. Enxuguei-lhe as lágrimas e me dirigi para sair do hotel.

Desci normalmente. Quando cheguei lá embaixo, o pior tinha acontecido. O sheik falou tudo do fundo do coração. Se lançou no vazio e resolveu sua angústia no chão, ainda frio, do mármore da piscina. Muito movimento. As pessoas gritavam. Muita confusão. Um suicídio causa uma comoção muito grande na sociedade. Fiquei em estado de choque. Sentei-me no sofá. E agora? O que fazer? Eu fui a última a ter contato com o falecido. Como explicar que se tratava de um suicídio amoroso? Será que existe essa categoria de crime, induzir alguém à morte depois de aplicar técnicas irresistíveis de Tantra Yoga? Existem câmeras. Mais cedo ou mais tarde chegarão a mim. Ainda bem que eu saí sem nada, pois seria caracterizado um assassinato seguido de latrocínio. Terei que me entregar, mas não sei nem como. Lembrei de Psiquê, que se entregou logo, antes que Afrodite lhe achasse. Acho que tenho que fazer a mesma coisa. Vi um policial com cara de detetive entrando no saguão e resolvi conversar com ele:

– Bom dia, Sr. detetive, eu fui a última pessoa a estar com o suicida. Estou à disposição para o que for necessário.

– Muito estranho, você irá comigo para delegacia prestar depoimento.

– Sim, como disse, estou à disposição.

Ele chamou por outro policial para me escoltar até a viatura, como se tratasse de uma criminosa perigosa. Depois de uma noite tão esplendorosa, não contava com um desastre dessa magnitude, logo pela manhã. Vi a chegada de um monte de fotógrafos que não perceberam que a testemunha, quase uma suspeita, estava sendo levada para longe. Seria uma notícia de capa de jornal: suicídio por amor? Talvez até virasse uma novela, juntando os detalhes e inventando algum drama das arábias. O carro arrancou e pude contemplar a cidade de Las Vegas já acordada, mas ainda com aquela preguiça matutina de uma cidade que sempre

dorme muito tarde da noite. O vale desértico, entre as montanhas, alimenta os sonhos através do azar. Quantas vidas começam nessa jogatina? E quantos corações são enterrados nas roletas da avenida Las Vegas Boulevard? As intensas luzes de *led*, substitutas dos antigos neons, que entorpecem durante a noite, ficam inofensivas com a clareza da iluminação solar, desfazendo, por algumas horas, a fantasia extravagante de querer ludibriar a razão de Apolo.

Chegamos à delegacia. Saltei da viatura e fomos para a sala de depoimento. Fui tratada como uma prostituta. Ai, meu Deus, esse mundo infantil masculino que pensa apenas com um neurônio por vez. Até os computadores mais limitados já processam informação em paralelo e o homem continua nas profundezas sombrias do pensamento linear. Há mais de dois mil anos, Platão já falava da dificuldade em se livrar das correntes que prendem o machão nas cavernas. Conteí o que havia acontecido, desde a derrota na mesa até a visita à sua suíte. Imaginei que eles não entenderiam nada de Tantra Yoga e resolvi não relatar os detalhes íntimos. Depois de uma hora detida, chegou o delegado.

– Nós confirmamos uma boa parte de sua história, mas ainda estamos investigando a presença de drogas na cena do crime e deteremos você por um dia, ou mais, o quanto for necessário.

– Se você pudesse me conceder a gentileza de me levar ao meu hotel para que eu possa trocar de roupa, eu adoraria, pois estou com essa mesma roupa desde ontem. – Obviamente, não falei que estava sem calcinha, pois estava respeitando o desrespeito daquelas pobres autoridades e não queria me passar por uma puta provocadora.

– Você ficará aí mesmo, mocinha. Temos que dar respostas a esse crime e eu ainda estou pesquisando sobre você. – Fechou a cara e saiu da sala, orientando o policial para me encarcerar numa cela comum.

Para quem pratica meditação, não é muito difícil passar pela privação de liberdade. No final das contas, estamos todos presos no próprio corpo. Sentar e ficar parado é uma forma de deixar a mente livre. As mulheres se assustaram com o meu silêncio. Não é comum uma aspirante a monge meditando numa delegacia comum. Depois da primeira hora, abri os olhos e fui chamada novamente para a sala de depoimento.

– Descobrimos que você está sendo procurada. Enviaremos você sob custódia para dar esclarecimentos. Não encontramos nada que lhe incrimine, mas parece que tem gente grande interessada em você. Não voltará mais para a cela normal. Agora você é uma suspeita de alto nível e não pode se misturar com as vagabundas ordinárias. – O delegado deu uma risada sarcástica e deu ordem para se livrar de mim, entregando-me às autoridades superiores, aquelas famosas agências de inteligência.

Dessa vez, fizeram a cortesia de passar no meu quarto de hotel para que eu pudesse pegar minhas coisas. Fomos direto para o aeroporto. Deveria ser algo importante o que queriam de mim. Fiquei apreensiva. Não se freta um jatinho para levar, em urgência, qualquer criminoso. Que crime eu teria cometido, além de ter a sorte ao meu lado? A viagem foi enfadonha e eu já estava cansada. Comi aquelas porcarias que nos são oferecidas no avião. Tomei um café que não costumo tomar. Finalmente, o avião aterrissou. Um homem de idade já avançada, com uma roupa elegante e formal, me recebeu logo após a descida da aeronave:

– Psiquê?

– Sim.

– Meu nome é Hermes. Venha comigo, precisamos esclarecer alguns eventos raros que andam acontecendo por aí. Por favor. – Gentilmente, me conduziu para um carro azul escuro, com um conforto considerável, e vidros escuros.

Não conhecia muito bem a capital onde eu estava. Chegamos ao prédio da inteligência nacional. Que prestígio, nunca imaginei que seria objeto de atenção da própria inteligência. Subimos juntos as escadas e entramos no salão que levava até os elevadores. Muitas câmeras e muitos dispositivos eletrônicos de segurança. Fomos até uma sala confortável.

– Sente-se, por favor.

– Como posso ajudar vocês? – Perguntei, querendo saber o motivo de toda aquela diligência.

– Nós estamos há um tempo procurando por você. Vou ser direto e tentar lhe ajudar também. Nós sabemos que você já acertou na loteria 3 vezes em pouco tempo. É um feito extraordinário e, até certo ponto, suspeito. Não há como incriminar ninguém por isso. Temos uma investigação, que nunca foi concluída, de um antigo político, deputado, que explicou o crescimento do seu patrimônio a partir da sorte, alegando ter apostado na loteria. Disse que acertou dezenas de vezes e que Deus era o responsável pela sua fortuna, lhe favorecendo a sorte. Há uma hipótese de lavagem de dinheiro. Mas os bilhetes não eram falsificados.

– E se eu lhe disser que jogo cartas para ganhar na loteria?

– Essa é boa, hahaha. Um bom começo! Por que você não joga para mim? Também preciso ganhar alguns milhões. Talvez isso não seja um crime, não é?

– Não é sempre que funciona, mas aqui estão as cartas que um dia comprei num velho sebo de livros.

– Eu não perderei essa oportunidade por nada. Pode fazer uma demonstração para mim?

– Sim, claro. – Consenti, com algum receio. Estava nervosa e numa condição desfavorável para a manifestação do oráculo. Além disso, cometi um ato falho: não usei os arcanos maiores adequados. Joguei a sorte naquele clima de ceticismo e desconfiança. Respirei fundo. Apesar de tudo, fiz uma concentração sincera e silenciosa. Será que o poder está nas cartas ou em minha mente? Fiz o jogo e formei as 6 dezenas. Hermes falou, empolgado:

– Na dúvida, anotarei os números. Para você, aqui está o meu cartão para entrar em contato direto comigo, em caso de algum acontecimento estranho vier a ocorrer. Houve uma morte envolvida no caso. Uma garota do círculo do deputado veio a óbito. Dizem que era uma cartomante. Estranha coincidência. Senhorita, se você, por acaso, prestar atenção em algo suspeito, por favor, passe a pista para nos guiar.

– Ok, ficarei atenta.

Fiquei apreensiva. Onde foi que eu me meti? Arrumei o baralho, coloquei na bolsa e fui para a cidade, onde fiz meus estudos, no meu antigo quarto, após meses de viagens. Depois de tanta agitação e glamour, seria interessante regressar à simplicidade de algum lar familiar. O que eu iria fazer? Deve ter gente atrás dessas cartas. Resolvi subtrair a carta da fortuna e escondê-la em algum lugar secreto. E as outras cartas podem servir de blefe, na hora certa.

VII. O Rapto de Psiquê

Acordei cedo e fui para um parque próximo, com uma esteira para estendê-la na grama. Caminhei cerca de um quilômetro. Procurei a sombra de uma árvore. Forrei a grama e me sentei sobre os calcanhares. Fechei os olhos. Deixei os pensamentos fluírem. Ainda estava abalada com o suicídio intempestivo do *sheik* árabe. Não poderia me culpar pela atitude impensada de alguém que eu acabara de conhecer. Terei que ter mais cuidado com a arte do tantra, pois o amor não é brincadeira. Estiquei as pernas à frente e comecei uma sequência de alongamentos. Pratiquei uma hora de *āsana*, que esvaziou a mente o máximo possível, diante do turbilhão de acontecimentos do dia anterior. Entrei em meditação. Depois de 20 minutos, me deitei e relaxei profundamente. Quando acordei, me espreguicei, e tive a ideia de ir me encontrar com Cacia. Recolhi a esteira e voltei andando para casa. Me arrumei e marquei para encontrá-la num café. Ela estava animada e tinha novidades para me contar.

– Olá querida, estou me preparando para me casar. Iremos morar numa casa espetacular, você precisa ver!

– Que bom. Quem é o felizardo?

– Ele é o irmão mais velho do sócio de meu pai. Já nos conhecíamos há bastante tempo. Ele me convidou para jantar e tudo começou de forma tranquila e lenta.

– E a psicologia? Está trabalhando com o quê?

– Amiga, eu cheguei a atender algumas pessoas, mas o mercado está muito difícil. Eu parei. Decidi que vou virar dona de casa e mãe! Acho que tenho vocação para isso.

– Quem sabe, depois que as coisas se assentarem, você não encontre tempo para exercer a profissão. Eu sou suspeita para falar, pois gosto muito de estudar e atender pessoas.

– Ehh... talvez daqui há mais tempo. Mas me diga, por onde você andou? Você me disse que precisava de um favor.

– Viajei por tantos lugares que precisaríamos de tempo para falar de todas as novidades. Você lembra que eu gosto de jogar a sorte nas cartas de Tarô, não lembra?

– Sim.

– Eu quero que você guarde o meu baralho por um tempo. Irei procurar algum outro lugar para morar e estou me desfazendo de algumas coisas do meu antigo quarto. Mas esse baralho é especial e preciso de alguém de confiança para cuidar dele. Você sabe como uma cartomante zela pelas suas cartas mágicas...

– Oh, claro. Pode contar comigo.

Conversamos um tanto naquela manhã. Não quis dizer para ela que, talvez, o seu casamento fosse apenas uma forma cômoda de viver sob a proteção de um pai substituto, evitando o sacrifício de encarar a própria independência. Cada um é que sabe onde aperta o calo e talvez seja a necessidade dela viver dessa forma. Na condição de psicóloga, evitei dar conselho num assunto mais complexo do que parecia.

Quando me aproximava do pensionato, percebi uma movimentação estranha. Muitos homens e carros. Me esgueirei pelo caminhão de lixo que passava. Dei a volta e fui pela rua de trás. Pude ver, ao longe, que a minha janela estava aberta e tinha gente no quarto. Meu Deus, o que está acontecendo? A pulsação acelerou e o medo tomou conta das minhas pernas. Vontade de sumir ou ficar invisível. Quando eu ia voltar pela mesma rua, dois homens notaram a minha presença e gritaram para eu ficar parada.

Atônita, corria a gazela entre os carros, entre as pessoas, entre as paredes e vielas. A visão entorpecida pela adrenalina que repetia incessantemente ao corpo: fuja. Um outro carro executa manobras cinematográficas para intensificar a dramaticidade da caçada. O homem no carona desce com uma arma na mão, despreocupado com qualquer afetação dos populares, como se o seu blazer contivesse a licença para matar, aquela dos agentes secretos. Do outro lado da rua, diretamente sob a mira de seu cano, nada mais podia ser feito pelas belas e bem condicionadas pernas que sustentavam o tronco em pé. O corpo gelou e a adrenalina focou apenas em um comando definitivo: “paralise e se finja de morta”. O caçador relaxou vendo a presa dominada. Nesse instante, ficou claro que a caça era desejada viva, pois não era exatamente o seu corpo, todo molhado de suor, que interessava. Era a informação que continha em seu cérebro. Aqueles que detêm a informação não podem ser descartados facilmente.

Às vezes, quando há uma desistência genuína seguida de uma respiração profunda, que implica em um relaxamento absoluto e a consciência de que foi feito todo o possível e imaginável, a energia cósmica circula livremente e o universo conspira a favor do lado mais frágil na luta inglória, seja para reequilibrar os polos do bem e do mal ou para dar continuidade à novela da vida. A ação, sincronizada pelo alto olimpo, veio através de um ônibus que se colocou entre a lebre e a raposa. Sem hesitar, a primeira entrou, seguindo a viagem de fuga sem destino preestabelecido, deixando esta última a ver veículos.

No entanto, a perseguição continuou. Alguns quarteirões depois, ela saltou, para adquirir a vantagem do pedestre em furar o trânsito, se esgueirando pelas brechas e causando inveja aos motoristas em estado de letargia veicular. Parando próximo a uma estação, com alguma vantagem de distância, foi possível alcançar o metrô. Correndo livremente, a sensação era que tinha despistado toda a matilha. A sorte de principiante fez coincidir o embarque no vagão com o exato momento em que as portas se fecharam, de raspão, nas costas. A decisão mais prudente foi não voltar para casa. Mas para onde ir? Algum lugar movimentado. Ou um não lugar, o palácio das ilusões, o shopping center. Talvez tomar um café possibilitaria pensar no passo seguinte. Ligar para Hermes?

Ao entrar pela porta principal, com o pé direito alto, tudo e todos pareciam estar me vigiando e esperando o momento para denunciar a fugitiva de não sei o quê e de não sei quem. Com a adrenalina mais baixa, veio a necessidade de descarregar o que estava sobrando, no banheiro. Ali poderia haver alguma segurança. Ninguém olhando. Aliviei prazerosamente todo o líquido excedente. Depois de cinco minutos veio a constatação de que não seria possível permanecer a vida toda ali. O espelho auxiliou a fazer um pequeno teste de realidade. Será um sonho? Água gelada no rosto, seguida de uma leve umidificação da nuca e recuperação do frescor das correntes prânicas ou o simples alívio de retirar um pouco do suor dos pontos onde os nervos formam os plexos estratégicos.

Caminhando pelo corredor, na saída dos banheiros, duas mãos conseguiram habilmente raptar aquela que detinha a informação mística e secreta desejada. Mãos poderosas: uma delas me envolvia pela cintura e imobilizava os meus braços em uma só laçada, levantando o meu corpo contra o dele, meu dorso contra o seu peito. Com a outra mão segurava a boca e a cabeça. Deu três passos para trás e, com as costas, empurrou uma porta lateral. Entramos num depósito de material de limpeza. Com um belo calcanhar, a porta se fechou levando a luz consigo. A adrenalina estava rarefeita e a elegância dos movimentos, há um só tempo rápidos, vigorosos e delicados, dominou a atmosfera da cena e se revelou incompatível com um ato violento. Antes que algum pensamento fosse possível, sua voz firme e macia declarou definitivamente: “Agora você está segura comigo”. Isso parecia óbvio, estava segura pelos seus braços musculosos e amparada pelo seu peito firme e pronunciado. Mas estaria em total segurança? Em seguida, anunciou o seu propósito: “Estou aqui para lhe proteger, mas não posso revelar a minha identidade. Terás que confiar num estranho. Receio que não tenha outra opção”.

Senti o sopro de sua voz próxima ao ouvido. Um cheiro delicioso trouxe as notas do coração de alguma fragrância madeirada entre o *patchouli* e o sândalo. Não houve tempo para distinguir exatamente a essência daquele perfume, pois estranhas sensações de arrepio percorreram toda a amplitude das frequências corporais, seguidas de uma contração espontânea da musculatura pélvica. Algo

novo estava acontecendo. Um completo desconhecido, sem rosto, sem nome e sem passado ou relação, ligou inusitadamente as correntes elétricas que tornam uma mulher propensa a entregar-se por completo.

O vestido, um pouco antes do joelho, não oferecia grande resistência a qualquer investida. Mas ficamos parados, apesar de ser possível sentir suas contrações eréteis involuntárias pressionarem, vigorosamente, as nádegas alinhadas no caminho da felicidade. Talvez o excesso de excitação de toda a perseguição frenética tenha deslocado alguma engrenagem neuroquímica acionando, assim, o gatilho da libido. O que será de mim? O dileto pesadelo da virgem que é deflorada pelo viajante desconhecido. Talvez a virgem histérica, aquela que vem desejando, estranhamente, algum ser exótico que tenha a coragem e a paciência de lhe mostrar, didaticamente, a direção depois de passar pelo monte de Vênus. Só que não. É mais fácil eu ter algo para ensinar. Mas pela primeira vez, depois de anos, sinto como se fosse a primeira vez. Alguma química diferente estava em ação.

E ele, armado atrás de mim, disse: “Mas é claro que só poderei te proteger se tu quiseres. Tudo está em tuas mãos. Se tiveres coragem, te levarei para um local seguro. Terás tudo a tua disposição. Nos veremos à noite, sempre no escuro, para preservar a tua integridade, pois quando souberes a minha identidade não poderemos mais ficar juntos.”

Naquela altura, eu só desejava ser possuída ali mesmo por aquelas mãos poderosas. Um suspiro em falso denunciou o desejo à flor da pele. Automaticamente, o pescoço arremessou a cabeça para trás até sentir o seu ombro musculoso. Então fui girada e minhas pernas se abriram para acolher aquele homem por inteiro. Seus dentes caninos rastreavam a minha jugular. Aos poucos fui sendo chupada. Doce vampiro que hipnotiza e arrebatava na penumbra das sombras. Foram necessários apenas alguns segundos de sangue drenado, palpitante, para que eu mesma vampirizasse o pescoço dele. Quando eu pensava que estava dominando a cena, ele fez um golpe de mágica e retirou a calcinha. Até hoje não sei como foi possível aquilo. Um desses truques que nunca sabemos exatamente como é, mas que encantam e entorpecem a percepção, nos deixando vulneráveis a aceitar a ilusão maravilhosa onde tudo é possível. Estava completamente dominada.

Ele ficou rijo e deslizou a canoa suavemente pelo canal, completamente inundado de prazer. Acolhi com naturalidade, começando uma leve massagem íntima. Nenhum outro músculo do meu corpo mexia. Apenas a região ligada ao sexo trabalhava. Pensei ter retomado o comando da situação, entretanto, fui novamente surpreendida, pois ele também não usava nenhum outro músculo além dos pubianos. Mais firme do que todos os outros homens que, até então, me apresentaram alguma desenvoltura na arte. Finalmente encontrei o pau de Eros, que havia deixado na floresta da adolescência. Foi uma dança de balé. Seu pênis

dançava independente do corpo, com vida própria, ao que era correspondido pela vitalidade harmônica da vagina. Um par perfeito, música para os meus ouvidos. O universo inteiro entrou em silêncio para assistir àquele encontro majestoso.

Estava diante de alguém com uma iniciação mais avançada do que o meu próprio mestre de Yoga. Depois de tantos rodopios e malabarismos transversais, piruetas verticais e rolamentos horizontais, o gozo se aproximava. Percebi a sua intenção de realizar o *maithuna*. A união sutil veio trazendo a vibração orgástica, que desenrolou a kundalini diretamente para o alto da cabeça e, em seguida, para o centro da testa. Êxtase completo. O casamento espiritual estava consumado.

Acordei com um pouco de dor de cabeça num lugar muito confortável. Estava completamente escuro. Não fazia ideia de onde eu estava. Parecia que eu tinha saído de um sonho diretamente para outro sonho. Uma voz macia, vinda da escuridão, me deu boas-vindas para o dia:

– Bom dia, minha senhora. Sou o seu servo Zéfiro e tu estás no Palácio de Eros. Fiquei encarregado de te servir. O meu senhor retornará à noite. O que desejares, nós providenciaremos num passe de mágica. – Achei estranho e fiquei um pouco assustada.

– Por favor, você pode acender a luz?

– Seu desejo é uma ordem. Mas eu gostaria de dar uma sugestão, se a mim for permitido.

– Sim, continue.

– Deixe-me acender a luz aos poucos para não ferir os seus belos olhos com uma contração abrupta das pupilas. – Diante de tamanho cavalheirismo e cuidado, comecei a me acalmar.

– Boa ideia. Que assim seja feito. – E a luz começou a preencher a escuridão do quarto bem devagar, sem aumentar abruptamente a intensidade.

Estava num quarto digno de um faraó, deitada num colchão forrado com fios de algodão egípcio, que tanto acariciaram minha pele ao longo da noite. Continuava desnordeada, porém tranquila em estar no conforto de um belo quarto. Procurei por Zéfiro e não o encontrei. Pensei que deveria ser alguma espécie de caixa de som e que eu estava sendo monitorada por alguma câmera.

– Olá, onde você está, Zéfiro?

– Estou em todos os lugares e em lugar nenhum. Eu sou esse palácio no qual tu habitas. Sou a inteligência artificial, como se tem dito por aí. Posso assumir diversas formas a depender da necessidade.

– Até que eu gostei dessa sua presença invisível. Mantém o clima enigmático.

– Imagino que estejas querendo um banho afrodisíaco para recompor as energias.

– Vejo que além de inteligente e perspicaz você possui o dom da telepatia. Estava pensando nisso mesmo.

– Por favor, siga os sinais luminosos até a casa de banho. –Pequenas luzes indicaram o caminho até a porta que, eu imaginava, seria o banheiro. Abri a porta.

– Nossa! Que lindo. Eu poderia passar um dia inteiro aqui.

A banheira já estava pronta e os cheiros exalavam pelo ar. Mármore por ali, granito acolá. Toalhas sobre suportes de ouro, assim como as torneiras que entregavam o brilho dourado do metal precioso aos olhos. Ainda estava com o mesmo vestido. Me despi para entrar na banheira cheia de espuma. A água estava morna e relaxante. Senti a poeira sorvendo na água ensaboada e deixando o corpo limpo e cheiroso. Um jato d'água suave me alcançou nas costas e começou uma maravilhosa massagem. Das costas, irradiou para todo o corpo, a essa altura, completamente envolvido no movimento harmônico das águas. Um som de cítara feriu o ar e alcançou os meus ouvidos, em seguida, um coro de vozes e um violino. Enquanto o banho regozijava o corpo, a música reconfortava a alma. Depois de uma hora, senti fome. Imaginei que algo já estivesse pronto. Chamei por meu vassalo e ele atendeu:

– Vem para a sala fazer o desjejum. Tomei a liberdade de fazer uma leitura de teus batimentos cardíacos para te informar que eles estão dentro da normalidade, assim como a tua temperatura corporal. – Impressionante a quantidade de informação! Segui novamente a sinalização e encontrei um banquete maravilhoso. Já conhecemos essa estória, relatada anteriormente: estava no palácio do meu Eros e aqui a tecnologia estava em cada ponto da casa.

– Por favor, quero ver a paisagem. – E as paredes me mostraram lindas paisagens em telas digitais. Fiquei maravilhada com o papel de parede que era capaz de produzir imagens. Mas eu insisti. – Eu quero, apenas, que se abram as janelas.

As janelas se abriram, automaticamente, e revelaram um lindo jardim, além do qual havia um bosque de frondosas árvores que se destacava, antes da visão alcançar as altas montanhas. Estava no paraíso na terra e eu era a rainha. Degustei, com requintes de paciência, cada iguaria disposta em travessas de ouro, numa luxuosa mesa de mármore nu. Não enchi a barriga, pois pretendia entrar em nirvana no jardim. Fui para a grama nua e macia. Cruzei as pernas. Olhei as rosas

e jasmims ao redor. Um espelho d'água imóvel guardava belas flores de lótus. Respirei fundo e fechei os olhos. A calmaria do lago se refletiu na calma da minha mente e aquietou o espírito. Um excelente lugar para nada fazer, para apenas estar e ser. Passei o dia nessa deliciosa ociosidade, registrando os detalhes das pétalas das diferentes flores, testemunhando o momento em que os pássaros beijavam, em busca do néctar, a boca das flores e ouvindo os seus cantos de contentamento pela vida. Não havia trilhas humanas para chegar ou sair pelo jardim. Fiquei imaginando que, talvez, eu tenha chegado, até ali, pelos ares.

No entardecer, pude ver o sol se despedir. Existia um magnífico belvedere que alcançava todo o vale e recebia os últimos raios solares do dia. Como já é do conhecimento de todos, à noite, Zéfiro apagou todas as luzes e meu marido chegou em nosso leito. Sua voz fez tremer a escuridão e alegrou o meu peito.

– Boa noite. Tive que sedá-la na noite anterior, para lhe trazer em segurança até este esconderijo. Espero que tenha gostado.

– Foi maravilhoso. Mas ainda estou me sentindo estranha sem a presença de qualquer outro ser humano. Conto apenas com sua voz e daquele seu primo invisível, que sabe me servir muito bem.

– Ah. Que bom que ele está lhe atendendo a contento.

– Onde está você, não lhe vejo?

– É melhor continuar assim, para sua própria segurança. Quando for oportuno, tudo ficará claro na luz do dia.

– Deixe-me, então, te ver com as pontas de meus dedos. – Sua mão acariciou a minha e a levou para o seu rosto.

– Hum, que bonitas linhas! Vou lhe chamar de meu Eros. Esse joguinho é muito excitante. Pode me envolver como fizeste na noite passada.

– Como assim? Não fiz absolutamente nada ontem, pois você estava sedada. Pode ter sido o efeito da substância que provoca sonhos intensos. – Retirei a mão com vergonha de ter exposto os mais íntimos desejos que a alma pode ter para um completo desconhecido.

– Como assim? Onde estou? O que estás fazendo de mim? Estou sob efeito de alguma droga?

– Calma. Você está sendo perseguida pela máfia da loteria. Eu fui enviado para proteger a cartomante que eles sequestraram, para utilizá-la na adivinhação dos números da sorte. Mas já era tarde demais e eles a eliminaram. Antes de morrer, parece que ela descartou o baralho pela cidade. Tudo indica que

– você encontrou algo muito valioso e, também, aprendeu a utilizar as cartas com eficiência.

– Então, aqueles homens me seguindo eram mafiosos?

– Provavelmente sim.

– Por que não chamamos pela polícia? Tenho o contato de um agente da inteligência.

– Acho que os investigadores desse caso foram corrompidos e estão cooperando com os bandidos.

– Sim, é possível. Depois que saí da Agência de Inteligência, tive meu quarto invadido. Por que eles não atiraram em mim?

– Acho que eles querem você e as cartas, pois não devem saber como usá-las. Preciso que você as entregue. Preciso levá-las para a dona.

– Elas foram extraordinárias, mas já me trouxeram muitos problemas. Não estão comigo.

– Estão em segurança?

– Acredito que sim.

– Por enquanto, é suficiente. Tenha uma boa noite.

– Boa noite.

Fiquei surpresa. Tinha sido tão real nos sonhos. Quem será aquela voz misteriosa? Quero meu Eros de carne e osso de volta. Sozinha e na completa escuridão, sem nenhum estímulo afrodisíaco, foi fácil pegar no sono e dormir tranquilamente. Dessa vez, os sonhos foram mais tranquilos e nada libidinosos, apenas caminhei nas nuvens com incontáveis anjos fazendo música para a alma.

Os dias se passavam monótonos. Precisava ver alguém, senão ficaria maluca com tantas coisas exóticas e extraordinárias.! Parecia que eu estava no futuro, com toda aquela tecnologia invisível. Sem ninguém para conversar, aquele lugar se tornava uma prisão, por mais belo que fosse. Intimei o meu candidato a Eros e implorei para ser atendida a minha necessidade de ver uma face humana, nem que fosse a de minha antiga amiga. Não tinha o recurso de beijá-lo para persuadi-lo, pois não houve clima, nem oportunidade. Ele se preocupou, mas entendia a minha necessidade.

– Zéfiro irá levá-la onde você desejar. Mas tome cuidado. Desconfie até de sua sombra.

– Devo desconfiar de você, também?

– Certamente, pois ainda não me conheces nem a face. Sinto muito, não ter te deixado alternativa. Mas as coisas precisam ser dessa forma.

Na manhã seguinte, me preparei para o passeio. Zéfiro me conduziu até o pátio aberto. E me perguntou:

– Em qual carro tu gostarias de ir? – Já que ele perguntou, eu respondi.

– Uma *Lamborghini*. – Sorri, pensando que se tratava de uma brincadeira, mas começou a se materializar, em minha frente, aquele carro espetacular. A porta se abriu por elevação e eu fiquei extasiada. – Ual! Não me canso de ter surpresas por aqui. Mas, por que estrada iremos sair?

– Entre, acomode-se. – sentei no banco mais confortável que já experimentei em toda a minha vida. A porta se fechou. – Prepara-te para a flutuação.

De repente, o assoalho se abriu embaixo dos meus pés e o carro começou a planar. Vi o palácio ficar pequeno, no chão. Mas a coisa ficou mais estranha quando todo o carro, simplesmente, sumiu na transparência de uma brisa que me envolvia. Fiquei solta e firme no ar, desafiando a força da gravidade. Olhei tudo do alto. Em seguida, a minha visão da paisagem externa foi bloqueada, pois eu estava envolvida numa bolha cuja superfície interior era uma tela que projetava imagens como numa televisão. Isso funcionava como um capuz para que eu não soubesse a direção do paraíso.

Eu só sentia um movimento esquisito e sem referência para onde estava indo, como numa montanha russa que, de repente, entra num túnel e deixa uma sensação de desorientação em relação a qual será a próxima pirueta, se para direita ou para esquerda, para cima ou para baixo. Com jeito e entrega absoluta, a gente se acostuma e deixa o brinquedo nos levar. Em poucos minutos, senti que o transporte novamente tocou o chão. A estrutura da *Lamborghini* voltou a ser visível e era possível olhar pela janela o que acontecia lá fora. Quando o carro parou, Zéfiro falou:

– Agora, estou sob sua direção. Estamos em sua cidade. Quando precisar, é só chamar.

Peguei o volante, respirei fundo, pisei delicadamente no acelerador e senti o ronco arrebatador do motor de doze cilindros. Entendi por que as mulheres ficam tão excitadas sentadas no couro desse veículo. Com a direção na mão, essa sensação se eleva ao quadrado.

Em estado de êxtase, me dirigi até a casa de Cacia. Estacionei o carro na rua, em frente à entrada de sua casa. Estava disposta a dizer tudo a ela e pedir um conselho. Estava com a máfia em minha cola, a polícia e, quem sabe, até o povo árabe não estaria querendo a minha cabeça. Toquei a campainha. Ela desceu e veio me receber na porta:

– Olá, minha amiga. Esse carro aí é seu?

– É de meu candidato a marido.

– Nossa! Você sempre está a um passo à frente da gente.

– Eh, mas eu me encontro numa situação muito complexa.

– Me conte amiga.

– Estou escondida em um lugar que nem eu mesma sei onde é. Aquele carro ali é mais do que um automóvel, é uma nave espacial que me leva até o Palácio onde estou. É todo automático. Melhor que um tapete mágico.

– Nos dias de hoje, o que mais há é objeto não identificado. Daqui há pouco veremos os veículos autônomos transitando por aí como se fantasmas estivessem na direção. Não sabia que essas coisas já estavam nas ruas daqui. – Falou sem muito espanto nem entusiasmo.

– O que quero lhe falar é que tenho sido perseguida por uma máfia que lavava dinheiro na loteria. Tenho que lhe contar um segredo. O baralho que eu pedi para você guardar é mágico e pode sortear os números da loteria.

– Amiga! Tá tudo bem com você? Nave espacial, tapete mágico, feitiço para enxergar os números futuros, marido faraônico e o que mais? Como é ele?

– Eh, realmente, está difícil de qualquer um acreditar. Eu ainda não vi a sua face e nem tivemos nada. Ele me raptou quanto eu estava sendo perseguida, e está me protegendo.

– Como você pode ter certeza disso? Será que ele também não está apenas atrás de sua cabeça?

– Não tenho certeza de nada. Ele diz que é para a minha proteção. Não posso saber quem ele é. À noite, todas as luzes se apagam com um corte geral de energia. Ele chega na calada da noite e vai embora antes que qualquer raio solar possa atingi-lo e denunciar a sua aparência para minhas retinas.

– Isso é coisa de mafioso, não acha?

– Um adorável mafioso! Cheiroso, hum... Musculoso! Já tive maravilhosos sonhos com ele. Toquei em sua face. Mas nada além disso.

– Se eu fosse você, eu investigava a identidade dele, procurava por todos os cantos da casa em busca de alguma pista. Se ele for realmente o príncipe encantado, você tirou, mais uma vez, a sorte grande. Veja eu aqui, casada com um velho rico e cansado. Pelo menos, a conta bancária continua bem abastecida. Por que você não leva uma lanterna e um punhal, por precaução, e examina melhor a situação?

– Você é muito esperta. Não tinha pensado nisso. Não sei o que fazer. Preciso das cartas, também. Vou pensar no que diz o meu coração.

Entramos, tomamos um café e conversamos sobre a vida. Ela me trouxe o embrulho de pano preto da mesma forma como eu havia lhe entregado. Além disso, numa sacola colocou uma pequena lanterna e um punhal. Demonstrei a minha gratidão e tomei o caminho de volta, com uma grande pulga atrás da orelha. Olhei para o embrulho. Fiquei em silêncio. O Zéfiro parece ser um mordomo muito leal e, certamente, conta tudo o que acontece para o seu senhor. O que iria fazer agora? Permanecer calada e esconder o que tinha na mão. Então mandei o recado:

– Zéfiro, por favor, avise ao seu senhor que preciso ver ele hoje à noite.

– Agora mesmo, minha senhora.

Estava começando a me acostumar com aquela presença ausente da voz inteligente que tudo fazia. Uma tecnologia de outro planeta, certamente! O veículo foi estabilizando e eu percebi que a bolha ficou transparente novamente. Vi o palácio se aproximando e a estrutura do carro se tornando visível. A porta se abriu automaticamente e eu sai. Zéfiro acrescentou:

– Ele virá mais tarde, quando a noite se fizer plena.

Era noite de lua cheia. Quando a tarde estava ainda nos seus últimos suspiros, a noite prenunciava a clareza lunar com seu brilho prateado. Em poucos minutos, Diana revelou a sua face de virgem casta e trouxe a suavidade do sereno. Com a força da caçadora, eu poderia surpreender a voz noturna do meu escorregadio anfitrião. Coloquei as minhas coisas próximas à cama onde eu dormia. Ao aviso educado de Zéfiro, que a tudo comandava, a luz interna se foi e o breu tomou o cômodo completamente. Sentei-me na cama tentando acalmar o coração. A ansiedade me atacava por todos os lados e fazia as mãos tremerem. Primeiramente, o desejo ardente de oferecer aos olhos uma imagem do rosto, cujas linhas foram apenas registradas pelo tato da mão. E no plano oposto da emoção, o ardiloso metal que se escondia da própria escuridão, dentro da bolsa,

junto com a lanterna. Com os nervos à flor da pele! Uma voz sussurrou ao meu ouvido:

– Tu chamaste por mim, minha senhora?

– Onde tu estás? Preciso te ver, estou ficando louca com tudo isso.

– Ainda não é hora. – Disse ele agora com a voz mais distante. Aproveitei para me inclinar até a beira da cama e enfiar a mão dentro da bolsa, retirando a lanterna e o que eu pensava ser o punhal.

– Cadê você? – Acionei a lanterna e firmei a arma ao lado. Girei a lanterna em várias direções, sem nenhum sucesso em encontrá-lo. Mas foi ele quem me encontrou por trás.

– O que tu pensas que vais fazer com essa cenoura? – Gelei ao ser descoberta. Coloquei a lanterna para iluminar o punhal e, ao invés dele, lá estava o vegetal. Ele riu e completou, aproximando sua boca do meu ouvido: – Não sejas infantil, Psiquê. Tu achas mesmo que não sei o que se passa até mesmo em teus sonhos? Pensas que não notei na tua rara beleza que encanta até os deuses que não pertencem ao teu planeta? Se ainda não colhi a maçã é porque existe um trabalho anterior a ser feito. A forma mais fácil de fracassar numa missão é quando o envolvimento sexual afrouxa o foco no dever e põe tudo a perder.

Eu me contraí toda, desejando aquele ser poderoso que se apresentava como uma sólida parede em minhas costas. Ele venceu todas as minhas defesas, deixando todo o meu exército de joelhos. Ele poderia me ter ali mesmo e por toda a noite. Alguns dão nome a isso através da palavra *imprint*, quando uma emoção liga uma pessoa a outra, fortemente, através dos laços da volúpia. Uma ligação fatal e irresistível, tornando a pessoa escravizada a um sentimento de querer, mais e mais, o objeto do desejo.

– Por que você me tortura assim? Por que não coloca as mãos em mim e me tem de uma vez por todas?

– O que pode ser mais desejável do que uma mulher desejando? – Senti o meu peito encher de ar e sua respiração acelerar lentamente. No momento do clímax das preliminares, a voz de Zéfiro interrompeu o jogo afrodisíaco.

– Meu senhor, se aproximaram duas aeronaves há cerca de 5 minutos.

– Obrigado, Zéfiro. Quanto a você, Psiquê, se a sorte tiver contigo, poderemos dar continuidade a isso em outro momento. – As luzes se acenderam completamente e eu olhei para trás para ver a face dele. Mas ele estava com uma máscara e um traje sofisticado, parecendo que estava preparado para um salto no hiperespaço. – Você nem verificou as suas cartas. Elas são cópias das originais.

Veja que estão mais novas. Além disso, elas são um rastreador e, por isso, encontraram você aqui. Não te mataram antes somente porque você ainda tem uma carta na manga. Não confie em ninguém e seja esperta para continuar viva. Não posso fazer mais nada aqui, pois tenho uma senhora para prestar contas e meu disfarce não pode ser revelado. Boa sorte, bela e inteligente Psiquê.

Ele flutuou no ar, imagino que com o auxílio de Zéfiro. O teto do palácio se abriu e fui abandonada sozinha. Não tive nem a chance de segurar em sua perna e sair voando junto. Como que por encanto, as belas paredes do palácio se tornaram ruínas, sem vida, pois a inteligência artificial que o animava abandonou completamente as pedras envelhecidas pelos milênios, deixando-o sem o brilho estonteante do ouro que lhe ornava, como um papel de parede que é retirado para o vazio do nada. Ouí o barulho dos helicópteros pousando. Minha reação foi tentar sair dos destroços do castelo mágico, mas apenas me deparei com uma densa floresta, no meio do nada. Ajoelhei e esperei a captura.

– Vamos, garota. Você já causou danos demais. Irá passar umas férias no inferno para se lembrar onde escondeu a fortuna. – Depois ele atirou. Pensei que era bala de grosso calibre. Mas se tratava apenas de um dardo tranquilizante. Caí em sono profundo.

VIII. A Verdade está além do Monte de Vênus

Mais uma manhã começava. Perdi a noção de quanto tempo já me encontrava enclausurada. Gritos de loucura ecoavam, ferindo o ar em todas as direções. Eu apenas meditava nas oscilações das ondas, procurando encontrar, no fundo de toda a agitação aparente, a origem primordial da paz interior. O raio matutino trouxe alguma esperança. Quem sabe, uma morte digna para aquietar, definitivamente, a apreensão em relação ao futuro?

Abriram a porta da cela onde me encontrava sozinha, ainda deitada, na ala de criminosos perigosos acometidos dos mais diversos problemas mentais, onde os delírios germinavam em vigilância máxima. Em graves doentes mentais, as fantasias, facilmente, evoluiriam para frutificar crimes hediondos se não fosse a contenção química e física. Nesse contexto, a cura ainda é incerta e os tratamentos derrapam no plano experimental. A voz firme do enfermeiro me convocou:

– Hora da terapia, bela adormecida.

Hoje seria o meu último encontro com o meu psicólogo, aqui nessa Prisão Psiquiátrica. O mesmo que digita estas palavras que dão materialidade à minha narrativa. Ele estava no último ano da faculdade e aquele era o seu último dia de estágio aqui no hospital psiquiátrico para crimes associados a doenças mentais. Ontem, ele deve ter defendido a sua monografia de conclusão de curso, que se tratava da análise de um caso único: eu, Psiquê. Certamente, deve ter usado como base o livro “Eros e Psiquê”, de Erich Neumann, colaborador de Jung. Psiquê é a versão feminina de Hércules, diferenciando-se dele no sentido de sua dinâmica mais ativa no nível inconsciente. “Eros e Psiquê” é o arquétipo do relacionamento entre o homem e a mulher. No início, eles estão unidos em estado urobórico, ou seja, fundidos e indiferenciados nas trevas. A atração elementar entre os opostos masculino e feminino se expressa na inconsciência. Mas Psiquê já se encontrava constelada na ação que produz o desenvolvimento da mulher. A conscientização do amor possibilita a emergência do amor humano, que só é possível diante da luz da consciência. O processo de individuação feminino se deu pelo amor, não somente a Eros, mas também a si mesma.

Apesar de ser forçada a desenvolver o seu lado masculino na aventura, no mito, ela não abre mão de sua feminilidade. Isso está presente no quarto e último trabalho, que é o símbolo da totalidade. Nas primeiras tarefas ela contou com o princípio das forças inconscientes, na forma de animais e plantas que lhe ajudaram. No último trabalho, quem lhe ajuda é a torre, símbolo da civilização e da cultura humana e, no final, ela contará apenas consigo mesma. Mas tudo começa com os conselhos do sábio Pã: “Eros é um Deus olímpico, portanto, use sua feminilidade para conquistá-lo!”.

Mas é preciso falar da primeira tarefa, onde começa a jornada: o trabalho inconsciente representado pelas formigas que organizam o monte de grãos misturados. Isso significa o processo de tomar consciência das próprias habilidades e potencialidades. O desenvolvimento de psiquê não contraria as forças da terra, pelo contrário, ela mantém seu cordão umbilical conectado ao inconsciente.

A segunda tarefa, recolher um tufo de lã dourada do carneiro arredio, representa o princípio solar masculino, que pode oprimir e queimar com a sua força ardente. Muitas vezes, tal princípio exacerbado desencadeia o governo tirânico. Como no arquétipo de Dalila, cabe a Psiquê castrar, simbolicamente, através da coleta de um cacho de cabelo ou floco de lã, o tirânico poder masculino que deseja devorá-la, eternamente, nas trevas de um relacionamento clandestino. Quando o masculino se revela no ímpeto da agressão mortal, produz no feminino a tendência ao suicídio, como expressou a donzela caída. Quem salva Psiquê é o junco, princípio da flexibilidade, oposto ao carneiro de fogo. Na calada da noite, o princípio masculino se arrefece e se aproxima do feminino. Nesse momento é possível roubar a lã, ou a semente que guarda o princípio da fertilidade. A tarefa

não envolve luta nem violência hercúlea. Psiquê é diferente de Dalila, que representa a mãe terrível, ou a alma negativa que quer destruir Sansão, aproveitando que ele está desmaiado. Também não rouba o velocino de ouro à força, como Medeia. É uma situação pacífica, onde o masculino tem o mínimo de sofrimento. Assim ela cumpre a segunda tarefa, de cunho explicitamente erótico. A própria Afrodite reconhece que tem dedo do filho Eros na realização dos desafios.

A aceitação da própria beleza é a necessidade de integração entre o interno e o externo, através do processo de individuação. No caso feminino, é preciso avançar além do matriarcado e aceitar a dimensão masculina. A rivalidade da mãe e das irmãs, no mito, demonstra os conflitos subjacentes a esse encontro entre opostos. Além disso, o conto é uma grande metáfora da iniciação sexual feminina e dos tabus que envolvem a quebra da virgindade. A serpente traiçoeira pode ser dominada pela habilidade feminina. Mas o desenvolvimento de uma das partes envolve o desenvolvimento da outra. Eros teve que sair de sua vida pueril de adolescente traquino para assumir um compromisso adulto e formal. Por fim, o tema do amor humano promove a metamorfose do ser mortal em ser celestial e completo, através do casamento e da luz da consciência.

Imagino os professores discutindo o meu caso. Será que eu fui acometida por um grave quadro de alucinação psicótica, como na interpretação de Franz Riklin? As vozes descorporificadas do servente Zéfiro, certamente, foram enquadradas como alucinações auditivas, assim como as alucinações táteis de Eros, que apenas aparecia à noite e não era completamente percebido, apesar de produzir um estímulo sexual vibrante. Riklin relatou o caso de uma paciente que podia sentir o amado mas não podia vê-lo. Já o professor Oliver Sacks registrou o caso da doença de Cupido em seu livro “O homem que confundiu sua mulher com um chapéu”. Bendita epilepsia de Cupido que talvez tenha acometido a Fiódor Dostoiévski, pois em seus ataques epilépticos ele atingia orgasmos múltiplos. Devido aos indícios de intensa atividade sexual, esse pode ser o diagnóstico mais conveniente para o caso em tela.

Algum neurologista presente no esforço multidisciplinar para entender a mulher que goza impunemente levantaria a hipótese de descargas de dopamina, endorfina e serotonina no hipocampo. Seriam esses os neurotransmissores que são ativados com as setas de Eros? E a descarga de vasopressina que faz os machos de *Microtus ochrogaster* formarem pares estáveis com as fêmeas e as ajudam a criar sua prole, enquanto que seu parente próximo, o *Microtus montanus*, é promíscuo e não apresenta comportamento paternal? A diferença estaria na expressão dos receptores do neurotransmissor do amor? Nos *Microtus ochrogaster*, receptores de vasopressina são expressos em altos níveis em uma região específica do encéfalo, o pálido ventral. Nos *Microtus montanus*, os níveis desse receptor nessa região são muito mais baixos, embora estejam altos em

outras regiões encefálicas. Conclui o professor Kandel: o meu caso poderia ser enquadrado como um distúrbio nos sistemas do prazer, que por algum motivo desconhecido, ativa os neurotransmissores do amor, levando os parceiros a uma paixão irresistível.

Já a história do tarô é mais sofisticada e reúne elementos para caracterizar os sintomas como um quadro de esquizofrenia, no qual o pensamento mágico domina a narrativa com delírios de grandeza, claramente inverossímeis. O delírio tem uma função de compensação e defesa psicológica, ao mascarar a baixa autoestima do sujeito. Eu estaria, por essa via de explicação, utilizando da alucinação de fuga como uma forma de contornar as dificuldades da vida, criando uma solução fantasiosa para resolver os problemas: a solução foi criar o poder mágico de ganhar prêmios na loteria. Já os elementos sexuais de minha narrativa indicam a emergência do tema do Édipo freudiano, no qual a presença de um trauma de ordem sexual seria a origem de todo o conflito que produziu a doença mental.

A paranoia da perseguição retoma a hipótese de esquizofrenia. A polícia, a máfia, a amiga, enfim, a suspeita de que há uma conspiração, supostamente fantástica, em busca da paciente que narra os fatos contidos neste livro corroboram com um grave quadro de doença mental, no qual o discurso delirante retira o sujeito do contato com a realidade. Enfim, me tornei um caso exemplar de retalhos teóricos que impressionam aqueles que gostam de discutir o assunto.

Algum médico de origem judaica poderia lembrar do mito da primeira mulher de Adão, Lilith. Estaria a minha história mais próxima desta ou da princesa psíquê? Uma mulher livre lembra mais o demônio babilônico e assírio, atentando os homens e querendo ficar por cima na relação sexual, se negando a ser submissa como Eva. Se essa estória terminar no manicômio, trata-se de uma variante do arquétipo de Lilith, mas se houver desdobramentos, há uma chance de fuga desse tártaro e a possibilidade de meu Eros me levar para o Olimpo, aonde se alcança a imortalidade divina semelhante à deusa reverenciada como Psíquê.

Se a equipe de saúde mental for eclética, algum artista lembrará de Fernando Pessoa, relativizando a leitura patológica da manifestação do mito e lembrando que Eros e Psíquê podem ser duas dimensões de uma pessoa integrada, que por fim despertará de seu sonho. As verdades que são dadas, ainda que opostas, são a mesma verdade, seja no grau de neófito ou de iniciado na busca pelo conhecimento esotérico.

A explicação de Jung dos símbolos e dos arquétipos me trazem algum alento. Será que ele acreditaria em minha história de vida? Será que algum psicólogo embarcaria em meu suposto delírio? Quantos se darão ao trabalho de investigar se, realmente, existiu aquele deputado que ganhou na loteria dezenas de vezes? Qual profissional iria atrás de algum familiar ou conhecido para checar

a minha história? Estou aqui trancafiada, por não sei quem da máfia, por causa das cartas mágicas que ninguém acredita. Mas ainda estou viva, pois tenho uma carta na manga, a carta da fortuna, sem a qual o tarô não funciona. O enfermeiro concluiu a escolta até a sala de psicoterapia. Entrei e falei:

– Bom dia. Estás animado hoje. Como foi tua defesa de monografia de conclusão de curso? Tu estavas assim, como te vejo agora, todo arrumado e bonito como eu te instruí? – Perguntei ao meu querido psicólogo, quebrando o gelo do início da sessão.

– Foi maravilhoso. Você é um caso muito interessante e motivador, você sabe disso. – Ele ficou um pouco ruborizado e não respondeu à segunda questão.

– Mas qual foi o veredito? Qual é o meu diagnóstico?

– Que importância isso tem? São palavras para os médicos e psicólogos se comunicarem, mas, no fundo, nunca há certeza absoluta sobre os conceitos da mente, dos quais é difícil extrair a objetividade fria de uma ciência exata.

– Hoje é o nosso último dia, não é?

– Sim. Estou concluindo o estágio aqui neste hospital psiquiátrico.

– Tu já pensaste em publicar o nosso caso?

– Você quer dizer o seu caso?

– Mas quando tu colocares no papel, será nosso. Dificilmente alguém irá distinguir onde estão as tuas palavras e as minhas.

– Você me autoriza a publicar com o pseudônimo de Psiquê?

– A questão não é essa. Claro que eu dou minha autorização. Mas tu estás preparado para arcar com as consequências disso? Imagine se começarem a te procurar em busca da carta que está faltando. A máfia é implacável. Ou tu não acreditaste em nada do que eu disse?

– É claro que eu acreditei na realidade psicológica de tudo o que você relatou ao longo desse ano. Ficarei honrado em publicar sua história peculiar. Você é uma pessoa singular que me ensinou a ser um psicólogo melhor. – Ele mal terminou de falar e eu o surpreendi, colocando as mãos nas pernas, fazendo um movimento sensual e deixando entreaberto o caminho para o vale de Vênus. Olhei diretamente em seus olhos e concluí:

– Eu compreendo que te faltam elementos empíricos para confirmar a minha anamnese fantástica. Mas eu tenho algo que pode comprovar toda a

veracidade do que eu vivi. Se tu tiveres coragem e, obviamente, me der o teu consentimento, posso te fazer uma demonstração empírica da minha força interior e revelar um pouco do meu potencial de compressão vaginal. Eu prometo que não vou estraçalhar o teu pau. Só te peço uma coisa: quando tu fores além do Monte de Vênus, deixa os olhos bem fechados! Concentra-te no teu interior e em hipótese alguma permite ser hipnotizado pelos meus olhos azuis. Seria fatal se tu caíesses em paixão.

¹ O psicólogo Carl Gustav Jung construiu o conceito de sincronicidade a partir de suas pesquisas e do estudo do filósofo Arthur Schopenhauer sobre a intencionalidade aparente no destino do indivíduo, no qual se destaca a simultaneidade de determinados fenômenos que não se explica por nenhuma causa aparente. No paradigma da física clássica, no qual o filósofo vivia, buscava-se encontrar causas observáveis e materiais para explicar os fenômenos. A teoria da relatividade levantou a necessidade de outro princípio explicativo além da causalidade, uma vez que as verdades físicas são relativas e não absolutas. A relação entre os acontecimentos, em alguns contextos, pode ir além da simples determinação causal em que X produz Y, principalmente no mundo psíquico. Quando ocorre uma coincidência significativa para uma pessoa, muitas vezes pensamos que deve haver alguma explicação e, por vezes, expressamos: “isto não pode ser obra do acaso”. Alguns dão o nome a isso de “providência”, “sorte”, “destino”, etc. Para buscar sistematizar a observação desses fenômenos, Jung utiliza o termo sincronicidade, que é definido como um fator hipotético de explicação da simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos, ligados pelo significado pessoal que é atribuído, mas sem uma ligação causal explicativa. A ocorrência da sincronicidade auxilia no desenvolvimento da pessoa, pois é um processo influenciado pelo inconsciente e que faz a consciência refletir sobre o significado de suas ações e de suas atitudes, podendo até mesmo induzir a alguma ideia transformadora.

² Insight é uma palavra da língua inglesa que expressa o momento em que uma pessoa compreende, de forma clara, alguma questão ou problema que estava em aberto ou que preocupava. Normalmente, é um instante carregado de emoção devido à descoberta súbita de uma solução ou ideia reveladora.

³ O inconsciente de cada indivíduo carrega conteúdos pessoais que remetem à vida da pessoa e podem ser acessados pela consciência, ou não, quando alguma parte se mantém reprimida e inacessível, necessitando de análise cuidadosa para emergirem à consciência. Jung levantou a hipótese de tendências inconscientes que vão além de um objetivo situado no âmbito da pessoa humana. Para ele, o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo. A tal camada profunda da vida mental ele denominou inconsciente coletivo. Através dos sonhos, por exemplo, o inconsciente coletivo pode projetar imagens universais e arcaicas que auxiliam a pessoa no autoconhecimento, sem necessariamente ter tido acesso prévio, na vida consciente, a tais imagens.

⁴ Um arquétipo é uma imagem primordial ou arcaica que é reconduzida à vida quando emerge na mente, muitas vezes, através de sonhos. Não se trata de

ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados. É um conceito junguiano que descreve os conteúdos do inconsciente coletivo, que se organizam através de padrões universais encontrados em diversas culturas e mitos. É possível pensar no arquétipo de várias dimensões da vida: arquétipo de pai, de mãe e do herói. Por exemplo, existe a experiência pessoal de ser pai, mas também um padrão universal e arcaico, representado em muitas culturas, que simboliza o sentido profundo dessa experiência para a humanidade.

⁵ Individualização é o processo de desenvolvimento através do qual a pessoa emerge de uma situação infantil na qual está identificada com o exterior e é movida, principalmente, pelos impulsos do inconsciente indiferenciado. Na medida em que o indivíduo toma consciência da totalidade de sua vida mental, ele pode se integrar ao seu inconsciente e assim fluir nas tarefas que surgem na sua trajetória de ser humano. É diferente da individualização, onde um indivíduo se fecha em seu próprio egoísmo. Para Jung, realizar-se plenamente envolve adaptar-se com sucesso ao ambiente social

mais amplo, tornando-se ativo na sua comunidade e, sendo assim, ainda são poucos aqueles que alcançaram a meta da individualização.

⁶ Gestalt é um Termo alemão de difícil tradução, pois se refere, ao mesmo tempo, à forma, à configuração, ao esquema, à organização de elementos em um sistema e ao padrão subjacente à percepção. A cognição humana tende a interpretar os objetos a partir de padrões prévios que classificam e orientam o processo de percepção das sensações. O triângulo, por exemplo, é uma forma abstrata que existe apenas na mente como uma gestalt. Quando vemos qualquer estrutura que contenha três lados formando três ângulos internos, tendemos a chamá-lo de triângulo, projetando a forma ideal previamente estabelecida na mente. Na medida em que a situação vai ficando mais complexa, as ideias prévias que temos na mente começam a ser insuficientes para perceber a realidade ao redor, principalmente no contexto social no qual usamos esquemas que podem se tornar preconceituosos e ineficientes para se relacionar com o outro. Os esquemas evoluem com o tempo para possibilitar ao ser humano a correção de gestalts que se revelaram danosas em algum contexto.

⁷ Os bandhas são técnicas do Hatha Yoga, caracterizadas pela contração de áreas estratégicas do corpo físico intimamente ligadas aos chakras (centros da energia vital), e que propiciam a canalização do fluxo energético. São destacados quatro Bandhas: A) mulabandha – contração do assoalho pélvico; B) uddiyabandha – contração do abdômen; C) jivabandha – contração da língua; 4) jalandharabandha – contração da garganta.

⁸ Em cima de um penedo íngreme, / adornada com roupas de pompa, / o rei deve entregar a sua filha, / para consumir as bodas de morte. / Ele deve se

conformar, / pois seu genro não será criatura / originada de espécie mortal ordinária, / mas sim uma besta cruel, alada e em forma de víbora, / uma fera mau, que não deixa escapar ninguém, / causando sofrimento a ferro e fogo, / fazendo hesitar o próprio Zeus, / sendo o pavor de todo o Olimpo, / e levando o horror até mesmo às sombrias e horrorosas águas do rio Estige.

⁹ O psicólogo Carl Gustav Jung construiu o conceito de sincronicidade a partir de suas pesquisas e do estudo do filósofo Arthur Schopenhauer sobre a intencionalidade aparente no destino do indivíduo, no qual se destaca a simultaneidade de determinados fenômenos que não se explica por nenhuma causa aparente. No

paradigma da física clássica, no qual o filósofo vivia, buscava-se encontrar causas observáveis e materiais para explicar os fenômenos. A teoria da relatividade levantou a necessidade de outro princípio explicativo além da causalidade, uma vez que as verdades físicas são relativas e não absolutas. A relação entre os acontecimentos, em alguns contextos, pode ir além da simples determinação causal em que X produz Y, principalmente no mundo psíquico. Quando ocorre uma coincidência significativa para uma pessoa, muitas vezes pensamos que deve haver alguma explicação e, por vezes, expressamos: “isto não pode ser obra do acaso”. Alguns dão o nome a isso de “providência”, “sorte”, “destino”, etc. Para buscar sistematizar a observação desses fenômenos, Jung utiliza o termo sincronicidade, que é definido como um fator hipotético de explicação da simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos, ligados pelo significado pessoal que é atribuído, mas sem uma ligação causal explicativa. A ocorrência da sincronicidade auxilia no desenvolvimento da pessoa, pois é um processo influenciado pelo inconsciente e que faz a consciência refletir sobre o significado de suas ações e de suas atitudes, podendo até mesmo induzir a alguma ideia transformadora.

¹⁰ Obviamente não posso revelar a moeda local por causa da segurança das pessoas envolvidas nesta história. Mas um denário é estimado como um dia de trabalho de um trabalhador romano.

¹¹ Estudada numa pesquisa relatada por Martin Seligman no livro Felicidade Autêntica.